



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16- N. 11 - Décimo Primeiro levantamento | **AGOSTO 2016**



Presidente da República

Michel Temer (interino)

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Igo dos Santos Nascimento

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Elza Mary de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16 - N. 11 - Décimo primeiro levantamento |
AGOSTO 2016

Monitoramento agrícola – Safra 2015/16

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 11 Safra 2015/16 - Décimo Primeiro levantamento, Brasília, p. 1-176,
agosto 2016.

Copyright © 2016 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>

Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Publicação integrante do Observatório Agrícola

ISSN: 2318-6852

Tiragem: 50

Impresso no Brasil

Colaboradores

Alessandro Lúcio Marques (Geint)

Rogério Dias Coimbra (Geint)

Leonardo Amazonas (Geole -soja)

André Luiz F. de Souza (Assessor Dipai)

Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

João Marcelo Brito Alves (Geint)

Fernando Gomes da Motta (Gefip - algodão)

Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)

Thomé Luiz Freire Guth (Geole - milho)

Sued Wilma Caldas Melo (Geint)

Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)

João Figueiredo Ruas (Gerab - feijão)

Sérgio Roberto G. dos S. Junior (Gerab - arroz)

Miriam R.da Silva (Latis - Conab/Inmet)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcelos (MG); Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Márcio Arraes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valetim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Rodrigo Leite (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niecio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); César Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alves da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Cleverton de Santana e Francisco Batista Olavo de Souza

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

	1. Resumo executivo -----	08
	2. Introdução -----	10
	3. Estimativa de área plantada -----	12
	4. Estimativa de produtividade -----	15
	5. Estimativa de produção -----	17
	6. Crédito rural -----	20
	7. Monitoramento agrícola -----	44
	8. Análise das culturas -----	64
	8.1. Culturas de verão-----	64
	8.1.1. Algodão-----	64

8.1.2. Amendoim	71
8.1.3. Arroz	74
8.1.4. Feijão	80
8.1.5. Girassol	93
8.1.6. Mamona	95
8.1.7. Milho	97
8.1.8. Soja	108
8.1.9. Sorgo	118
8.2. Culturas de inverno	121
8.2.1. Aveia	121
8.2.2. Canola	123
8.2.3. Centeio	124
8.2.4. Cevada	125
8.2.5. Trigo	128
8.2.6. Triticale	132



9. Balanço de oferta e demanda	134
---------------------------------------	------------



10. Preços	136
-------------------	------------



11. Câmbio	144
-------------------	------------



12. Exportação e importação	146
------------------------------------	------------



13. Anexos - calendários de plantio e colheita	158
---	------------





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRAS 2015/16

A produção de grãos para a safra 2015/16 está estimada em 188,1 milhões de toneladas. Redução de 9,5% em relação à safra 2014/15.

A área prevista a ser plantada é de 58,24 milhões de hectares, crescimento de 0,6% se comparada com a safra 2014/15.

Algodão: a produção será menor do que a safra passada, afetada pelo decréscimo de área na Região Norte/Nordeste e queda de produtividade, afetada pela crise hídrica e altas temperaturas.

Amendoim: a estimativa é de crescimento da área em relação a 2014/15, impulsionado pelo aumento da área plantada em São Paulo e aumento na produtividade nacional.

Arroz: houve redução na área plantada nos principais estados produtores e o excesso de chuvas ocasionou plantio fora da janela ideal e baixa luminosidade, refletindo em queda de produtividade na Região Sul, sobretudo no Rio Grande do Sul.

Feijão: redução na área e na produção das culturas de primeira e segunda safras. Para a terceira safra estima-se redução de área em quase todos os estados produtores, visto que o plantio está sendo finalizado e o baixo nível dos mananciais está inibindo a irrigação.

Mamona: estimativa de queda na produção, sobretudo em função do menor plantio na Bahia, maior estado produtor. Eram aguardados um expressivo au-

mento de área em relação à safra anterior, no entanto, a baixa incidência de chuvas e a falta de sementes desestimulou os produtores.

Milho: consolidou-se a queda de área e de produtividade no milho primeira safra. Para o milho segunda safra, apesar do ganho de área (10,2%), a queda de produtividade decorreu em função do estresse hídrico que impactou a produção, apresentando redução

de 22%. A produção total (milho primeira e segunda safras) deve atingir 68,4 milhões de toneladas na atual safra.

Soja: houve atraso no plantio em diversos estados e também veranico, que impactou a produtividade média, inferior à safra passada. Mesmo com ganho de área, a produção da safra 2015/16, estimada em 95,4 milhões de toneladas, é inferior em 0,8% à safra 2014/15.





2. INTRODUÇÃO

Visando fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), tem, dentre os primordiais objetivos, há de citar o Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, se inserindo como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se informações da área plantada com as culturas de inverno e de terceira safra, que se encontram em fase de desenvolvimento, e a de segunda safra, que se encontram em processo de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral, e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Desta maneira, os resultados quando divulgados devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Conab registra, pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborar, nosso especial agradecimento a todos.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA (58,2 MILHÕES DE HECTARES)

A estimativa do décimo primeiro levantamento da safra brasileira de grãos é que a área plantada alcance 58,2 milhões de hectares (Tabela 1). No total, representará 0,6% de aumento, que equivale a 327,9 mil hectares, frente à safra passada, que chegou a 57.914,7 milhões de hectares.

A cultura da soja, responsável por 57,12% da área cultivada do país, permanece como principal responsável pelo aumento absoluto de área. A estimativa é de crescimento de 3,6%, com 32.092,9 mil hectares cultivados em 2014/15, para 33,2 milhões na atual safra. O algodão apresenta redução de 2%, estimada em 956,2 mil hectares. Para o milho primeira safra, a exemplo do que ocorreu na safra passada, a área foi reduzida em 12,2%, posicionando-se em 5,4 milhões de hectares. Para o milho segunda safra a expectativa é de aumento de 10,2% na área plantada (975,9 mil hectares), totalizando 10,5 milhões de hectares. A área do feijão primeira safra apresentou redução de 7,5%, situando-se em 974,6 mil hectares. O feijão segunda safra apresenta redução de 3%, totalizando uma área plantada de 1.278,7 mil hectares, já o feijão terceira safra apresenta redução de 16,8%, estimada em 543 mil hectares.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1.000 ha)

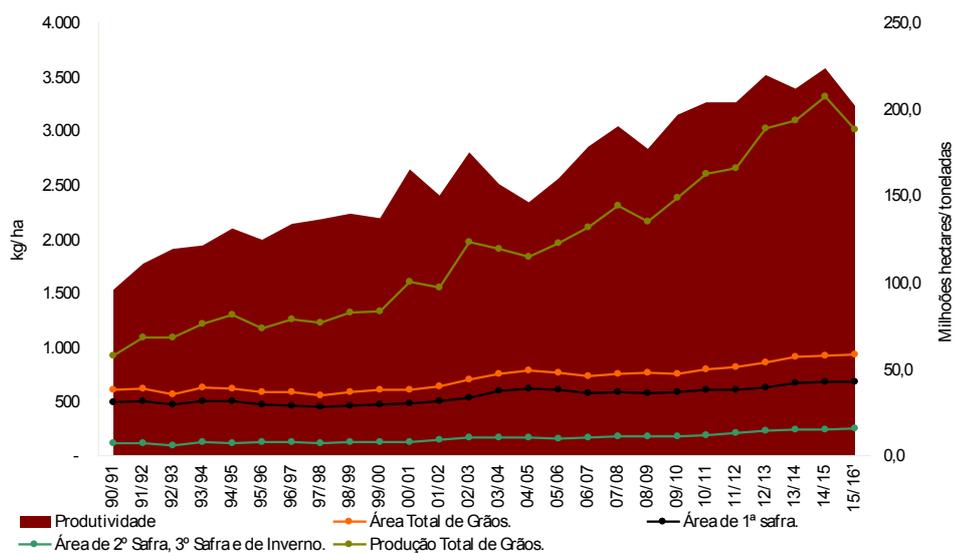
CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	JUL/2016 (c)	AGO/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	976,2	958,4	956,2	(2,0)	(20,0)
AMENDOIM TOTAL	108,9	121,1	120,4	10,6	11,5
AMENDOIM 1ª SAFRA	97,7	110,3	110,3	12,9	12,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,2	10,8	10,1	(9,8)	(1,1)
ARROZ	2.295,1	1.976,2	2.002,4	(12,8)	(292,7)
FEIJÃO TOTAL	3.024,2	2.825,1	2.796,3	(7,5)	(227,9)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,2	963,9	974,6	(7,5)	(78,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.318,5	1.283,7	1.278,7	(3,0)	(39,8)
FEIJÃO 3ª SAFRA	652,5	577,5	543,0	(16,8)	(109,5)
GIRASSOL	111,5	47,6	47,9	(57,0)	(63,6)
MAMONA	82,1	65,4	30,3	(63,1)	(51,8)
MILHO TOTAL	15.692,9	15.754,7	15.922,0	1,5	229,1
MILHO 1ª SAFRA	6.142,3	5.440,3	5.395,5	(12,2)	(746,8)
MILHO 2ª SAFRA	9.550,6	10.314,4	10.526,5	10,2	975,9
SOJA	32.092,9	33.228,4	33.246,2	3,6	1.153,3
SORGO	722,6	594,6	560,2	(22,5)	(162,4)
SUBTOTAL	55.106,4	55.571,5	55.681,9	1,0	575,5
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	JUL/2016 (c)	AGO/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	189,5	269,6	289,1	52,6	99,6
CANOLA	44,4	45,3	45,0	1,4	0,6
CENTEIO	1,7	1,5	1,4	(17,6)	(0,3)
CEVADA	102,4	93,2	95,6	(6,6)	(6,8)
TRIGO	2.448,8	2.143,0	2.107,6	(13,9)	(341,2)
TRITICALE	21,5	22,1	22,0	2,3	0,5
SUBTOTAL	2.808,3	2.574,7	2.560,7	(8,8)	(247,6)
BRASIL	57.914,7	58.146,2	58.242,6	0,6	327,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2016.

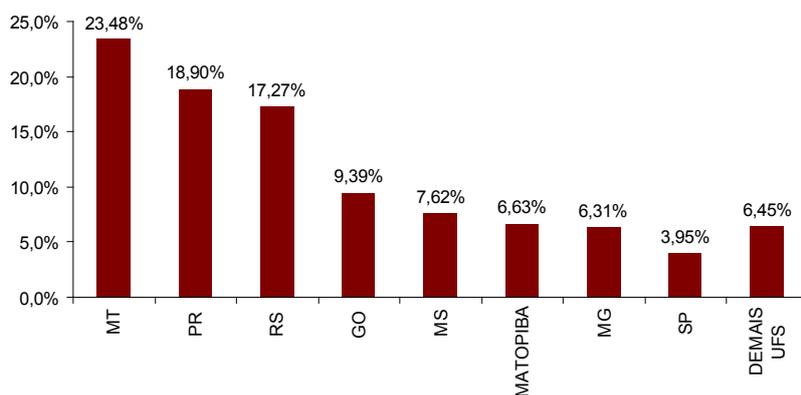


Gráfico 1 – Área, produtividade, produção total de grãos (absoluto)



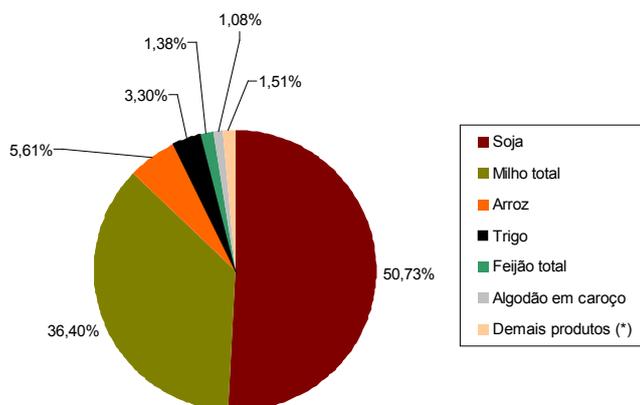
Fonte: Conab.

Gráfico 2 – Brasil - Produção total por Unidade da Federação



Fonte: Conab.

Gráfico 3 – Brasil - Percentagem da produção total por produto



Fonte: Conab.





4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Nas culturas que se encontram em desenvolvimento/colheita são levadas em consideração as informações de produtividades apuradas nos trabalhos de campo e no monitoramento agrometeorológico e espectral. Esses métodos fazem parte da busca constante de melhoria na qualidade das informações da safra agrícola, uma vez que o resultado auxilia na redução de riscos e no aumento do grau de confiança das informações divulgadas. Para este levantamento a estimativa é de que a produtividade média nacional seja inferior à safra passada.

Para as culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale) espera-se recuperação das produtividades, haja vista as enormes perdas ocorridas na safra passada em função dos adventos climáticos durante todo o ciclo das culturas invernais.

A redução da produtividade do milho segunda safra é explicada pela forte ação climática ocorrida durante o ciclo desta cultura, fortemente afetada pela estiagem que, neste ano, iniciou-se em abril, antecipando o período seco e prejudicando sobremaneira a cultura.

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em Kg/ha)

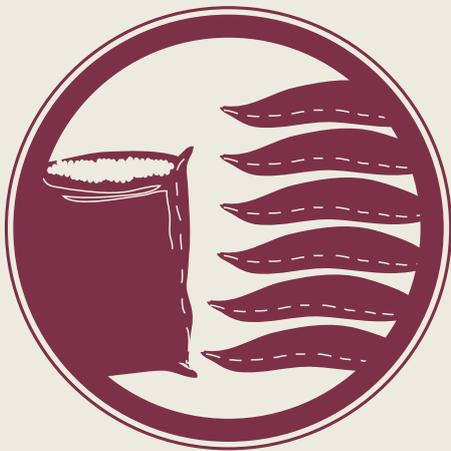
CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	JUL/2016 (c)	AGO/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.406	2.177	2.119	(11,9)	(287,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.601	1.449	1.410	(11,9)	(191,0)
AMENDOIM TOTAL	3.183	3.386	3.386	6,4	203,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.268	3.524	3.524	7,9	256,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.441	2.403	2.403	(1,5)	(37,8)
ARROZ	5.422	5.299	5.266	(2,9)	(156,6)
FEIJÃO TOTAL	1.062	955	927	(12,7)	(134,3)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.074	1.069	1.059	(1,4)	(15,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	932	772	729	(21,7)	(202,5)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.303	1.169	1.157	(11,2)	(146,2)
GIRASSOL	1.374	1.434	1.386	0,9	12,3
MAMONA	573	522	478	(16,5)	(94,8)
MILHO TOTAL	5.396	4.389	4.301	(20,3)	(1.094,9)
MILHO 1ª SAFRA	4.898	4.795	4.797	(2,0)	(100,3)
MILHO 2ª SAFRA	5.716	4.174	4.046	(29,2)	(1.669,7)
SOJA	2.998	2.876	2.870	(4,3)	(128,3)
SORGO	2.844	2.318	2.085	(26,7)	(759,4)
SUBTOTAL	3.657	3.273	3.245	(11,3)	(412,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	JUL/2016 (c)	AGO/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	1.853	2.544	2.558	38,0	705,0
CANOLA	1.236	1.528	1.527	23,5	291,0
CENTEIO	1.706	2.600	2.643	54,9	937,0
CEVADA	2.568	3.262	3.270	27,3	702,0
TRIGO	2.260	2.933	2.943	30,2	683,0
TRITICALE	2.647	2.747	2.768	4,6	121,0
SUBTOTAL	2.230	2.877	2.885	29,4	655,0
BRASIL (2)	3.588	3.255	3.230	(10,0)	(358,0)

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2016.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (188,1 MILHÕES DE TONELADAS)

A estimativa para a produção brasileira de grãos é de que alcance 188,1 milhões de toneladas na safra 2015/16. Esse decréscimo equivale a 9,5% ou 19,7 milhões de toneladas em relação à safra 2014/15, que foi de 207,8 milhões de toneladas (Tabela 3).

Para as demais culturas, exceção das culturas de inverno e amendoim, a estimativa também é de queda na produção, impulsionada pela redução na área de plantio e, principalmente, das adversidades climáticas, como estiagens prolongadas, e às altas temperaturas durante o ciclo das culturas.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIACÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	JUL/2016 (c)	AGO/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.348,6	2.086,4	2.025,8	(13,7)	(322,8)
ALGODÃO - PLUMA	1.562,8	1.389,0	1.348,3	(13,7)	(214,5)
AMENDOIM TOTAL	346,8	410,2	407,7	17,6	60,9
AMENDOIM 1ª SAFRA	319,3	388,8	388,8	21,8	69,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,5	21,4	18,9	(31,3)	(8,6)
ARROZ	12.444,5	10.471,8	10.544,0	(15,3)	(1.900,5)
FEIJÃO TOTAL	3.210,2	2.696,7	2.593,1	(19,2)	(617,1)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.131,6	1.030,8	1.032,2	(8,8)	(99,4)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.228,2	991,3	932,3	(24,1)	(295,9)
FEIJÃO 3ª SAFRA	850,5	674,9	628,3	(26,1)	(222,2)
GIRASSOL	153,2	68,3	66,4	(56,7)	(86,8)
MAMONA	47,0	34,2	14,5	(69,1)	(32,5)
MILHO TOTAL	84.672,4	69.141,4	68.475,9	(19,1)	(16.196,5)
MILHO 1ª SAFRA	30.082,0	26.087,8	25.883,2	(14,0)	(4.198,8)
MILHO 2ª SAFRA	54.590,5	43.053,6	42.592,7	(22,0)	(11.997,8)
SOJA	96.228,0	95.574,4	95.418,9	(0,8)	(809,1)
SORGO	2.055,3	1.378,7	1.168,1	(43,2)	(887,2)
SUBTOTAL	201.506,2	181.862,4	180.714,1	(10,3)	(20.792,1)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIACÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	JUL/2016 (c)	AGO/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	351,2	685,9	739,6	110,6	388,4
CANOLA	54,9	69,2	68,7	25,1	13,8
CENTEIO	2,9	3,9	3,7	27,6	0,8
CEVADA	263,0	304,0	312,6	18,9	49,6
TRIGO	5.534,9	6.284,7	6.203,1	12,1	668,2
TRITICALE	56,9	60,7	60,9	7,0	4,0
SUBTOTAL	6.263,8	7.408,4	7.388,6	18,0	1.124,8
BRASIL (2)	207.770,0	189.270,8	188.102,7	(9,5)	(19.667,3)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2016.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.489,8	2.525,6	1,4	3.206	2.737	(14,6)	7.982,2	6.912,9	(13,4)
RR	44,7	39,9	(10,7)	3.562	3.895	9,3	159,2	155,4	(2,4)
RO	463,3	473,5	2,2	3.297	3.342	1,4	1.527,6	1.582,4	3,6
AC	55,5	52,4	(5,6)	1.959	2.065	5,4	108,7	108,2	(0,5)
AM	24,4	11,4	(53,3)	2.180	1.912	(12,3)	53,2	21,8	(59,0)
AP	5,0	4,6	(8,0)	880	891	1,3	4,4	4,1	(6,8)
PA	648,9	720,1	11,0	2.946	2.926	(0,7)	1.911,4	2.107,2	10,2
TO	1.248,0	1.223,7	(1,9)	3.380	2.397	(29,1)	4.217,7	2.933,8	(30,4)
NORDESTE	8.104,9	7.396,3	(8,7)	2.046	1.437	(29,8)	16.586,6	10.627,3	(35,9)
MA	1.728,7	1.418,7	(17,9)	2.392	1.756	(26,6)	4.135,1	2.490,9	(39,8)
PI	1.410,6	1.361,7	(3,5)	2.222	1.091	(50,9)	3.134,0	1.485,0	(52,6)
CE	907,7	850,2	(6,3)	286	266	(6,9)	259,2	226,3	(12,7)
RN	59,3	56,6	(4,6)	287	322	12,0	17,0	18,2	7,1
PB	122,9	171,6	39,6	247	216	(12,5)	30,3	37,1	22,4
PE	460,1	386,5	(16,0)	318	207	(34,9)	146,2	80,0	(45,3)
AL	79,9	66,2	(17,1)	877	991	13,0	70,1	65,6	(6,4)
SE	199,0	196,8	(1,1)	3.638	3.356	(7,8)	723,9	660,4	(8,8)
BA	3.136,7	2.888,0	(7,9)	2.573	1.927	(25,1)	8.070,8	5.563,8	(31,1)
CENTRO-OESTE	22.873,4	23.544,0	2,9	3.857	3.261	(15,5)	88.220,8	76.781,3	(13,0)
MT	13.586,9	13.965,7	2,8	3.807	3.163	(16,9)	51.718,8	44.172,3	(14,6)
MS	4.043,7	4.209,2	4,1	4.150	3.404	(18,0)	16.782,5	14.326,9	(14,6)
GO	5.100,4	5.213,4	2,2	3.719	3.390	(8,9)	18.966,0	17.671,4	(6,8)
DF	142,4	155,7	9,3	5.291	3.922	(25,9)	753,5	610,7	(19,0)
SUDESTE	5.105,3	5.277,3	3,4	3.775	3.667	(2,9)	19.272,7	19.351,5	0,4
MG	3.227,1	3.269,2	1,3	3.662	3.628	(0,9)	11.818,8	11.860,4	0,4
ES	32,5	24,6	(24,3)	1.185	2.187	84,6	38,5	53,8	39,7
RJ	4,8	3,9	(18,8)	1.854	2.026	9,3	8,9	7,9	(11,2)
SP	1.840,9	1.979,6	7,5	4.023	3.753	(6,7)	7.406,5	7.429,4	0,3
SUL	19.341,3	19.499,4	0,8	3.914	3.817	(2,5)	75.707,7	74.429,7	(1,7)
PR	9.585,7	9.691,9	1,1	3.929	3.688	(6,1)	37.659,1	35.748,3	(5,1)
SC	1.300,8	1.277,7	(1,8)	4.942	4.856	(1,7)	6.428,1	6.203,9	(3,5)
RS	8.454,8	8.529,8	0,9	3.740	3.808	1,8	31.620,5	32.477,5	2,7
NORTE/ NORDESTE	10.594,7	9.921,9	(6,4)	2.319	1.768	(23,8)	24.568,8	17.540,2	(28,6)
CENTRO-SUL	47.320,0	48.320,7	2,1	3.872	3.530	(8,8)	183.201,2	170.562,5	(6,9)
BRASIL	57.914,7	58.242,6	0,6	3.588	3.230	(10,0)	207.770,0	188.102,7	(9,5)

Legenda: Legenda: (*) Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em agosto/2016.



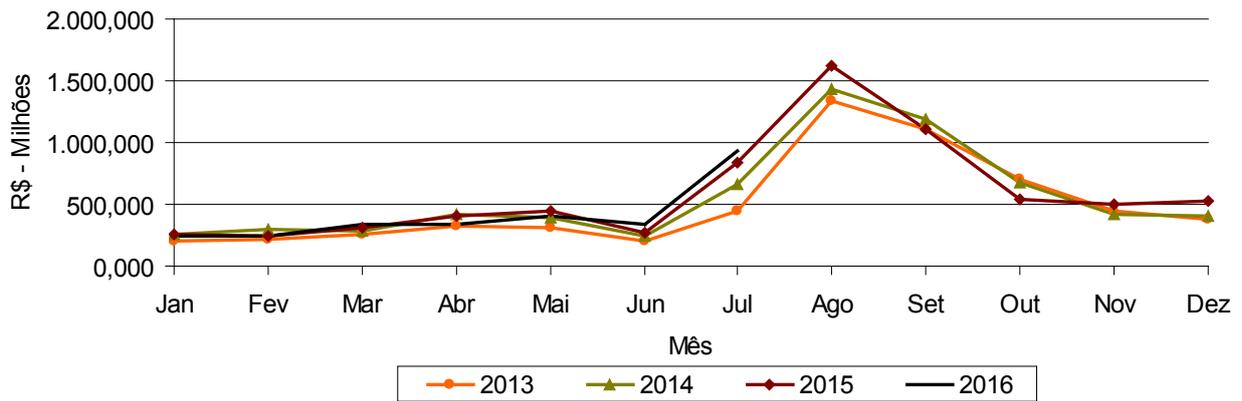


6. CRÉDITO RURAL

As informações do crédito rural foram obtidas no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) do Banco Central do Brasil (Bacen), em acesso realizado no dia 1 de agosto de 2016, como parte do processo de avaliação da safra 2015/16. O presente texto analisa o período compreendido entre 2013 a julho 2016 para os produtos algodão, arroz, feijão, milho, soja e trigo.

A análise utiliza informações dos financiamentos de custeio do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor – Pronamp, Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf e financiamento sem vínculo a programa específico. É importante registrar que o financiamento da agricultura tem outras fontes de crédito além da disponibilidade bancária.

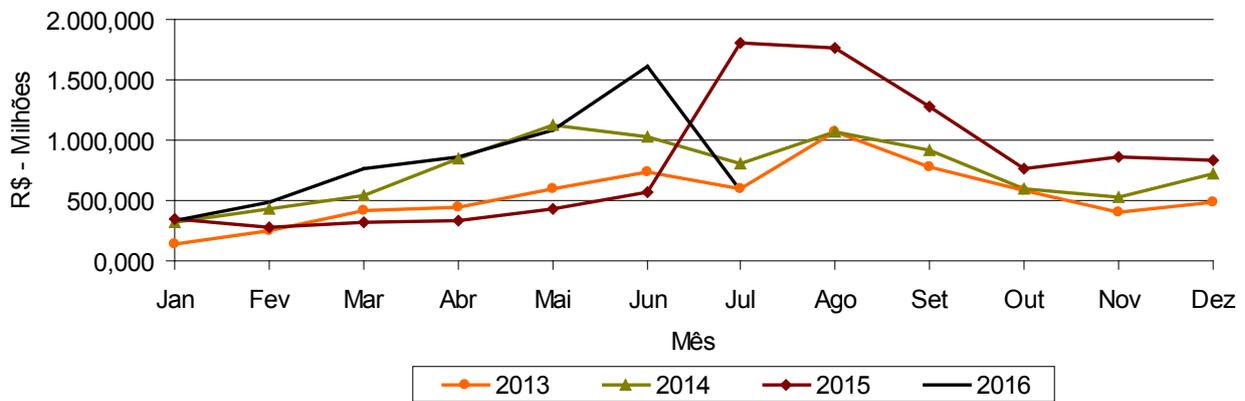
Gráfico 4 – Financiamento Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

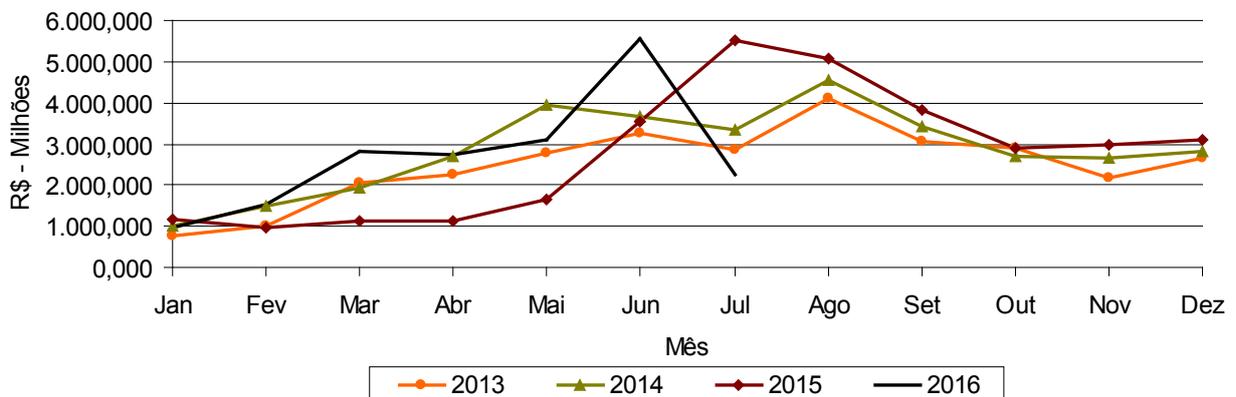
Gráfico 5 – Financiamento Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 6 – Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



Os recursos disponibilizados pelo Pronaf entre Janeiro e Julho de 2016 (Gráfico 4) indicam comportamento do crédito semelhante aos anos anteriores. Já para as linhas do Pronamp (Gráfico 5) e do financiamento sem vínculo a programa específico (Gráfico 6), observa-se

que o volume de recursos foi inferior, atingindo menor número desde 2013.

As análises seguintes serão particularizadas por produto.

6.1. ARROZ

A Tabela 5 e Gráficos 7 a 10 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento exclusivamente

para o produto arroz.

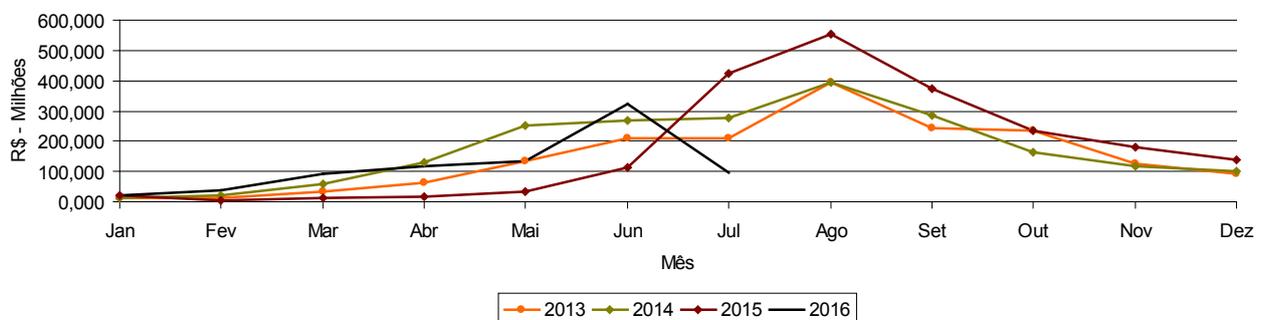
Tabela 5 - Arroz - Tipo de financiamento

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,845	1,344	0,932	0,329	0,581	0,576	10,451	29,987	36,163	35,706	25,149	15,774	160,837
Pronamp	1,167	2,315	5,622	13,687	27,506	71,349	60,418	110,284	68,945	51,847	26,624	15,930	455,695
Sem Vinc. Espec.	7,563	7,884	28,671	48,903	106,743	139,398	137,323	255,515	136,291	149,065	75,771	58,716	1.151,842
Total Global	12,575	11,542	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420	1.768,374
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,768	1,948	0,749	0,206	0,780	0,943	11,322	37,508	39,326	32,323	22,748	18,778	171,399
Pronamp	2,113	2,463	8,676	36,299	85,768	90,492	84,156	98,355	65,990	38,414	24,523	20,098	557,347
Sem Vinc. Espec.	6,086	16,419	47,479	92,974	165,884	178,660	182,770	259,603	180,269	94,427	71,581	61,306	1.357,460
Total Global	12,967	20,831	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182	2.086,206
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,005	0,717	0,371	0,185	0,676	1,031	8,861	36,829	37,890	26,089	26,982	19,486	163,122
Pronamp	1,339	1,508	1,137	2,527	5,635	21,206	115,686	175,579	120,663	61,099	41,620	30,567	578,567
Sem Vinc. Espec.	14,551	1,089	10,859	12,888	26,916	90,520	299,005	342,435	216,506	147,112	112,377	87,060	1.361,318
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	375,059	234,300	180,979	137,113	2.103,007
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,029	1,587	0,294	0,176	0,405	0,894	9,131						16,516
Pronamp	3,371	6,985	20,970	30,528	39,730	109,444	40,917						251,945
Sem Vinc. Espec.	12,147	30,121	73,082	88,481	93,317	214,308	46,834						558,289
Total Global	19,548	38,693	94,345	119,185	133,452	324,646	96,892						826,760

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 7 – Arroz – Total de financiamento

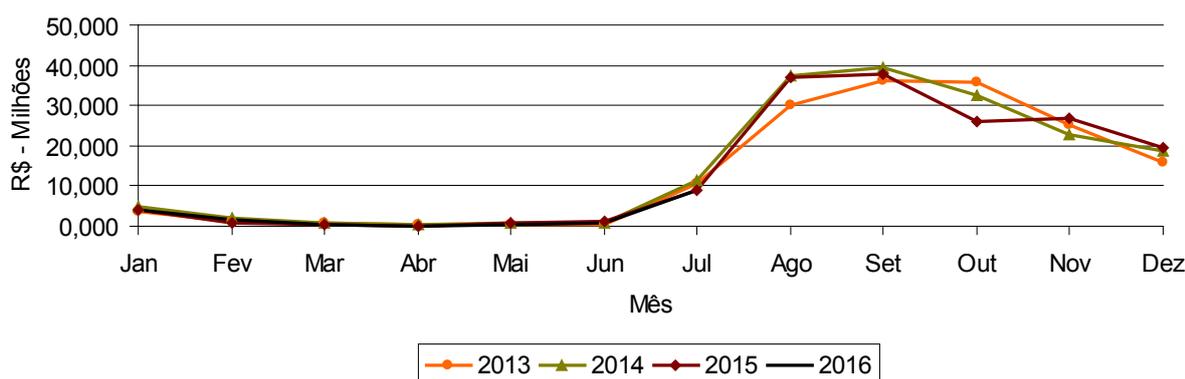


Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



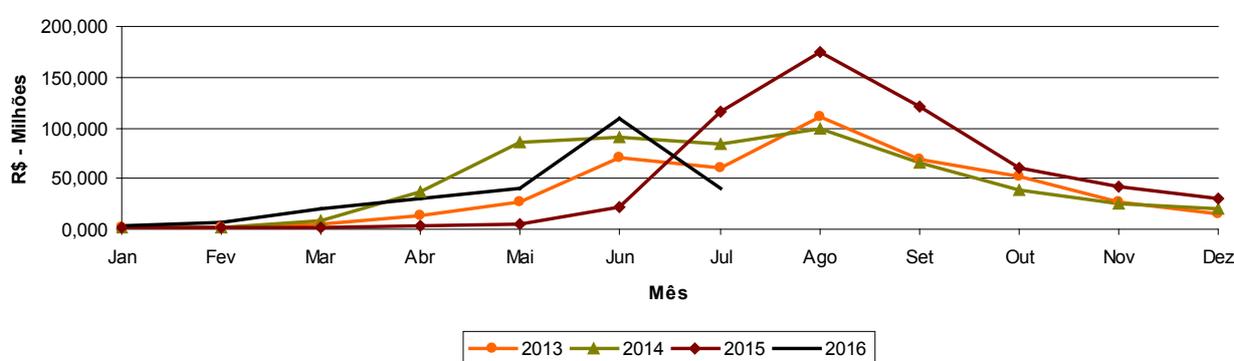
Gráfico 8 – Arroz – Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

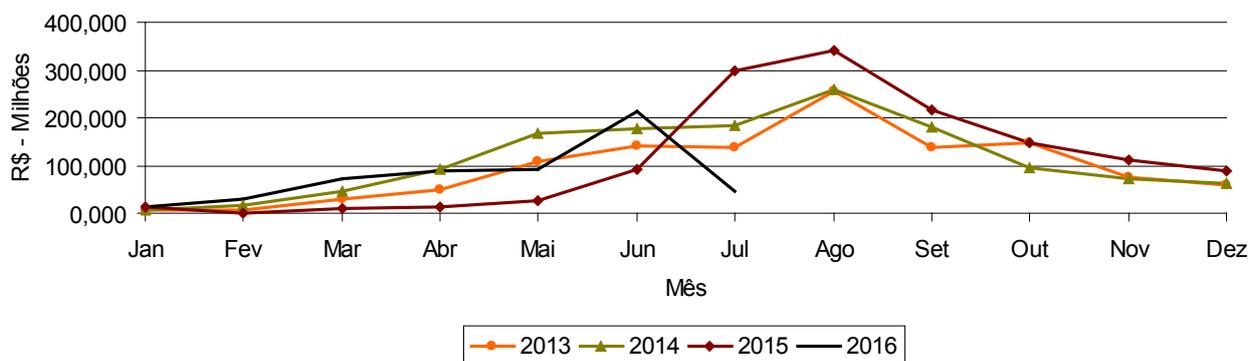
Gráfico 9 – Arroz – Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 10 – Arroz - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Sob a ótica do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico, o comportamento da utilização do crédito nos meses de janeiro a julho de 2016 é inferior aos dos anos de 2013, 2014 e 2015. Na linha do Pronaf o comportamento é o semelhante a 2013, 2014 e 2015.

A Tabela 6 apresenta os valores de crédito disponibilizados por região brasileira, exclusivamente para o produto arroz, e os Gráficos de 11 a 15 representam tal distribuição.



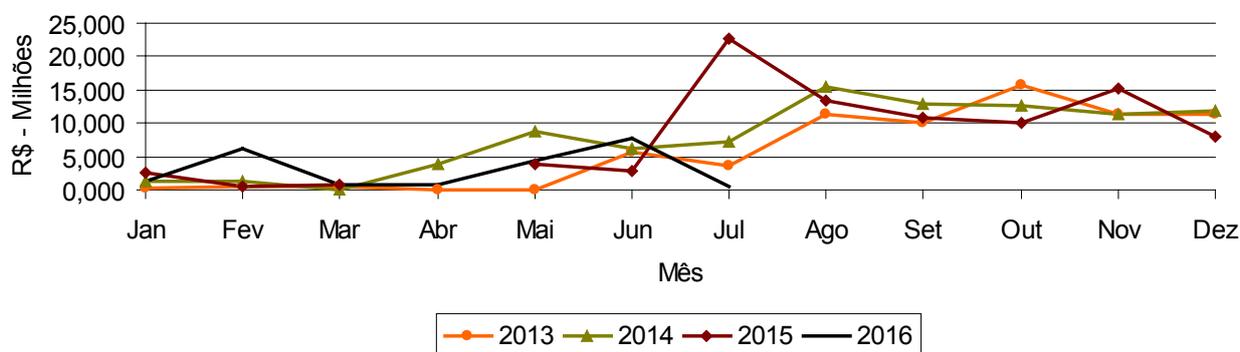
Tabela 6 – Arroz – Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,220			0,086	1,555	6,987	5,076	10,837	5,659	7,342	5,918	4,666	49,346
NORDESTE	1,777	0,790	0,455	0,333	5,337	1,555	0,471	3,026	5,111	4,456	6,012	6,088	35,410
NORTE	0,386	0,584	0,488	0,118	0,058	5,571	3,514	11,399	10,159	15,805	11,335	11,330	70,746
SUDESTE	0,016	0,012	0,070		0,140	0,213	1,235	1,248	0,682	0,763	0,510	0,440	5,330
SUL	9,175	10,156	34,213	62,381	127,740	196,998	197,896	369,275	219,788	208,253	103,770	67,897	1.607,542
Total Global	12,575	11,542	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420	1.768,374
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,255	0,311	1,163	2,942	3,963	7,210	8,657	10,422	5,692	4,218	7,488	5,957	59,280
NORDESTE	3,300	2,241	0,665	0,077	0,620	4,691	1,226	1,655	3,208	7,428	6,184	3,703	34,998
NORTE	1,371	1,304	0,067	3,839	8,813	6,240	7,147	15,574	12,810	12,625	11,264	11,797	92,852
SUDESTE	0,071	0,102	0,070		0,202	1,002	1,224	1,080	0,261	0,730	0,673	0,688	6,104
SUL	6,969	16,872	54,939	122,620	238,833	250,952	259,995	366,736	263,615	140,162	93,242	78,037	1.892,973
Total Global	12,967	20,831	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182	2.086,206
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,128	0,759	2,430	1,735	1,931	3,116	2,465	6,626	3,749	4,324	3,461	3,702	35,427
NORDESTE	1,899	0,397	0,422	0,827	0,157	0,922	1,851	1,340	3,792	2,993	2,259	4,650	21,510
NORTE	2,493	0,552	0,674		3,762	2,919	22,603	13,439	10,765	9,997	15,307	7,975	90,487
SUDESTE	0,095	0,109		0,097	0,401	0,252	1,099	1,621	0,680	0,425	0,534	0,930	6,244
SUL	14,280	1,496	8,842	12,939	26,977	105,548	395,534	531,817	356,073	216,561	159,417	119,855	1.949,339
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	375,059	234,300	180,979	137,113	2.103,007
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	2,172	0,613	2,002	5,571	2,565	5,264	2,072						20,259
NORDESTE	2,763	1,274	0,936	0,223	0,240	1,294	0,113						6,841
NORTE	1,292	6,190	0,781	0,865	4,336	7,656	0,621						21,741
SUDESTE	0,036	0,012	0,100	0,130	0,000	1,064	1,185						2,527
SUL	13,284	30,605	90,527	112,396	126,311	309,368	92,900						775,391
Total Global	19,548	38,693	94,345	119,185	133,452	324,646	96,892						826,760

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.

Gráfico 11 – Arroz – Norte - Crédito

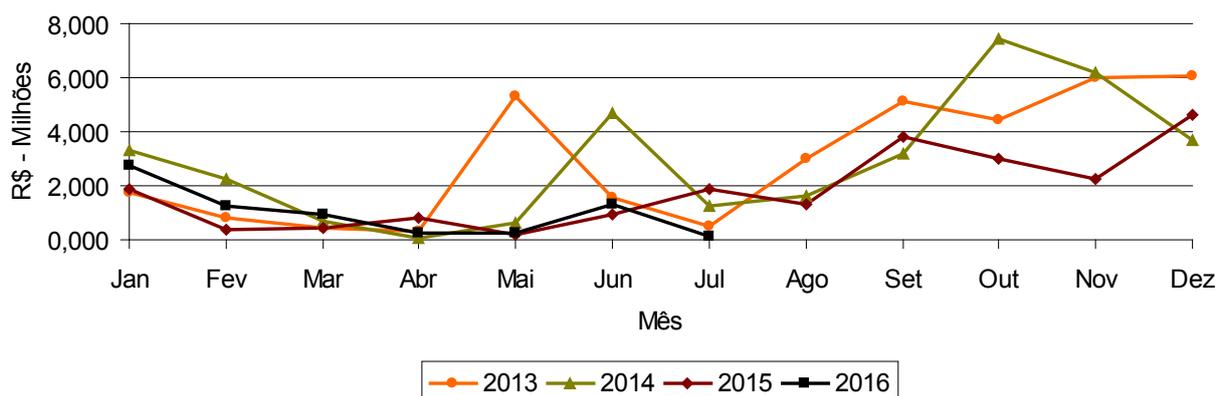


Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



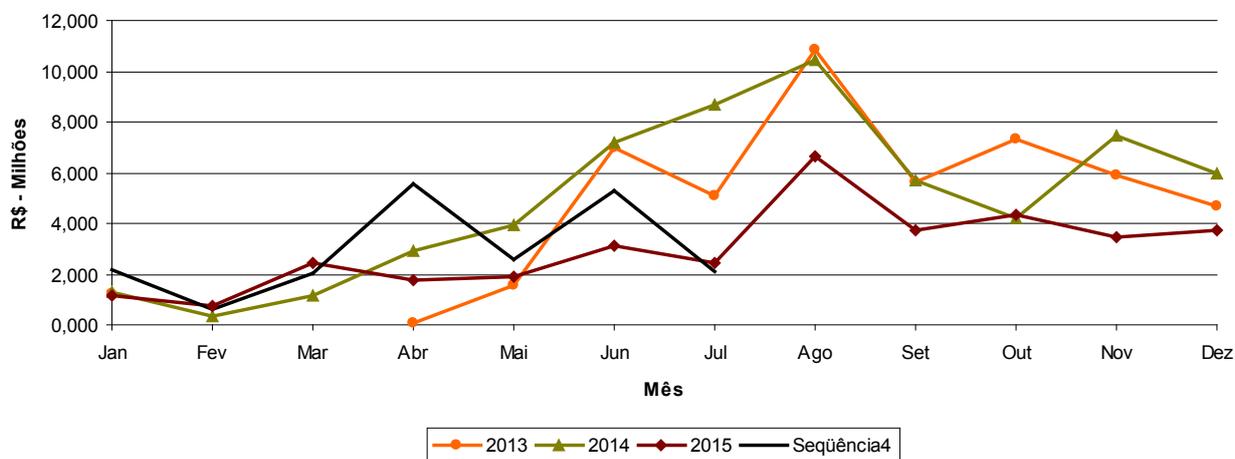
Gráfico 12 – Arroz – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

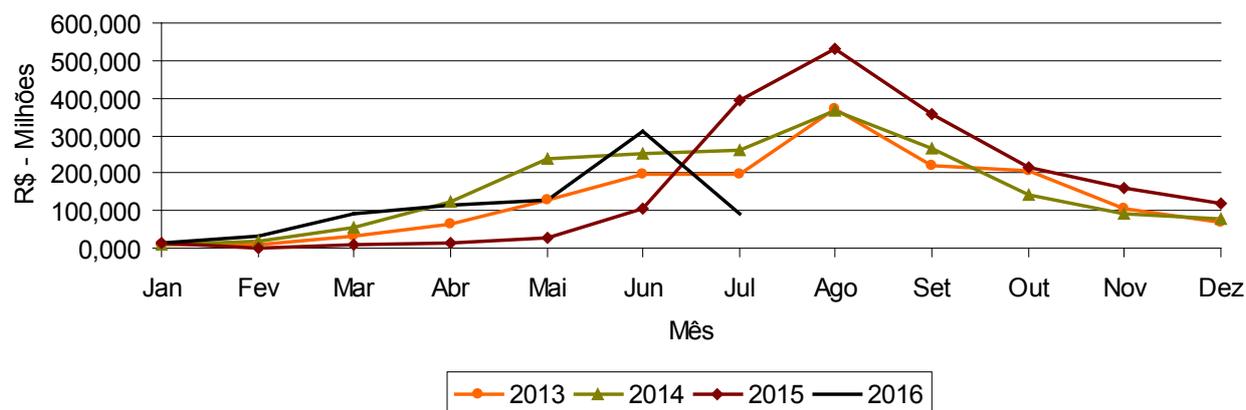
Gráfico 13 – Arroz – Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 14 – Arroz – Sul - Crédito

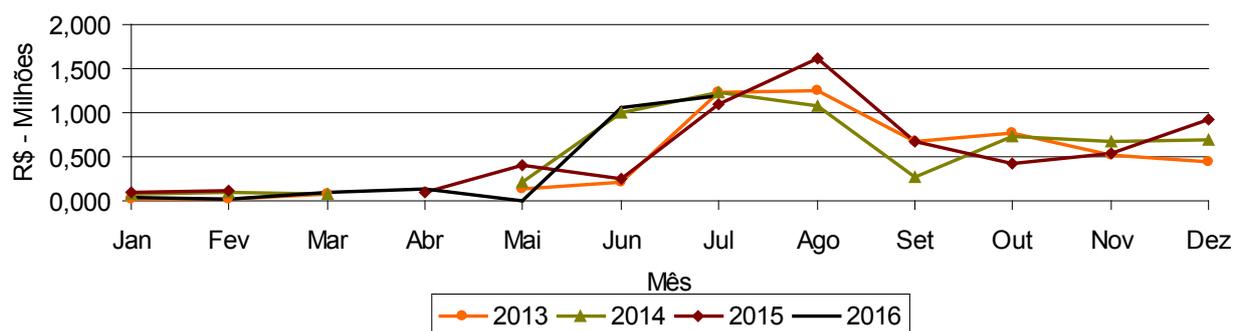


Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



Gráfico 15 – Arroz – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

6.2. MILHO

A Tabela 7 apresenta os valores de crédito, por tipo de financiamento, para o milho e os Gráficos 16 a 19 representam a distribuição dos valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente. A

análise demonstra que houve pequena redução nos valores de crédito por tipo de financiamento disponibilizado em 2016 (até julho), na comparação com o volume dos anos anteriores.

Tabela 7 – Milho -Tipo de financiamento - Crédito

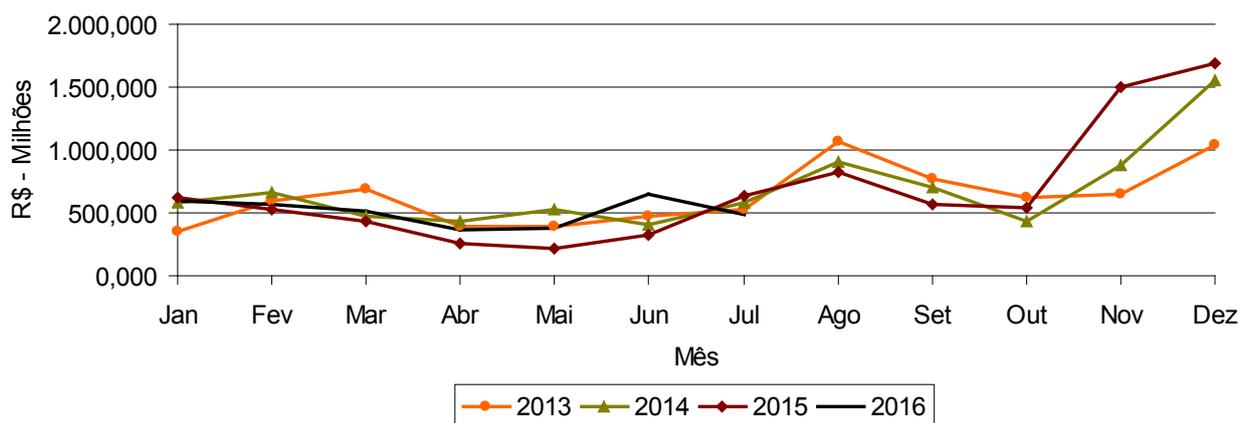
2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	94,760	110,298	64,880	29,523	27,278	7,913	129,519	476,370	367,170	192,774	93,979	99,481	1.693,944
Pronamp	76,307	164,616	190,501	69,677	67,530	64,512	69,739	127,948	86,786	53,099	76,464	197,772	1.244,952
Sem Vinc. Espec.	177,725	322,249	430,123	286,503	295,619	394,150	328,763	461,147	317,591	378,552	475,142	737,385	4.604,946
Total Global	348,791	597,163	685,505	385,703	390,426	466,576	528,021	1.065,464	771,548	624,425	645,585	1.034,637	7.543,842
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	101,095	95,940	55,793	46,937	32,484	11,658	169,830	410,262	328,189	163,296	95,006	127,491	1.637,981
Pronamp	168,894	192,567	125,913	92,120	99,270	74,733	70,599	104,459	81,811	48,868	134,026	335,482	1.528,743
Sem Vinc. Espec.	307,599	379,921	293,703	294,414	398,304	317,531	342,905	389,107	299,291	218,811	645,995	1.088,766	4.976,346
Total Global	577,588	668,429	475,409	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739	8.143,069
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	115,538	94,193	53,757	41,834	42,738	13,174	167,871	371,603	250,393	116,373	150,369	207,368	1.625,211
Pronamp	152,397	119,086	93,858	52,737	36,561	35,681	102,682	121,807	80,518	73,141	347,327	374,234	1.590,029
Sem Vinc. Espec.	355,189	317,768	280,835	166,847	140,260	271,767	363,813	327,073	239,967	354,121	1.006,974	1.104,415	4.929,028
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018	8.144,269
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	105,102	94,447	75,964	44,090	37,095	22,491	238,886						618,075
Pronamp	140,320	163,391	119,268	83,247	85,527	131,592	66,494						789,839
Sem Vinc. Espec.	342,664	314,096	319,889	238,405	262,242	497,498	183,984						2.158,778
Total Global	588,086	571,934	515,121	365,741	384,864	651,581	486,364						3.563,691

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



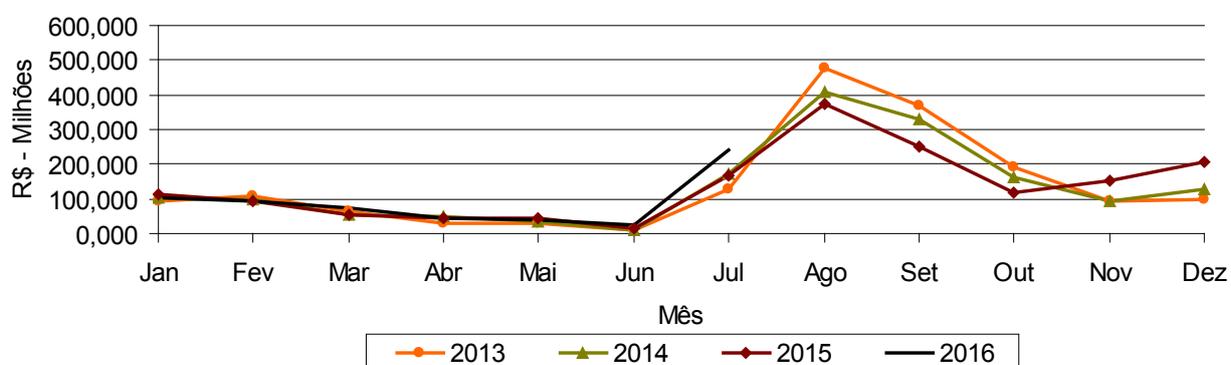
Gráfico 16 – Milho– Total de investimento



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

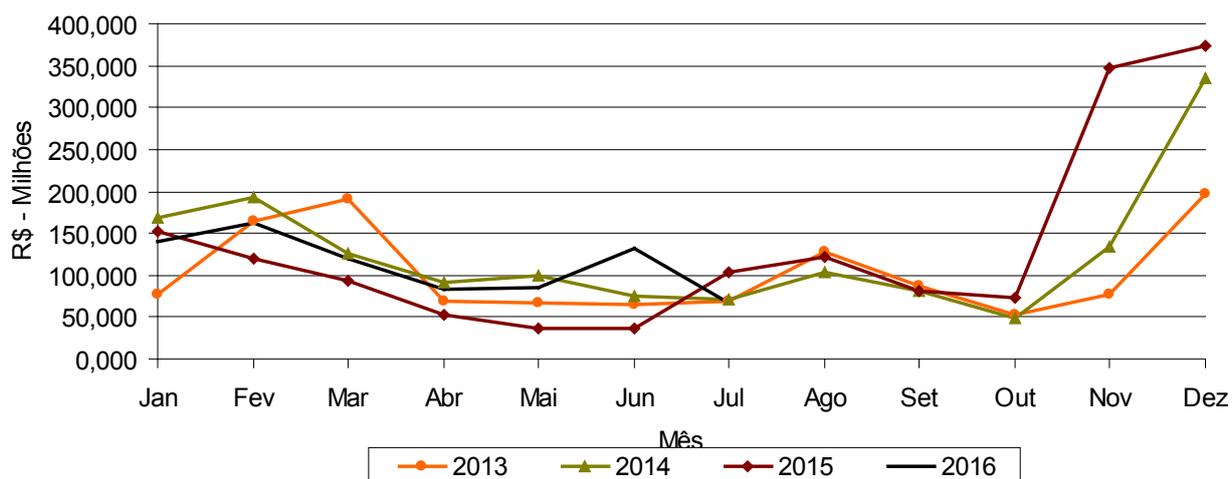
Gráfico 17 – Milho - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 18 – Milho - Pronamp - Crédito

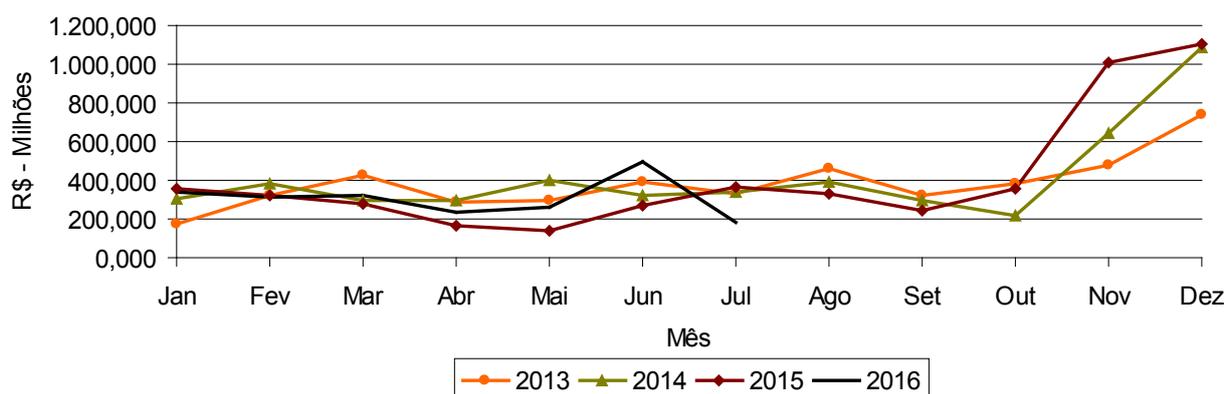


Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



Gráfico 19 – Milho - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

A Tabela 8 e os Gráficos 20 a 24 apresentam os valores de crédito disponibilizados para cada região brasileira.

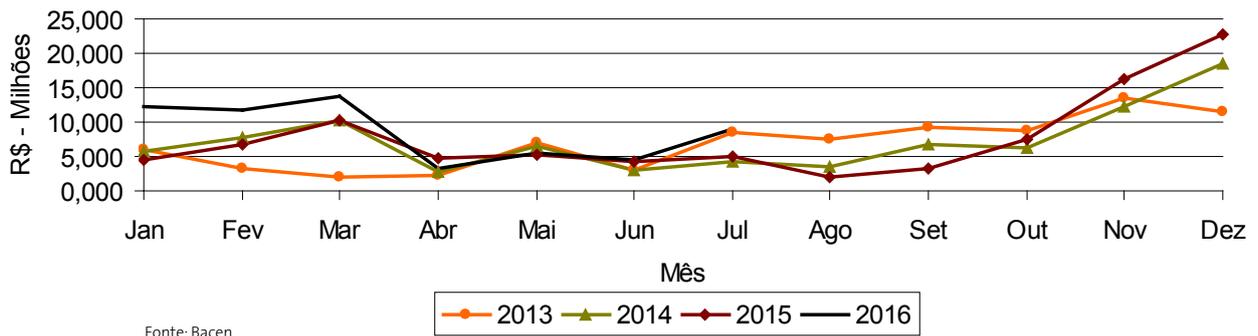
Tabela 8 – Milho – Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	120,181	224,094	320,330	117,933	87,183	98,024	64,033	75,589	72,304	153,529	327,269	531,925	2.192,395
NORDESTE	10,025	13,559	30,063	79,814	102,665	45,567	54,795	55,191	54,158	54,443	39,019	69,658	608,955
NORTE	6,039	3,258	1,915	2,266	7,102	3,067	8,543	7,380	9,167	8,780	13,617	11,465	82,598
SUDESTE	35,628	52,045	78,655	72,760	94,448	182,609	122,522	162,823	128,272	132,479	108,360	135,534	1.306,135
SUL	176,918	304,208	254,542	112,930	99,029	137,308	278,129	764,481	507,646	275,194	157,320	286,055	3.353,759
Total Global	348,791	597,163	685,505	385,703	390,426	466,576	528,021	1.065,464	771,548	624,425	645,585	1.034,637	7.543,842
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	220,151	269,878	173,985	140,631	121,465	62,705	47,372	39,945	49,958	68,619	498,822	862,397	2.555,928
NORDESTE	13,321	22,046	49,362	94,642	96,355	60,182	70,253	117,419	80,892	32,516	36,469	48,689	722,146
NORTE	5,845	7,690	10,312	2,850	6,476	3,084	4,131	3,475	6,852	6,240	12,368	18,411	87,735
SUDESTE	57,542	89,401	76,832	81,649	135,979	140,898	139,337	139,967	117,418	114,752	106,650	165,469	1.365,894
SUL	280,730	279,414	164,917	113,698	169,782	137,054	322,240	603,021	454,170	208,847	220,719	456,774	3.411,367
Total Global	577,588	668,429	475,409	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739	8.143,069
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	264,863	233,281	194,520	97,574	65,864	81,334	73,943	56,197	37,728	214,941	818,073	890,840	3.029,158
NORDESTE	23,796	18,403	39,158	84,752	85,859	133,757	60,798	45,551	33,405	45,699	39,728	45,089	655,995
NORTE	4,593	6,864	10,150	4,652	5,160	4,317	5,097	1,912	3,181	7,437	16,207	22,874	92,444
SUDESTE	71,788	51,920	60,595	31,832	32,355	41,872	117,257	129,177	141,285	90,903	125,890	186,514	1.081,388
SUL	258,085	220,578	124,027	42,606	30,321	59,342	377,270	587,646	355,279	184,655	504,773	540,701	3.285,284
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018	8.144,269
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	295,349	225,408	173,599	115,370	85,364	100,140	53,808						1.049,038
NORDESTE	11,352	15,222	70,307	92,190	121,692	183,415	34,303						528,480
NORTE	12,369	11,689	13,784	3,126	5,475	4,553	8,913						59,909
SUDESTE	71,467	70,702	78,929	43,748	48,336	184,193	56,814						554,188
SUL	197,550	248,914	178,501	111,308	123,997	177,283	332,527						1.370,080
Total Global	588,086	571,934	515,121	365,741	384,864	651,581	486,364						3.563,691

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



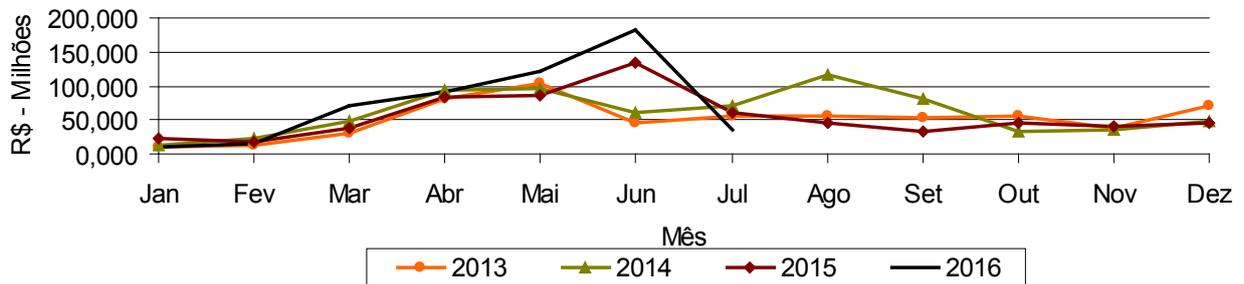
Gráfico 20 – Milho – Norte - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

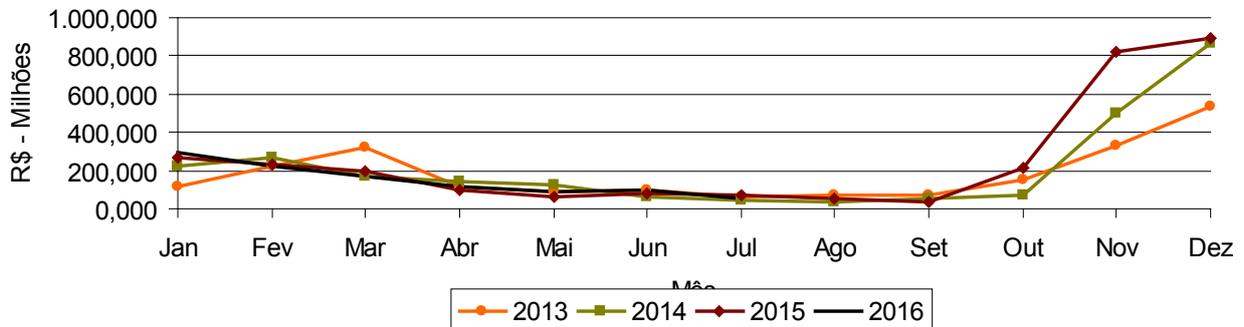
Gráfico 21 – Milho – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

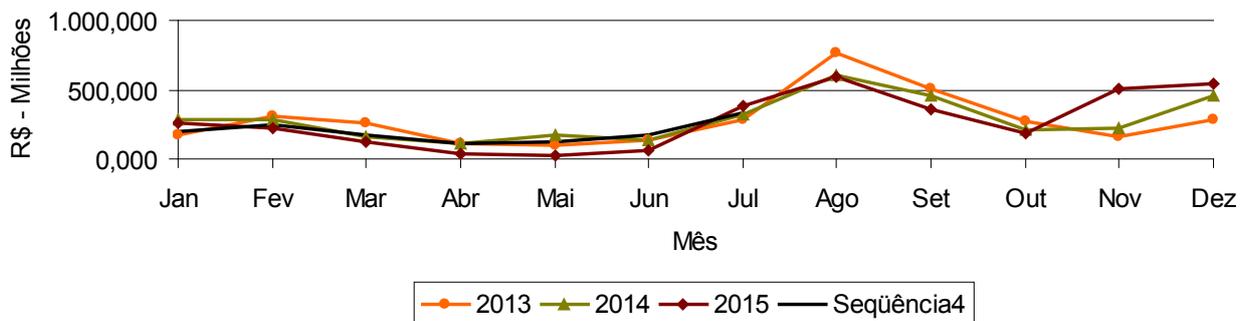
Gráfico 22 – Milho – Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 23 – Milho – Sul - Crédito

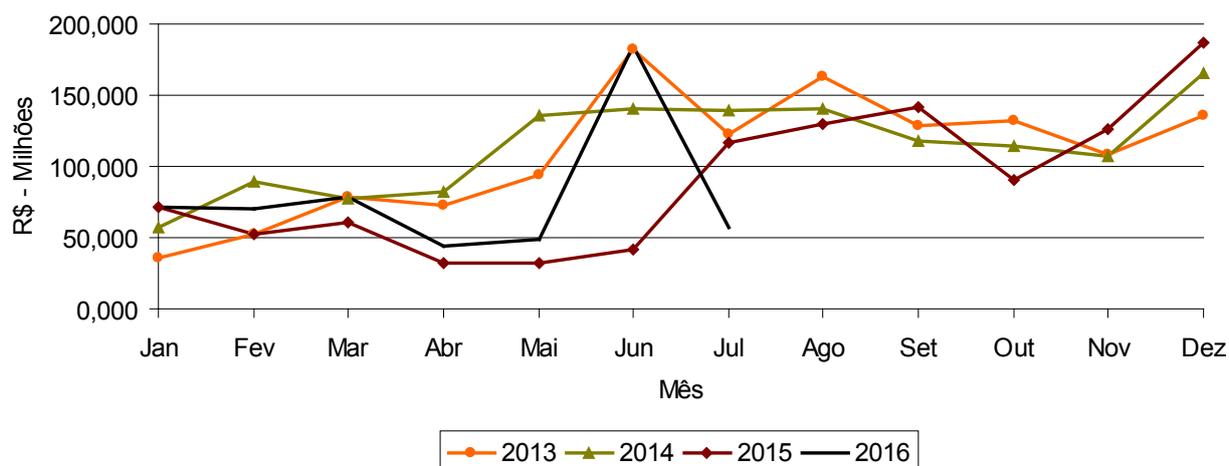


Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



Gráfico 24 – Milho – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

6.3. SOJA

A Tabela 9 e os Gráficos 25 a 28 apresentam os valores de crédito, por tipos de financiamentos, exclusivamente para o produto soja. Destaca-se a elevação da disponibilidade de crédito do financiamento sem

vínculo a programa específico, na comparação com os anos anteriores. Já para o Pronamp houve aumento e leve redução para o Pronaf

Tabela 9 – Soja - Tipo de financiamento – Crédito

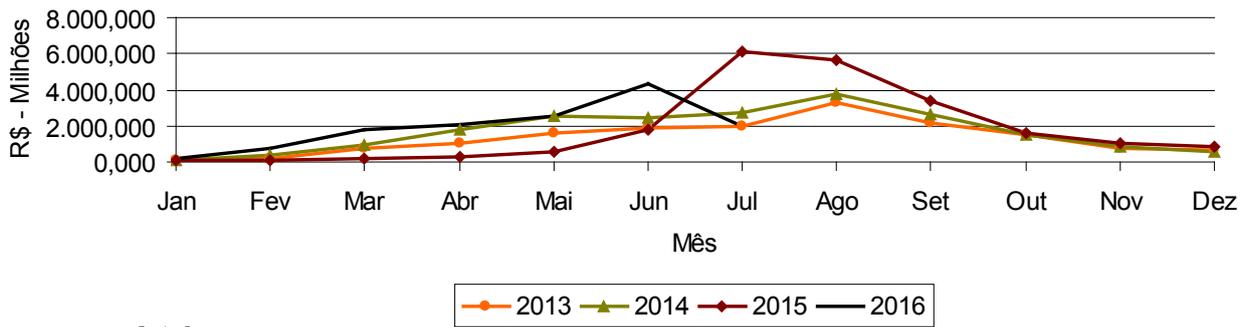
2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,751	1,467	0,726	1,139	2,653	3,576	193,777	650,843	511,937	253,622	103,297	42,741	1.770,528
Pronamp	3,747	8,702	67,202	161,695	290,483	411,627	365,986	635,072	435,021	274,779	115,944	57,234	2.827,493
Sem Vinc. Espec.	86,942	165,000	667,282	867,817	1.283,480	1.457,532	1.388,044	2.048,040	1.204,194	938,132	552,896	566,786	11.226,145
Total Global	95,440	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.872,736	1.947,807	3.333,954	2.151,152	1.466,533	772,137	666,762	15.824,166
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	7,152	1,390	0,600	2,495	3,734	5,024	328,436	793,491	611,334	266,895	110,274	52,087	2.182,912
Pronamp	6,757	35,632	112,346	349,010	581,654	582,200	490,606	642,244	518,389	260,953	122,278	70,652	3.772,721
Sem Vinc. Espec.	116,339	339,208	866,351	1.451,881	1.936,186	1.902,243	1.876,182	2.368,613	1.528,595	985,373	643,021	445,484	14.459,477
Total Global	130,248	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,225	3.804,347	2.658,318	1.513,221	875,573	568,224	20.415,110
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	7,669	6,436	0,128	0,511	7,157	6,532	522,427	1.038,636	637,686	240,261	129,106	62,993	2.659,541
Pronamp	9,614	6,752	3,944	10,889	99,323	231,376	1.454,834	1.195,793	726,419	286,496	152,344	91,275	4.269,058
Sem Vinc. Espec.	86,447	90,232	156,357	254,010	447,871	1.565,768	4.094,383	3.427,344	2.048,741	1.079,141	706,980	691,338	14.648,612
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.412,846	1.605,898	988,430	845,605	21.577,211
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	6,646	2,366	0,573	1,391	3,204	7,541	526,801						548,521
Pronamp	11,745	111,419	332,896	452,902	657,907	958,236	364,739						2.889,844
Sem Vinc. Espec.	127,606	653,454	1.498,528	1.627,274	1.836,219	3.341,123	1.127,120						10.211,322
Total Global	145,997	767,238	1.831,996	2.081,567	2.497,329	4.306,900	2.018,661						13.649,687

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



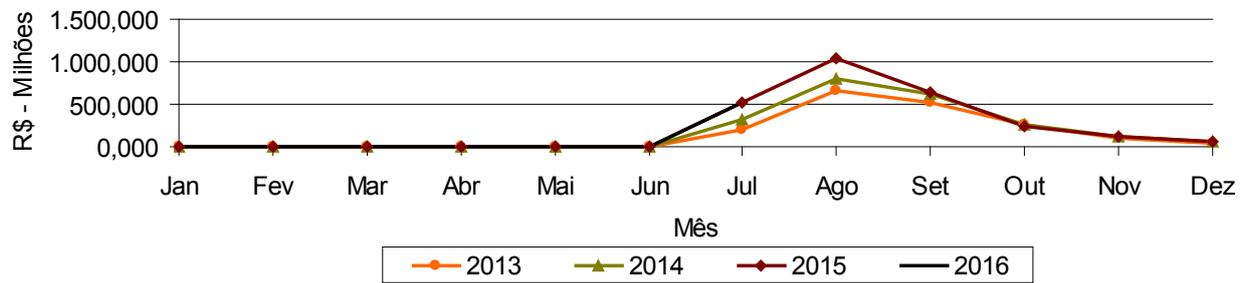
Gráfico 25– Soja– Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

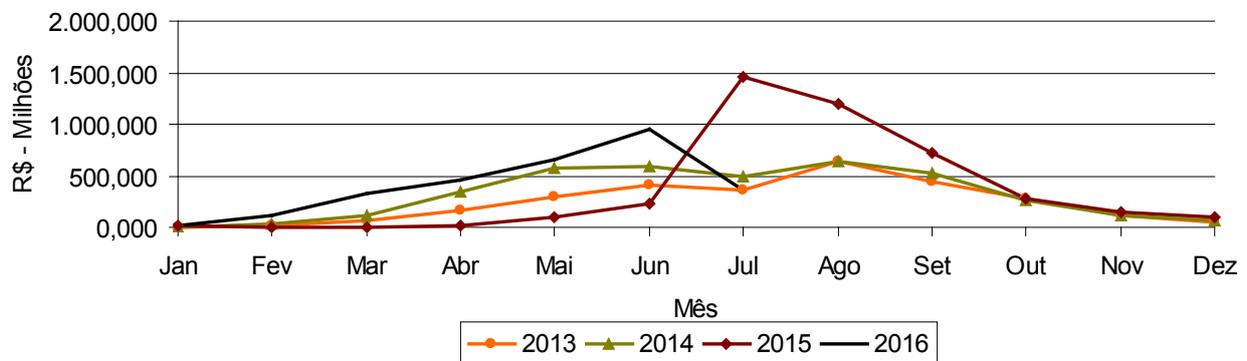
Gráfico 26 – Soja - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

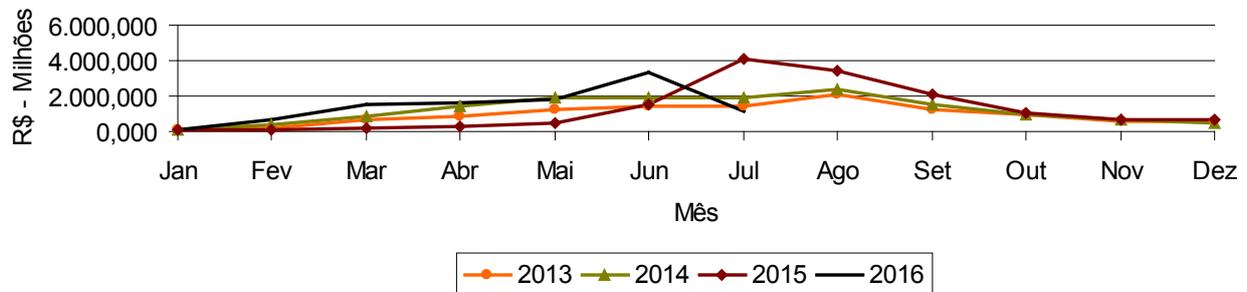
Gráfico 27 – Soja - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 28 – Soja - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



A Tabela 10 e os Gráficos 29 a 33 apresentam, para o produto soja, os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras.

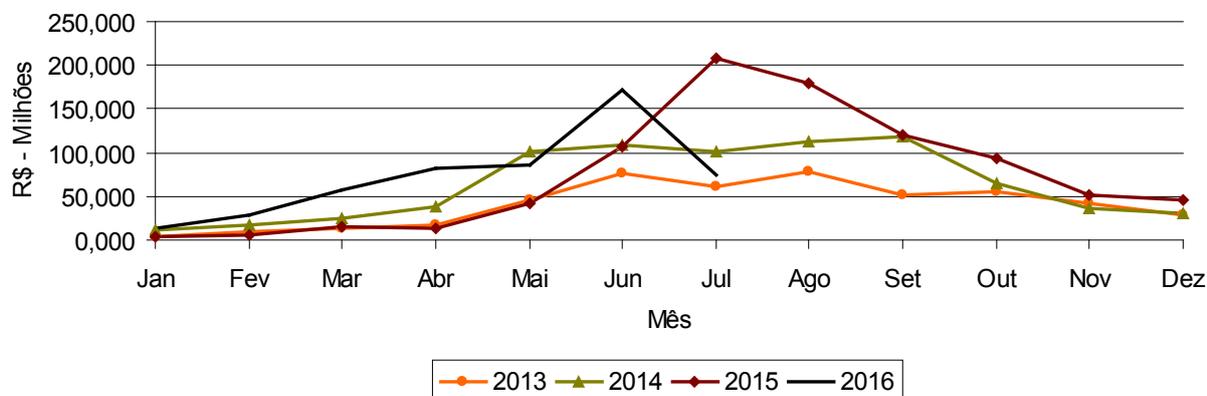
Tabela 10 – Soja – Região – Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	35,905	110,754	524,185	672,335	814,239	881,406	622,211	1.025,952	609,097	459,701	262,309	222,490	6.240,585
NORDESTE	32,359	34,892	78,033	92,946	240,253	169,315	218,296	228,489	141,026	142,713	117,718	215,757	1.711,796
NORTE	3,849	8,610	13,671	17,962	45,696	76,984	60,380	77,688	51,742	55,856	42,905	27,868	483,209
SUDESTE	9,997	10,279	38,501	77,400	109,654	169,760	157,794	209,024	170,995	157,027	81,475	67,463	1.259,368
SUL	13,330	10,634	80,819	170,007	366,774	575,272	889,125	1.792,802	1.178,293	651,237	267,731	133,184	6.129,208
Total Global	95,440	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.872,736	1.947,807	3.333,954	2.151,152	1.466,533	772,137	666,762	15.824,166
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	76,564	263,735	702,900	1.135,652	1.290,315	1.066,417	876,847	1.108,621	730,478	498,477	264,125	187,272	8.201,402
NORDESTE	14,973	64,798	95,823	128,377	191,944	288,758	281,977	485,079	205,418	164,310	171,962	125,441	2.218,858
NORTE	11,681	16,982	24,083	37,368	101,423	108,503	101,412	112,183	119,016	64,015	35,864	29,611	762,140
SUDESTE	11,854	7,422	49,493	137,143	249,336	235,943	237,254	225,144	211,012	148,142	110,989	67,277	1.691,010
SUL	15,176	23,293	106,999	364,848	688,555	789,847	1.197,734	1.873,321	1.392,394	638,276	292,632	158,624	7.541,699
Total Global	130,248	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,225	3.804,347	2.658,318	1.513,221	875,573	568,224	20.415,110
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	48,069	51,653	82,897	186,296	217,873	708,331	2.542,649	1.787,416	1.056,975	509,224	365,716	300,088	7.857,188
NORDESTE	14,388	17,983	38,097	28,074	68,475	441,807	393,683	486,355	310,622	213,012	121,071	227,928	2.361,494
NORTE	4,555	5,917	15,889	13,482	42,542	106,487	208,843	179,841	120,828	94,343	50,618	45,446	888,792
SUDESTE	19,725	7,267	10,800	9,050	29,431	118,105	451,691	409,387	361,239	188,116	129,697	99,134	1.833,642
SUL	16,993	20,600	12,745	28,508	196,030	428,947	2.474,777	2.798,774	1.563,182	601,202	321,328	173,010	8.636,095
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.412,846	1.605,898	988,430	845,605	21.577,211
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	42,913	513,134	1.158,593	1.189,681	1.158,011	1.652,763	696,115						6.411,210
NORDESTE	62,263	44,046	96,596	152,590	262,609	855,280	175,511						1.648,895
NORTE	13,533	29,477	56,890	82,138	85,503	171,504	74,948						513,995
SUDESTE	13,192	27,854	82,266	123,987	151,612	504,456	129,547						1.032,914
SUL	14,096	152,727	437,651	533,171	839,594	1.083,351	942,539						4.003,129
Total Global	145,997	767,238	1.831,996	2.081,567	2.497,329	4.306,900	2.018,661						13.649,687

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 29 – Soja – Norte - Crédito

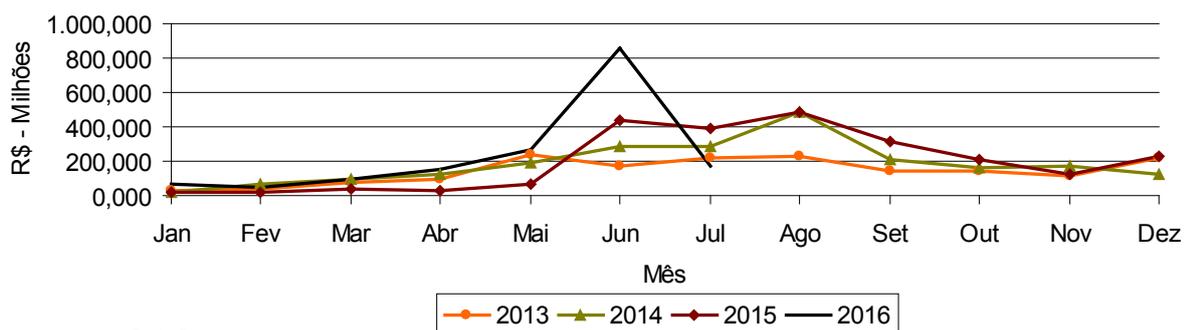


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.



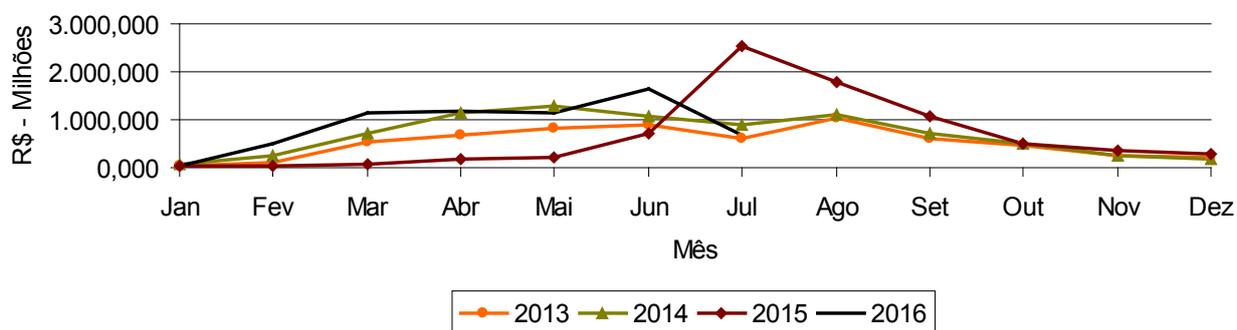
Gráfico 30 – Soja – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

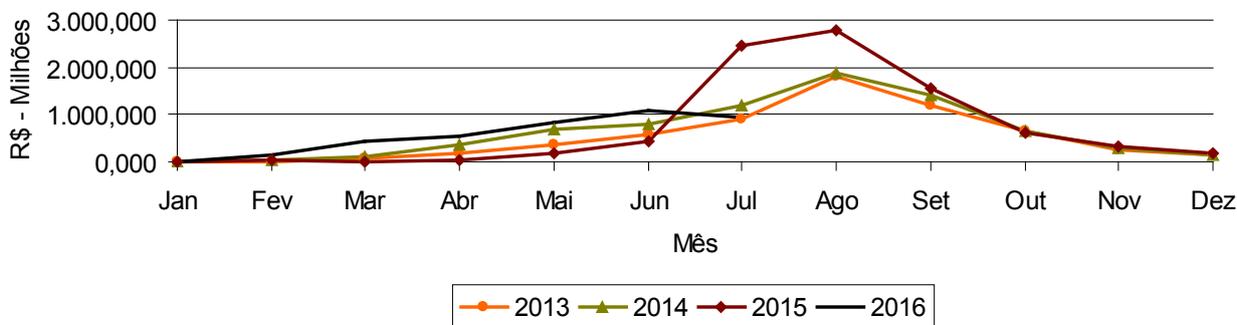
Gráfico 31 – Soja – Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

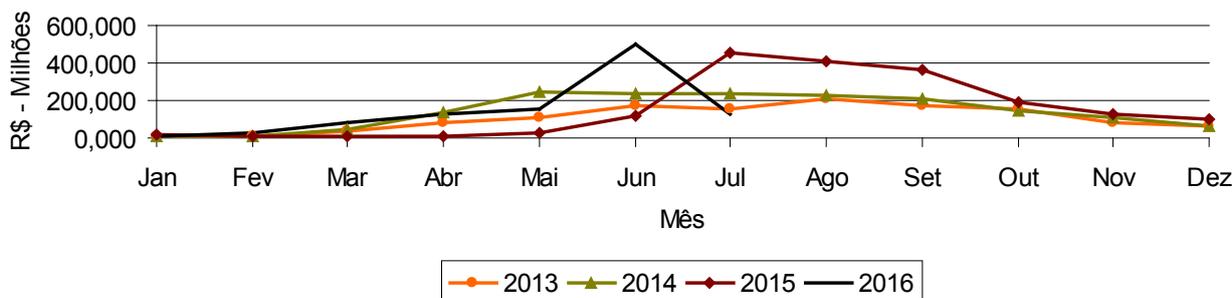
Gráfico 32 – Soja – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 33 – Soja – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



6.4. ALGODÃO

A Tabela 11 e os Gráficos 34 e 35 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento.

Os aportes financeiros para a lavoura de algodão tem

predomínio do financiamento sem vínculo específico a programas. Os volumes totais até julho de 2016 segue comportamento observado em 2015, sendo que houve leve aumento nos valores.

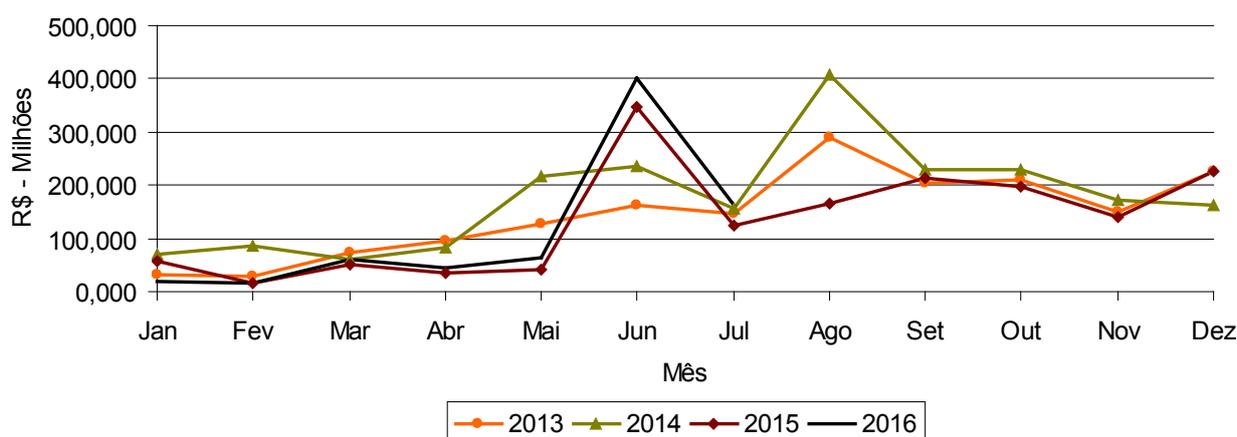
Tabela 11 – Algodão - Tipo de financiamento – Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf		0,006	0,020						0,008			0,005	0,039
Pronamp				0,372				1,460		0,700		0,162	2,695
Sem Vinc. Espec.	33,200	29,045	71,946	95,770	126,901	163,411	145,351	287,324	203,751	208,589	148,395	225,588	1.739,270
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755	1.742,004
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf									0,009				0,009
Pronamp							0,804	0,582	0,806	0,236			2,429
Sem Vinc. Espec.	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	156,378	405,927	228,477	228,401	171,773	161,617	2.104,524
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617	2.106,961
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf									1,113	174,549	244,101	187,791	607,554
Pronamp								1,643	0,283	0,103	0,100	0,375	2,505
Sem Vinc. Espec.	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	164,627	212,972	198,344	139,209	225,294	1.611,209
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,255	198,447	139,309	225,669	1.613,714
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf													0,000
Pronamp			0,400	0,441									0,841
Sem Vinc. Espec.	20,386	16,486	60,087	42,859	64,356	402,703	161,302						768,179
Total Global	20,386	16,486	60,487	43,300	64,356	402,703	161,302						769,020

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 34 – Algodão – Total de financiamento

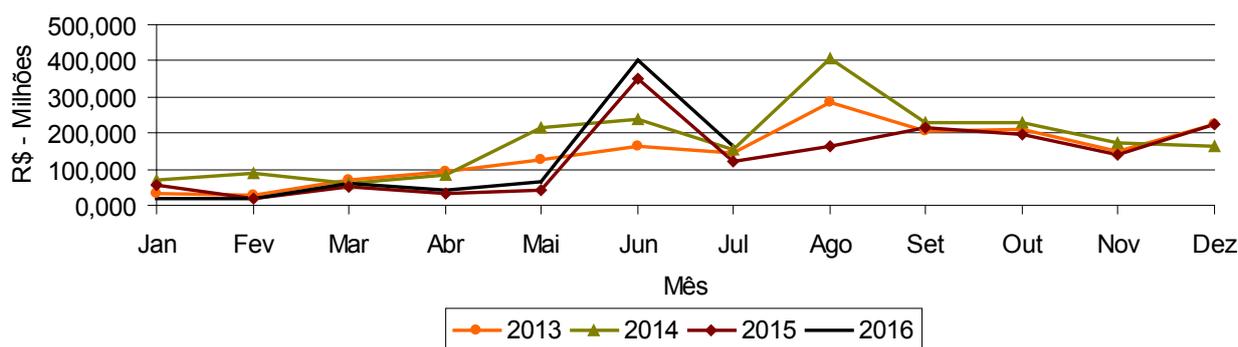


Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



Gráfico 35 – Algodão - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

A Tabela 12 e os Gráficos 36 e 37 representam os valores de crédito disponibilizado por região brasileira.

Tabela 12 – Algodão - Região - Crédito

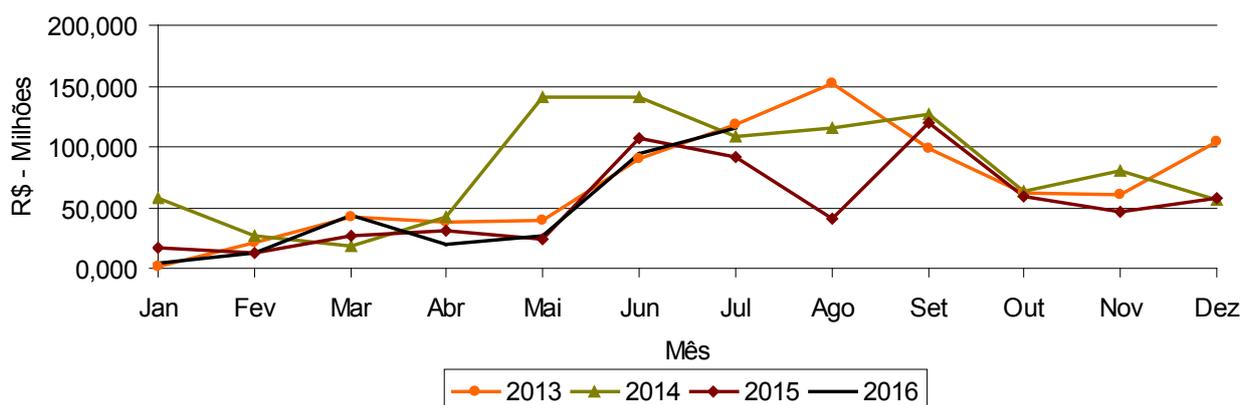
2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,629	21,755	41,968	37,799	39,788	90,226	117,816	152,098	97,980	61,292	61,102	103,663	827,117
NORDESTE	31,280	5,970	29,978	55,002	80,734	64,153	27,535	134,086	100,369	135,010	74,840	116,812	855,769
NORTE								0,200	0,472		3,335		4,007
SUDESTE	0,291	1,326	0,020	3,341	6,379	9,032		2,399	4,939	12,987	9,117	5,280	55,110
SUL													
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755	1.742,004
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	57,572	27,327	18,196	42,694	141,080	140,257	107,795	115,838	126,459	63,841	79,957	56,890	977,907
NORDESTE	11,740	59,255	40,423	36,526	55,851	93,581	44,369	285,294	90,717	161,713	83,340	82,516	1.045,324
NORTE					0,648		2,400	3,681	0,664	1,000	3,625	12,775	24,792
SUDESTE	1,449	0,951	0,878		17,765	2,954	2,618	1,697	11,452	2,084	4,851	9,436	56,134
SUL				2,803									2,803
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617	2.106,961
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	16,197	13,260	26,243	31,653	23,459	107,714	91,062	41,206	120,330	58,571	46,319	58,361	634,374
NORDESTE	39,099	3,539	15,167	1,907	17,363	239,635	31,339	124,119	79,587	136,050	79,265	164,471	931,542
NORTE	0,203					0,996			3,937	0,485	9,609		15,230
SUDESTE	0,695		10,720				0,513	0,945	9,400	3,341	4,116	2,837	32,568
SUL													
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,255	198,447	139,309	225,669	1.613,714
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	4,295	13,345	43,459	19,834	27,059	94,785	115,669						318,446
NORDESTE	14,406	1,578	13,927	17,466	33,280	298,113	24,543						403,314
NORTE	1,685	0,763	2,600			7,380							12,429
SUDESTE		0,799	0,500	6,000	4,015	2,425	21,090						34,829
SUL													0,000
Total Global	20,386	16,486	60,487	43,300	64,356	402,703	161,302						769,020

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



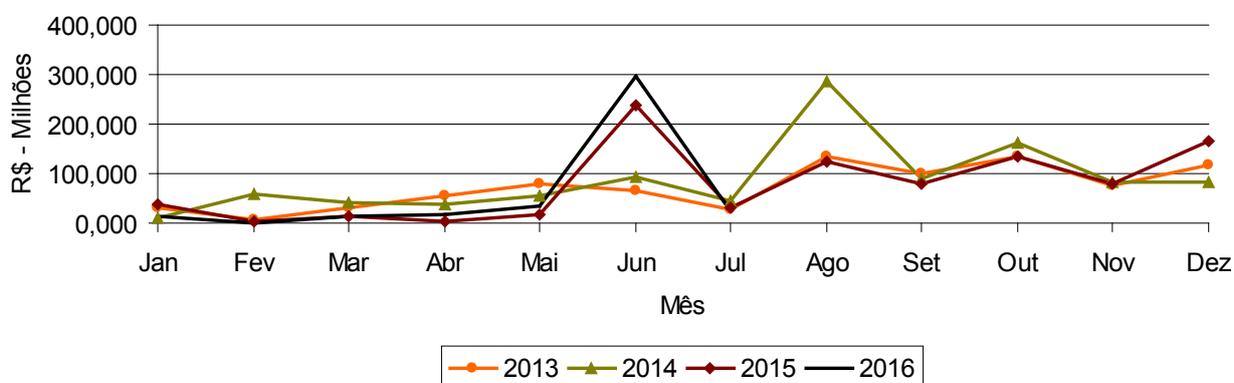
Gráfico 36 – Algodão – Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 37 – Algodão– Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

6.5. FEIJÃO

A Tabela 13 e os Gráficos 38 a 41 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento. A disponibilização de crédito, comparando o ano de 2016 (até julho) com os anos 2013, 2014 e 2015, reduziu levemente para o Pronaf e apresentou elevação para o Pronamp e para

o financiamento sem vínculo a programa específico. As informações destacadas na tabela e nos gráficos, referentes a 2016, indicam a disponibilidade de recursos para o plantio da segunda e terceira safra.

Tabela 13 – Feijão - Tipo de financiamento - Crédito

Programa	2013												Total
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	
Pronaf	3,895	6,940	4,002	2,206	2,389	0,541	4,575	17,179	22,848	16,103	6,859	4,307	91,845
Pronamp	2,495	5,748	3,732	1,233	2,035	2,906	5,363	10,189	9,441	8,264	3,572	3,593	58,571
Sem Vinc. Espec.	7,364	16,634	21,555	19,918	23,364	29,409	38,713	66,742	46,722	44,368	30,054	33,382	378,225
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283	528,641

continua



2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	15,007	14,901	5,205	3,306	2,174	0,460	4,432	12,816	17,186	10,065	5,275	3,912	94,739
Pronamp	9,034	10,670	7,318	5,259	4,188	4,164	3,798	6,886	6,032	4,294	3,251	5,807	70,701
Sem Vinc. Espec.	23,971	29,345	31,637	22,023	32,819	28,290	26,930	29,101	25,458	20,783	24,061	31,521	325,940
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241	491,380

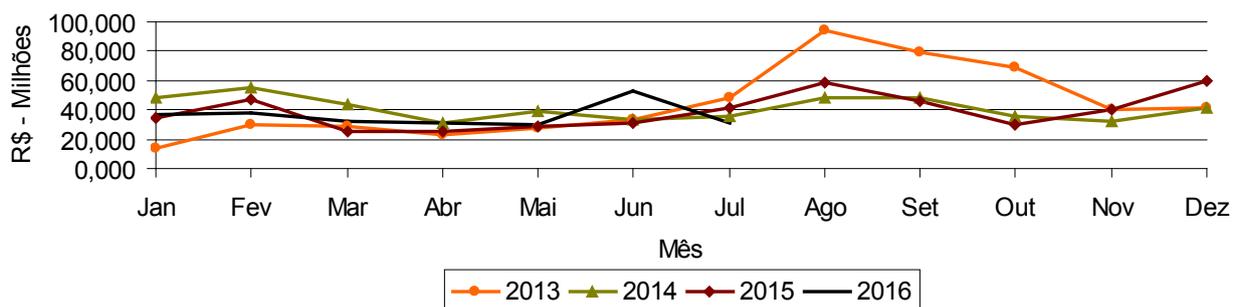
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	13,017	11,865	4,540	3,606	3,032	0,558	6,144	13,978	14,920	8,117	8,112	15,382	103,269
Pronamp	6,516	8,595	3,306	2,285	2,162	2,343	8,414	10,391	7,891	4,536	6,798	12,546	75,784
Sem Vinc. Espec.	15,064	26,196	16,968	19,751	23,232	27,979	26,652	33,920	23,242	17,081	25,417	31,858	287,360
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787	466,413

2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	11,828	10,510	3,609	2,408	3,127	2,242	6,699						40,423
Pronamp	6,995	6,733	5,256	3,827	4,471	11,170	6,059						44,510
Sem Vinc. Espec.	18,467	20,236	23,726	25,100	22,144	39,467	18,661						167,802
Total Global	37,290	37,479	32,591	31,335	29,741	52,879	31,419						252,736

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

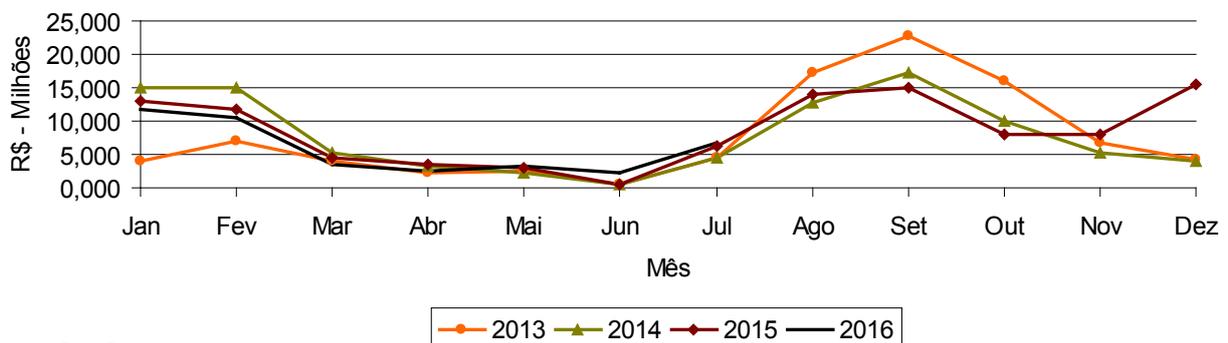
Gráfico 38 – Feijão – Total de financiamento



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 39 – Feijão - Pronaf - Crédito

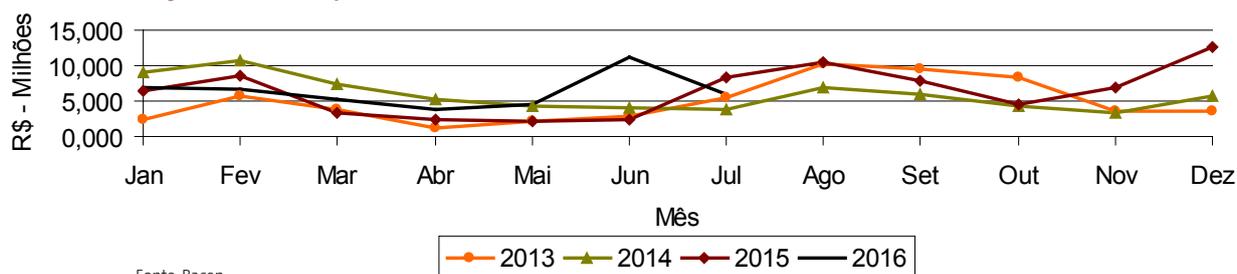


Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



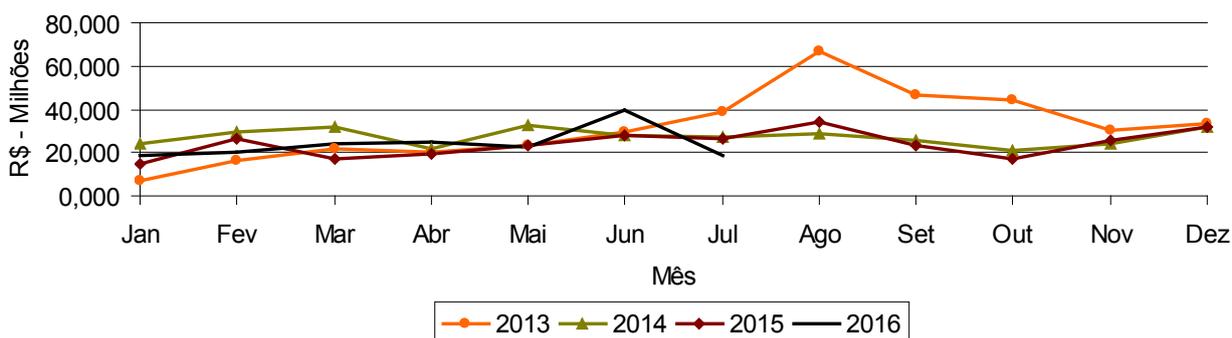
Gráfico 40 – Feijão - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 41 – Feijão - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

A Tabela 14 e os Gráficos 42 a 45 representam os valores de crédito disponibilizado por região geográfica.

Tabela 14 – Feijão - Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	0,177	4,757	4,002	3,367	9,318	9,762	7,092	13,347	9,786	10,195	12,649	15,865	100,318
NORDESTE	0,639	5,128	1,461	1,902	3,493	1,742	2,097	5,982	8,246	2,680	1,800	2,591	37,760
NORTE	0,003		0,505	0,509	1,002	0,536	0,300	0,370		0,500			3,725
SUDESTE	6,764	7,291	17,144	15,823	12,892	18,097	24,360	25,284	14,861	21,515	9,640	10,445	184,115
SUL	6,170	12,147	6,177	1,756	1,083	2,719	14,802	49,127	46,118	33,845	16,397	12,382	202,722
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283	528,641
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	3,803	6,466	4,367	5,352	9,609	4,528	9,327	11,677	6,153	6,590	7,819	11,157	86,849
NORDESTE	0,311	2,167	2,513	2,207	4,082	1,764	1,349	3,260	2,238	1,974	1,715	3,226	26,805
NORTE	0,264	1,974	1,000	0,595	0,219	0,201	0,550		0,083	0,200			5,086
SUDESTE	15,758	20,118	25,800	17,480	19,401	20,185	13,407	9,205	7,821	7,122	8,503	16,431	181,230
SUL	27,877	24,192	10,479	4,954	5,870	6,236	10,527	24,661	32,381	19,256	14,549	10,427	191,410
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241	491,380
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,607	7,313	3,800	4,610	9,848	7,184	4,537	5,428	2,849	0,956	4,178	5,020	57,331
NORDESTE	0,549	0,790	1,619	4,279	2,811	0,559	3,190	3,106	1,628	1,108	3,197	2,217	25,054
NORTE		2,163	1,095	0,431	0,311	0,959				0,151	2,052		7,162
SUDESTE	6,917	10,109	11,327	14,480	13,239	20,497	15,268	14,482	8,902	10,654	4,922	17,756	148,554
SUL	25,525	26,279	6,972	1,843	2,216	1,680	18,214	35,272	32,674	16,865	25,977	34,794	228,311
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787	466,413

continua

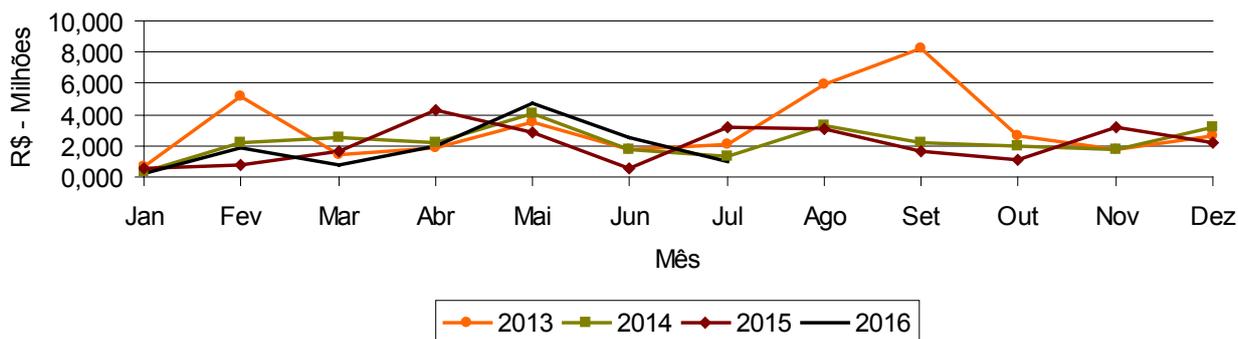


2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	6,913	4,394	9,633	8,974	7,179	13,678	4,569						55,339
NORDESTE	0,220	1,913	0,748	1,997	4,743	2,541	1,008						13,171
NORTE	0,381					0,309	0,109						0,799
SUDESTE	8,727	13,184	14,514	17,233	12,562	25,445	12,802						104,467
SUL	21,049	17,988	7,697	3,131	5,258	10,906	12,931						78,960
Total Global	37,290	37,479	32,591	31,335	29,741	52,879	31,419						252,736

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

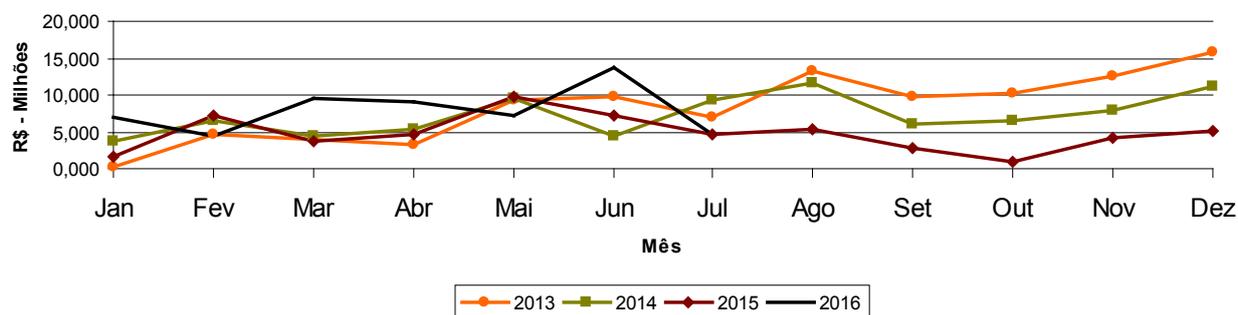
Gráfico 42 – Feijão – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

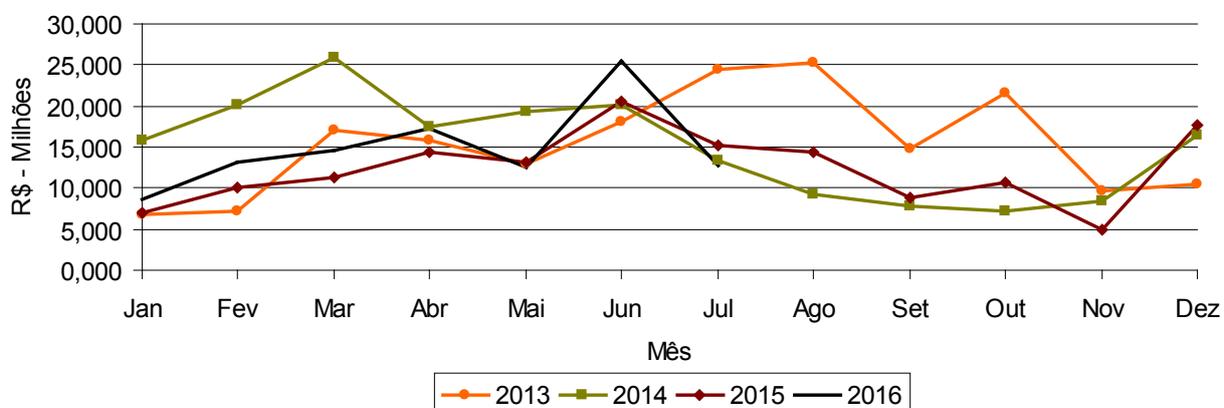
Gráfico 43 – Feijão – Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 44 – Feijão – Sudeste - Crédito

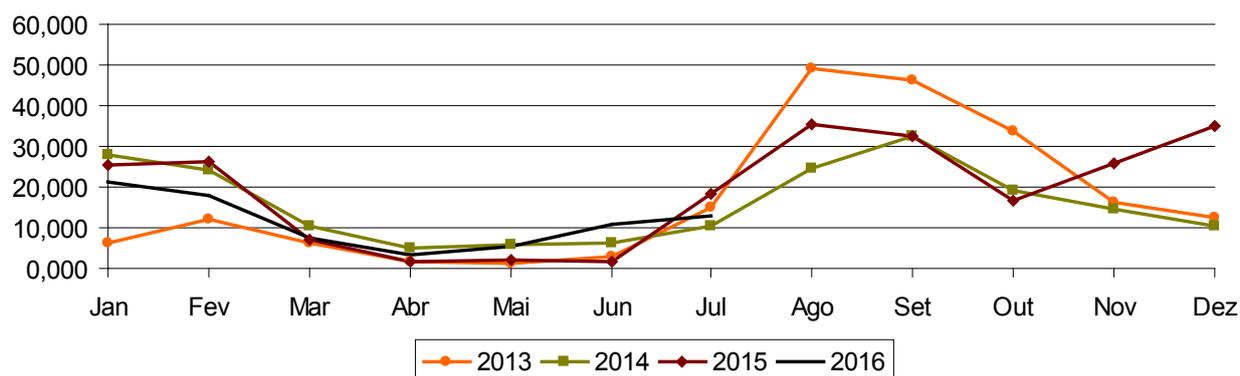


Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



Gráfico 45 – Feijão– Sul - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

6.6. TRIGO

A Tabela 15 e os Gráficos 46 a 49 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento, exclusivamente para o trigo. A disponibilização de crédito em

julho de 2016 segue a mesma tendência apresentada neste mesmo mês em anos anteriores.

Tabela 15 – Trigo - Tipo de financiamento - Crédito

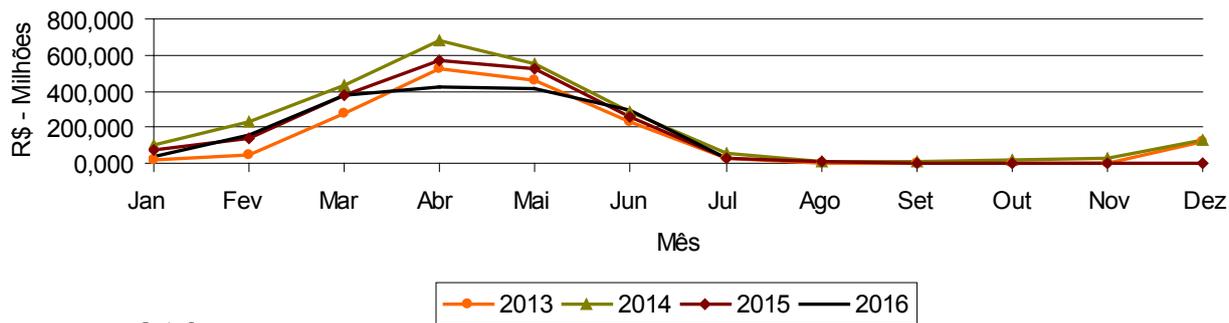
2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	0,655	4,621	73,752	161,300	136,394	54,915	5,659	0,890	0,108			0,419	438,714
Pronamp	6,645	10,510	68,542	132,286	117,940	61,014	6,640	0,443			0,140	35,465	439,625
Sem Vinc. Espec.	15,150	27,425	136,227	232,000	205,248	116,884	16,471	3,257	0,415	0,100	0,704	81,341	835,223
Total Global	22,451	42,555	278,522	525,586	459,582	232,813	28,771	4,590	0,523	0,100	0,844	117,225	1.713,562
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	6,224	61,230	119,771	225,726	194,652	75,238	17,710	2,572	0,331	0,074	0,035	0,521	704,085
Pronamp	34,887	72,330	132,438	202,483	153,458	85,812	13,476	3,416	1,004	2,651	7,220	39,891	749,068
Sem Vinc. Espec.	58,133	97,801	181,434	255,057	202,918	125,197	22,378	7,650	8,118	18,181	18,354	92,099	1.087,317
Total Global	99,244	231,361	433,643	683,266	551,028	286,247	53,564	13,638	9,453	20,905	25,609	132,511	2.540,470
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,519	33,190	108,016	200,394	214,798	82,834	9,171	2,162	0,279			0,269	654,633
Pronamp	25,770	41,331	99,436	155,551	132,108	63,112	4,369	1,782	0,106			0,731	524,297
Sem Vinc. Espec.	40,912	66,402	167,630	212,106	174,241	110,699	9,869	3,762	1,375	0,881	1,432	1,842	791,152
Total Global	70,201	140,924	375,082	568,051	521,148	256,645	23,409	7,707	1,761	0,881	1,432	2,842	1.970,082
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,704	22,593	118,272	146,622	177,755	107,874	9,318						586,138
Pronamp	10,806	42,939	96,693	113,686	108,409	79,536	7,771						459,840
Sem Vinc. Espec.	23,625	95,077	162,182	164,163	130,124	107,456	12,158						694,786
Total Global	38,135	160,609	377,147	424,471	416,288	294,866	29,247						1.740,763

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



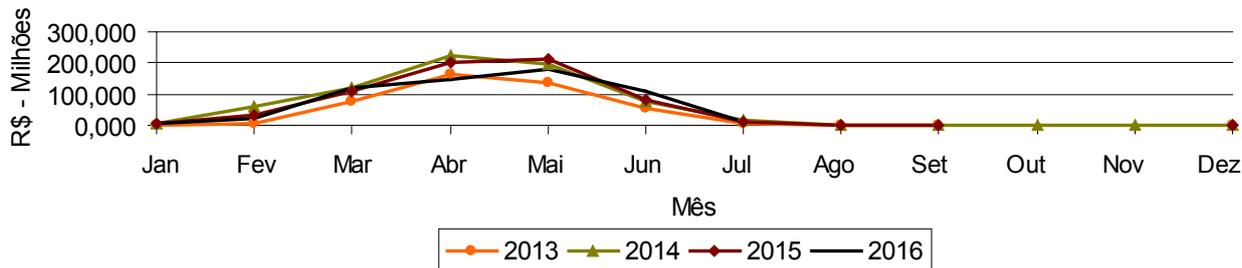
Gráfico 46 – Trigo -Total de financiamento - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

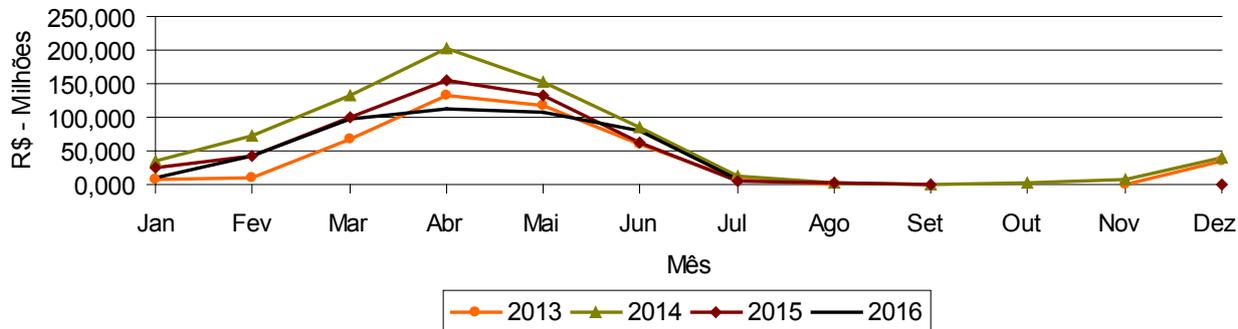
Gráfico 47 – Trigo - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

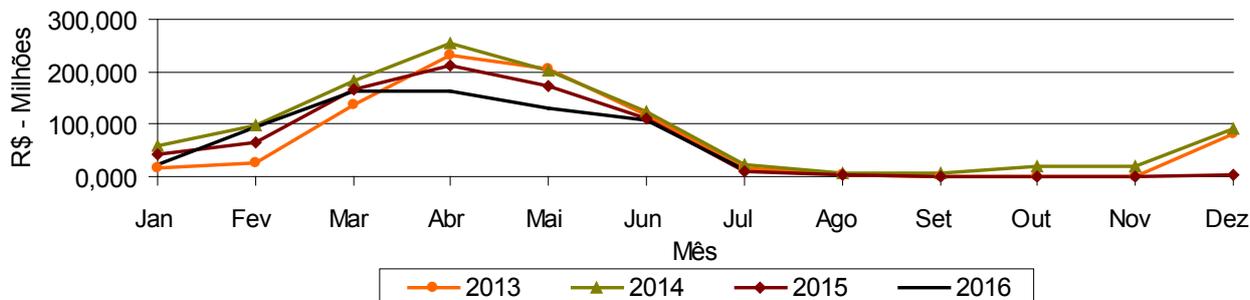
Gráfico 48 – Trigo - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 49 –Trigo - Financiamento Sem Vínculo a Programa Especifico - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



A Tabela 16 e os Gráficos 50 e 51 apresentam os valores de crédito disponibilizado por região geográfica. A

disponibilidade de recursos retrata a concentração da produção na região Sul.

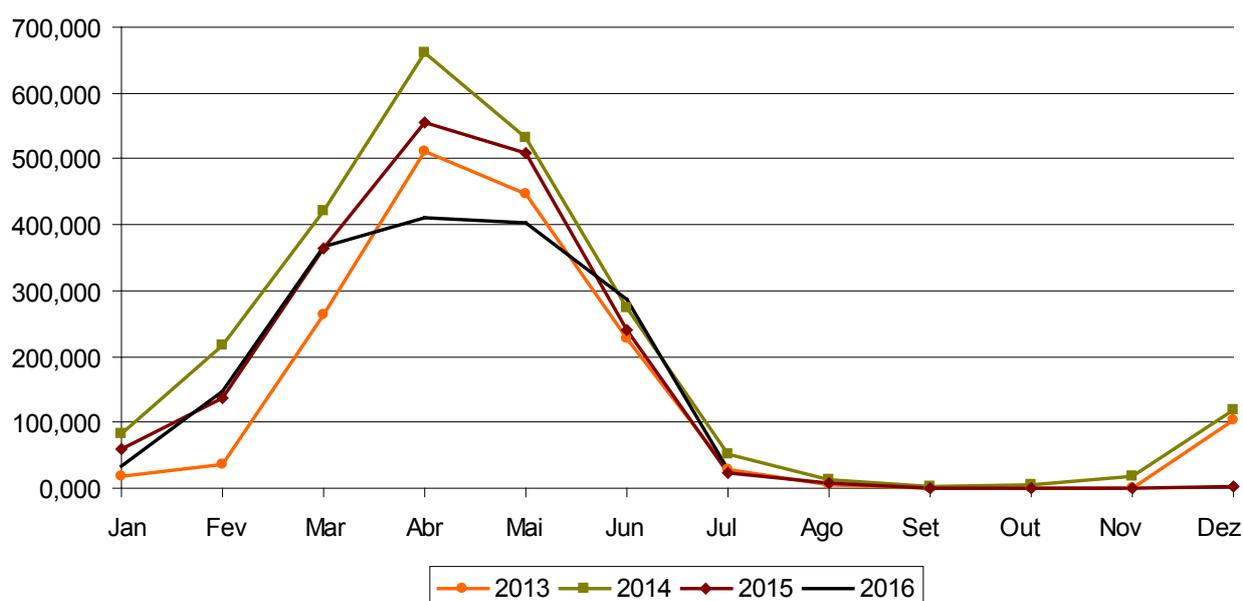
Tabela 16 – Trigo - Tipo de financiamento - Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	0,655	4,621	73,752	161,300	136,394	54,915	5,659	0,890	0,108			0,419	438,714
Pronamp	6,645	10,510	68,542	132,286	117,940	61,014	6,640	0,443			0,140	35,465	439,625
Sem Vinc. Espec.	15,150	27,425	136,227	232,000	205,248	116,884	16,471	3,257	0,415	0,100	0,704	81,341	835,223
Total Global	22,451	42,555	278,522	525,586	459,582	232,813	28,771	4,590	0,523	0,100	0,844	117,225	1.713,562
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	6,224	61,230	119,771	225,726	194,652	75,238	17,710	2,572	0,331	0,074	0,035	0,521	704,085
Pronamp	34,887	72,330	132,438	202,483	153,458	85,812	13,476	3,416	1,004	2,651	7,220	39,891	749,068
Sem Vinc. Espec.	58,133	97,801	181,434	255,057	202,918	125,197	22,378	7,650	8,118	18,181	18,354	92,099	1.087,317
Total Global	99,244	231,361	433,643	683,266	551,028	286,247	53,564	13,638	9,453	20,905	25,609	132,511	2.540,470
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,519	33,190	108,016	200,394	214,798	82,834	9,171	2,162	0,279			0,269	654,633
Pronamp	25,770	41,331	99,436	155,551	132,108	63,112	4,369	1,782	0,106			0,731	524,297
Sem Vinc. Espec.	40,912	66,402	167,630	212,106	174,241	110,699	9,869	3,762	1,375	0,881	1,432	1,842	791,152
Total Global	70,201	140,924	375,082	568,051	521,148	256,645	23,409	7,707	1,761	0,881	1,432	2,842	1.970,082
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,704	22,593	118,272	146,622	177,755	107,874							576,820
Pronamp	10,806	42,939	96,693	113,686	108,409	79,536							452,069
Sem Vinc. Espec.	23,625	95,077	162,182	164,163	130,124	107,456							682,627
Total Global	38,135	160,609	377,147	424,471	416,288	294,866							1.711,516

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 50 – Trigo– Sul- Crédito

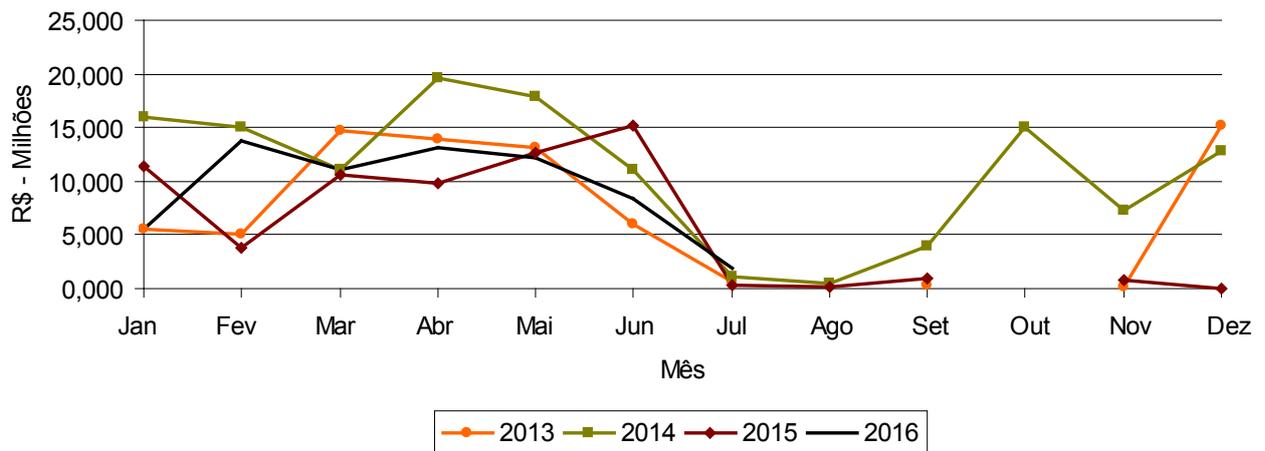


Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016



Gráfico 51 – Trigo – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016





7. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (SAFRA 2015/16) – JULHO DE 2016

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agromômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, nos capítulos referentes à análise das culturas. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena (ou semana) e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)* das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção no último mês. As culturas monitoradas foram as seguintes: algodão, feijão terceira safra, girassol, milho segunda safra, soja, sorgo, trigo, aveia e cevada.

1. Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).

7.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE JULHO/2016²

A precipitação total em julho ficou abaixo da média do período na região que engloba os estados de Alagoas e Sergipe e o nordeste da Bahia, onde o milho segunda safra está em fase de desenvolvimento. Em Palmeira dos Índios, no agreste alagoano, o acumulado do mês foi de apenas 61,1 mm, o que equivale a menos de 50% de sua média climatológica. Com situação semelhante, em Propriá, Sergipe, o total de 64,5 mm também ficou abaixo da média em mais de 50% (Figura 1). Na localidade de Cipó, nordeste da Bahia, a precipitação total registrada na estação meteorológica do Inmet foi de apenas 34 mm, o que equivale a aproximadamente 25% da média histórica nessa localidade.

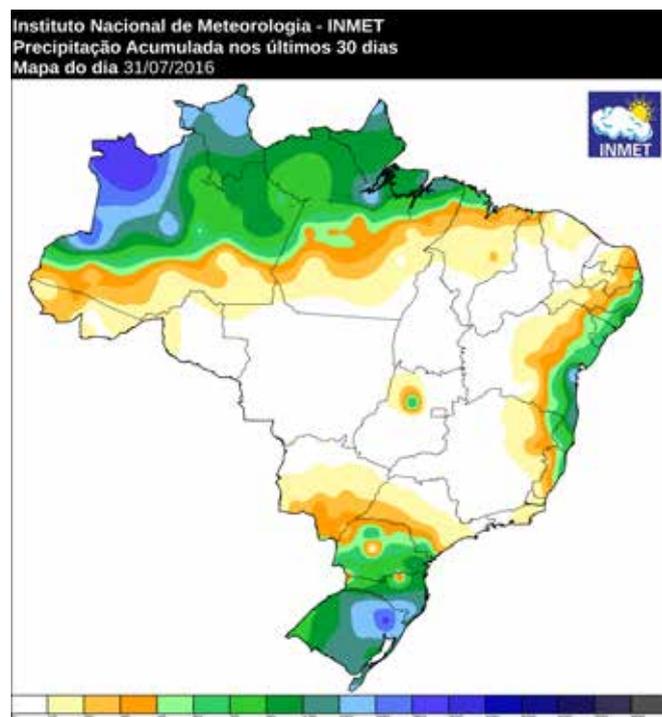
Na Região Matopiba, praticamente não foram observadas chuvas durante julho neste ano. Contudo, essa

situação é coerente com a média histórica da precipitação na região.

No Centro-Sul do Brasil, os acumulados de chuva em julho – período de colheita das culturas de segunda safra – foram predominantemente muito baixos, com totais inferiores a 10 mm na maioria das localidades; porém, dentro da sua característica climática que é de inverno tipicamente seco. Apenas no norte do Espírito Santo e no sul do Mato Grosso do Sul, os volumes ficaram em torno de 50 mm.

Na Região Sul, o acumulado de chuvas ficou dentro da faixa normal do mês, com totais entre 60 e 200 mm, sendo os maiores volumes concentrados principalmente no leste do Rio Grande do Sul.

Figura 1 - Chuva acumulada em julho de 2016



Fonte: Inmet.

A chegada de massas de ar frio que atingiram as Regiões Sul e Sudeste do Brasil causou a queda da temperatura do ar, ocasionando geadas em várias localidades. O mapa da Figura 2 mostra as localidades (total de 26) onde foram observadas ocorrências de geadas e a intensidade predominante em cada uma das loca-

lidades. O número de ocorrências durante o mês em cada localidade variou de 1 a 8, com destaque para São Joaquim, estado de Santa Catarina, onde foram registradas oito geadas, sendo cinco delas classificadas como forte (Tabela 17).

2 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília.



Figura 2 - Locais de ocorrências de geadas e intensidade predominante em julho/2016



Tabela 17 – Relação das localidades com registro de geada em julho de 2016 no Brasil com a data, temperatura mínima e intensidade no fenômeno..

Município	Dias de ocorrência	Temperatura mínima	Intensidade
Bagé -RS	22/07/2016	3	Fraca
	20/07/2016	1	Moderada
	19/07/2016	2.3	Moderada
Bom Jesus - RS	28/07/2016	1.6	Moderada
	19/07/2016	-0.8	Forte
	09/07/2016	3.8	Fraca
Campo Mourão -PR	18/07/2016	0.2	Forte
	17/07/2016	2	Moderada
Campos do Jordão - SP	19/07/2016	0.6	Forte
	18/07/2016	0	Forte
	09/07/2016	1.8	Moderada
Campos Novos - SC	28/07/2016	1.2	Moderada
	18/07/2016	-2.6	Forte
	17/07/2016	0.4	Forte
Castro - PR	18/07/2016	0	Forte
	28/07/2016	2.8	Moderada
Caxias Do Sul - RS	21/07/2016	1.4	Moderada
	18/07/2016	0.4	Forte
Chapecó-SC	18/07/2016	0.4	Forte
Curitiba -PR	18/07/2016	1	Moderada
	29/07/2016	5.9	Fraca
	28/07/2016	4.4	Fraca
Encruzilhada do Sul -RS	20/07/2016	1.4	Moderada
	28/07/2016	0.3	Forte
	18/07/2016	0.2	Forte
Iraí -RS	18/07/2016	-1.8	Forte
	17/07/2016	-0.8	Forte
Ivair -PR	18/07/2016	0	Forte
Lages -SC	28/07/2016	-0.7	Forte
	18/07/2016	-2	Forte
Lagoa Vermelha - RS	18/07/2016	-2	Forte
Londrina - PR	18/07/2016	4.8	Fraca
Machado -MG	19/07/2016	4.1	Fraca
	18/07/2016	1.6	Moderada
Maringá- PR	18/07/2016	3.8	Fraca

Continua



Município	Dias de ocorrência	Temperatura mínima	Intensidade
Passo Fundo - RS	22/07/2016	1.2	Moderada
	21/07/2016	1	Moderada
	20/07/2016	-0.3	Forte
	18/07/2016	-0.6	Forte
Santa Maria -RS	21/07/2016	0.8	Forte
	20/07/2016	0.8	Forte
	19/07/2016	4	Fraca
Santa Vitoria Do Palmar - RS	22/07/2016	3.7	Fraca
	21/07/2016	3.6	Fraca
Sao Joaquim - SC	29/07/2016	1.3	Moderada
	28/07/2016	0	Forte
	23/07/2016	6.4	Fraca
	22/07/2016	1.8	Moderada
	21/07/2016	0	Forte
	20/07/2016	-2	Forte
	19/07/2016	0.8	Forte
	18/07/2016	-5.2	Forte
Sao Lourenco - MG	19/07/2016	1.8	Moderada
	18/07/2016	1.5	Moderada
	09/07/2016	2.6	Moderada
Sao Luiz Gonzaga - RS	21/07/2016	2.8	Moderada
	20/07/2016	1.8	Moderada
	18/07/2016	1.6	Moderada
	17/07/2016	2.6	Moderada
Sao Simao - SP	18/07/2016	0	Forte
Uruguiana -RS	22/07/2016	2.9	Moderada
	21/07/2016	2	Moderada
	20/07/2016	2	Moderada
	18/07/2016	1	Moderada
	17/07/2016	2	Moderada

Fonte: Inmet (<http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=clima/geada>).

7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS³

As anomalias de temperatura na superfície do mar (TSM) no Oceano Pacífico Tropical em julho mantiveram o padrão do mês anterior, com a faixa equatorial dominada por anomalias negativas (Figura 3). A tendência é que esse processo de resfriamento continue evoluindo, com possibilidade de evolução para uma situação de La Niña.

Os modelos de previsão de TSM do IRI (Research Institute for Climate and Society) mantêm a maior probabilidade de continuidade do resfriamento na faixa equatorial do Oceano Pacífico nos próximos meses, configurando, assim, um novo episódio de fenômeno La Niña (Gráfico 53). Contudo, essas probabilidades de ocorrência de La Niña na previsão feita em julho são

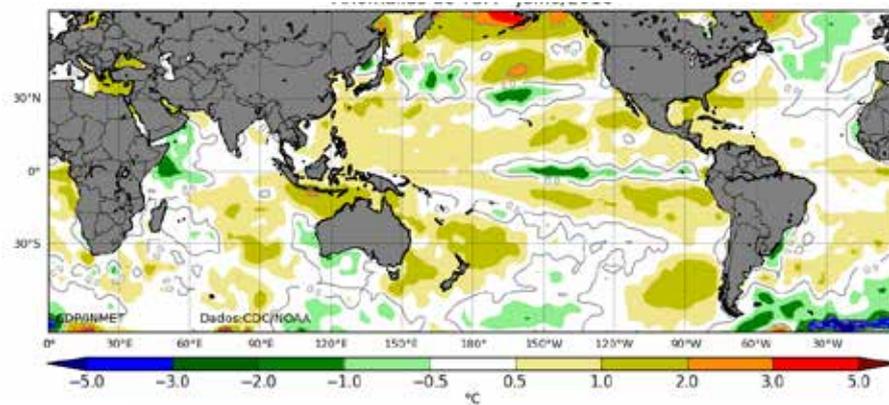
menores que as probabilidades apresentadas no mês anterior. Em uma análise superficial, isso pode ser visto como um indício de que as previsões dos modelos agora apontam para um fenômeno na categoria de fraco ou moderado.

De maneira geral, a ocorrência do fenômeno La Niña é favorável às chuvas na Região Nordeste e desfavorável no Sul nos meses de verão e outono. Porém, outros fatores, tais como: a temperatura na superfície do Oceano Atlântico Tropical e na área oceânica próxima à costa do Uruguai e da Região Sul, poderão influenciar – dependendo das suas características durante essas estações – o regime de chuvas, intensificando ou atenuando os efeitos do La Niña.

3 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília.

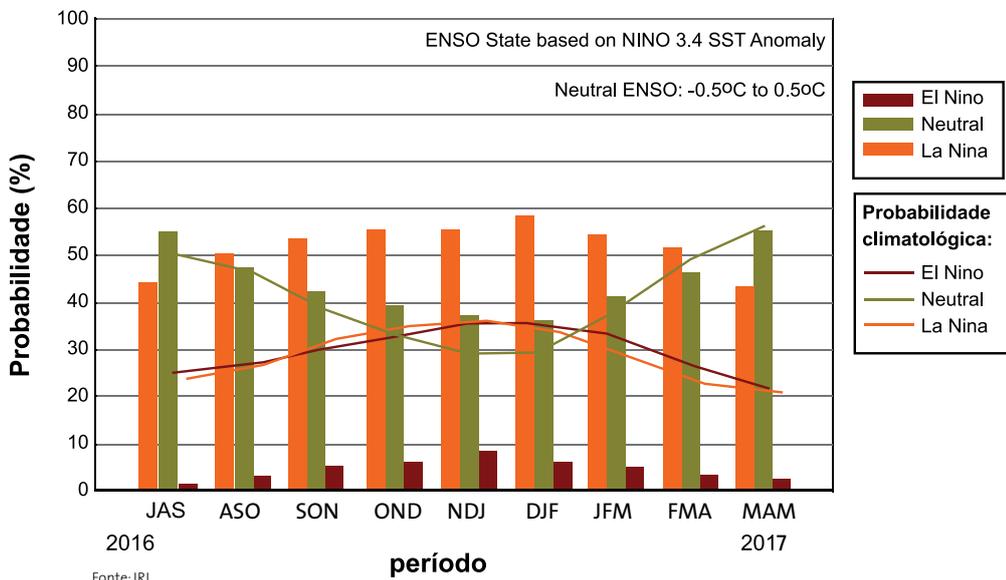


Figura 3 - Anomalias de TSM em julho de 2016



Fonte: CDP/Inmet.

Gráfico 52 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño e/ou La Niña



Fonte: IRI.

7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O TRIMESTRE AGOSTO-SETEMBRO-OUTUBRO DE 2016⁴

Em relação às chuvas, a maioria dos modelos de previsão climática indica que na Região Sul o volume total poderá ficar na faixa normal ou acima no trimestre (Figura 4), porém, a persistência no processo de resfriamento no Oceano Pacífico Tropical concomitantemente à permanência de anomalias negativas próximas ao litoral do Uruguai e Sul do Brasil, podem influenciar a precipitação da região, diminuindo a probabilidade de chuvas acima da média, podendo ocorrer, inclusive, áreas com desvios negativos de chuva no início do trimestre.

As temperaturas na Região Sul devem ficar predomi-

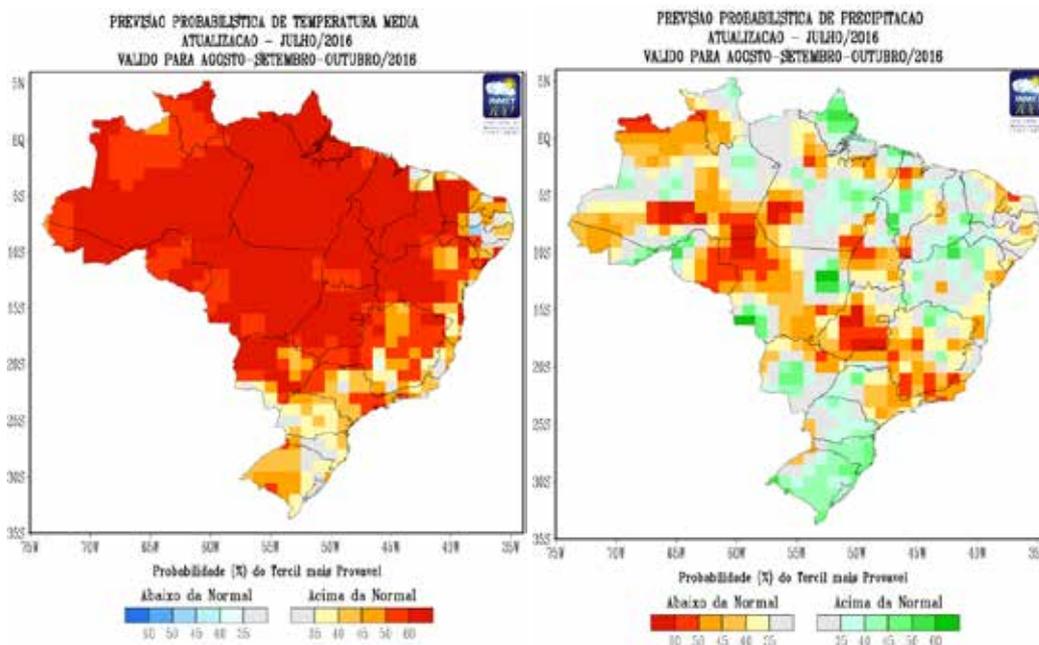
nantemente na faixa normal, com possibilidade de alguns eventos com queda na temperatura em decorrência da chegada de massas de ar frio, podendo causar geadas.

Nos estados de Sergipe e Alagoas e no nordeste da Bahia, predominam áreas com maior probabilidade de chuvas abaixo da média no trimestre (Figura 4), contudo, os modelos também indicam que o desvio negativo em relação à média histórica não deve ser muito acentuado, podendo ocorrer volumes dentro da faixa normal do trimestre em algumas localidades.

4 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília



Figura 4 - Previsões probabilísticas de temperatura média e de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre agosto-setembro-outubro/2016



Fonte: Inmet.

7.4. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi julho de 2016.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura e a classificação é feita da seguinte forma:

- Baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;

- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas: as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

Na Região Centro-Oeste e Sudeste do país, precipitações ausentes ou reduzidas (Figuras 1 e 5) favoreceram a colheita da segunda safra. Os maiores volumes de chuvas foram registrados no segundo decêndio ao sul de São Paulo e de Mato Grosso do Sul (Figura 5).

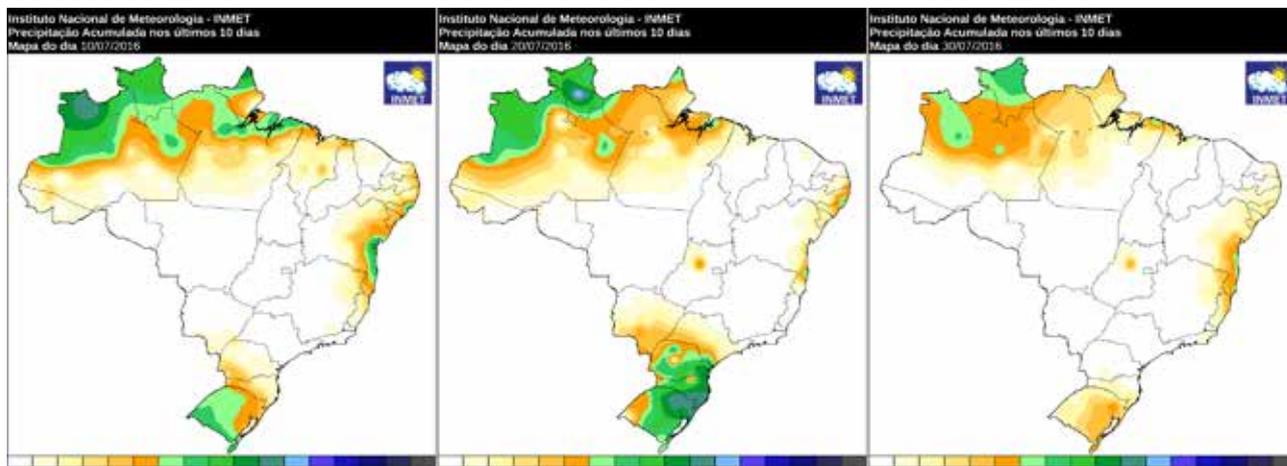
Na Região Sul, as chuvas reduzidas, principalmente, no primeiro e terceiro decêndio (Figura 5) beneficiaram o avanço da colheita da segunda safra no Paraná. Em relação às culturas de inverno, o armazenamento hídrico do solo (Figura 7) foi suficiente às lavouras, predominantemente, em desenvolvimento vegetativo e floração. Além disso, as baixas precipitações (Figuras 1 e 5) implicam menor pressão de doenças.



Em relação à produção do milho e feijão do nordeste da Bahia, Sergipe e Alagoas, o baixo volume de chuvas (Figura 5), principalmente, a partir do segundo decêndio resultou em restrições às lavouras em floração e frutificação. Verificou-se uma redução progressiva do

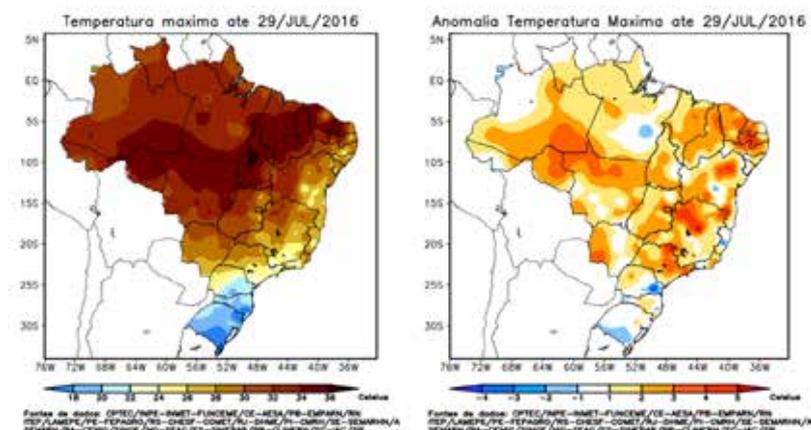
armazenamento hídrico nos dias 1º, 15 e 30 de julho (Figura 7). Apesar disso, a predominância de temperaturas máximas dentro ou próximo à normal (Figura 6) podem amenizar o impacto.

Figura 5 – Chuva acumulada de 1º a 10 de julho (esquerda); de 11 a 20 de julho (meio) e de 21 a 30 de julho de 2016 (direita)



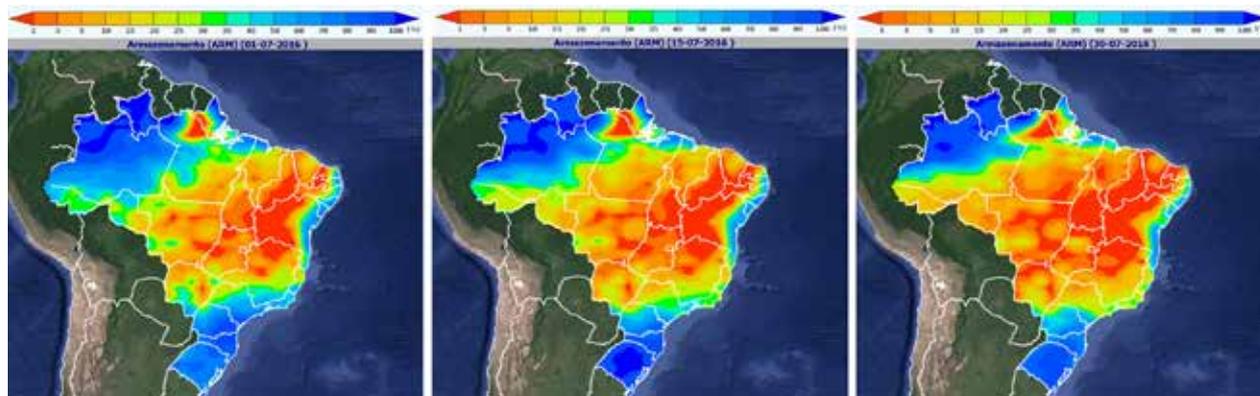
Fonte: Inmet.

Figura 6 – Temperatura máxima e anomalia da temperatura máxima em julho/2016



Fonte: CPTEC.

Figura 7 – Armazenamento hídrico diário dos dias 1º, 15 e 30 de julho/16



Fonte: SISDAGRO/Inmet.



7.5. MONITORAMENTO ESPECTRAL

O propósito do monitoramento espectral é avaliar o estado atual das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de outros eventuais fatores que influenciam o desenvolvimento dos cultivos, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento, o foco principal são os cultivos de segunda safra e de inverno.

O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite do período de 11 a 26 de julho dos respectivos anos safra nos estados do Paraná e Rio Grande do Sul. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à safra do ano passado; b) gráficos da quantificação de unida-

des de área de plantio pelo valor do IV, que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média dos seis últimos anos nas faixas de baixos, médios e altos valores do índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, e a comparação entre diferentes anos-safra.

No monitoramento, estão sendo analisadas mesorregiões dos estados mencionados que cobrem juntas mais de 29% do milho segunda safra e do trigo (Tabela 18). Os resultados cobrindo uma maior extensão do ambiente agrícola, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis nos Boletins de Monitoramento Agrícola, divulgados mensalmente no site da Conab.

Tabela 18 – Estados produtores de milho 2ª safra, trigo e mesorregiões monitoradas

Mesorregião		Área em hectares		Total (a+b)	
		Milho 2ª (a)	Trigo (b)	(ha)	(%)
1	Oeste Paranaense - PR	746.194	132.480	878.674	7,1
2	Norte Central Paranaense - PR	539.059	193.679	732.738	5,9
3	Noroeste Rio-Grandense – RS		700.571	700.571	5,6
4	Centro Ocidental Paranaense - PR	320.780	109.078	429.857	3,5
5	Norte Pioneiro Paranaense - PR	244.656	155.055	399.712	3,2
6	Sudoeste Paranaense - PR	34.719	148.622	183.341	1,5
7	Centro Oriental Paranaense - PR	11.335	136.405	147.740	1,2
8	Centro-Sul Paranaense - PR	4.675	97.684	102.359	0,8
9	Centro Ocidental Rio-Grandense – RS		73.065	73.065	0,6
10	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	332.389	371		
11	Leste Goiano – GO	185.349	4.448		
12	Sul Maranhense - MA	187.266			
13	Total 9 mesorregiões	1.901.418	1.746.638	3.648.056	29,3
Total Brasil		10.314.400	2.143.000	12.457.400	100,0

Fonte: IBGE/Conab (jul 2016)

A partir da próxima página segue a análise das condi-

ções agrícolas das mesorregiões monitoradas.

7.5.1. PARANÁ

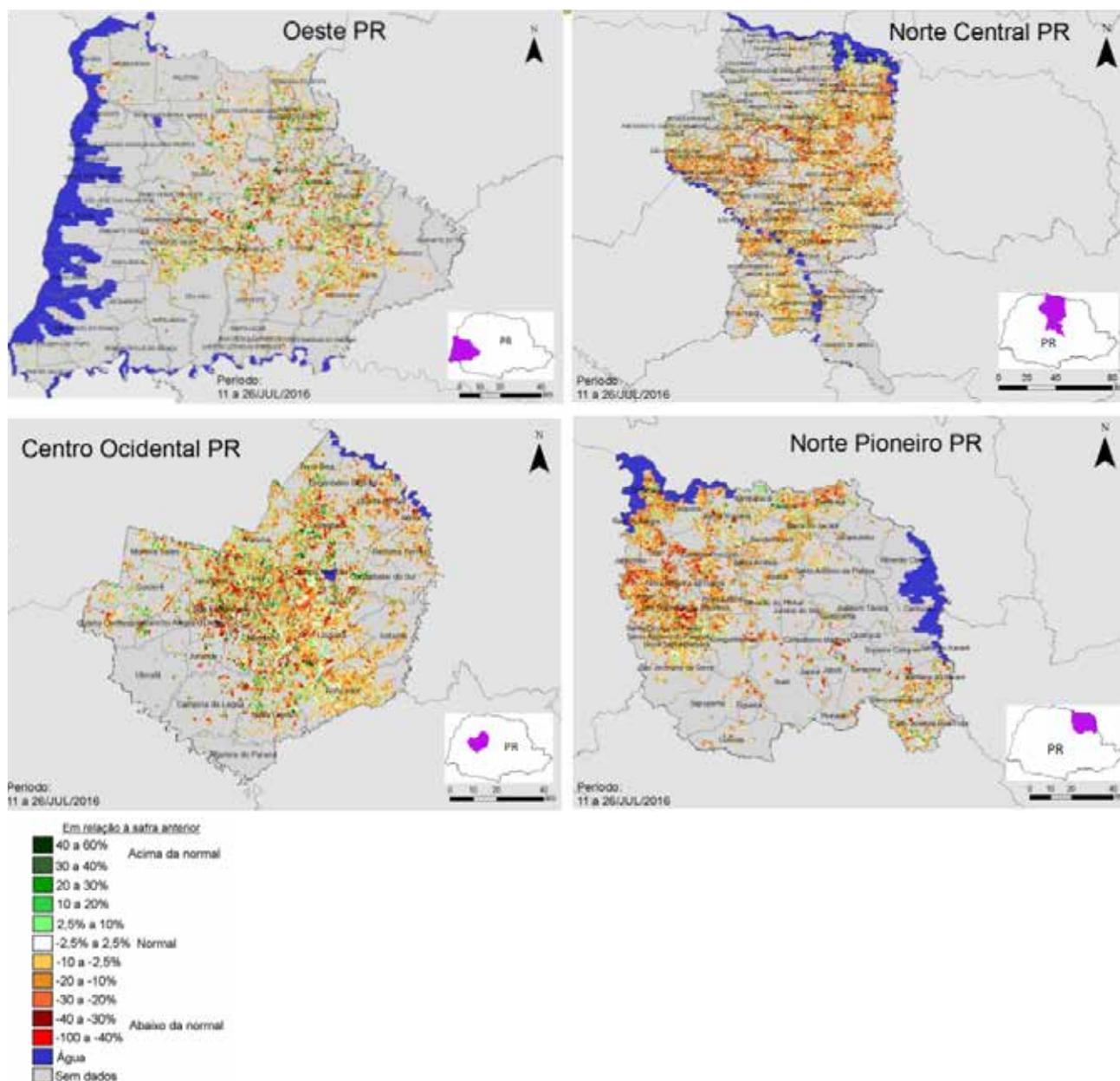
No estado, as mesorregiões Oeste, Norte Central, Centro Ocidental e Norte Pioneiro plantam mais milho de segunda safra do que cultivos de inverno. Por outro lado, as mesorregiões Centro Oriental, Centro-Sul e

Sudoeste plantam mais trigo do que milho de segunda safra. Assim, os mapas, os histogramas e os gráficos foram organizados convenientemente em dois grupos.



7.5.1.1. ANOMALIA DO IV DAS LAVOURAS DE GRÃOS EM RELAÇÃO À SAFRA PASSADA - REGIÕES MAIS EXPRESSIVAS EM MILHO SEGUNDA SAFRA

Figura 8 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Glam/Inmet.

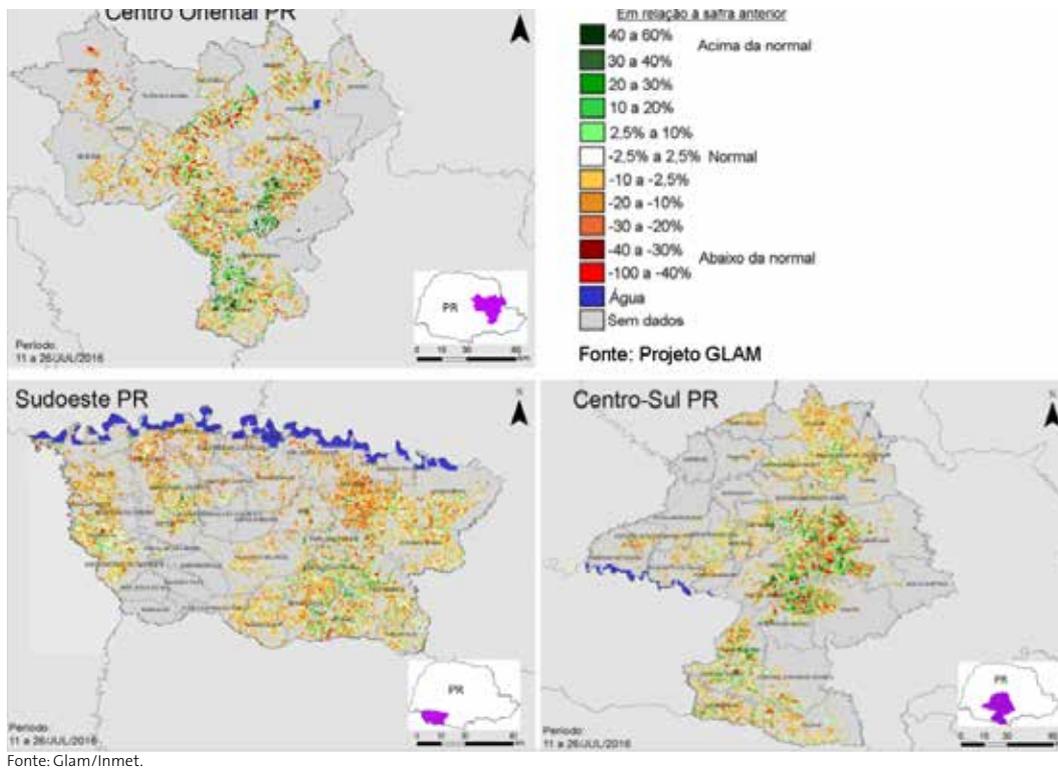
As áreas com anomalia negativa da atual safra em relação à anterior, em maior quantidade, mostradas em cores amarelo, marrom e vermelho nos mapas acima são em decorrência de: substituição de culturas com o aumento da área do milho segunda safra e redução da área dos cultivos de inverno; de diferenças entre os

calendários agrícolas; do déficit hídrico ocorrido em fases reprodutivas das lavouras, principalmente milho, em abril e início de maio; e de geadas em meados de junho. As áreas em verde indicam onde as lavouras atuais apresentam IV superior ao do ano passado, boa parte destas áreas são de cultivos de inverno.



7.5.1.2. ANOMALIA DO IV DAS LAVOURAS DE GRÃOS EM RELAÇÃO À SAFRA PASSADA - REGIÕES MAIS EXPRESSIVAS EM TRIGO.

Figura 9 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada

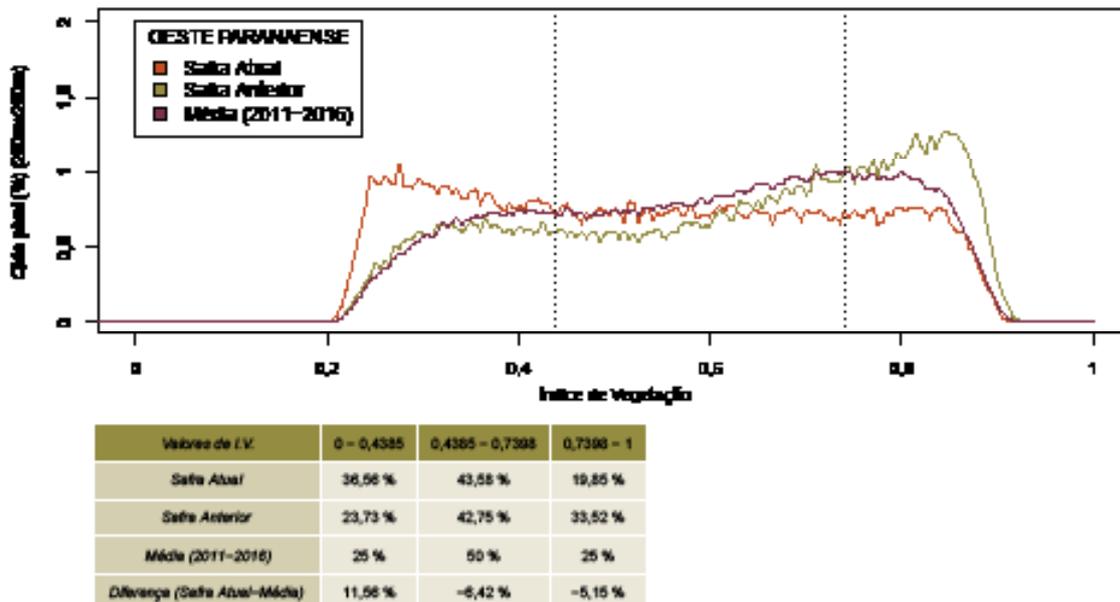


Essas regiões estão localizadas ao sul e leste do estado e possuem plantio relativamente expressivo de trigo que, apesar de ter sido reduzido este ano, cobrem uma área bem maior do que a de milho segunda safra. Desta forma, as áreas com anomalia negativa, em maior quantidade, mostradas em cores amarelo, marrom e vermelho nos mapas acima são em decorrência do aumento da área do milho, que foi penalizado por estiagem nesta safra, e da redução da área do trigo. Essa anomalia decorre também das diferenças

entre os calendários agrícolas, do escalonamento e dos atrasos na implantação dos cultivos de inverno, e, principalmente, do impacto das geadas na vegetação de cobertura em meados de junho. As áreas em verde indicam onde os cultivos de inverno apresentam atividade fotossintética superior à do ano passado. Uma outra razão para essa anomalia positiva é o aumento de área de aveia preta que, no momento, está em fase mais adiantada que o cultivo que existia nestas áreas no ano passado e, por isso, com atividade fotossintética mais intensa.

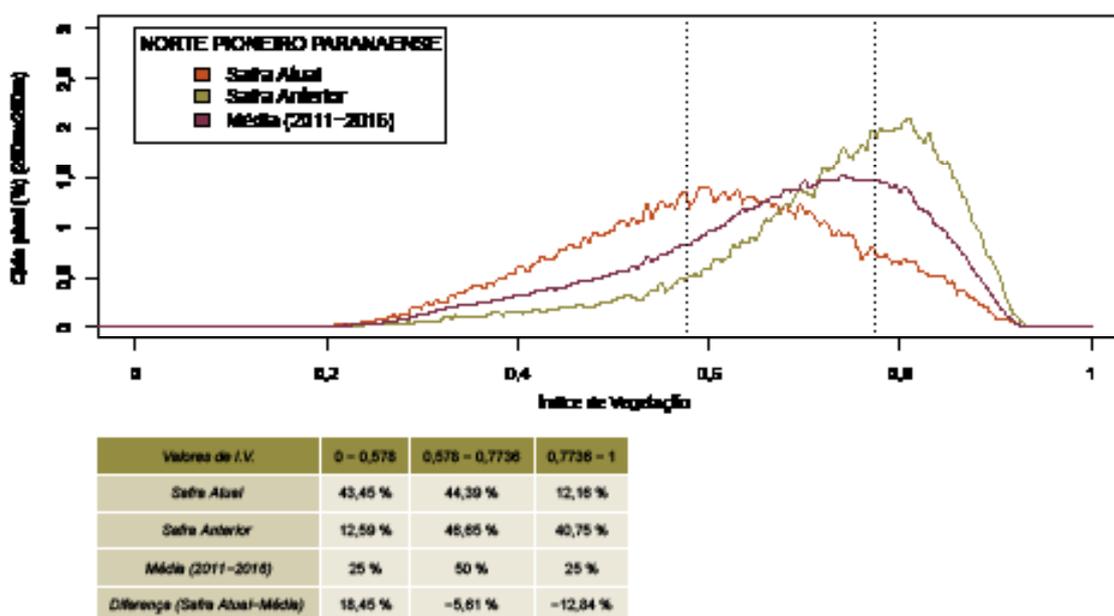
7.5.1.3. QUANTIFICAÇÃO DE ÁREAS (PERÍODO 11/JULHO A 26/JULHO) - REGIÕES MAIS EXPRESSIVAS EM MILHO SEGUNDA SAFRA.

Gráfico 53 - Quantificação de áreas - Oeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

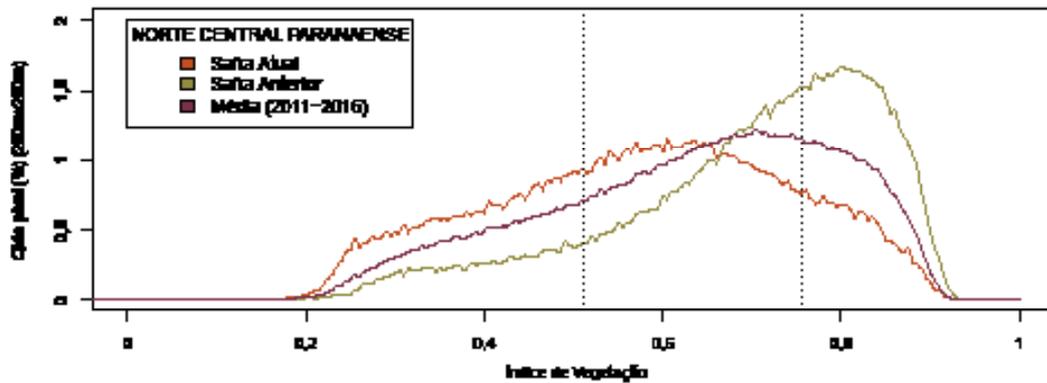
Gráfico 54 - Quantificação de áreas - Norte Pioneiro/PR



Fonte: Projeto Glam.



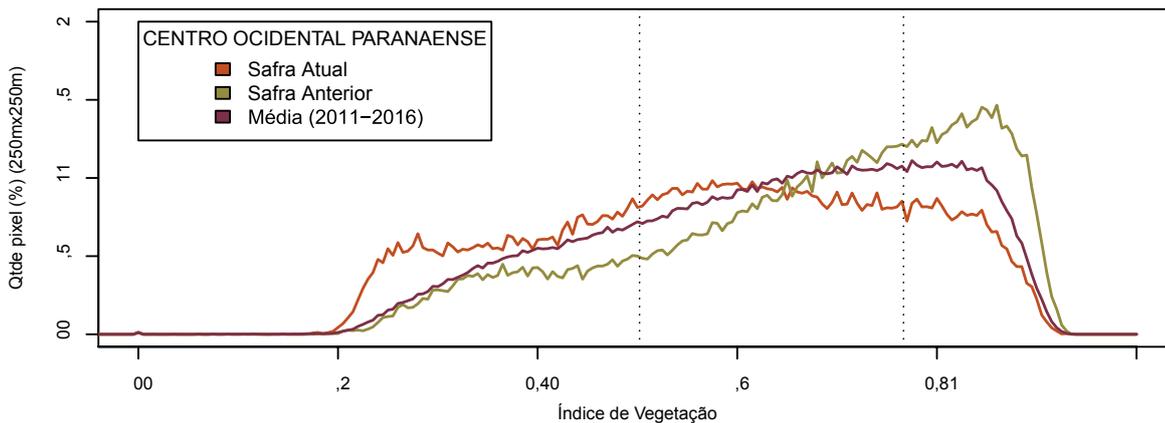
Gráfico 55 - Quantificação de áreas - Norte Central Paranaense



Valores de I.V.	0 - 0,5123	0,5123 - 0,7554	0,7554 - 1
Safra Atual	35,78 %	46,98 %	15,24 %
Safra Anterior	13,76 %	45,13 %	41,12 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	10,78 %	-1,02 %	-9,78 %

Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 56 - Quantificação de áreas - Centro Ocidental Paranaense



Valores de I.V.	0 - 0,5021	0,5021 - 0,7665	0,7665 - 1
Safra Atual	34,73 %	47,22 %	18,04 %
Safra Anterior	18,76 %	45,88 %	35,36 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	9,73 %	-2,78 %	-6,96 %

Fonte: Projeto Glam.

As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que os percentuais de lavouras com médias e altas respostas de IV são os seguintes: a) Oeste: 53% na atual safra contra 76% na safra passada; b) Norte Central: 64% neste ano contra 86% no ano passado; c) Centro Ocidental: 65% em 2016 contra 81% em 2015 e; d) Norte Pioneiro: 56% na atual safra contra 87% na safra anterior. Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas com seus respectivos valores de IV indicam:

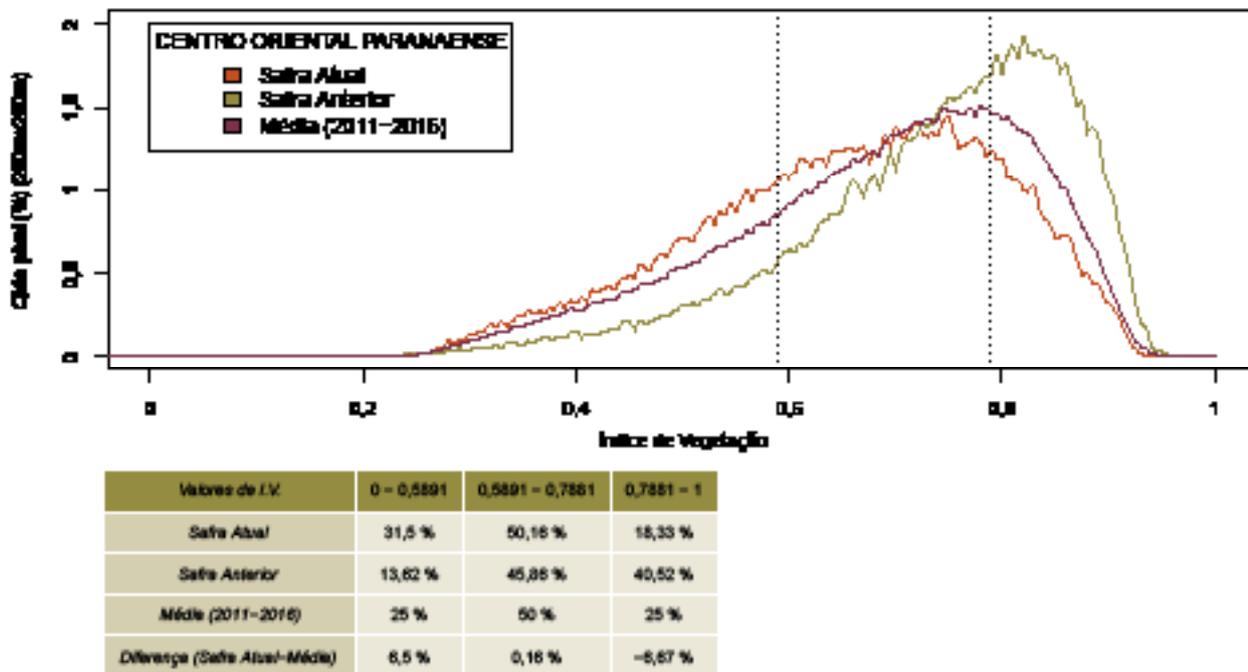
- Oeste: 9% abaixo da média dos 6 últimos anos e 12% abaixo da safra anterior;
- Norte Central: 9% abaixo da média dos 6 últimos anos e 17% abaixo da safra anterior;
- Centro Ocidental: 8% abaixo da média dos 6 últimos anos e 14% abaixo da safra anterior;
- Norte Pioneiro: 10% abaixo da média dos 6 últimos anos e 17% abaixo da safra anterior.



As penalizações por estiagens e geadas sobre o milho segunda safra, bem como, a maturação e a colheita dessa cultura, que teve a área aumentada em detri-

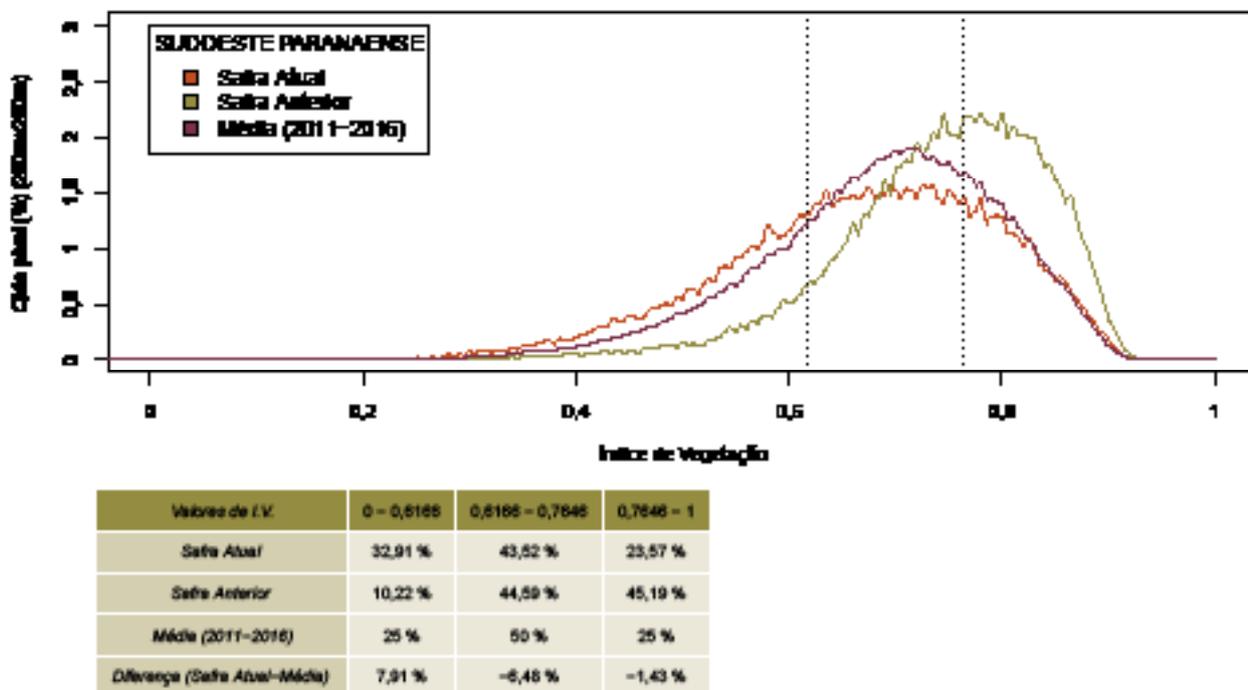
mento da área de trigo nesta safra, foram os fatores que mais pesaram nas ponderações que, como sempre, integram as respostas de todas áreas agrícolas.

Gráfico 57 - Quantificação de áreas - Centro Oriental/PR



Fonte: Projeto Glam.

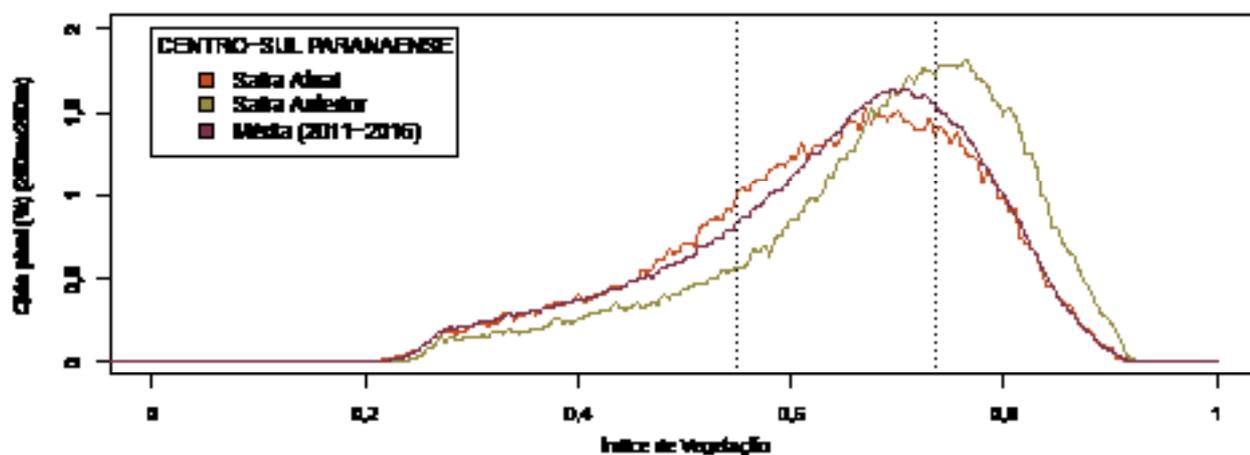
Gráfico 58 - Quantificação de áreas - Sudoeste/PR



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 59 - Quantificação de áreas - Centro Sul/PR



Valores de I.V.	0 - 0,5468	0,5468 - 0,7362	0,7362 - 1
Safra Atual	26,57 %	49,42 %	24,01 %
Safra Anterior	17,12 %	44,53 %	38,34 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	1,57 %	-0,58 %	-0,99 %

Fonte: Projeto Snam.

As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que os percentuais de lavouras com médias e altas respostas de IV são os seguintes: a) Centro Oriental: 68% neste ano contra 86% no ano anterior; b) Centro Sul: 73% em 2016 contra 83% em 2015; c) Sudoeste: 67% na safra atual contra 90% na safra passada.

Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas com seus respectivos valores de IV indicam:

- Centro Oriental: 4% abaixo da média dos 6 últimos anos e 11% abaixo da safra anterior.

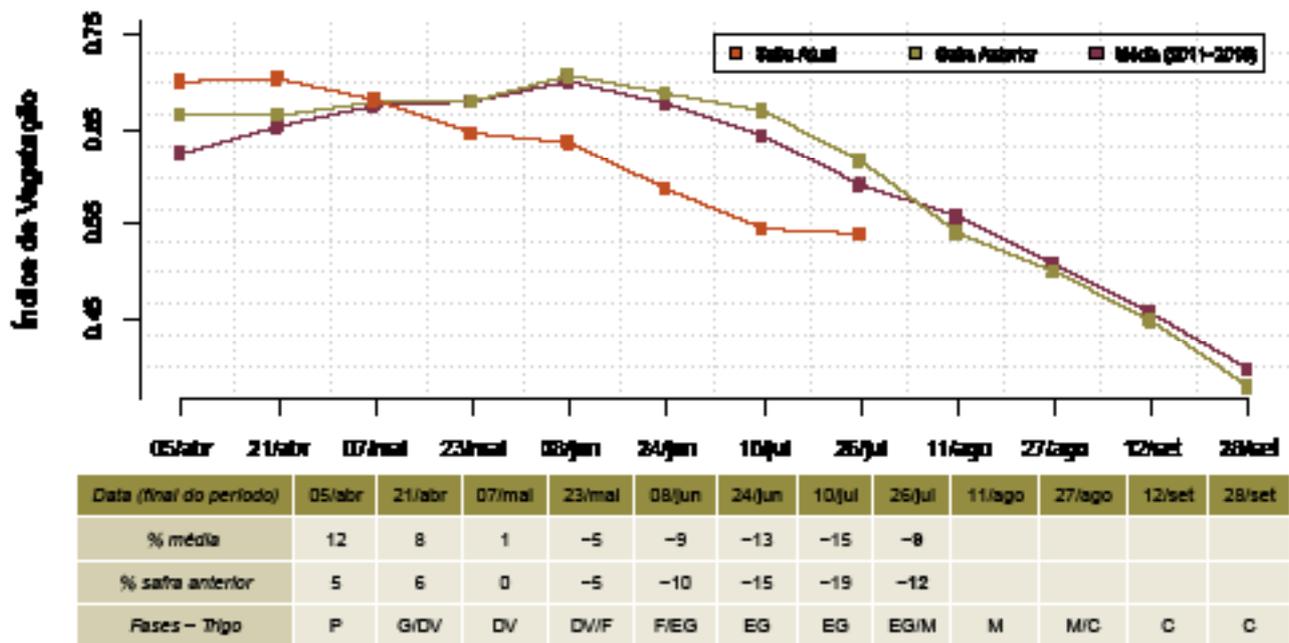
- Centro Sul: 1% abaixo da média dos 6 últimos anos e 7% abaixo da safra anterior.
- Sudoeste: 3% abaixo da média dos 6 últimos anos e 10% abaixo da safra anterior.

As penalizações por estiagens e geadas no milho segunda safra e nas vegetações de cobertura; bem como, a maturação e a colheita do milho, que teve a área aumentada em detrimento da área de trigo nesta safra; e escalonamento no plantio resultando em atrasos na implantação das culturas de inverno foram os fatores que mais pesaram nas ponderações que, como sempre, integram as respostas de todas áreas agrícolas.



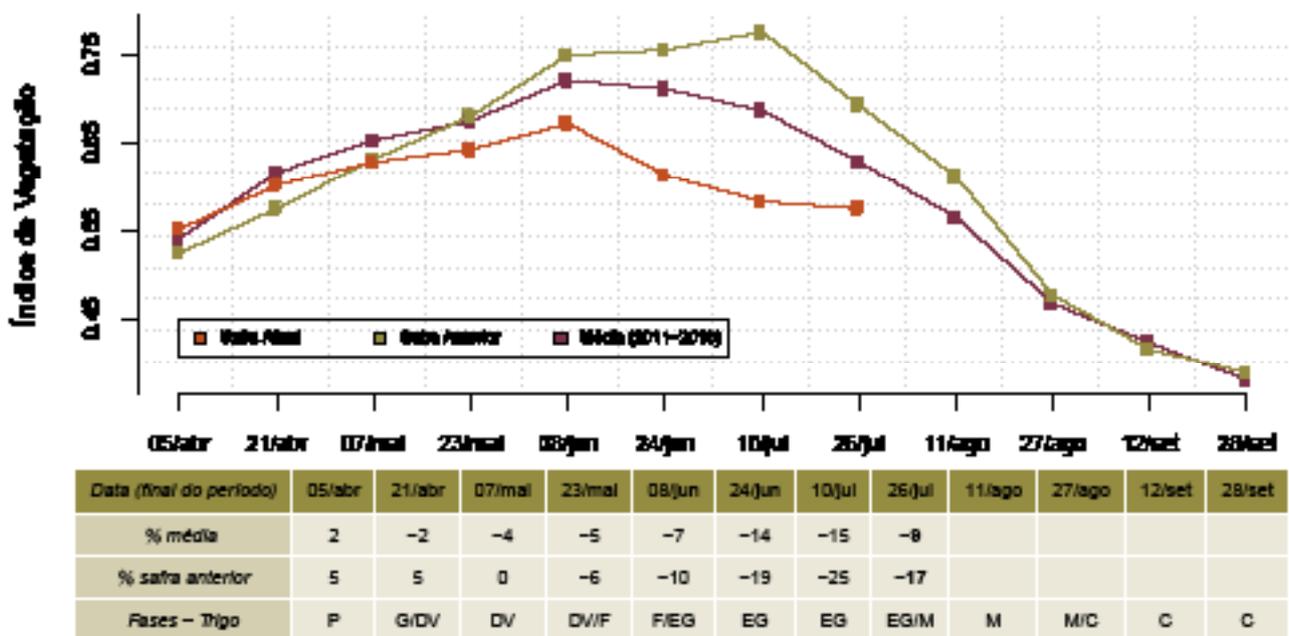
7.5.1.5. EVOLUÇÃO TEMPORAL - REGIÕES MAIS EXPRESSIVAS EM MILHO SEGUNDA SAFRA.

Gráfico 60 - Evolução temporal - Oeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

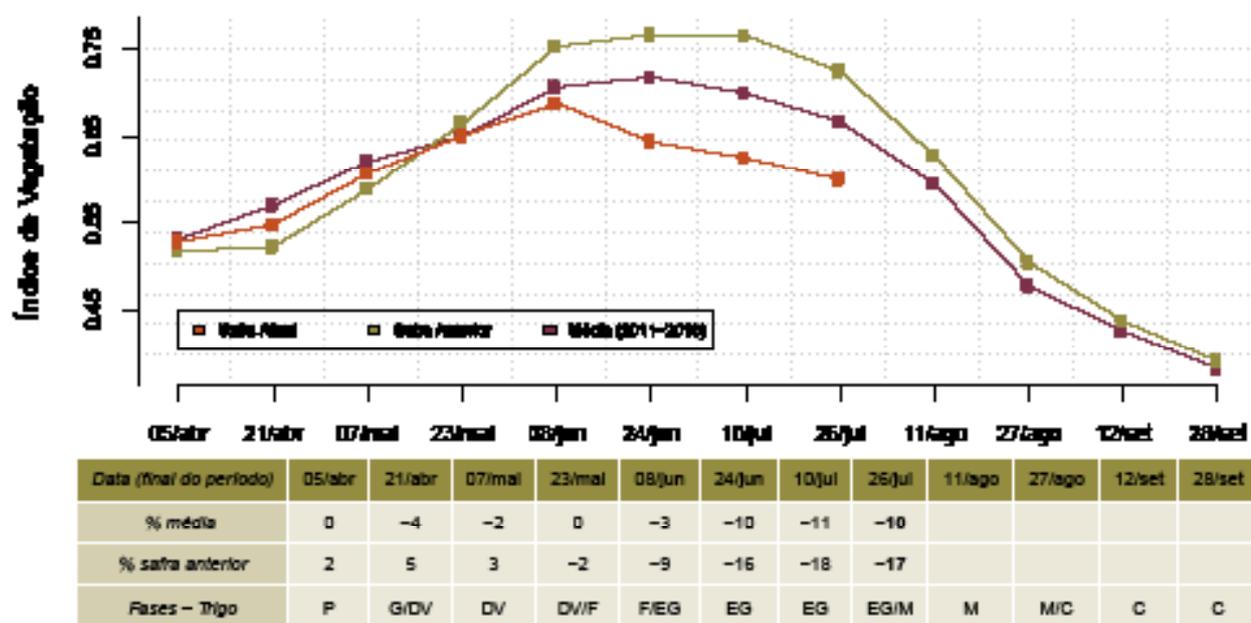
Gráfico 61 - Evolução temporal - Norte Central Paranaense



Fonte: Projeto Glam..

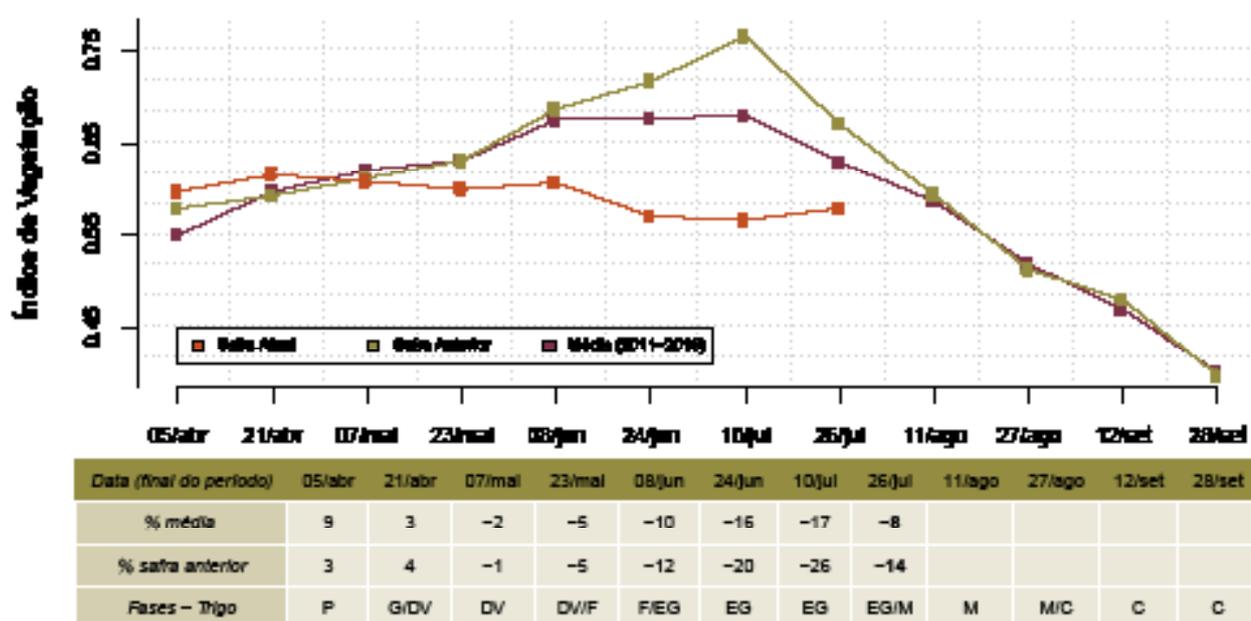


Gráfico 62 - Evolução temporal - Norte-Pioneiro Paranaense



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 63 - Evolução temporal - Centro Ocidental Paranaense



Fonte: Projeto Glam

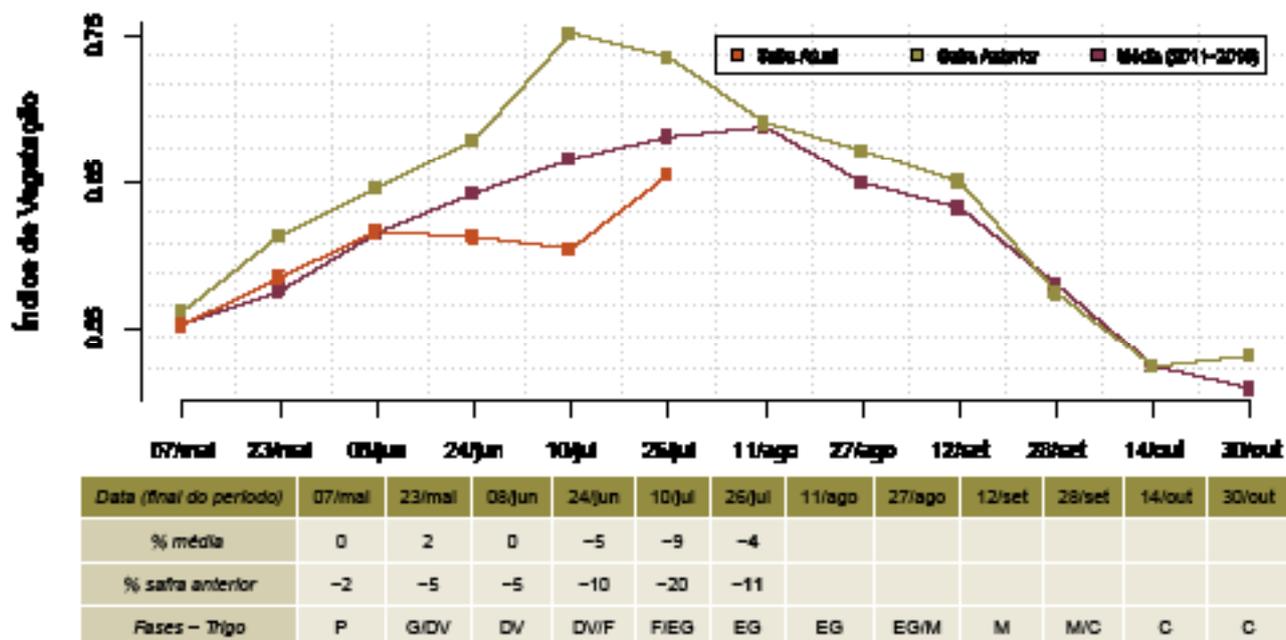
Todos os gráficos mostram a linha vermelha em queda a partir de junho. Em todos eles a linha da safra atual segue abaixo dos anos safra anteriores mostrando que a anomalia negativa persiste há algum tempo. E, conforme mencionado no mapa, as principais causas são: substituição de culturas com o aumento da área do milho segunda safra e redução da área dos cultivos

de inverno; de diferenças entre os calendários agrícolas; do déficit hídrico ocorrido em fases reprodutivas das lavouras, principalmente do milho, em abril e início de maio; e de geadas em meados de junho. Caso não tivessem suas áreas reduzidas, os cultivos de inverno poderiam ter mudado o traçado recente da linha vermelha para uma ascensão maior.



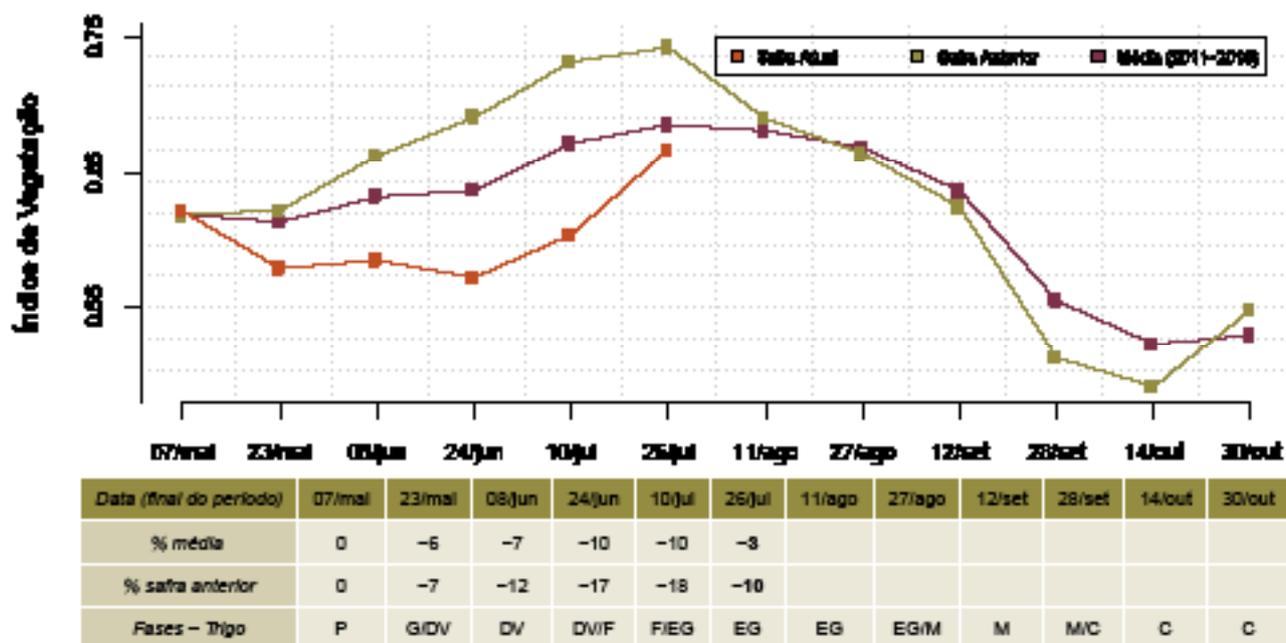
7.5.1.6. EVOLUÇÃO TEMPORAL - REGIÕES MAIS EXPRESSIVAS EM TRIGO.

Gráfico 64 - Evolução temporal - Quantificação de áreas - Regiões mais expressivas em trigo - Centro Oriental/PR



Fonte: Projeto Glam.

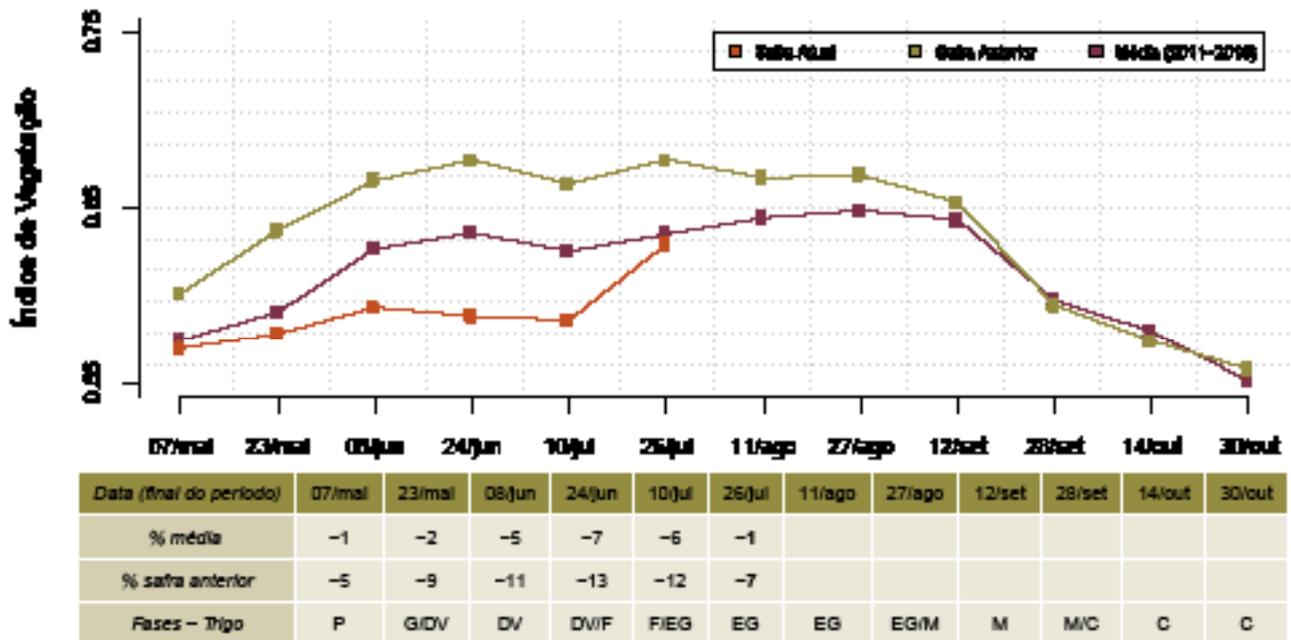
Gráfico 65 - Evolução temporal - Quantificação de áreas - Regiões mais expressivas em trigo - Sudo-



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 66 - Evolução temporal - Quantificação de áreas - Regiões mais expressivas em trigo - Centro C.O./DD



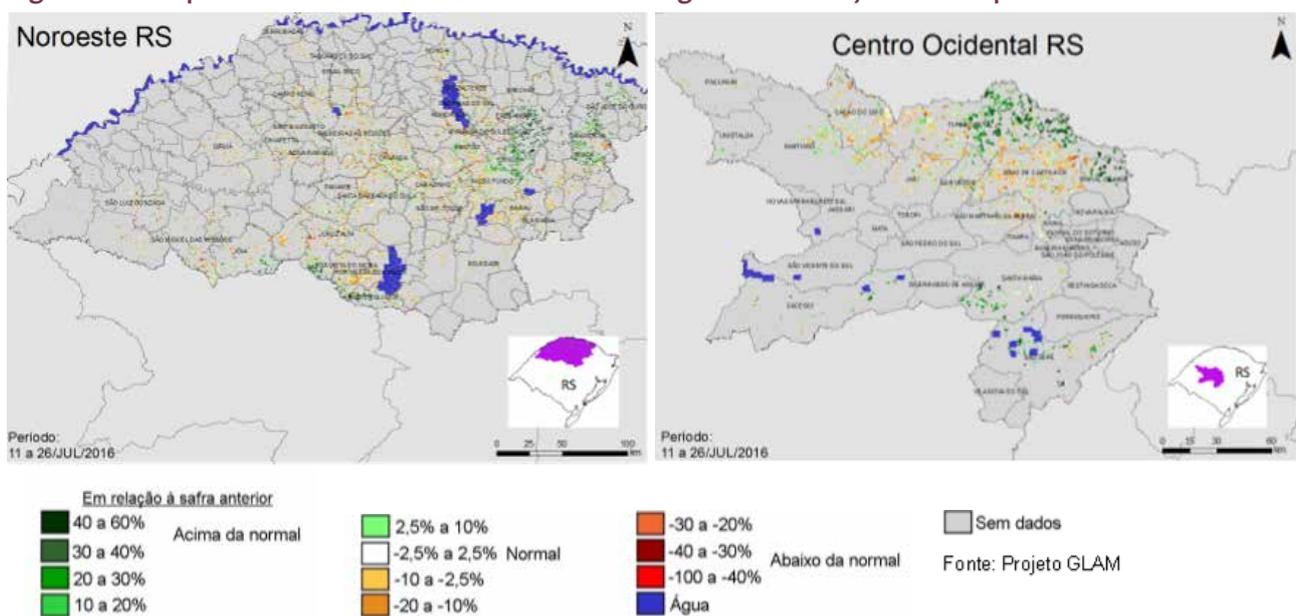
Fonte: Projeto Glam.

Todos os gráficos mostram que a linha vermelha, correspondente à atual safra, seguiu sempre abaixo da safra passada indicando que a anomalia negativa persiste há algum tempo. E, conforme mencionado no mapa, as principais causas são: aumento da área de milho segunda safra, penalizado por estiagem este ano, em substituição a cultivos de inverno; diferenças entre os calendários agrícolas; escalonamentos e

possíveis atrasos no plantio dos cultivos de inverno; e, principalmente, impactos de geadas em vegetações de cobertura em meados de junho. A ascensão do último trecho da linha vermelha no Centro Oriental e no Centro-Sul e nos dois últimos trechos no Sudoeste caracterizam as respostas positivas dos atuais cultivos de inverno, principalmente do trigo.

7.5.2. RIO GRANDE DO SUL

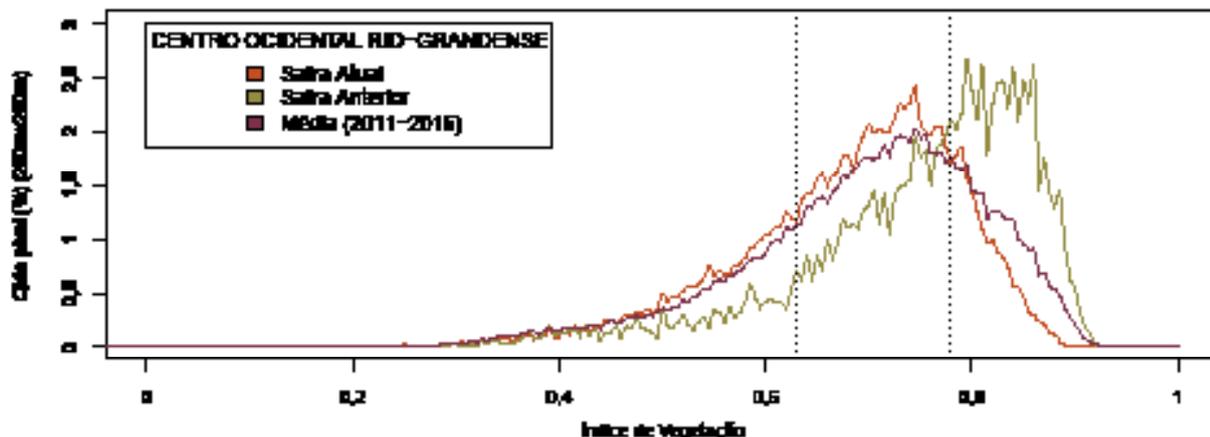
Figura 10 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Há pequeno predomínio de anomalias negativas das áreas agrícolas no Rio Grande do Sul, mostradas nos mapas acima em cores amarelo, laranja e marrom. A falta de chuvas em junho, época de intensificação do plantio, é a causa principal, pois, além de afetar o desenvolvimento dos cultivos de inverno, atrasou a con-

clusão dos plantios. No entanto, observa-se uma boa quantidade de áreas em cores verde, indicando onde os atuais cultivos de inverno apresentam resposta de IV superior ao ano passado, em função das condições favoráveis no momento e de possíveis diferenças no calendário de plantio.

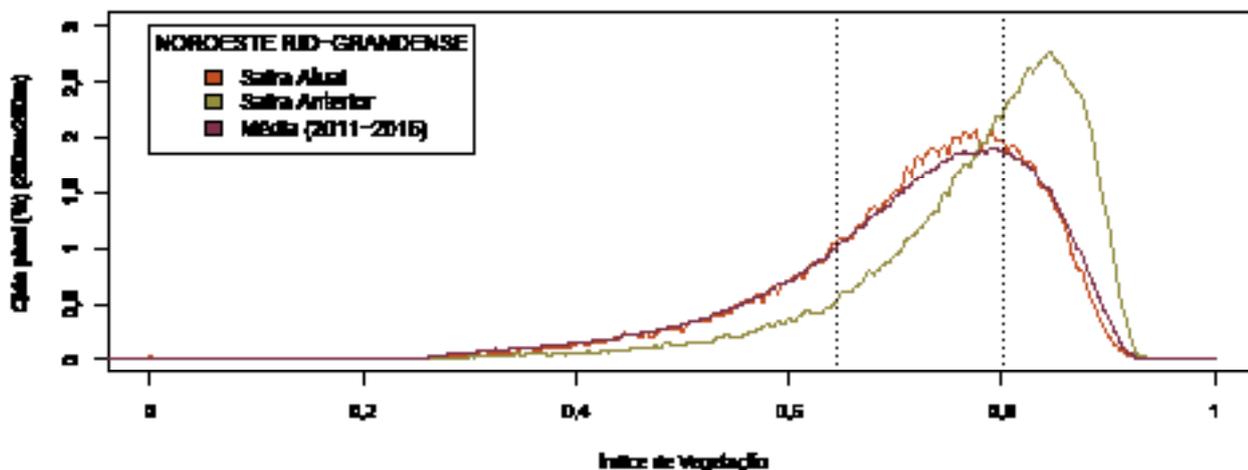
Gráfico 67 - Quantificação de área - Centro Ocidental/RS



Valores de I.V.	0 - 0,6294	0,6294 - 0,7782	0,7782 - 1
Safra Atual	27,37 %	55,62 %	17,01 %
Safra Anterior	13,28 %	38,64 %	48,08 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	2,37 %	5,62 %	-7,99 %

Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 68 - Quantificação de área - Noroeste/RS



Valores de I.V.	0 - 0,6448	0,6448 - 0,8024	0,8024 - 1
Safra Atual	23,76 %	52,83 %	23,42 %
Safra Anterior	11,51 %	40,69 %	47,8 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-1,25 %	2,83 %	-1,58 %

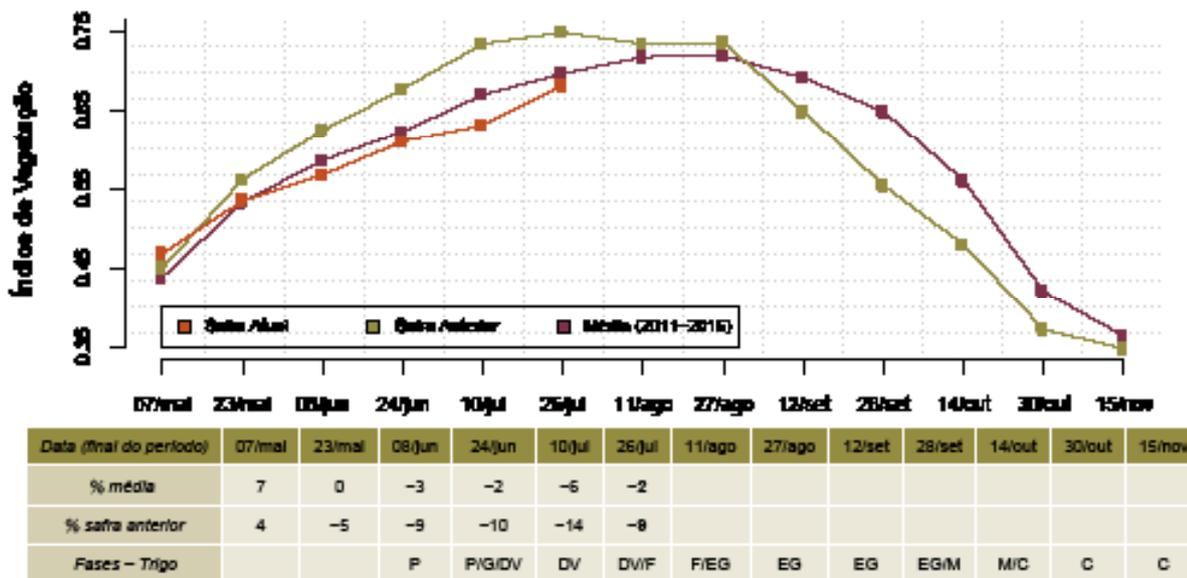
Fonte: Projeto Glam.



A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que: no Noroeste a atual safra tem 76% de suas lavouras com médios e altos valores de IV contra 88% do ano passado; no Centro Ocidental os percentuais são: 73% da safra atual contra 87% do ano passado. Em síntese, os cálculos ponderados, integrando todas as

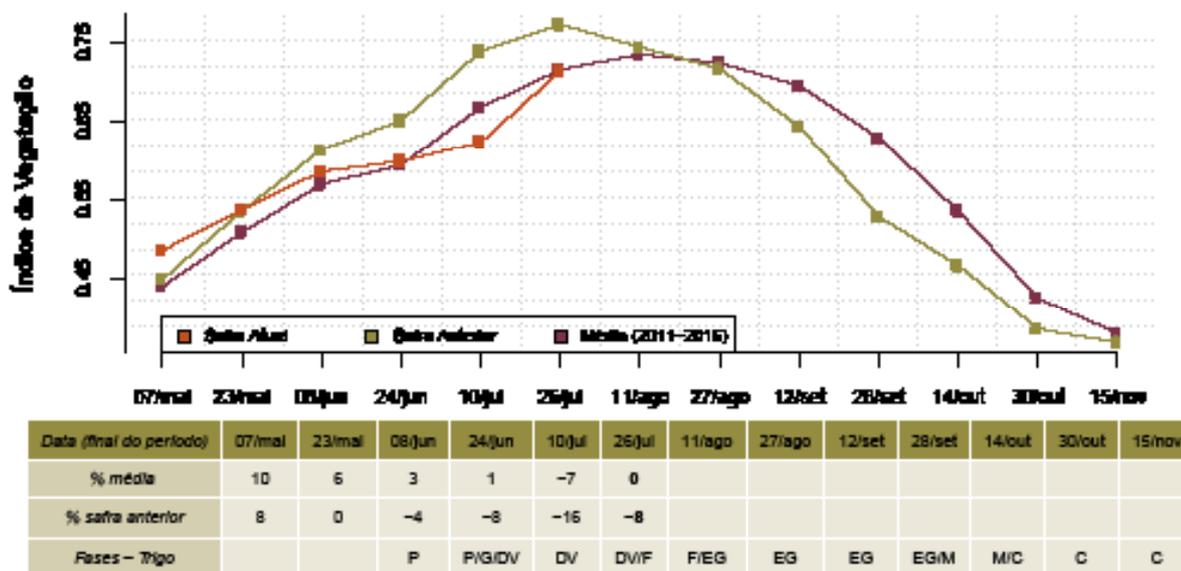
faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam: no Noroeste a situação é semelhante à da média dos 6 últimos anos e 8% abaixo da safra passada; no Centro Ocidental são 2% abaixo da média dos 6 últimos anos e 9% abaixo da safra passada.

Gráfico 6a - Evolução temporal - Centro Ocidental/RS



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 70 - Evolução temporal - Noroeste/RS



Fonte: Projeto Glam.

Nos gráficos acima, a linha vermelha abaixo da linha bege desde maio mostra que os cultivos de inverno tiveram padrão inferior ao ano passado e indica também retardo da conclusão de plantio da atual safra,

em decorrência da falta de chuvas em junho. O último trecho da linha, em ascensão, mostra melhora no padrão de desenvolvimento das lavouras atuais em resposta ao clima relativamente favorável no momento.





8. ANÁLISE DAS CULTURAS

8.1 CULTURAS DE VERÃO

8.1.1. ALGODÃO

O décimo primeiro levantamento apresenta redução na área plantada de 2%, na temporada 2015/16, atingindo 956,2 mil hectares, comparada com 976,2 mil hectares do exercício anterior. Com a produtividade de 3.529 kg/ha, a produção nacional de algodão em caroço deverá atingir 3.374,2 mil toneladas, representando um decréscimo de 13,7% em relação à safra anterior.

Em Mato Grosso a colheita avança e já atinge aproximadamente 25% da área plantada no estado. A tendência é que nessa safra a colheita seja mais rápida em comparação com os últimos anos, devido à aquisição de máquinas mais modernas e uma parcela significativa de algodão com potencial produtivo afetado devido à falta de chuva, o que propiciou maior agilidade na hora da colheita. A estimativa média de produtividade do estado é de 3.781 kg/ha, queda de 7,7% em relação à safra 2014/15, devido ao estresse hídrico enfrentado durante a safra. Apesar da queda de rendimento, a qualidade da fibra é avaliada como boa. A destruição de soqueira está acompanhando o ritmo da colheita. O manejo está por conta das aplicações de maturadores e inseticidas para controle de sugadores como mosca-branca e pulgão, e também do bicudo, praga que também contribuiu para a queda da produtividade.

A redução no rendimento foi compensada pelo in-

cremento de 6,8% na área, equivalente ao plantio de 600,8 mil hectares, fato que resultará em uma produção de 2.271,6 milhões de toneladas de algodão em caroço, volume 1,4% inferior ao registrado na safra 2014/15. O preço da pluma de algodão em Mato Grosso perdeu um pouco o fôlego com a entrada do produto da nova safra no mercado, mas continua em um patamar elevado, com a cotação máxima de R\$80,00/15 kg nas principais praças de comercialização do estado.

Na Bahia para a atual safra, estima-se que seja produzido 697,3 mil toneladas de caroço de algodão em uma área de 237 mil hectares. No extremo oeste, a estimativa é que estejam sendo cultivados cerca de 226.440 hectares, com produção de 585.823 toneladas. Estima-se que 21.000 ha dessa área mencionada esteja sendo cultivados em sucessão a soja irrigada, sob o pivô central, com a estimativa de produtividade de 285 @/ha de caroço. A estiagem que vem ocorrendo desde fevereiro influenciou negativamente o crescimento vegetativo dos algodoeiros.

Os produtores baianos têm o prazo para concluir toda a colheita e destruir todas as soqueiras até 20 de setembro, quando começa o vazio sanitário para cultura do algodão. A colheita atingiu aproximadamente 62% da área e a destruição da soqueira já ocorreu em 12% da área cultivada. A soqueira pode ser destruída de forma mecânica ou química. Na região centro sul a produtividade do algodoeiro foi afetada negativamente pela estiagem iniciada em fevereiro. A falta de chuvas compromete ainda a qualidade da fibra além de elevar a participação relativa do custo de produção. Percebeu-se a redução de áreas de sequeiro e aumento de áreas irrigadas. A redução do sequeiro foi fomentada pelas adversidades climáticas enfrentadas nas últimas safras.

Foi constatada a pretensão, em algumas áreas de plantio sequeiro, da substituição de algumas áreas plantadas com algodão pela soja na próxima safra, haja vista a baixa rentabilidade observada nesta safra e a forte demanda por proteína vegetal no mercado interno e externo. Os produtores baianos destacam que além dos efeitos do câmbio na aquisição de fertilizantes, a elevação dos custos de produção nas lavouras de algodão, principalmente com energia elétrica, combustível e força de trabalho, tem aumentado substancialmente. Para aproveitar as melhores condições climáticas e menores tarifas com custo da energia elétrica, tem-se adotado a irrigação no período noturno. A maior parte do algodão que está no campo, prestes a colher, foi plantado diretamente em área que era de soja (safra de verão).

Em Mato Grosso do Sul houve redução da área plan-

tada com a cultura no estado em decorrência da substituição pela soja. De acordo com informações coletadas, esse evento ocorreu em decorrência dos bons preços praticados no mercado para o grão, além do elevado custo de produção do algodão (acima de R\$ 7,5 mil, considerando-se desde o plantio até o beneficiamento) em função da alta do dólar e das condições de comercialização desfavoráveis para o produto.

A região norte do estado, compreendida pelos municípios de Chapadão do Sul, Costa Rica e Alcinópolis, estava no período de vazio sanitário entre 15 de setembro e 30 de novembro, ou seja, mesmo que houvesse precipitação favorável e manejo do solo adequado, não seria possível o plantio em decorrência de questões legais. O plantio da cultura na referida região ocorreu em dezembro de 2015 e terminou no final de janeiro de 2016. Como no plantio do algodão se utiliza a mesma capacidade instalada da soja, houve um atraso decorrente para o plantio da fibra.

Em Sidrolândia a cultura está colhida e o excesso de chuva no final de 2015 e início de 2016 deverá reduzir a expectativa de produtividade. Em Aral Moreira a colheita foi toda realizada e a produtividade foi muito aquém do esperado, em decorrência do apodrecimento das maçãs. No norte do estado, onde há a maior área cultivada, a cultura está em processo de maturação com aproximadamente 230 dias de idade. Como o algodão é uma cultura que não se desenvolve bem em períodos de alta nebulosidade e chuvosos (o que ocorreu na região em janeiro), as plantas ficaram comprometidas, porém, como o ciclo da cultura é longo, havendo uma recuperação, comprometendo razoavelmente a produtividade. Para esta safra, a tendência é que o comércio esteja mais voltado para o mercado interno, pois houve redução da área plantada em todas as regiões produtoras do país, tais como o Mato Grosso e Bahia. Além disso, nestes dois estados, o déficit hídrico nas regiões produtoras reduzirá consideravelmente a produção de algodão do país.

Atualmente mais de 50% da cultura já foi colhida, visto que a qualidade da fibra está boa, pois o clima seco e a insolação têm favorecido as operações. Entretanto, a qualidade da fibra está inferior em comparação à do ano passado, quando o clima foi muito favorável para a cultura. Para esta safra a área está estimada em 29.500 hectares, redução de 5,1% em relação à área da safra anterior. Já a produtividade estimada é atualmente de 4.138 kg/ha, redução de aproximadamente 8% em relação à safra 2014/15.

Em Goiás muitas áreas encontram-se na fase final de ciclo para a colheita (ciclo da cultura pode variar de 160 a 180 dias) enquanto outras regiões ainda estão recebendo a aplicação de desfolhantes. O clima



foi desfavorável em quase todas as regiões em praticamente todas as fases da cultura. Os municípios menos prejudicados em termos de clima estão com razoáveis estimativas de colheita: Chapadão do Céu e Perolândia. Demais municípios como Cristalina, Luziânia, Paraúna, e Mineiros foram mais castigados. As plantas chegaram no final do ciclo com pequeno porte e com formação de poucos capulhos e maçãs. Algumas áreas, como em Montividiu já com as plumas expostas receberam chuvas no final de junho prejudicando a qualidade. Em Mineiros a colheita ainda não se iniciou e as lavouras apresentam-se com porte pequeno e a produtividade esperada é de 170 a 180 @/ha. Em Cristalina e Luziânia, importantes municípios produtores a colheita já está bem avançada mas as produtividades não foram boas: 150 – 160@/ha. Na região leste o índice pluviométrico, que varia de 1.400 a 1.500 mm, ficou nesta safra, em torno de 840 mm ou seja, choveu praticamente a metade do índice normal, esparsas e mal distribuídas.

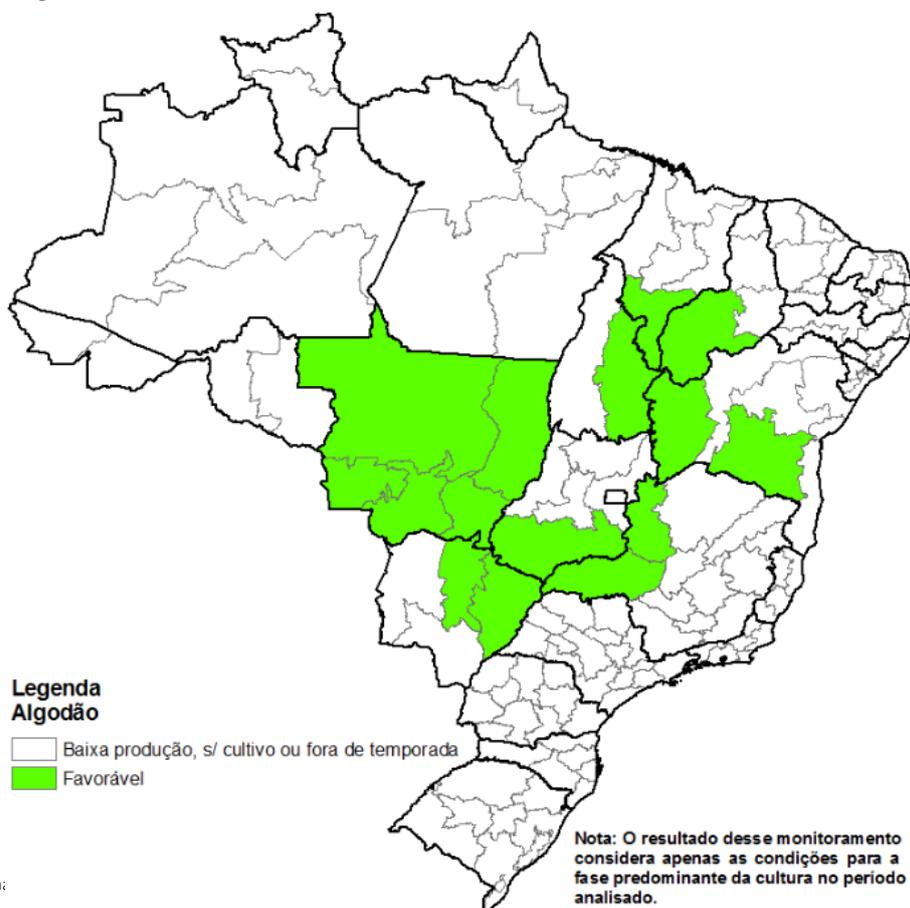
No Maranhão estima-se que a produtividade seja similar à apresentada na safra passada. De uma forma geral, as chuvas foram favoráveis, possibilitando bom desenvolvimento da cultura, à exceção do plantio no

município de Alto Parnaíba, onde em janeiro, ocorreu chuva em demasia.

Em Minas Gerais a safra atual deverá apresentar um crescimento de 4,3% na área de algodão, que passa de 18,8 mil hectares em 2015 para 19,6 mil hectares, somando-se aos plantios da safra de verão e da safrinha nas diversas regiões produtoras – Noroeste, Alto Parnaíba, Triângulo Mineiro e Norte de Minas. Predomina o plantio em áreas de agricultura empresarial, mas no Norte de Minas a cotonicultura é também explorada por agricultores familiares. O plantio foi iniciado em dezembro, mas a maior concentração ocorreu em fevereiro. As lavouras de verão encontram-se na fase de colheita (60%) e as lavouras de safrinha estão em fase de maturação. O produto colhido vem apresentando excelente qualidade.

Em Tocantins, com aproximadamente 62% das lavouras colhidas e 32% no período de maturação, a estimativa inicial é de redução de 24,3% na produtividade e de 28,1% na produção. Este desempenho está relacionado à redução de 5,1% na área plantada e às severas adversidades climáticas ocorridas durante todo ciclo de desenvolvimento da cultura.

Figura 11 – Condição hídrica geral em julho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16.



Fonte: Conab

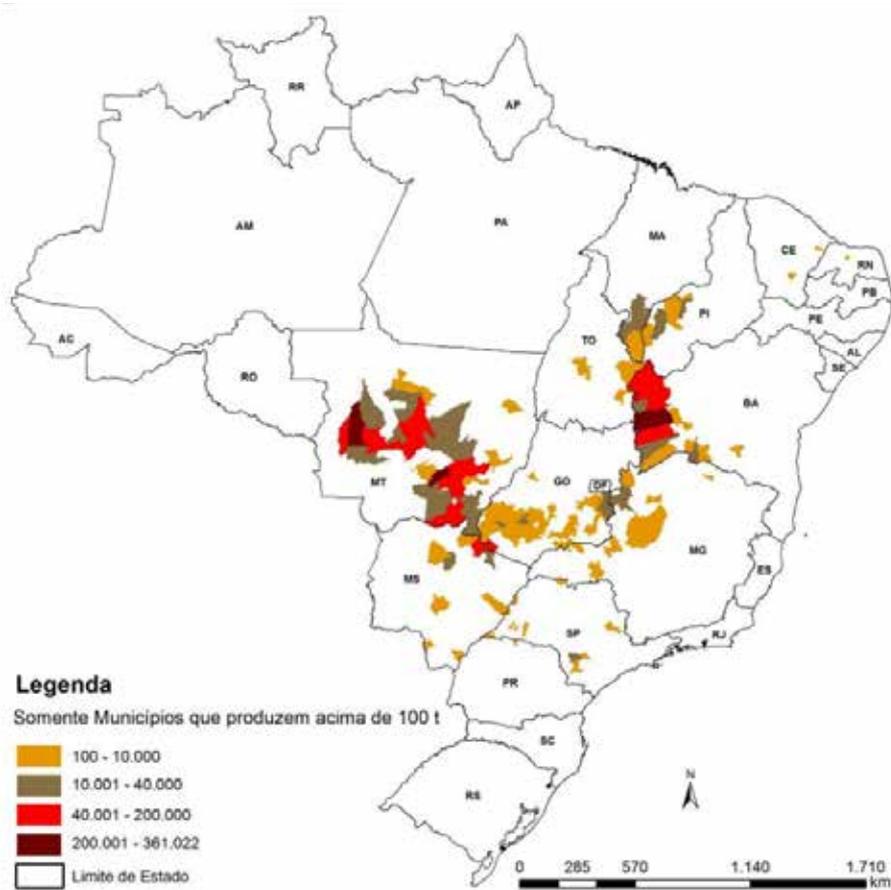


Quadro 1 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em julho.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão			<ul style="list-style-type: none"> - leste do TO (M/C) - sul do MA (M/C) - sudoeste do PI (M/C) - oeste e centro-sul da BA (M/C) - Triângulo e noroeste de MG (M/C) - centro-norte e leste do MS (M/C) - todo estado do MT (1ª e 2ª safra) (M/C) - sul de GO (1ª e 2ª safra) (M/C) 	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Figura 12 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 19 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,3	(5,2)	3.830	2.899	(24,3)	29,5	21,2	(28,1)
TO	7,7	7,3	(5,1)	3.830	2.899	(24,3)	29,5	21,2	(28,1)
NORDESTE	317,8	264,2	(16,9)	3.851	2.980	(22,6)	1.223,7	787,3	(35,7)
MA	21,4	20,9	(2,3)	3.984	3.949	(0,9)	85,3	82,5	(3,3)
PI	14,2	5,5	(61,5)	3.536	1.097	(69,0)	50,2	6,0	(88,0)
CE	0,4	0,3	(25,0)	306	534	74,5	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	4.500	4.000	(11,1)	1,4	1,2	(14,3)
PB	0,2	0,2	-	1.210	609	(49,7)	0,2	0,1	(50,0)
PE	0,1	-	(100,0)	512	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	-	(100,0)	490	-	(100,0)	-	-	-
BA	281,1	237,0	(15,7)	3.836	2.942	(23,3)	1.086,4	697,3	(35,8)
CENTRO-OESTE	627,6	660,0	5,2	4.106	3.762	(8,4)	2.576,8	2.482,8	(3,6)
MT	562,7	600,8	6,8	4.095	3.781	(7,7)	2.304,3	2.271,6	(1,4)
MS	31,1	29,5	(5,1)	4.500	4.138	(8,0)	140,0	122,1	(12,8)
GO	33,8	29,7	(12,1)	3.919	3.000	(23,4)	132,5	89,1	(32,8)
SUDESTE	22,2	23,8	7,2	3.574	3.400	(4,9)	79,4	80,9	1,9
MG	18,8	19,6	4,3	3.600	3.420	(5,0)	67,7	67,0	(1,0)
SP	3,4	4,2	23,5	3.432	3.305	(3,7)	11,7	13,9	18,8
SUL	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
PR	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
NORTE/NORDESTE	325,5	271,5	(16,6)	3.850	2.978	(22,7)	1.253,2	808,5	(35,5)
CENTRO-SUL	650,7	684,7	5,2	4.085	3.747	(8,3)	2.658,2	2.565,7	(3,5)
BRASIL	976,2	956,2	(2,0)	4.007	3.529	(11,9)	3.911,4	3.374,2	(13,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

Tabela 20- Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,3	(5,2)	1.532	1.164	(24,0)	11,8	8,5	(28,0)
TO	7,7	7,3	(5,1)	1.532	1.160	(24,3)	11,8	8,5	(28,0)
NORDESTE	317,8	264,2	(16,9)	1.540	1.192	(22,6)	489,4	314,9	(35,7)
MA	21,4	20,9	(2,3)	1.594	1.580	(0,9)	34,1	33,0	(3,2)
PI	14,2	5,5	(61,5)	1.414	439	(69,0)	20,1	2,4	(88,1)
CE	0,4	0,3	(25,0)	107	187	74,8	-	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.710	1.520	(11,1)	0,5	0,5	-
PB	0,2	0,2	-	424	213	(49,8)	0,1	-	(100,0)
PE	0,1	-	(100,0)	179	-	(100,0)	-	-	-
AL	0,1	-	(100,0)	172	-	(100,0)	-	-	-
BA	281,1	237,0	(15,7)	1.546	1.177	(23,9)	434,6	278,9	(35,8)
CENTRO-OESTE	627,6	660,0	5,2	1.640	1.503	(8,4)	1.029,2	991,9	(3,6)
MT	562,7	600,8	6,8	1.638	1.512	(7,7)	921,7	908,6	(1,4)
MS	31,1	29,5	(5,1)	1.778	1.635	(8,0)	55,3	48,2	(12,8)
GO	33,8	29,7	(12,1)	1.544	1.182	(23,4)	52,2	35,1	(32,8)
SUDESTE	22,2	23,8	7,2	1.428	1.357	(5,0)	31,7	32,3	1,9
MG	18,8	19,6	4,3	1.440	1.368	(5,0)	27,1	26,8	(1,1)
SP	3,4	4,2	23,5	1.356	1.305	(3,8)	4,6	5,5	19,6
SUL	0,9	0,9	-	778	778	-	0,7	0,7	-
PR	0,9	0,9	-	828	828	-	0,7	0,7	-
NORTE/NORDESTE	325,5	271,5	(16,6)	1.540	1.191	(22,7)	501,2	323,4	(35,5)
CENTRO-SUL	650,7	684,7	5,2	1.631	1.497	(8,2)	1.061,6	1.024,9	(3,5)
BRASIL	976,2	956,2	(2,0)	1.601	1.410	(11,9)	1.562,8	1.348,3	(13,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.



Tabela 21 - Comparativo de área, produtividade e produção - Carozo de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,3	(5,2)	2.298	1.739	(24,3)	17,7	12,7	(28,2)
TO	7,7	7,3	(5,1)	2.298	1.739	(24,3)	17,7	12,7	(28,2)
NORDESTE	317,8	264,2	(16,9)	2.311	1.788	(22,6)	734,3	472,4	(35,7)
MA	21,4	20,9	(2,3)	2.390	2.369	(0,9)	51,2	49,5	(3,3)
PI	14,2	5,5	(61,5)	2.122	658	(69,0)	30,1	3,6	(88,0)
CE	0,4	0,3	(25,0)	199	347	74,4	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	2.790	2.480	(11,1)	0,9	0,7	(22,2)
PB	0,2	0,2	-	787	396	(49,7)	0,1	0,1	-
PE	0,1	-	(100,0)	333	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	-	(100,0)	319	-	(100,0)	-	-	-
BA	281,1	237,0	(15,7)	2.319	1.765	(23,9)	651,8	418,4	(35,8)
CENTRO-OESTE	627,6	660,0	5,2	2.466	2.259	(8,4)	1.547,6	1.490,9	(3,7)
MT	562,7	600,8	6,8	2.457	2.269	(7,7)	1.382,6	1.363,0	(1,4)
MS	31,1	29,5	(5,1)	2.723	2.503	(8,1)	84,7	73,9	(12,8)
GO	33,8	29,7	(12,1)	2.375	1.818	(23,5)	80,3	54,0	(32,8)
SUDESTE	22,2	23,8	7,2	2.147	2.043	(4,9)	47,7	48,6	1,9
MG	18,8	19,6	4,3	2.160	2.052	(5,0)	40,6	40,2	(1,0)
SP	3,4	4,2	23,5	2.076	2.000	(3,7)	7,1	8,4	18,3
SUL	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
PR	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	325,5	271,5	(16,6)	2.310	1.787	(22,6)	752,0	485,1	(35,5)
CENTRO-SUL	650,7	684,7	5,2	2.453	2.250	(8,3)	1.596,6	1.540,7	(3,5)
BRASIL	976,2	956,2	(2,0)	2.406	2.119	(11,9)	2.348,6	2.025,8	(13,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2016.



8.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão Icac significantes mudanças ocorreram no quadro de oferta e demanda relativamente ao ano safra 2015/16 e para a previsão de 2016/17. De acordo com o relatório semanal de 26 de julho de 2016, a produção mundial de pluma na safra 2015/16 deverá ser de 21.650 mil toneladas e de 22.900 mil toneladas para a safra 2016/17. Esses números, em comparação à safra 2014/15, indicam redução de 17,05% e 12,26%, respectivamente. Uma avaliação dos cinco maiores produtores mundiais, ou seja, Índia, China, Estados Unidos, Paquistão e Brasil, nesta ordem, demonstra que todos eles reduzirão sua produção de algodão, fato explicado pelo grande volume de estoque mundial que se manteve em crescimento até à safra 2014/15.

O consumo mundial, segundo o comitê deverá ser de 23.620 mil toneladas em 2015/16 e 23.610 mil toneladas em 2016/17. Esses números indicam decréscimo no consumo global de 2,31% e 2,35%, respectivamente em comparação à safra 2014/15. A menor demanda mundial se justifica pela menor procura chinesa e pela queda no preço do poliéster, principal concorrente do algodão dentre as fibras sintéticas. Em valores

Panorama nacional

O décimo primeiro levantamento de avaliação da safra 2015/16, elaborado pela Conab, aponta para redução de 13,7% na produção de pluma em comparação com 2014/15. Esse movimento de queda na produção reflete a grande valorização do dólar frente ao real em 2015 e início de 2016, com queda da produtividade trazida por problemas climáticos. Apesar da moeda estadunidense apreciada permitir que o excedente da produção de pluma não consumida pela indústria doméstica seja exportado a preços mais remuneradores, eleva com intensidade o custo dos insumos importados que representam, segundo as estimativas mais recentes da Conab, 55% do custo total. Dessa forma, o saldo dessa operação traz pouco ou nenhum incremento na remuneração do cotonicultor.

Além disso, a redução da atividade econômica brasileira é refletida diretamente nos investimentos da indústria têxtil que segue reduzindo seu consumo, ora

absolutos, a retração do consumo total será de 558 mil toneladas de pluma em 2015/16.

Posto esses números, cabe destacar que a produção mundial total estimada, para a safra 2015/16, será inferior ao consumo mundial em 1.970 mil toneladas, ou seja, menor em 8,3%, fato que não ocorre desde a safra 2009/10. É necessário lembrar que o título de maior consumidor mundial de algodão continua com a China. Estima-se que aquele país irá consumir 7.080 mil toneladas de pluma da safra 2015/16, seguido da Índia com 5.240 mil toneladas e Paquistão com 2.190 mil toneladas.

Posto essas alterações, é imperioso enfatizar que o menor volume de produção mundial contribuirá para uma redução de 8,9% nos estoques mundiais de passagem no ano safra 2015/16, projetado em 20.310 mil toneladas contra 22.284 mil toneladas em 2014/15. Dessa maneira, a relação estoque versus consumo, no período, passa a ser de 85,99% em 2015/16, contra 92,16% na safra 2014/15. Contudo, é necessário lembrar que cerca de 58,89% dos estoques mundiais no biênio 2015/16 estarão concentrados apenas na China, contra 57,78% da safra anterior.

estimado em 720 mil toneladas para a safra 2015/16. Cabe ainda indicar outros indicadores da redução que indicam tão forte redução no consumo nacional de pluma, segundo pesquisa industrial realizada pelo IBGE a variação percentual acumulada da produção física de produtos têxteis de janeiro a junho indica redução de 12%.

O total das exportações brasileiras de algodão em 2015 foi de 834,3 mil toneladas, ou seja, montante 11,14% superior ao volume exportado em 2014, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo país. Tal excedente poderia ter sido consumido no mercado interno se não fosse a retração da atividade econômica no Brasil e, por conseguinte, do consumo da indústria têxtil nacional. Em princípio, para 2016, a Conab mantém uma estimativa de embarque de 720 mil toneladas para o mercado externo.



Configuração do quadro de oferta e demanda

Diante do cenário apresentado, a Conab projeta a seguinte configuração para 2016: Oferta total do produto (Estoque inicial + produção + importação) de 1.717,3 toneladas, enquanto que a demanda total (consumo

interno + exportação) de 1.460 mil toneladas. Portanto, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2016 passa a ser de 257,3 mil toneladas de pluma.

Tabela 22 - Algodão - Oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO (mil t.)	2011	2012	2013	2014	2015 (1)	2016 (2)
O F E R T A (1+2+3)	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.717,3
1. Estoque Inicial	2.418,5	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0
2. Produção	1.798,2	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.348,3
- Centro/Sul	2.070,5	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	1.024,9
- Norte/Nordeste	2.003,3	550,1	405,2	542,0	501,2	323,4
3. Importações	1.717,3	3,5	17,4	31,5	2,1	20,0
4. D E M A N D A (5+6)	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.460,0
5. Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	720,0
6. Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	740,0
7. Estoque Final (1-4)	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	257,3
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	2,1

Fonte: Conab.

8.1.2. AMENDOIM

8.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Tabela 23 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	92,5	105,1	13,6	3.315	3.543	6,9	306,6	372,4	21,5
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	3.800	13,8	9,0	7,6	(15,6)
SP	89,8	103,1	14,8	3.314	3.538	6,8	297,6	364,8	22,6
SUL	5,2	5,2	-	2.429	3.149	29,6	12,7	16,4	29,1
PR	2,2	1,8	(18,2)	2.400	2.674	11,4	5,3	4,8	(9,4)
RS	3,0	3,4	13,3	2.450	3.400	38,8	7,4	11,6	56,8
CENTRO-SUL	97,7	110,3	12,9	3.268	3.524	7,9	319,3	388,8	21,8
BRASIL	97,7	110,3	12,9	3.268	3.524	7,9	319,3	388,8	21,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.



8.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

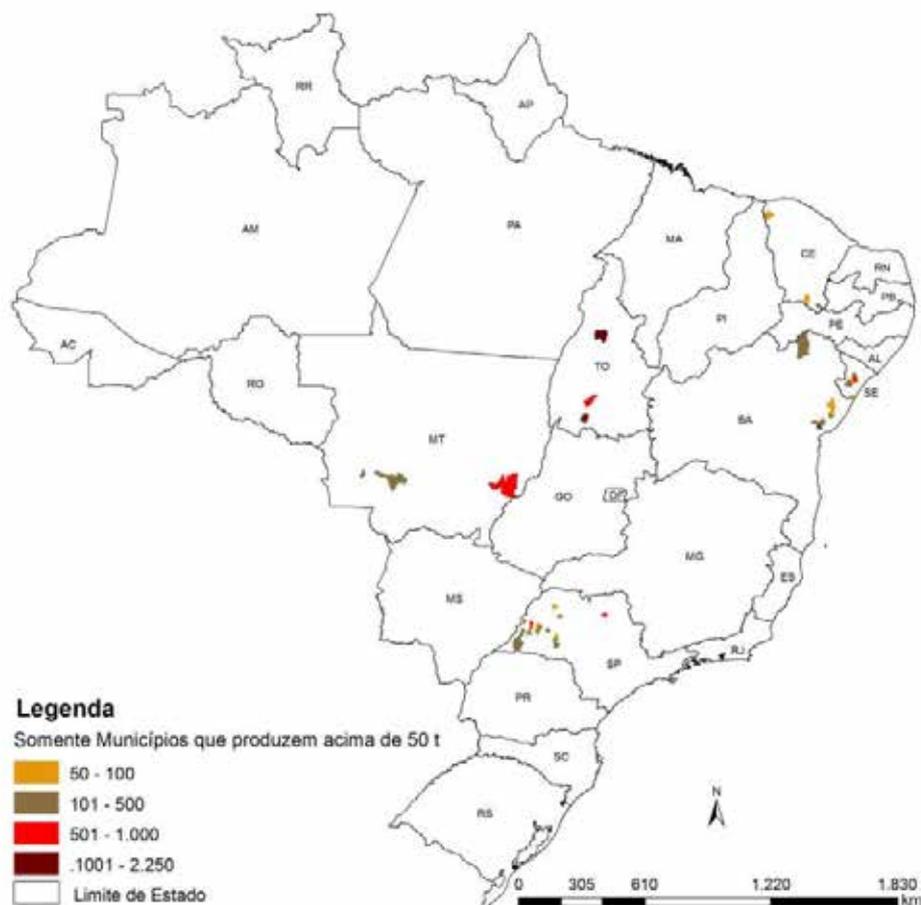
Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	0,7	(70,8)	3.873	1.740	(55,1)	9,3	1,2	(87,1)
TO	2,4	0,7	(69,2)	3.873	1.740	(55,1)	9,3	1,2	(87,1)
NORDESTE	3,3	3,6	9,1	1.156	953	(17,6)	3,9	3,4	(12,8)
CE	0,4	0,3	(25,0)	662	368	(44,4)	0,3	0,1	(66,7)
PB	0,3	0,7	133,0	609	406	(33,3)	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	5,3	5,6	5,7	2.615	2.478	(5,2)	13,9	13,9	-
SP	5,3	5,6	5,7	2.615	2.478	(5,2)	13,9	13,9	-
NORTE/NORDESTE	5,7	4,3	(24,6)	1.776	2.299	29,5	13,2	4,6	(65,2)
CENTRO-SUL	5,5	5,8	5,5	2.587	2.511	(2,9)	14,3	14,3	-
BRASIL	11,2	10,1	(9,8)	2.441	2.403	(1,5)	27,5	18,9	(31,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

Figura 13 - Mapa da produção agrícola - amendoim segunda safra

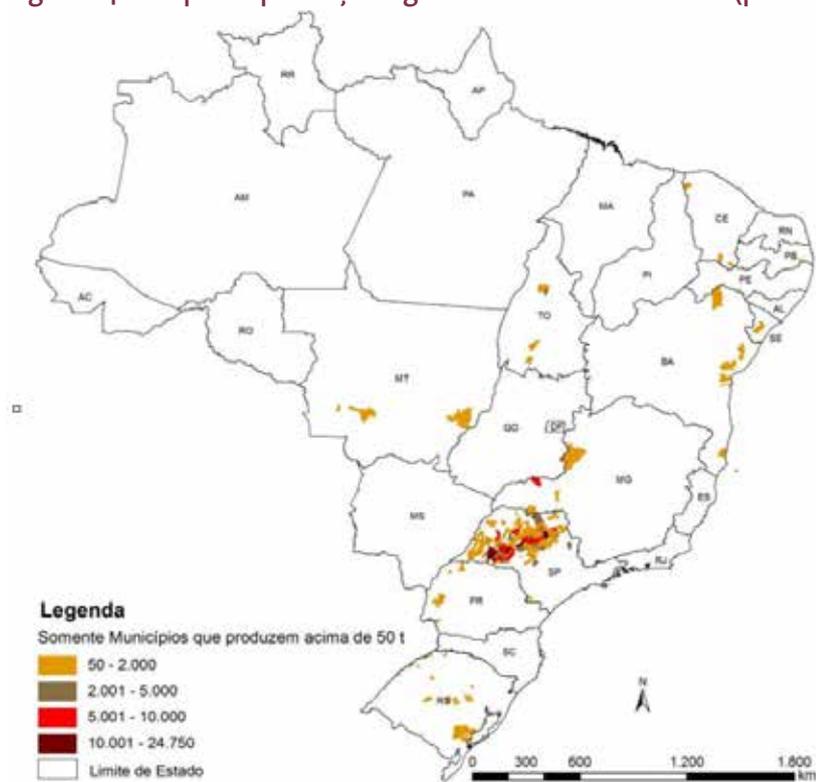


Fonte: Conab/IBGE.



8.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 14 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	0,7	(70,8)	3.873	1.740	(55,1)	9,3	1,2	(87,1)
TO	2,4	0,7	(70,8)	3.873	1.740	(55,1)	9,3	1,2	(87,1)
NORDESTE	3,3	3,6	9,1	1.156	953	(17,6)	3,9	3,4	(12,8)
CE	0,4	0,3	(25,0)	662	368	(44,4)	0,3	0,1	(66,7)
PB	0,3	0,7	133,3	609	406	(33,3)	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	97,8	110,7	13,2	3.277	3.489	6,5	320,5	386,3	20,5
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	3.800	13,8	9,0	7,6	(15,6)
SP	95,1	108,7	14,3	3.275	3.483	6,4	311,5	378,7	21,6
SUL	5,2	5,2	-	2.429	3.149	29,6	12,7	16,4	29,1
PR	2,2	1,8	(18,2)	2.400	2.674	11,4	5,3	4,8	(9,4)
RS	3,0	3,4	13,3	2.450	3.400	38,8	7,4	11,6	56,8
NORTE/NORDESTE	5,7	4,3	(24,6)	2.300	1.081	(53,0)	13,2	4,6	(65,2)
CENTRO-SUL	103,2	116,1	12,5	3.231	3.472	7,4	333,6	403,1	20,8
BRASIL	108,9	120,4	10,6	3.183	3.386	6,4	346,8	407,7	17,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.



8.1.3. ARROZ

A safra 2015/16 indica redução de 15,3% na produção em relação à safra 2014/15. Isso se deve à redução da área plantada em 12,8% e da produtividade média nacional, que será 2,9% inferior, em relação à safra passada.

No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina a safra está encerrada. A safra catarinense de arroz terminou em maio, com redução de 0,3% na área e de 0,2% na produtividade, em relação à safra passada, o que gerou uma produção de 1,1 mil toneladas, ou 0,5% menor que no ano anterior. Nesta safra foram observadas duas situações distintas no estado. Na região norte houve queda na produtividade e a qualidade dos grãos colhidos foi ruim. Já na região sul, maior produtora do estado, houve aumento de produtividade em relação à safra passada e boa qualidade dos grãos colhidos. Na atualidade a maior parte da produção já foi comercializada.

Em Tocantins, com a conclusão da colheita, as informações dos números de área, produtividade e produção já estão definidas. O arroz semeado em terras altas obteve nesta safra uma redução na área cultivada de 16%, na produção 38,8% e na produtividade 27,2%, se compararmos com a safra 2014/15. Com relação à cultura cultivada através de irrigação, principalmente na região sudoeste do estado, o resultado final nesta safra foi positivo, com crescimento de 13,8% na área plantada e 8,4% na produção, se comparada à safra anterior. Na produtividade, a escassez de chuvas ocorridas durante todo o ciclo agrícola, causando redução no volume de água nos reservatórios responsáveis pelo abastecimento dos canais de irrigação, contribuiu para a redução de 4,7% em relação à passada. O estado produziu 615,2 mil toneladas de arroz.

A colheita de arroz está finalizada em Mato Grosso desde maio, com a produção praticamente toda comercializada, contabilizando queda de 28,4%, equivalente a uma produção de 438,6 mil toneladas, viés motivado pela redução de área dedicada à orizicultura em 18,9%, por conta da preferência dos produtores em cultivar a soja, além da estiagem que reduziu a produtividade média para 2.876 kg/ha, rendimento 11,7% inferior ao visto na safra anterior. A baixa oferta de arroz em Mato Grosso, assim como em todo o país, tem sustentado a cotação de preço do produto em patamares elevados há alguns meses. Contudo, a expectativa é que na safra 2016/17 a área dedicada à cultura possivelmente seja ainda menor, devido aos preços praticados no mercado da soja. Neste levantamento a área plantada com arroz foi reavaliada para cima, processo resultante da melhoria e ajustes da área amostrada nos levantamentos de safra.

O arroz em Rondônia é plantado normalmente em outubro, novembro e dezembro e os tratamentos culturais são realizados de novembro a janeiro. A situação da cultura está com as suas fases todas concluídas. A maior parte da produção se concentra em áreas maiores e é destinada aos grandes compradores, que por sua vez, ofertam os recursos necessários aos produtores, para que eles possam realizar as suas lavouras. Algumas outras lavouras acontecem em áreas menores e são plantadas por pequenos produtores e para seu consumo em suas propriedades. Em safras passadas essa cultura era bem mais expressiva e com o passar do tempo, onde os custos elevados e a sua comercialização com menos ganhos, fizessem que muitos agricultores o substituíssem por outras lavouras, como a soja e o milho segunda safra, além de formação de pastagens nessas mesmas áreas para criação de gado.

Em Roraima a produção de arroz é prioritariamente empresarial e irrigada, tanto no verão como no inverno. A irrigação na época de inverno é por inundação, portanto, não existem dados de arroz de sequeiro no levantamento de safras. O arroz irrigado de verão é plantado de setembro a dezembro e a colheita é realizada de janeiro a abril. O arroz irrigado de inverno é plantado em maio e a colheita é feita em setembro.

Os números totais de área plantada do arroz irrigado de verão e de inverno, correspondente à safra 2015/16, permanecem fechados em 8,6 mil hectares. A queda de 28,3% em relação à safra anterior é justificada pela alta do dólar, o aumento do custo de produção e os incentivos dados pelo governo estadual para o arroz produzido em outras regiões, diminuindo a competitividade do arroz local, fazendo que muitos produtores migrassem para a soja. Outro motivo, também, foi a situação do nível dos rios, já que os níveis baixos encarecem a captação de água com um gasto maior de combustível.

Ressalte-se que o governo do estado avançou bastante na discussão de mudança da Lei 215 (de incentivos fiscais), buscando contemplar os produtores do próprio estado, o que poderá melhorar a competitividade do arroz produzido no estado. Com isso, o setor espera que haja uma motivação favorável para o aumento de área plantada para a próxima safra (2016/17).

Em Sergipe o plantio da cultura é muito pulverizado, onde vem sendo realizado em janeiro, fevereiro, março, maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro, em virtude da falta de estrutura nos perímetros irrigados, que não possuem estrutura para irrigação de todos os lotes ao mesmo tempo.



Algumas áreas plantadas em janeiro, fevereiro e março já foram colhidas e estão sendo replantadas nos próximos meses. As áreas plantadas e colhidas, assim como as áreas que estão em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo não tiveram ou apresentaram perda significativa com pragas e/ou doenças e o rendimento médio é considerado bom, de 7.102 kg/ha. Destacamos ainda que a produtividade média no estado, prejudicada no ano anterior devido ao frequente ataque de ratos, aumenta a cada ano e pode chegar a 9.000 kg/ha no perímetro irrigado de Betume.

Por se tratar de perímetros irrigados, a regularidade ou a falta de chuvas dificilmente influenciará decisivamente na produtividade final do grão. Os agricultores poderão ter alguma dificuldade em relação ao Brusone, doença que aparece com o aumento da temperatura e umidade. Entretanto, não se observou nenhuma anormalidade no desenvolvimento da cultura.

Houve perda de área plantada na presente safra por conta do avanço do mar sobre o rio São Francisco, causando a salinização de algumas áreas no município de Brejo Grande, único que não faz parte dos perímetros Irrigados do Baixo São Francisco (Cotinguiba/Pindoba, Propriá e Betume). A cidade de Brejo Grande foi onde ocorreu o ataque mais significativo de ratos na plantação, causando uma perda de até 80% na produção. A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) realizou a aquisição de novas bombas de irrigação e a manutenção das já existentes no perímetro irrigado, fato que está animando os agricultores. O elevado preço do produto é outro atrativo que poderia ser decisivo para o aumento da área plantada na presente safra, no entanto, dificilmente ocorrerá aumento.

O governo estadual disponibilizará também sementes e maquinário para os pequenos produtores de arroz do Baixo São Francisco, assim como em anos anteriores. Na safra anterior o governo distribuiu 400 toneladas de sementes de arroz aos rizicultores na região do Baixo São Francisco, no leste do estado, onde é cultivado o produto. As máquinas são disponibilizadas tanto para o plantio quanto para a colheita da cultura.

Em Minas Gerais a área de plantio de arroz segue em tendência de queda, apresentando uma redução de 40,8% quando comparada com a safra anterior, em face da baixa competitividade em relação a outras culturas, da vulnerabilidade aos riscos climáticos, e de restrições ao cultivo em áreas de várzea. No atual levantamento houve ajuste de área na região Norte de Minas Gerais e, com isso, a área de plantio está estimada em 7,1 mil hectares. O plantio foi realizado em novembro e dezembro, o clima favoreceu o desenvol-

vimento das lavouras, e a produtividade média está estimada em 2.300 kg/ha. A produção deverá ficar em torno de 16,3 mil toneladas, 35,3% inferior à safra 2014/15. Colheita encerrada.

Em Alagoas os perímetros irrigados de Boa Cica no município de Igreja Nova e Itiúba em Porto Real do Colégio contribuem em cerca de 90% da produção do estado. Devido à falta de projetos de ampliação dos perímetros irrigados, a área de cultivo permanece a mesma em relação às safras anteriores. Ainda, segundo esses mesmos técnicos, o que está havendo nos dois perímetros é a utilização de sementes selecionadas, o que vem mantendo uma boa produtividade. Cerca de 95% das sementes utilizadas no perímetro de Itiúba e Boa Cica foram fornecidas pela Conab e governo do estado, na base de 100 kg/ha.

A área plantada se manteve a mesma em comparação a safra anterior. Isso é em função da ajuda dos governos federal/Conab e estadual, que doaram sementes de boa qualidade aos produtores na época de plantio. As condições climáticas para a cultura de arroz, considerando que é totalmente irrigada, não tem influenciado no resultado pós-colheita.

No Acre a cultura vem decrescendo sua produção e área plantada devido à baixa produtividade e custo de produção. Os principais fatores da baixa produtividade são: a falta de cultivares adaptadas à região, políticas públicas de incentivo à cultura e custo de produção.

A área plantada de arroz no Acre foi de aproximadamente 5,1 mil hectares, produção obtida de 6,9 mil toneladas e produtividade média de 1.353 kg/ha. Os efeitos climáticos, principalmente a escassez de chuvas, prejudicaram a cultura na fase de desenvolvimento vegetativo e o enchimento de grãos, afetando a produtividade. As áreas de arroz encontram-se 100% colhidas. A cultura é praticada somente no sistema de sequeiro e no período atual não há áreas plantadas devido ao período seco. A cultura do arroz de terras altas é afetada por doenças durante todo seu ciclo, que reduzem a produtividade e a qualidade dos grãos. A incidência e a severidade das doenças dependem da ocorrência do patógeno virulento, do ambiente favorável e da suscetibilidade das cultivares.

Na Bahia a colheita já foi finalizada e a estimativa de produção é de 4 mil toneladas. A cultura do arroz é tradicionalmente cultivada nas áreas recém-abertas, devido, principalmente, à sua tolerância à acidez. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. Comparando-se as estimativas da safra passada com a da safra atual há uma redução na produção de 42%.



Em grande parte da área destinada ao plantio de arroz no Ceará o preparo do solo é mecanizado, enquanto que o plantio é realizado manualmente, semeando em covas. Em Lavras da Mangabeira, o preparo do solo para a cultura iniciou-se em novembro e dezembro, onde fazem o manejo para controlar a tiririca, principal erva daninha da cultura na região.

A cultura vem sofrendo estresse hídrico causado por veranicos em quase todas as regiões do estado, onde é explorada, e os produtores de Lavras da Mangabeira e Várzea Alegre realizaram irrigações complementares para evitar perdas. Em Várzea Alegre, alguns agricultores semearam suas lavouras em uma mancha de solo úmido (leito de lagoa) e atingiram produtividades de 3.000 a 3.500 kg/ha, porém, como a maioria das lavouras obtiveram rendimentos de 500 a 600 kg/ha, a média do município foi baixa.

Em Juazeiro do Norte, devido às condições climáticas desfavoráveis, (36 dias de veranico de fevereiro a março, seguido de períodos superiores a 15 dias sem chuvas) as perdas de produção nas lavouras são enormes, pois não foi possível realizar irrigações de salvamento (ou complementares) em decorrência da baixa recarga dos açudes, causada pelo escasso regime pluviométrico. Muitas lavouras da região foram perdidas e tiveram como destinação a pastagem ou simplesmente foram abandonadas.

Foi relatado o ataque da lagarta curuquerê (*Mocis Latipes*) no município de Lavras da Mangabeira, Missão Velha e Viçosa do Ceará. As lavouras foram plantadas nos meses de dezembro a abril. A cultura se encontra nos seguintes estádios de desenvolvimento: frutificação (0,5%), maturação (1,63%) e a área colhida já chega

a 97,9% da área total plantada. A colheita nessa safra foi realizada de maio a julho, concentrando-se em junho, onde 44,8% da área foi semeada.

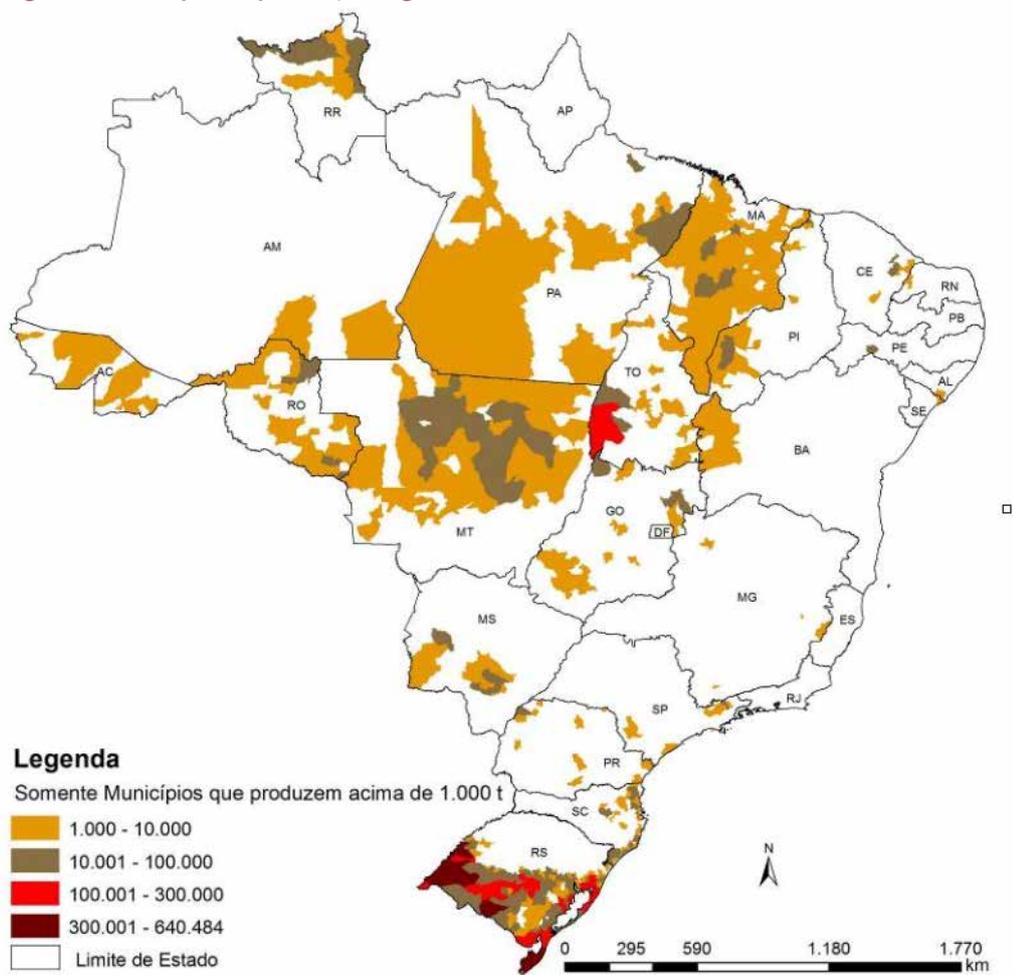
As áreas de plantio de arroz vêm sistematicamente diminuindo no estado devido à baixa competitividade do produto com o proveniente de outros estados brasileiros, tanto no critério qualidade quanto no preço. Muitos agricultores cearenses alegam que os custos de produção da cultura são maiores que o preço final do produto no mercado.

Em Pernambuco o cultivo de arroz vem sendo gradativamente substituído por outras culturas mais rentáveis e de maior facilidade de comercialização na região, como cebola, banana, maracujá e melancia. O remanescente das áreas em produção é produzido na forma irrigada. A baixa atratividade econômica nesta atividade desestimula a continuação da rizicultura no Baixo São Francisco, onde já apresentou significativa expressão. Nota-se que toda a produção de arroz instalada nas áreas irrigadas, nas ilhas do rio São Francisco, entre a Bahia e Pernambuco, fazem contrato de comercialização com o grupo Valdomiro, cerealista de Cabrobó, que já teve em seus contratos 4.000 hectares de arroz, mas que agora, em virtude da baixa atração financeira desta atividade, apresenta poucos produtores.

No Rio de Janeiro a cultura, que está totalmente colhida e comercializada, registrou um decréscimo em torno de 40% na área plantada em relação à safra passada. Os motivos das quedas foram vários: problemas climáticos, alto custo de produção, falta de máquinas para pilar o arroz, fazendo que o plantio do cultivar arroz, seja praticamente erradicado nessas regiões. Diante dos problemas acima relatados, os produtores resolveram fazer a substituição de culturas (para o tomate e outras olericulturas)..



Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 26 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	261,7	260,0	(0,6)	3.797	3.847	1,3	993,6	1.000,3	0,7
RR	12,0	8,6	(28,3)	6.500	7.000	7,7	78,0	60,2	(22,8)
RO	44,3	42,6	(3,8)	2.859	3.423	19,7	126,7	145,8	15,1
AC	6,7	5,1	(24,0)	1.143	1.353	18,4	7,7	6,9	(10,4)
AM	3,4	1,9	(44,1)	2.189	2.290	4,6	7,4	4,4	(40,5)
AP	1,9	1,5	(21,0)	865	918	6,1	1,6	1,4	(12,5)
PA	65,9	67,5	2,4	2.537	2.465	(2,8)	167,2	166,4	(0,5)
TO	127,5	132,8	4,2	4.745	4.632	(2,4)	605,0	615,2	1,7
NORDESTE	476,6	282,7	(40,7)	1.458	1.382	(5,2)	694,7	390,6	(43,8)
MA	349,8	180,1	(48,5)	1.418	1.430	0,8	496,0	257,5	(48,1)
PI	95,1	79,1	(16,8)	1.184	755	(36,2)	112,6	59,7	(47,0)
CE	12,5	4,6	(63,0)	1.436	608	(57,7)	18,0	2,8	(84,4)
RN	0,9	1,0	11,1	2.590	2.922	12,8	2,3	2,9	26,1
PB	0,9	0,8	(11,0)	53	242	356,6	-	0,2	-
PE	0,2	0,3	50,0	4.500	4.500	-	0,9	1,4	55,6
AL	2,7	3,0	11,0	5.720	6.500	13,6	15,4	19,5	26,6
SE	6,0	6,0	-	7.102	7.102	-	42,6	42,6	-
BA	8,5	7,8	(8,3)	812	510	(37,2)	6,9	4,0	(42,0)
CENTRO-OESTE	234,2	192,5	(17,8)	3.582	3.159	(11,8)	838,9	608,0	(27,5)
MT	188,1	152,5	(18,9)	3.257	2.876	(11,7)	612,6	438,6	(28,4)
MS	18,1	14,0	(22,7)	6.160	4.860	(21,1)	111,5	68,0	(39,0)
GO	28,0	26,0	(7,1)	4.100	3.900	(4,9)	114,8	101,4	(11,7)
SUDESTE	27,4	17,6	(35,8)	2.796	3.169	13,3	76,6	55,8	(27,2)
MG	12,0	7,1	(40,8)	2.100	2.300	9,5	25,2	16,3	(35,3)
ES	0,3	0,2	(33,0)	2.237	2.480	10,9	0,7	0,5	(28,6)
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.403	3.667	52,6	1,2	1,1	(8,3)
SP	14,6	10,0	(31,6)	3.393	3.785	11,6	49,5	37,9	(23,4)
SUL	1.295,2	1.249,6	(3,5)	7.598	6.794	(10,6)	9.840,7	8.489,3	(13,7)
PR	27,2	26,2	(3,7)	5.825	4.588	(21,2)	158,4	120,2	(24,1)
SC	147,9	147,4	(0,3)	7.150	7.139	(0,2)	1.057,5	1.052,3	(0,5)
RS	1.120,1	1.076,0	(3,9)	7.700	6.800	(11,7)	8.624,8	7.316,8	(15,2)
NORTE/NORDESTE	738,3	542,7	(26,5)	2.287	2.563	12,1	1.688,3	1.390,9	(17,6)
CENTRO-SUL	1.556,8	1.459,7	(6,2)	6.909	6.271	(9,2)	10.756,2	9.153,1	(14,9)
BRASIL	2.295,1	2.002,4	(12,8)	5.422	5.266	(2,9)	12.444,5	10.544,0	(15,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

8.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em junho de 2016, foram importadas 103 mil toneladas de arroz, sendo apenas mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 2 de agosto, não foram disponibilizados os dados referentes julho e por esse motivo, junho é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma expansão do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em junho de 2015 essas aquisições foram de 37,3 mil toneladas, sendo 30,2 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul.

Acerca das exportações, estas tiveram uma expansão, passando de 49,7 mil toneladas em junho de 2015 para 59,8 mil toneladas em junho de 2016. Mais especifica-

mente sobre as compras de arroz importado ao longo de junho, o Paraguai, já consolidado como maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 57,2 mil toneladas de arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 344,69 por tonelada, abaixo da média de preço negociado do arroz brasileiro branco beneficiado de US\$ 501,13 por tonelada. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado em sua maioria para os mercados de São Paulo e Minas Gerais.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado no período comercial 2015/16, já consolidado, de março de 2015 a fevereiro de 2016, observou-se um superavit acumulado no montante de 858,8 mil toneladas, volume 125% superior à safra anterior.



Para a safra 2014/15 e 2015/16, o consumo é estimado em torno de 11,5 milhões de toneladas, em virtude de uma oferta interna do grão, mais restrita e do cenário econômico brasileiro. Finalmente, para a próxima safra brasileira de arroz 2015/16, a projeção média da produção deverá ser 15,3% inferior em relação à safra 2014/15, atingindo 10.544 mil toneladas. Essa redução de produção ocorre principalmente devido ao excesso de chuva que ocorreu no período de plantio e ao alto patamar de preços dos custos de produção, acarretando redução da tecnologia empregada.

Ainda sobre a projeção de mercado, para a comercialização da safra 2015/16, espera-se um aumento no volume importado, principalmente de produto proveniente do Paraguai e da Argentina, e uma leve redução no montante exportado em face do provável preço interno atrativo, no segundo semestre de 2016. Com isso, projeta-se um déficit de 200 mil toneladas na balança comercial do arroz.

Ademais, destaca-se a consolidação em 962,9 mil toneladas do estoque de passagem da safra 2014/15. Ressalta-se que, do montante total, 97,9 mil toneladas se encontravam em posse da Conab no dia 29 de

fevereiro de 2016 e 864,9 mil toneladas nos estoques privados na mesma data segundo o levantamento de estoques privados realizado pela Conab.

Ao analisar a evolução dos preços nos diferentes mercados, no Rio Grande do Sul (RS), observou-se uma tímida expansão da oferta nas últimas semanas, devido ao vencimento de compromissos financeiros e a necessidade de “fazer caixa” por parte dos produtores. Como resultado da quebra da safra gaúcha 2015/16, observam-se preços elevados ao produtor em todo o estado, sendo R\$ 49,55 a média estadual por saco de 50 quilos de arroz em casca. Em Mato Grosso, a menor produção no MT e nos estados vizinhos implicou em valorização semanal de 3,50%, encerrando o arroz cotado a um preço médio de R\$ 59,12 por saco de 60 quilos.

Em relação ao mercado atacadista, a alta observada no início de 2016 ocorreu devido às valorizações das cotações ao produtor na Região Sul do país em outubro e novembro de 2015. Hoje, o mercado mantém-se com viés de alta em face da escassez de oferta do produtor. Por último, a boa demanda no varejo reflete em valorização semanal de 2,89% e, mensal, de 5,68%.

Tabela 27 - Quadro de suprimento de arroz em casca em mil toneladas

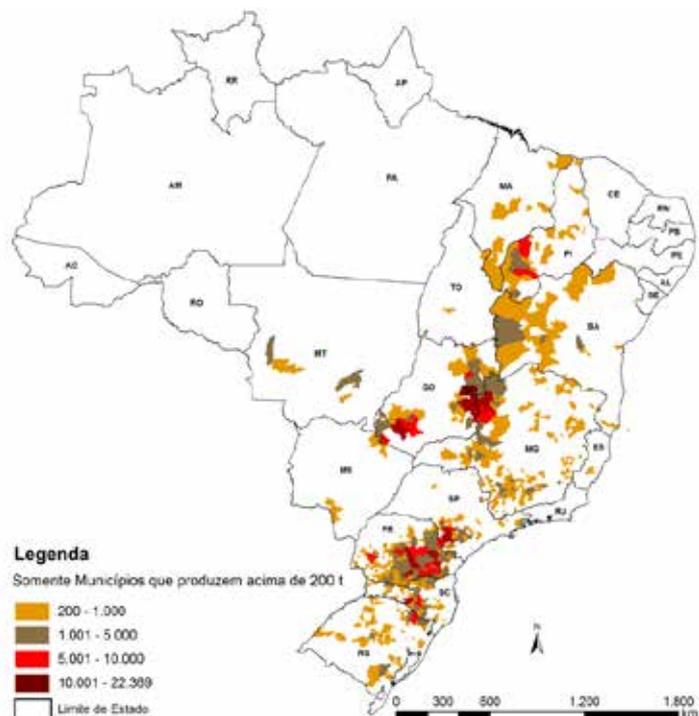
SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2006/07	2.259,5	11.315,9	1.069,6	14.645,0	12.305,5	313,1	2.026,4
2007/08	2.026,4	12.074,0	589,9	14.690,3	11.866,7	789,9	2.033,7
2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15 (*)	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16 (**)	962,9	10.544,0	1.300,0	12.806,9	11.450,0	1.100,0	256,9



8.1.4. FEIJÃO

8.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Figura 16 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE..

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	4,6	(4,2)	707	718	1,6	3,4	3,3	(2,9)
TO	4,8	4,6	(4,2)	707	718	1,6	3,4	3,3	(2,9)
NORDESTE	484,5	426,2	(12,0)	460	253	(45,0)	223,1	107,9	(51,6)
MA	38,6	25,5	(33,9)	464	468	0,9	17,9	11,9	(33,5)
PI	211,3	211,5	0,1	356	139	(61,0)	75,2	29,4	(60,9)
BA	234,6	189,2	(19,4)	554	352	(36,5)	130,0	66,6	(48,8)
CENTRO-OESTE	74,9	70,6	(5,7)	1.997	2.128	6,5	149,6	150,2	0,4
MT	10,8	5,9	(45,3)	1.570	1.068	(32,0)	17,0	6,3	(62,9)
MS	0,7	0,6	(14,3)	2.000	1.800	(10,0)	1,4	1,1	(21,4)
GO	51,3	52,0	1,4	2.098	2.400	14,4	107,6	124,8	16,0
DF	12,1	12,1	-	1.949	1.490	(23,6)	23,6	18,0	(23,7)
SUDESTE	208,1	202,3	(2,8)	1.286	1.561	21,3	267,7	315,8	18,0
MG	159,1	146,6	(7,9)	1.033	1.306	26,4	164,4	191,5	16,5
ES	6,0	5,1	(15,0)	687	1.232	79,3	4,1	6,3	53,7
RJ	0,7	0,6	(14,3)	917	1.063	15,9	0,6	0,6	-
SP	42,3	50,0	18,2	2.331	2.348	0,7	98,6	117,4	19,1
SUL	280,9	270,9	(3,6)	1.737	1.680	(3,3)	487,8	455,0	(6,7)
PR	192,7	181,4	(5,9)	1.707	1.575	(7,7)	328,9	285,7	(13,1)
SC	52,7	46,0	(12,7)	1.950	1.869	(4,2)	102,8	86,0	(16,3)
RS	35,5	43,5	22,5	1.580	1.915	21,2	56,1	83,3	48,5
NORTE/NORDESTE	489,3	430,8	(12,0)	463	258	(44,2)	226,5	111,2	(50,9)
CENTRO-SUL	563,9	543,8	(3,6)	1.605	1.694	5,5	905,1	921,0	1,8
BRASIL	1.053,2	974,6	(7,5)	1.074	1.059	(1,4)	1.131,6	1.032,2	(8,8)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Agosto/2016.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão primeira safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	0,9	1.252	1,1
TO	0,9	1.252	1,1
NORDESTE	50,3	670	33,7
BA	50,3	670	33,7
CENTRO-OESTE	65,4	2.227	145,6
MT	1,9	1.870	3,5
MS	0,6	1.800	1,1
GO	52,0	2.400	124,8
DF	10,9	1.486	16,2
SUDESTE	197,5	1.576	311,2
MG	144,4	1.316	190,0
ES	3,1	1.231	3,8
SP	50,0	2.348	117,4
SUL	96,0	1.792	172,0
PR	56,1	1.603	89,9
SC	29,9	1.944	58,1
RS	10,0	2.400	24,0
NORTE/NORDESTE	51,2	680	34,8
CENTRO-SUL	358,9	1.752	628,8
BRASIL	410,1	1.618	663,6

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
CENTRO-OESTE	1,2	1.480	1,8
DF	1,2	1.480	1,8
SUDESTE	4,2	955	4,0
MG	1,6	570	0,9
ES	2,0	1.231	2,5
RJ	0,6	1.063	0,6
SUL	174,9	1.618	283,0
PR	125,3	1.563	195,8
SC	16,1	1.731	27,9
RS	33,5	1.770	59,3
CENTRO-SUL	180,3	1.601	288,8
BRASIL	180,3	1.601	288,8

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Agosto/2016.



Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	3,7	586	2,2
TO	3,7	586	2,2
NORDESTE	375,9	198	74,2
MA	25,5	468	11,9
PI	211,5	139	29,4
BA	138,9	237	32,9
CENTRO-OESTE	4,0	720	2,9
MT	4,0	720	2,9
SUDESTE	0,6	900	0,5
MG	0,6	900	0,5
NORTE/NORDESTE	379,6	201	76,4
CENTRO-SUL	4,6	743	3,4
BRASIL	384,2	208	79,8

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

8.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

A área de feijão segunda safra está estimada em 1.278,7 mil hectares, o que configura decréscimo de 3,0% em relação à safra passada.

No Paraná a colheita do feijão segunda safra está concluída, a produtividade foi reduzida em 20,5%, que foi de 1.477 kg/ha, obtidos na safra anterior, enquanto a qualidade do grão também sofreu prejuízos devido às condições climáticas adversas (estiagem, excesso de chuvas e geada). A área plantada para essa segunda safra é de 203,8 mil hectares, retração de 2,1% em relação à safra passada, que foi de 208,1 mil hectares, produção de 301 mil toneladas, retração de 22,1% em relação à safra passada, que foi de 386,6 mil toneladas. O produto cores já foi inteiramente comercializado, enquanto o preto ainda tem estoque.

Em Mato Grosso do Sul a safra de feijão no estado apresentou diminuição de área em relação à safra passada, de 12,5%, passando de 16 mil hectares para 14 mil hectares, pois alguns produtores não arriscaram o plantio devido aos preços no início da semeadura não estarem muito atrativos ao produtor. Em relação às produtividades houve uma redução de 22,8% em relação à safra anterior, permanecendo a estimativa atual em 1.236 kg/ha. Com a evolução da colheita pode-se constatar a real situação dos grãos colhidos,

que foram afetados primeiramente pela seca em abril e mais recentemente pela geada ocorrida em junho, prejudicando de um modo geral, as produtividades no centro-sul do estado. Atualmente a área colhida no estado gira em torno de 60% da área cultivada, visto que em algumas localidades com áreas menores a colheita ainda não começou. Os preços do feijão este ano tiveram aumentos significativos e remuneradores aos produtores. Hoje, com o andamento da colheita, os preços pagos ao produtor, apesar de menores, ainda estão bons.

Em Minas Gerais a colheita está finalizada, a área de plantio de feijão segunda safra foi de 105,9 mil hectares, apresentando crescimento de 12,2% na presente safra. Este incremento se deve aos elevados preços do produto na ocasião do plantio. O plantio teve início em fevereiro e se estendeu até o final de abril. As lavouras de sequeiro correspondem a 83%, as lavouras irrigadas 17% e, com a completa ausência de chuvas ao longo de abril e maio, aliada ao tempo seco e quente, houve quebra da produtividade inicialmente informada. Desta forma, a produtividade média está estimada em 1.270 kg/ha, inferior em 14,6% em comparação com a safra passada. A produção poderá alcançar 150,9 mil toneladas, representando redução de 4,2% em relação à safra anterior.



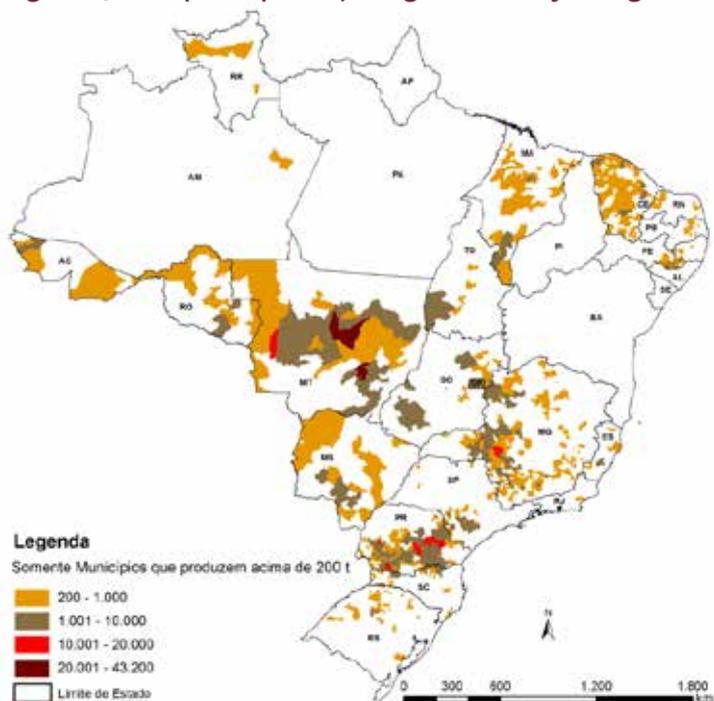
Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,4	44,8	(14,5)	823	823	-	43,1	36,9	(14,4)
RR	2,7	2,7	-	711	731	2,8	1,9	2,0	5,3
RO	22,0	20,2	(8,2)	759	882	16,2	16,7	17,8	6,6
AC	7,5	7,7	2,7	622	595	(4,3)	4,7	4,6	(2,1)
AM	5,5	4,1	(25,5)	1.170	927	(20,8)	6,4	3,8	(40,6)
AP	1,3	1,3	-	920	846	(8,0)	1,2	1,1	(8,3)
TO	13,4	8,8	(34,2)	910	862	(5,3)	12,2	7,6	(37,7)
NORDESTE	657,3	648,7	(1,3)	216	182	(15,9)	142,0	117,8	(17,0)
MA	55,0	47,8	(13,1)	566	536	(5,3)	31,1	25,6	(17,7)
PI	3,1	3,0	(3,2)	632	545	(13,8)	2,0	1,6	(20,0)
CE	393,8	371,1	(5,8)	192	155	(19,3)	75,6	57,5	(23,9)
RN	31,6	29,9	(5,5)	171	213	24,6	5,4	6,4	18,5
PB	58,6	85,3	45,5	166	174	4,8	9,7	14,8	52,6
PE	115,2	111,6	(3,1)	158	107	(32,3)	18,2	11,9	(34,6)
CENTRO-OESTE	229,3	198,9	(13,3)	1.663	1.101	(33,8)	381,3	219,0	(42,6)
MT	199,2	154,5	(22,4)	1.647	1.007	(38,9)	328,1	155,6	(52,6)
MS	16,0	14,0	(12,5)	1.600	1.236	(22,8)	25,6	17,3	(32,4)
GO	13,2	29,5	123,5	1.957	1.500	(23,4)	25,8	44,3	71,7
DF	0,9	0,9	-	2.000	2.055	2,8	1,8	1,8	-
SUDESTE	130,9	140,7	7,5	1.560	1.327	(14,9)	204,2	186,9	(8,5)
MG	105,9	118,8	12,2	1.487	1.270	(14,6)	157,5	150,9	(4,2)
ES	8,4	5,4	(35,7)	1.120	848	(24,3)	9,4	4,6	(51,1)
RJ	1,0	1,0	-	948	958	1,1	0,9	1,0	11,1
SP	15,6	15,5	(0,6)	2.334	1.959	(16,1)	36,4	30,4	(16,5)
SUL	248,6	245,6	(1,2)	1.841	1.514	(17,8)	457,6	371,7	(18,8)
PR	208,1	203,8	(2,1)	1.858	1.477	(20,5)	386,6	301,0	(22,1)
SC	20,2	17,4	(13,9)	1.800	1.839	2,2	36,4	32,0	(12,1)
RS	20,3	24,4	20,2	1.703	1.588	(6,8)	34,6	38,7	11,8
NORTE/NORDESTE	709,7	693,5	(2,3)	261	223	(14,4)	185,1	154,7	(16,4)
CENTRO-SUL	608,8	585,2	(3,9)	1.713	1.329	(22,5)	1.043,1	777,6	(25,5)
BRASIL	1.318,5	1.278,7	(3,0)	932	729	(21,7)	1.228,2	932,3	(24,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)		Produtiv. (kg/ha)		Produção (mil t)	
	Safr 15/16 (A)		Safr 15/16(B)		Safr 15/16(C)	
NORDESTE	1,0		217		0,2	
PB	1,0		217		0,2	
CENTRO-OESTE	0,1		1.910		0,2	
DF	0,1		1.910		0,2	
SUDESTE	5,2		828		4,4	
MG	2,0		740		1,5	
ES	2,2		848		1,9	
RJ	1,0		958		1,0	
SUL	110,9		1.547		171,5	
PR	73,0		1.486		108,5	
SC	13,5		1.800		24,3	
RS	24,4		1.588		38,7	
CENTRO-SUL	116,2		1.515		176,1	
BRASIL	117,2		1.504		176,3	

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)		Produtiv. (kg/ha)		Produção (mil t)	
	Safr 15/16 (A)		Safr 15/16(B)		Safr 15/16(C)	
NORTE	38,8		847		32,9	
RR	2,7		731		2,0	
RO	20,2		882		17,8	
AC	7,7		595		4,6	
AM	4,1		927		3,8	
AP	1,3		846		1,1	
TO	2,8		1.286		3,6	
NORDESTE	30,0		217		6,5	
MA	0,5		400		0,2	
PB	23,4		240		5,6	
PE	6,1		116		0,7	
CENTRO-OESTE	61,3		1.272		77,9	
MT	17,0		868		14,7	
MS	14,0		1.236		17,3	
GO	29,5		1.500		44,3	
DF	0,8		2.055		1,6	
SUDESTE	135,5		1.347		182,5	
MG	116,8		1.279		149,4	
ES	3,2		848		2,7	
SP	15,5		1.959		30,4	
SUL	134,7		1.487		200,2	
PR	130,8		1.472		192,5	
SC	3,9		1.982		7,7	
NORTE/NORDESTE	68,8		573		39,4	
CENTRO-SUL	331,5		1.390		460,6	
BRASIL	400,3		1.249		500,0	

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Agosto/2016.



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	6,0	673	4,0
TO	6,0	673	4,0
NORDESTE	617,7	180	111,1
MA	47,3	537	25,4
PI	3,0	545	1,6
CE	371,1	155	57,5
RN	29,9	213	6,4
PB	60,9	148	9,0
PE	105,5	106	11,2
CENTRO-OESTE	137,5	1.025	140,9
MT	137,5	1.025	140,9
NORTE/NORDESTE	623,7	185	115,1
CENTRO-SUL	137,5	1.025	140,9
BRASIL	761,2	336	256,0

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra a área estimada é de 543,0 mil hectares, o que configura decréscimo de 16,8% em relação à safra passada. A produção nacional de feijão deverá ficar em 628,3 mil toneladas, 26,1% menor que a última temporada.

As áreas de feijão terceira safra não são significativas no estado do Paraná, se concentra na região norte do estado, possuindo uma área diminuta, de apenas 4,5 mil hectares, dedicados ao plantio do feijão cores. A colheita começou e atinge 33% da área. A estiagem de abril e as geadas no final do ciclo geraram uma quebra da produtividade, que é estimada em 494 kg/ha, além disso, houve perdas qualitativas.

Para a safra 2015/16 no Distrito Federal, os dados revelados da safra 2015/16 estima recuo de 3,1% na área cultivada em comparação à safra 2014/15, ficando ao redor dos 3,1 mil hectares. A produtividade média poderá atingir 2.780 kg/ha, ante aos 3.209 kg/ha obtidos na safra passada, o que resultará em uma oferta próxima a 8,6 mil toneladas, inferior em 16,5% à oferta do exercício 2014/15. Conforme já explicitado acima, e em relatórios anteriores, os níveis dos reservatórios de água estão abaixo da média histórica, dificultando o funcionamento dos pivôs. Ressalte-se que o cultivo do feijão terceira safra no Distrito Federal é realizado em sua totalidade através de irrigação. Segundo os técnicos contatados, são necessários 500 mm de lâmina d'água nos reservatórios para o funcionamento dos pivôs, atualmente não chega a 100 mm. Tal situação tem levado os produtores a optarem pela paralisação

dos pivôs, evitando custos com energia, mão de obra etc. Portanto que entre 30% a 40% dos pivôs na região agrícola do Distrito Federal encontram-se nesta condição. O plantio foi concluído em obediência ao vazio sanitário, vigente a partir do dia 5 de setembro de 2014 conforme a Instrução Normativa nº 15, publicada em junho de 2014, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Durante o período de vigência do vazio sanitário os produtores devem eliminar qualquer planta viva da cultura do feijoeiro comum. Dessa forma, os produtores terão tempo suficiente para finalizar a colheita até a data que começa a vigorar o vazio sanitário. O vazio sanitário tem sua importância para que o ciclo de reprodução da mosca-branca seja quebrado. Mais de 84% do feijão cultivado na região são do tipo “cores”, que agrega valor à atividade, com importância comercial e no abastecimento regional. Os 16% restantes estão distribuídos entre feijão caupi e preto, correspondendo a 10% e 6% respectivamente.

Em Mato Grosso, nos últimos meses, a retração do plantio nas duas primeiras safras de feijão, aliada aos problemas de ordem climática, resultaram em queda na produção em relação à safra passada, mantendo os preços em patamares bastante elevados. Apesar do cenário de mercado propício ao cultivo da terceira safra irrigada, a área plantada em pivô será de apenas 38,3 mil hectares, ante aos 76,8 mil hectares da safra 2014/15. A redução expressiva de 50,1% da área plantada mesmo com os bons preços pagos pelo feijão,



pode ser explicada pela incidência de doenças de solo, causadas por nematoides nas áreas de irrigação, além da falta de sementes e o elevado custo de produção da cultura. Portanto, dos 80 mil hectares de pivô no estado, menos da metade será utilizado pela leguminosa, já que além dos fatores citados anteriormente, ainda há a concorrência de outras culturas, tais como: semente de milho e algodão. Já em relação à produtividade, apesar do cultivo do feijão terceira safra ser irrigado, a produtividade estimada é de 2.344 kg/ha, rendimento 4,3% inferior à safra 2014/15, devido ao clima quente e seco. A lavoura encontra-se em sua maior parte em desenvolvimento vegetativo.

Na Bahia a estimativa de produção é de 116,1 mil toneladas, retração de 30,2% em relação à safra anterior, que ficou em 166,3 mil toneladas. A expectativa de produtividade é de 582 kg/ha, redução de 25,6% em relação à safra passada, que foi de 782 kg/ha, provocado pela estimativa de diminuição na área plantada, saindo de 212,6 mil hectares da safra 2014/15 para 199,5 mil hectares, retração de 6,2%. Esta diminuição foi provocada pelo atraso nas chuvas, fazendo que o plantio, na maioria da região, iniciasse apenas na última semana de junho. Outro motivo foi o elevado custo das sementes para plantio e o menor número de sementes distribuídas pelo estado para os agricultores familiares. A maior parte das lavouras se encontram entre a fase de florescimento e a formação de vagens. Em algumas áreas, que teve ocorrência de chuvas no início de maio, já é possível encontrar plantas na fase de enchimento de grãos. O território com maior destaque é o semiárido Nordestino. Os produtores esperam um rendimento de aproximadamente 12,5 sc/ha, valor já abaixo da safra anterior. Este valor ainda tende a reduzir caso as condições climáticas em agosto não sejam favoráveis. O plantio do feijão de inverno ou terceira safra ocorre nos territórios do Piemonte da Diamantina, Piemonte do Itapicuru e Piemonte do Paraguaçu, e está sendo aguardado com boas expectativas pelos produtores da região. A maior parte dos agricultores ou desistiram de plantar ou não obtiveram sucesso no plantio, tendo em vista que o volume acumulado de chuvas entre maio e junho não foi ideal para o desenvolvimento da cultura. Apesar de ter uma área pouco representativa, o feijão macaçar apresen-

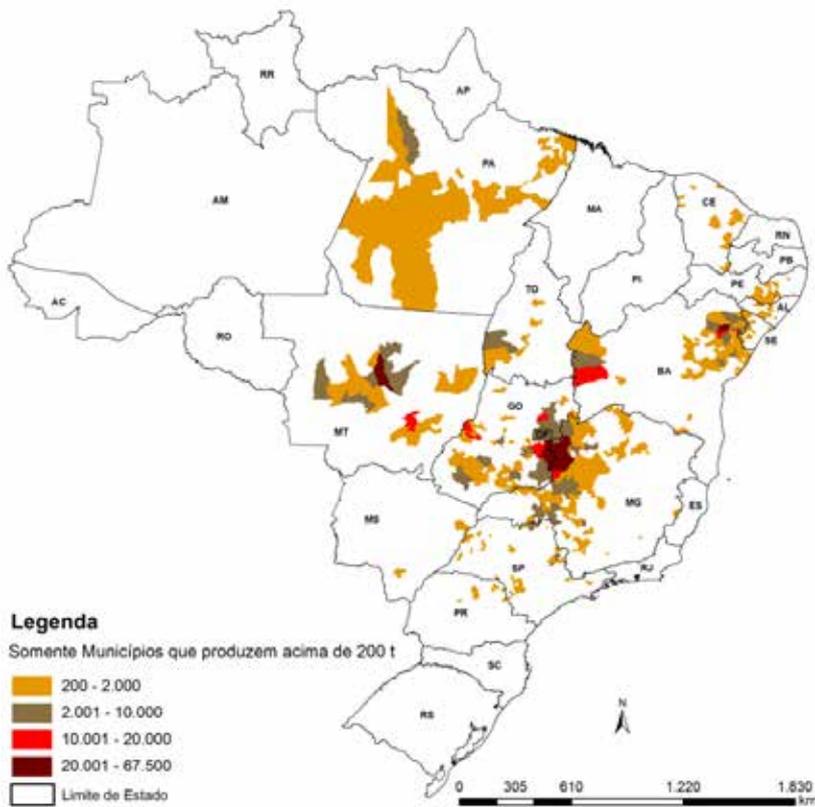
ta importante fonte alimentar na Região Nordeste, sendo cultivada em pequenas áreas da agricultura familiar e comercializadas em mercados locais. O macaçar se destaca pela sua maior resistência ao déficit hídrico quando comparado ao feijão cores.

Em Goiás muitas áreas já estão na fase reprodutiva. A área plantada em pivô será de 40,3 mil hectares, ante aos 36,5 mil hectares na safra 2014/15, incremento de 10,4%. Produtividade de 2.800 kg/ha, retração de 5,6% em relação à safra passada, que foi de 2.965 kg/ha, estimando produção de 112,8 mil toneladas, incremento de 4,3% em relação à safra 2014/15, que foi de 108,2 mil toneladas. A grande preocupação desta safra foi quanto ao abastecimento nas barragens. Os níveis estão baixos e para a próxima safra pode ser um fator agravante, principalmente para a região leste, principal produtora do estado. Em áreas de Cristalina estima-se que mais no final do ciclo da cultura será necessário sub-dosar o volume de água na irrigação. Há relatos de ataques de ácaros em algumas lavouras no município de Silvânia. Já em Cristalina os problemas foram relacionados ao mofo branco (*Sclerotinia sclerotiorum*), bem como o mosaico dourado do feijoeiro. Os métodos de controle foram adotados a tempo, evitando maiores perdas. Algumas regiões produtoras já se anteciparam a colheita, diante dos bons preços praticados.

Em Minas Gerais a elevação dos preços do produto tem justificado o aparecimento de áreas em municípios sem tradição de cultivo desse cereal e, em contrapartida, a restrição hídrica poderá inviabilizar o plantio em áreas tradicionalmente destinadas à cultura. A área plantada está estimada em 69 mil hectares, com produtividade média de 2.580 kg/ha, e a produção poderá alcançar 178 mil toneladas. O plantio ainda se encontra em andamento, devendo se estender até agosto, visto que boa parte das áreas de pivô se encontram ocupadas com lavouras de milho, as quais se encontram em fase de colheita.

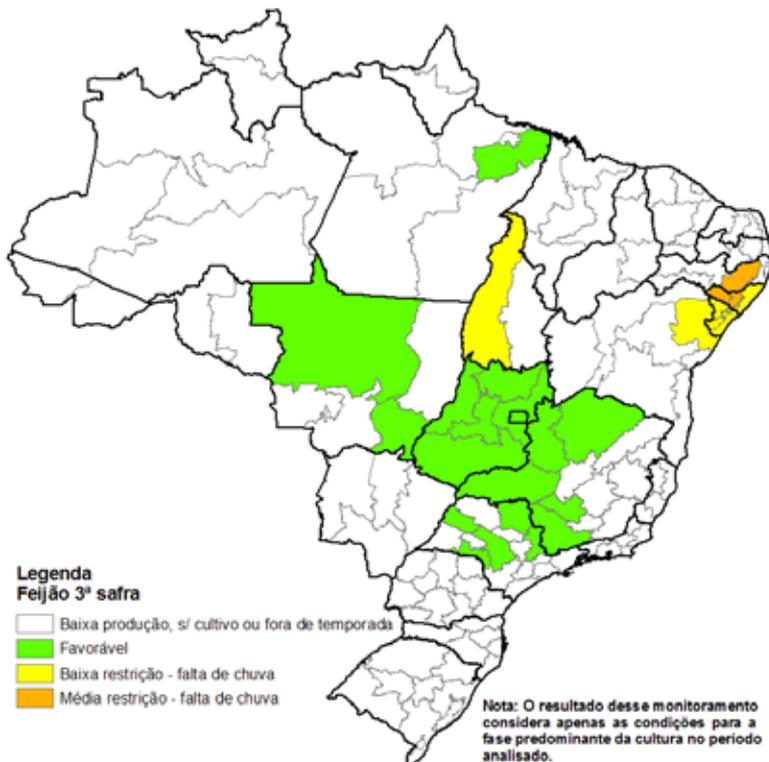


Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 19 – Condição hídrica geral em julho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - safra 2015/16



Fonte: Conab.



Quadro 2 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em julho.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 3ª safra	<ul style="list-style-type: none"> - norte, oeste e sul de MG - irrigado (F/FR) - norte, sul, centro e oeste de SP - irrigado (F/FR) - norte e sudeste do MT - irrigado (DV/F) - todo estado de GO - irrigado (F/FR) - DF - irrigado (F/FR) 		- nordeste do PA (M/C)	<ul style="list-style-type: none"> - oeste do TO - Baixa disponibilidade de água para irrigação (F/FR) - todo estado de AL (F/FR) - todo estado de SE (F/FR) - nordeste da BA (F/FR) - agreste de PE (F/FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,9	39,2	26,9	805	845	5,0	24,9	33,1	32,9
PA	28,0	32,9	17,5	728	723	(0,7)	20,4	23,8	16,7
TO	2,9	6,3	117,2	1.546	1.482	(4,1)	4,5	9,3	106,7
NORDESTE	407,7	335,6	(17,7)	684	516	(24,6)	279,0	173,1	(38,0)
CE	10,3	4,7	(54,0)	1.109	211	(81,0)	11,4	1,0	(91,2)
PE	122,1	85,5	(30,0)	540	370	(31,5)	65,9	31,6	(52,0)
AL	47,0	33,2	(29,4)	520	469	(9,8)	24,4	15,6	(36,1)
SE	15,7	12,7	(19,1)	701	695	(0,9)	11,0	8,8	(20,0)
BA	212,6	199,5	(6,2)	782	582	(25,6)	166,3	116,1	(30,2)
CENTRO-OESTE	116,9	81,7	(30,1)	2.627	2.585	(1,6)	307,2	211,2	(31,3)
MT	76,8	38,3	(50,1)	2.449	2.344	(4,3)	188,1	89,8	(52,3)
MS	0,4	-	-	1.380	-	(100,0)	0,6	-	(100,0)
GO	36,5	40,3	10,4	2.965	2.800	(5,6)	108,2	112,8	4,3
DF	3,2	3,1	(3,1)	3.209	2.780	(13,4)	10,3	8,6	(16,5)
SUDESTE	92,1	82,0	(11,0)	2.627	2.545	(3,1)	234,8	208,7	(11,1)
MG	74,0	69,0	(6,8)	2.576	2.580	0,2	190,6	178,0	(6,6)
SP	18,1	13,0	(28,2)	2.441	2.361	(3,3)	44,2	30,7	(30,5)
SUL	4,9	4,5	(8,2)	947	494	(47,8)	4,6	2,2	(52,2)
PR	4,9	4,5	(8,2)	947	494	(47,8)	4,6	2,2	(52,2)
NORTE/NORDESTE	438,6	374,8	(14,5)	693	550	(20,6)	303,9	206,2	(32,1)
CENTRO-SUL	213,9	168,2	(21,4)	2.555	2.510	(1,8)	546,6	422,1	(22,8)
BRASIL	652,5	543,0	(16,8)	1.303	1.157	(11,2)	850,5	628,3	(26,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2016.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	8,7	818	7,1
PA	7,9	651	5,1
TO	0,8	2.468	2,0
NORDESTE	299,1	534	159,9
PE	71,7	386	27,7
AL	25,8	484	12,5
SE	12,7	695	8,8
BA	188,9	587	110,9
CENTRO-OESTE	81,2	2.588	210,1
MT	38,3	2.344	89,8
MS	-	-	-
GO	40,3	2.800	112,8
DF	2,6	2.900	7,5
SUDESTE	82,0	2.545	208,7
MG	69,0	2.580	178,0
SP	13,0	2.361	30,7
SUL	4,5	494	2,2
PR	4,5	494	2,2
NORTE/NORDESTE	307,8	542	167,0
CENTRO-SUL	167,7	2.511	421,0
BRASIL	475,5	1.237	588,0

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
CENTRO-OESTE	0,2	3.000	0,6
DF	0,2	3.000	0,6
CENTRO-SUL	0,2	3.000	0,6
BRASIL	0,2	3.000	0,6

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	30,5	852	26,0
PA	25,0	746	18,7
TO	5,5	1.336	7,3
NORDESTE	36,5	362	13,2
CE	4,7	211	1,0
PE	13,8	284	3,9
AL	7,4	420	3,1
BA	10,6	491	5,2
CENTRO-OESTE	0,3	1.500	0,5
DF	0,3	1.500	0,5
NORTE/NORDESTE	67,0	585	39,2
CENTRO-SUL	0,3	1.500	0,5
BRASIL	67,3	589	39,6

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

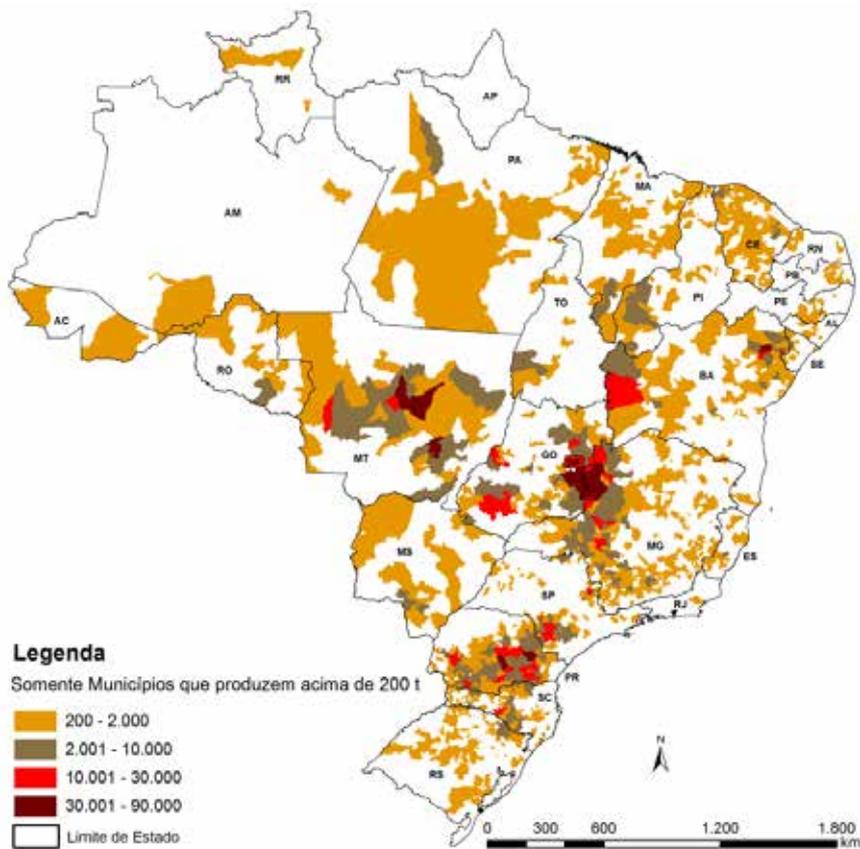


8.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras estima-se que a área total de feijão será de 2.796,3 mil hectares, retração de 7,5% em relação à safra passada. A produção nacional

de feijão deverá ficar em 2.593,1 mil toneladas e 19,2% menor que a última temporada.

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88,1	88,6	0,6	810	827	2,1	71,4	73,3	2,7
RR	2,7	2,7	-	704	741	5,3	1,9	2,0	5,3
RO	22,0	20,2	(8,2)	759	881	16,1	16,7	17,8	6,6
AC	7,5	7,7	2,7	627	597	(4,7)	4,7	4,6	(2,1)
AM	5,5	4,1	(25,5)	1.164	927	(20,4)	6,4	3,8	(40,6)
AP	1,3	1,3	-	923	846	(8,3)	1,2	1,1	(8,3)
PA	28,0	32,9	17,5	729	723	(0,7)	20,4	23,8	16,7
TO	21,1	19,7	(6,6)	953	1.025	7,6	20,1	20,2	0,5
NORDESTE	1.549,5	1.410,5	(9,0)	416	283	(32,0)	644,0	399,0	(38,0)
MA	93,6	73,3	(21,7)	524	513	(2,0)	49,0	37,6	(23,3)
PI	214,4	214,5	-	360	145	(59,9)	77,2	31,0	(59,8)
CE	404,1	375,8	(7,0)	215	156	(27,7)	87,0	58,5	(32,8)
RN	31,6	29,9	(5,4)	171	214	25,3	5,4	6,4	18,5
PB	58,6	85,3	45,6	166	174	4,8	9,7	14,8	52,6
PE	237,3	197,1	(16,9)	354	221	(37,6)	84,1	43,6	(48,2)
AL	47,0	33,2	(29,4)	519	470	(9,5)	24,4	15,6	(36,1)
SE	15,7	12,7	(19,1)	701	693	(1,1)	11,0	8,8	(20,0)
BA	447,2	388,7	(13,1)	662	470	(29,0)	296,2	182,7	(38,3)
CENTRO-OESTE	421,1	351,2	(16,6)	1.990	1.653	(17,0)	838,1	580,5	(30,7)
MT	286,8	198,7	(30,7)	1.859	1.267	(31,9)	533,1	251,7	(52,8)
MS	17,1	14,6	(14,6)	1.614	1.260	(21,9)	27,6	18,4	(33,3)
GO	101,0	121,8	20,6	2.393	2.314	(3,3)	241,7	281,9	16,6
DF	16,2	16,1	(0,6)	2.204	1.770	(19,7)	35,7	28,5	(20,2)
SUDESTE	431,1	425,0	(1,4)	1.639	1.674	2,1	706,7	711,4	0,7
MG	339,0	334,4	(1,4)	1.512	1.556	3,0	512,4	520,4	1,6
ES	14,4	10,5	(27,1)	938	1.038	10,7	13,5	10,9	(19,3)
RJ	1,7	1,6	(5,9)	941	1.000	6,3	1,6	1,6	-
SP	76,0	78,5	3,3	2.358	2.274	(3,6)	179,2	178,5	(0,4)
SUL	534,4	521,0	(2,5)	1.778	1.591	(10,5)	950,0	828,9	(12,7)
PR	405,7	389,7	(3,9)	1.775	1.511	(14,9)	720,2	588,9	(18,2)
SC	72,9	63,4	(13,0)	1.908	1.861	(2,5)	139,1	118,0	(15,2)
RS	55,8	67,9	21,7	1.625	1.797	10,5	90,7	122,0	34,5
NORTE/NORDESTE	1.637,6	1.499,1	(8,5)	437	315	(27,9)	715,4	472,3	(34,0)
CENTRO-SUL	1.386,6	1.297,2	(6,4)	1.799	1.635	(9,1)	2.494,8	2.120,8	(15,0)
BRASIL	3.024,2	2.796,3	(7,5)	1.062	927	(12,7)	3.210,2	2.593,1	(19,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2016.

8.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

Feijão comum cores

Na avaliação de safras realizadas pela Conab, em junho de 2016, projetava-se uma colheita de 2.698,9 mil toneladas, uma das menores registradas no país. Nesta última pesquisa, realizada em meados de julho a situação ficou ainda pior, esse número recuou para 2.595,9 mil toneladas.

A terceira safra, ou safra de inverno, semeada a partir de março começou a ser colhida no final de junho. Trata-se de uma safra plantada no Centro-oeste e Sudeste, sob pivôs. Já na Região Nordeste, a cultura é condu-

zida em regime de sequeiro e altamente suscetível à quebra por falta de chuva.

A região nordeste da Bahia é um forte polo produtor, representando, junto com Alagoas e Sergipe, 22% da produção prevista para a safra de inverno. A safra foi implementada com atraso devido à falta de umidade no solo e, no momento, as lavouras estão sendo prejudicadas pela falta de chuvas.

Em que pese à motivação dos agricultores dados aos



atrativos preços praticados no mercado, alguns fatores impediram o avanço da área a ser plantada, dentre eles: capacidade hídrica, custo elevado de produção (energia, semente cara e escassa), mosca-branca e doenças de solo (nematóides), notadamente no Mato Grosso. Nesse estado, parte da área anteriormente cultivada com o feijão carioca provavelmente será ocupada com outras culturas, dentre elas o feijão caupi e milho semente.

A quase totalidade do produto ofertado no mercado é basicamente de feijão comum carioca, vez que no segundo semestre o plantio de feijão comum preto é inexpressivo, limitando-se a um pequeno percentual conduzido sob pivôs e algumas áreas plantadas na região de Garanhuns (PE).

Com o início da colheita da safra de inverno, a partir de meados de junho, os preços apresentaram um significativo recuo, mas ainda em patamares bem elevados. Contudo, o volume a ser ofertado é suficiente para atender no máximo a dois meses de consumo e,

Feijão comum preto

A expectativa é de preços elevados, fato que normalmente acontece neste período, quando o produto nacional foi praticamente consumido e o Brasil passando a depender de feijão novo proveniente de outros países.

Cabe mencionar que a safra Argentina começou a chegar na fronteira e o volume a ser produzido, cerca de 70%, será de feijão comum preto e entre 10.000 e 15.000 toneladas, de feijão comum branco, destinados ao Brasil.

provavelmente, a partir de outubro, as cotações tendem a ficar mais atrativas.

Em se tratando do varejo, o empacotador está trabalhando com novas tabelas e margem muito elevada, principalmente em referência a produto de processamento e agregação de valor extremamente baixo. Nota-se grande dificuldade de repasse dos últimos aumentos para as redes de supermercados. É importante alertar que o preço no varejo subiu além do dobro, nos últimos meses, com o consumidor pagando, no Paraná, acima de R\$ 11,00, em julho, pelo pacote de 1 quilo, independente da marca, o que vem refletindo nos índices de inflação. A reação nos preços vem afastando boa parte dos consumidores, fazendo com que busquem outras alternativas de alimentação.

Em suma, a retração do plantio, aliada aos problemas de ordem climática, resultaram num quadro de suprimento bastante apertado, mantendo os preços em patamares bastante elevados.

Para a temporada 2015/16, computando as três safras, a estimativa da Conab chega em uma produção de 2.593,1 mil toneladas, o que representa variação negativa de 19,2% em relação à safra anterior. A previsão é de que cerca de 617,1 mil toneladas do grão deixem de ser colhidas neste ano, pouco mais de dois meses de consumo. Tal comportamento deve-se à perda de área no campo para a soja e o milho e, principalmente, das condições climáticas adversas.

Tabela 41 - Suprimento - feijão comum cores, preto e caubi

Ano-safra	Estoque inicial	Produção nacional	Imp.	Suprimento	Consumo aparente	Exp.	Estoque de passagem
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16(*)	198,1	2.593,1	250,0	3041,2	2.870,0	65,0	106,2

Fonte: Conab/Secex

(*) Dados estimados em julho de 2016



8.1.5. GIRASSOL

O avanço da colheita de girassol em Mato Grosso atingiu 75% e confirmou boa produtividade, cuja média é de 1.562 kg/ha, rendimento de 15,9% superior ao registrado na safra 2014/15. Apesar do aumento expressivo de produtividade, a área plantada foi de 23,1 mil hectares na atual temporada, redução significativa de área na ordem de 73,3% em relação à temporada 2014/15, devido à destinação de áreas para o cultivo do milho segunda safra, fato que reduzirá a produção da oleaginosa para 36,1 mil toneladas, ante às 116,5 mil toneladas na safra anterior, redução de 69% no período.

Fase de colheita encerrada. Esta cultura em Goiás possui contrato de entrega com empresa de óleo, sediada em Itumbiara-GO (matriz). Ocorreu atraso no plantio neste ano em Goiás em consequência do atraso do plantio e colheita da soja. Contratos demoraram a serem firmados pelos produtores, estes, bastante receosos em relação à vulnerabilidade da cultura a certas doenças e preços não tão atrativos para o produtor. A estiagem também provocou baixo desenvolvimento das plantas e, com isso, formou-se pequenos capítulos, com formação de grãos de pequenos volumes e ainda chochos. No leste de Goiás 60% das áreas já

foram colhidas, visto que nas próximas semanas o restante será colhido. A principal doença encontrada nas lavouras em Goiás é a esclerotinia, causada por (*Sclerotinia sclerotiorum*).

Em Minas Gerais área de plantio de girassol está estimada em 7,2 mil hectares, inferior em 48,6% em comparação com a safra anterior, em face dos fracos resultados alcançados na safra passada devido às perdas causadas por doenças, notadamente mofo branco, e devido também à insatisfação dos produtores com os preços recebidos pelo produto. Algumas áreas deixaram de ser plantadas em razão das condições climáticas desfavoráveis, vigentes no segundo bimestre, quando usualmente se concentra a maior parte dos plantios da cultura. O plantio foi realizado em março e abril, e a colheita está prevista para o final de julho e agosto. A estiagem comprometeu a germinação e o desenvolvimento das lavouras. Chuvas ocorridas no final de maio e início de junho propiciaram alguma recuperação, mas ainda se estima uma queda de 18,1% na produtividade, que pode ficar em torno de 1.200 kg/ha. A produção está estimada em 8,6 mil toneladas, 58% menor em relação à safra passada.

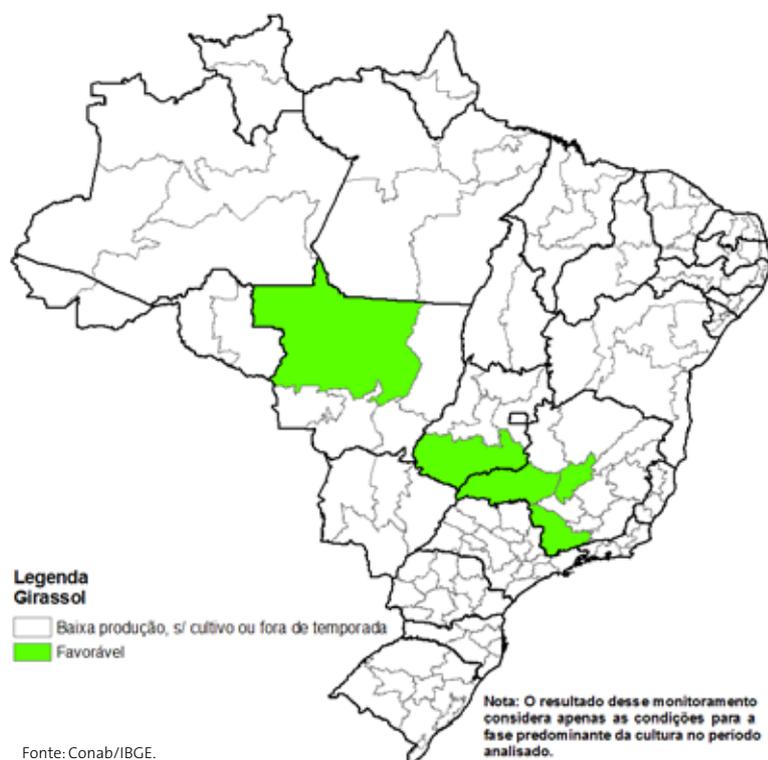
Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 22 – Condição hídrica geral em julho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - safra 2015/16



Quadro 3 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em julho.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Girassol			- norte de MT (C) - sul de GO (C) - Triângulo, centro e sul de MG (M/C)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	94,2	37,4	(60,3)	1.352	1.426	5,5	127,4	53,4	(58,1)
MT	86,4	23,1	(73,3)	1.348	1.562	15,9	116,5	36,1	(69,0)
MS	0,4	0,3	(25,0)	1.500	1.500	-	0,6	0,5	(16,7)
GO	7,4	14,0	89,2	1.386	1.200	(13,4)	10,3	16,8	63,1
SUDESTE	14,0	7,2	(48,6)	1.465	1.200	(18,1)	20,5	8,6	(58,0)
MG	14,0	7,2	(48,6)	1.465	1.200	(18,1)	20,5	8,6	(58,0)
SUL	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
RS	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
CENTRO-SUL	111,5	47,9	(57,0)	1.374	1.386	0,9	153,2	66,4	(56,7)
BRASIL	111,5	47,9	(57,0)	1.374	1.386	0,9	153,2	66,4	(56,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.



8.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2015/16 de mamona é de redução de área, alcançando 30,3 mil hectares, que representa decréscimo de 63,1% em relação à safra passada, que foi de 82,1 mil hectares.

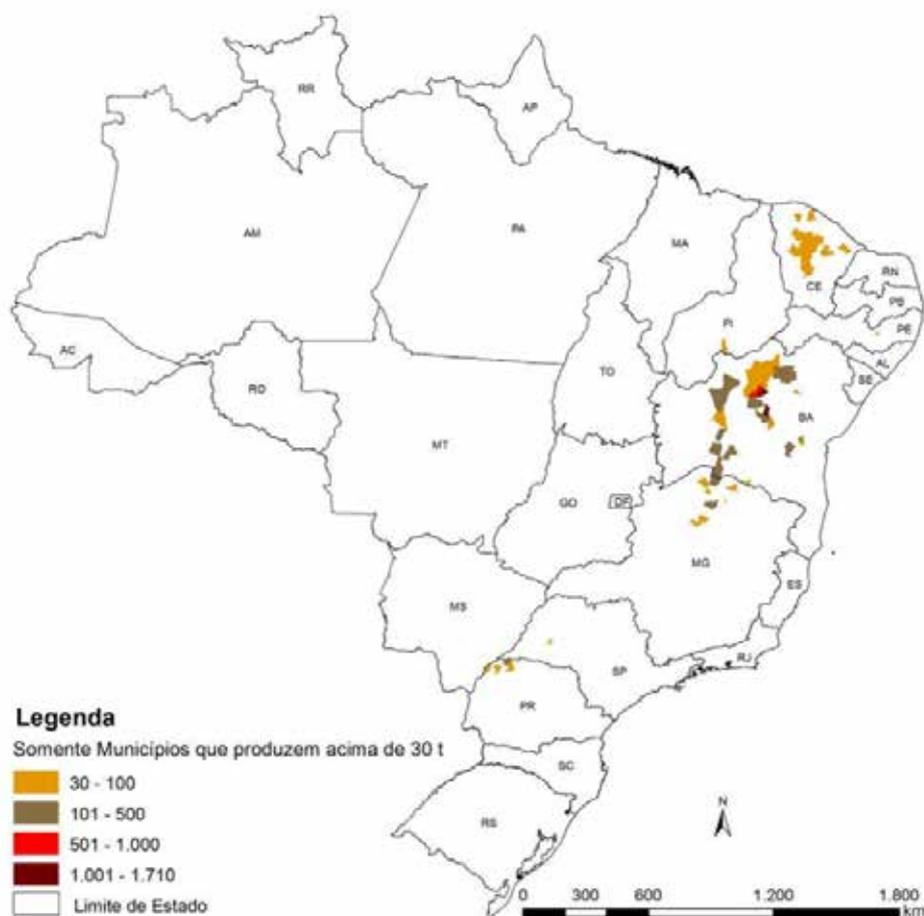
Para a Bahia a estimativa de produção é de 12,8 mil toneladas em uma área de 21 mil hectares. O início da colheita está previsto para agosto. A grande quantidade de chuvas em janeiro e a estiagem nos meses seguintes dificultou o plantio da cultura. A ausência de chuvas nos últimos seis meses prejudicou o desenvolvimento de parte da cultura e algumas lavouras já tiveram baixas de plantas ou apresentam baixa densidade de plantio. Algumas áreas que apresentam desenvolvimento vegetativo regular, como no município de Cafarnaum, são plantações que foram semeadas no solo seco (pó) em dezembro e que aproveitaram as chuvas de janeiro e, além disso, contam com plantas da safra anterior. Por se tratar de uma cultura mais rústica, as perdas são menores, estimada em 30%. A produtividade esperada é de 610 kg/ha, fundamentada pelas condições climáticas adversas que submeteram as culturas neste período, apesar da baixa exigência hídrica da mamona, deverá causar diminuição da produtividade de 4,7% em relação à safra anterior. Diminuição também da produção em 71,5%, saindo de 44,9 mil toneladas para 12,8 mil toneladas, este fato é de que parte das plantas remanescentes da safra 2014/15, que se somam com os volumes de produção da safra 2015/16, terem sofrido baixas. A maior parte da mamona encontra-se no período de frutificação, mas já há uma pequena parte do produto que já está sendo colhido e comercializado nos mercados locais. Em algumas propriedades a mamona está sendo consorciada com o milho.

No Ceará foram semeados 8,3 mil hectares, retração de 7,8% em relação à safra anterior que foi de 9 mil hectares. Esta diminuição de área da cultura está relacionada com a exigência de tratamentos culturais, como calagem e adubação, que os produtores da região não possuem domínio da técnica e com as condições climáticas desfavoráveis, o que as levam a se concentrarem no plantio de espécies alimentícias. As sementes são geralmente doadas pelo governo estadual e distribuídas pela Ematerce. Cada agricultor pode receber quantidade suficiente para cultivar até 10 hectares. Em Quixadá, a empresa de extensão rural está com dificuldades para distribuir essas sementes, pois os produtores estão deixando de plantar. A razão para isso é que a Petrobras está deixando de ajudar no preparo do terreno, através da cessão de tratores para o preparo do solo. O plantio foi realizado de janeiro a abril. A cultura se encontra em estágio de frutificação (47,26%) e de maturação (52,74%). A colheita será realizada de agosto a novembro, concentrando-se no primeiro, quando se estima que será colhida 85,18% das áreas semeadas.

Em Minas Gerais o plantio de mamona, restrito basicamente ao Norte de Minas, segue em tendência de retração, em face dos fracos resultados alcançados nas últimas safras, somadas às dificuldades e baixos preços de comercialização. A área de plantio está estimada em 0,4 mil hectares, apresentando queda de 50% em relação à safra anterior. A produtividade média está estimada em 920 kg/ha, podendo ainda ser reavaliada com a conclusão da colheita, já que houve período de estiagem entre dezembro e janeiro na região produtora. As lavouras se encontram em fase de maturação e colheita. Estima-se uma produção de 0,4 mil toneladas.



Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	81,3	29,9	(63,2)	576	472	(17,9)	46,8	14,1	(69,9)
PI	0,6	0,6	-	506	500	(1,2)	0,3	0,3	-
CE	9,0	8,3	(7,8)	156	122	(21,8)	1,4	1,0	(28,6)
PE	1,6	-	(100,0)	142	-	(100,0)	0,2	-	(100,0)
BA	70,1	21,0	(70,0)	640	610	(4,7)	44,9	12,8	(71,5)
SUDESTE	0,8	0,4	(50,0)	306	920	200,7	0,2	0,4	100,0
MG	0,8	0,4	(50,0)	306	920	200,7	0,2	0,4	100,0
NORTE/NORDESTE	81,3	29,9	(63,2)	576	472	(17,9)	46,8	14,1	(69,9)
CENTRO-SUL	0,8	0,4	(50,0)	306	920	200,7	0,2	0,4	100,0
BRASIL	82,1	30,3	(63,1)	573	478	(16,5)	47,0	14,5	(69,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.



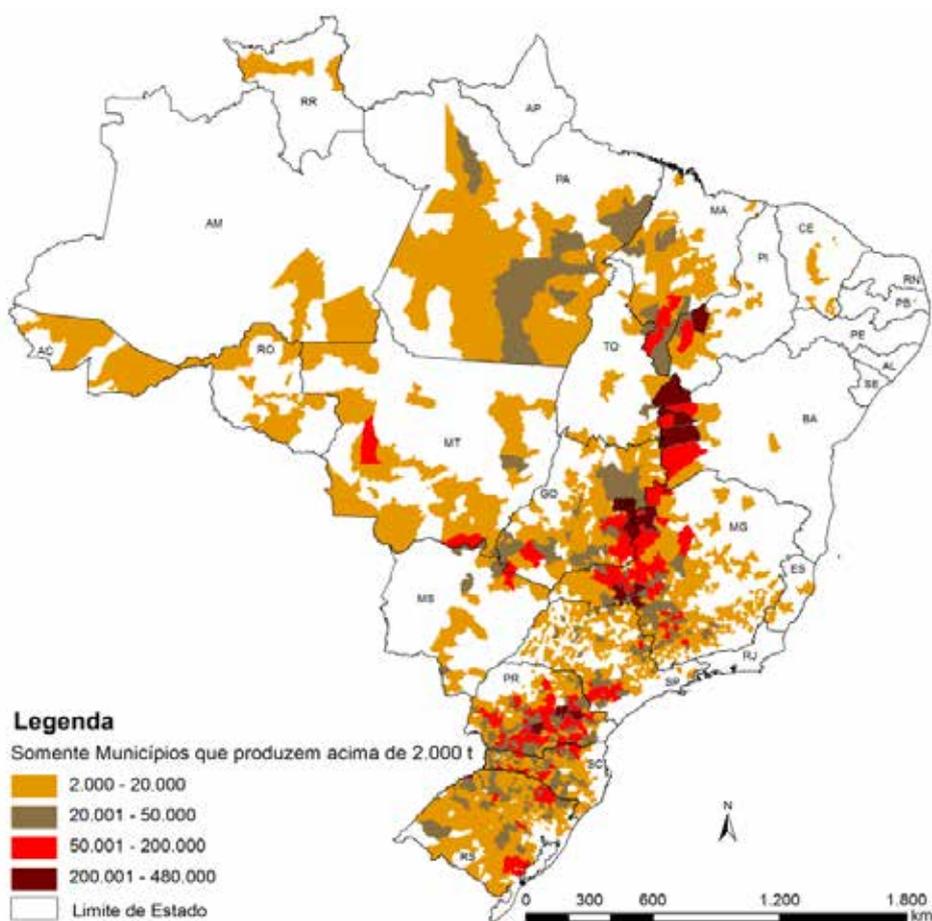
8.1.7. MILHO

8.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

No décimo primeiro levantamento a área com milho primeira safra apresentou redução de 12,2%, atingindo 5.395,5 mil hectares quando comparada com a safra passada, que totalizou 6.142,3 mil hectares. A produ-

tividade foi estimada em 4.797 kg/ha. A produção do cereal totalizou 25.883,2 mil toneladas, representando decréscimo de 14% em relação ao obtido no exercício anterior.

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(ef)	(g)	(f/e)
NORTE	393,8	361,2	(8,3)	3.239	3.136	(3,2)	1.275,5	1.132,9	(11,2)
RR	6,2	4,6	(25,2)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	46,0	38,6	(16,1)	2.174	2.657	22,2	100,0	102,6	2,6
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.442	4,7	96,3	96,7	0,4
AM	15,5	5,4	(65,2)	2.540	2.515	(1,0)	39,4	13,6	(65,5)
AP	1,8	1,8	-	907	902	(0,6)	1,6	1,6	-
PA	218,7	196,5	(10,2)	3.232	3.286	1,7	706,8	645,7	(8,6)
TO	64,3	74,7	16,3	4.914	3.463	(29,5)	316,0	258,7	(18,1)
NORDESTE	2.056,5	1.869,6	(9,1)	2.165	1.542	(28,8)	4.452,9	2.883,4	(35,2)
MA	380,1	272,2	(28,4)	2.500	2.666	6,6	950,3	725,7	(23,6)
PI	380,5	471,0	23,8	2.495	1.490	(40,3)	949,3	701,8	(26,1)
CE	480,6	460,2	(4,2)	315	354	12,4	151,4	162,9	7,6
RN	25,9	25,0	(3,3)	288	309	7,3	7,5	7,7	2,7
PB	62,9	84,3	34,0	322	253	(21,4)	20,3	21,3	4,9
PE	214,7	184,6	(14,0)	271	186	(31,4)	58,2	34,3	(41,1)
BA	511,8	372,3	(27,3)	4.525	3.303	(27,0)	2.315,9	1.229,7	(46,9)
CENTRO-OESTE	361,6	320,3	(11,4)	6.930	7.637	10,2	2.506,0	2.446,1	(2,4)
MT	63,6	31,1	(51,1)	7.205	6.417	(10,9)	458,2	199,6	(56,4)
MS	20,5	16,0	(22,0)	8.500	9.000	5,9	174,3	144,0	(17,4)
GO	250,7	246,4	(1,7)	6.690	7.800	16,6	1.677,2	1.921,9	14,6
DF	26,8	26,8	-	7.326	6.740	(8,0)	196,3	180,6	(8,0)
SUDESTE	1.435,4	1.237,3	(13,8)	5.436	6.080	11,9	7.802,1	7.522,7	(3,6)
MG	1.022,4	837,4	(18,1)	5.340	6.100	14,2	5.459,6	5.108,1	(6,4)
ES	17,8	13,9	(21,9)	1.363	3.053	124,0	24,3	42,4	74,5
RJ	2,6	2,0	(23,0)	2.394	2.600	8,6	6,2	5,2	(16,1)
SP	392,6	384,0	(2,2)	5.889	6.164	4,7	2.312,0	2.367,0	2,4
SUL	1.895,0	1.607,1	(15,2)	7.412	7.403	(0,1)	14.045,5	11.898,1	(15,3)
PR	542,5	414,1	(23,7)	8.633	7.953	(7,9)	4.683,4	3.293,3	(29,7)
SC	411,5	370,0	(10,1)	7.750	7.330	(5,4)	3.189,1	2.712,1	(15,0)
RS	941,0	823,0	(12,5)	6.560	7.160	9,1	6.173,0	5.892,7	(4,5)
NORTE/NORDESTE	2.450,3	2.230,8	(9,0)	2.338	1.800	(23,0)	5.728,4	4.016,3	(29,9)
CENTRO-SUL	3.692,0	3.164,7	(14,3)	6.596	6.910	4,8	24.353,6	21.866,9	(10,2)
BRASIL	6.142,3	5.395,5	(12,2)	4.898	4.797	(2,0)	30.082,0	25.883,2	(14,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

8.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

A área plantada, nesta temporada apresentou incremento de 10,2% em relação à safra passada. O clima foi o grande responsável pelo baixo desempenho da lavoura em todo o país, causando forte impacto na produção. A produtividade alcançada nesta temporada foi a que apresentou a menor redução percentual nos últimos dez anos - 29% quando comparada com a da última safra. A produção, como consequência, apresentou redução recorde nos últimos doze anos – 22%.

Em Mato Grosso a colheita da segunda safra de milho já registra um avanço de 75% da área cultivada e deverá ser finalizada ainda em agosto. A produtividade média ficou em 4.178 kg/ha, rendimento inferior ao ocorrido na safra 2014/15, reflexo do déficit hídrico que assolou o estado, como um todo, em conjunto com a semeadura de significativa parcela, cerca de um terço, fora da janela ideal, que contribuirá para que em algumas regiões as áreas com o cereal nem sejam

colhidas, servindo apenas de cobertura vegetal para o solo. Em relação à área, a safra 2015/16 registrou o plantio de 3,769 milhões de hectares, incremento de 12,4% em relação à última safra, fato que não foi suficiente para reverter a situação de queda de 22,4% na produção do cereal, que saiu de 20,3 milhões na temporada passada para 15,7 milhões de toneladas na atual. A Conab identificou uma diferença na área levantada para o estado em função da revisão da amostragem estatística e do uso de geotecnologias. Esta informação foi ajustada neste levantamento e, em paralelo, a Companhia está realizando o mapeamento da cultura por imagens de satélite de todo o estado, desde a safra 2000/2001 até a safra atual. O trabalho requer validações em campo e tão logo seja concluído, os resultados da sua aplicação serão apresentados.

A combinação de oferta limitada e de baixa qualidade do milho, por conta da queda acentuada na produti-



vidade, contrapondo ao elevado nível de comercialização futura observado nesta safra, têm dificultado o cumprimento dos contratos dos produtores. Com a pouca oferta, além da baixa qualidade do milho, a solução encontrada pelas tradings em atender os padrões mínimos de exportação, e assim, cumprir os compromissos de vendas externas, tem sido a mistura de cargas de milho fora de padrão com cargas boas, vindas de outros estados. Todavia, uma parcela do milho sem padrão tem abastecido o mercado interno, aproveitando os bons preços praticados. No Paraná foi iniciada a colheita da segunda safra de milho, visto que, do total da área plantada, 10% está colhida. As geadas ocorridas em junho atingiram as lavouras, principalmente nos locais de baixadas e nos locais mais altos.

No Paraná, aproximadamente 38% das lavouras encontravam-se na fase de maturação e 3% na fase de floração, que são as fases onde a cultura é suscetível à geada. Devido a este evento estima-se redução de 12,6% na produtividade da cultura, enquanto que a produção, que era estimada em 12,8 mil toneladas em maio, foi reduzida para aproximadamente 11 milhões de toneladas em junho.

Destaca-se ainda que, além da geada, a produtividade do milho também foi afetada pela estiagem ocorrida em abril. Informações mais precisas sobre a real perda da produtividade serão obtidas com o avanço da colheita. Algumas tradings cancelaram contratos de intenção de exportação de milho, mas algumas cooperativas relataram que não puderam fazer tais cancelamentos, por tratarem de negociações já concretizadas e a sua recompra seria muito onerosa.

Em Mato Grosso do Sul os dados obtidos confirmam a tendência de queda na produtividade já constatada desde levantamentos anteriores. As fases da lavoura de milho segunda safra no estado variam entre a maturação e a colheita. Em julho houve redução nos volumes de chuvas em todo o estado, que refletiu num menor potencial produtivo das lavouras cultivadas mais tardiamente, principalmente as plantadas após o prazo limite do zoneamento agrícola. De modo geral são observadas lavouras com plantas mal desenvolvidas e de menor porte, com espigas menores e mal granadas, indicativos reais das quebras de produtividades relatadas em praticamente todos os municípios levantados. Ademais, mesmo em lavouras com bom visual de vegetação, são relatados casos de produtividade aquém do esperado. Em meados de julho foram registradas baixas temperaturas em todas as regiões do estado, o que agravou o quadro de perdas já instalado, uma vez que afetaram muitas áreas em plena fase de granação. Atribui-se às geadas,

que atingiram o estado, uma estimativa em torno de 20% do total das perdas, hoje estimadas em 28,3% em comparação à safra passada e mesmo assim, restrita aos municípios da região próxima à divisa com o Paraguai. Até o momento estima-se que a colheita alcançou 25% das áreas cultivadas. O baixo percentual de áreas colhidas se deve a constatação de elevados teores de umidade nos grãos colhidos, em função das baixas temperaturas e da umidade ainda disponível no solo, que faz a planta alongar o ciclo e a espiga perder umidade mais lentamente.

Até o momento estima-se que 45% da produção tenha sido negociada de forma antecipada, nesta safra 2015/16. As primeiras áreas colhidas estão sendo destinadas a honrar estes contratos. As perdas de produtividades causadas pelos fatores climáticos adversos geram certo desconforto por parte dos fornecedores, que se sentem preocupados com o possível não cumprimento dos contratos de entrega de produtos fechados no início da safra. No entanto, são estimados poucos produtores nesta situação, uma vez que o limite de liberação deste tipo de crédito é cercado de cuidados, garantias e parâmetros de limitação por parte das cooperativas e revendas, em estreita relação de confiança, que uma vez quebrada, pode trazer consequências muito negativas aos produtores no tocante ao fornecimento de insumos e serviços.

Em Goiás a colheita segue em ritmo bastante lento. Muitos produtores aguardam vistorias e laudos nas áreas seguradas, enquanto que a perda de umidade do grão também ocorre de forma lenta. Em função da forte estiagem, várias áreas foram atacadas pela lagarta do cartucho, coincidindo com um menor número de aplicações dos defensivos agrícolas realizados habitualmente pelo produtor por considerar nessa altura, pouco compensatório. As espigas ficaram bem abaixo do padrão de desenvolvimento, com grãos leves e desuniformes. O clima foi o grande fator limitante da cultura, levando a perdas de até 100% em algumas lavouras, o que fez alguns municípios goianos fosse decretar estado de emergência.

Em São Paulo o milho segunda safra sofreu com a forte estiagem ocorrida desde o final de março até início de junho. Adicionalmente, em junho, mais precisamente na primeira quinzena, houve forte incidência de geadas nas maiores regiões produtoras, localizadas no sul do estado, afetando as lavouras de milho em plena fase de espigamento/ emborrachamento, acarretando com isso, significativa quebra na produtividade. Os municípios mais atingidos foram Avaré, Itaí, Itararé, Palmital, Candido Mota, Tarumã e Florínea. É esperado que na média do estado a quebra na produtividade do milho possa chegar a 41,3%.



Em Minas Gerais com a elevação dos preços superiores a R\$ 40,00 a saca de 60 quilos na ocasião do plantio, houve forte tendência de ampliação da área de cultivo de milho segunda safra no estado. O plantio teve início em fevereiro, mas muitos produtores ainda estenderam até o final de março, motivados pela continuidade das chuvas e pelo estímulo dos preços. No entanto, a forte estiagem que se seguiu ao longo do mês de abril, atingiu as lavouras nas fases de desenvolvimento vegetativo, formação de espigas e enchimento de grãos, causando sérias perdas. As lavouras se encontram predominantemente em fase de maturação (78%) e colheita (22%). Estima-se um crescimento de 44,2% na área de plantio de milho safrinha, que passa de 255,2 mil hectares na safra 2014/15 para 367,9 mil hectares na atual. A produtividade média do estado foi reavaliada para 2.440 kg/ha, ficando 55,7% menor em relação à safra anterior. A produção poderá atingir 897,7 mil toneladas, 36,1% abaixo da safra passada.

Em Rondônia o plantio do cereal deveria ter iniciado em janeiro. Essa lavoura é plantada de forma subsequente à colheita e na mesma área da soja. Como as chuvas não aconteceram como em anos anteriores, elas tiveram um atraso, começando somente em outubro e comprometendo o plantio da soja. Muitas lavouras sentiram a falta das chuvas, principalmente nas fases da formação de grãos, e deverão ser afetadas na sua produtividade. A colheita ainda não foi iniciada. No âmbito estadual, essa queda não deverá ser maior, porque no município de Vilhena, que é o maior produtor, as chuvas aconteceram com relativa intensidade, beneficiando o desenvolvimento vegetativo das lavouras. Alguns outros municípios fora da região do Cone Sul, e que possuem grandes confinamentos de gado, também cultivaram lavouras com milho da segunda safra e esperam obter uma boa produção, gerando excedentes para alimentar seus animais confinados e até para comercialização, uma vez que fizeram correções do solo com calcário e as chuvas aconteceram de maneira regular. O sistema de plantio utilizado é todo direto e sua semente é 50% híbrida dupla e 50% de híbrida simples.

Em Tocantins, com 82,5% do total da área já colhida, a expectativa para esta safra é de redução de 39,8% na área cultivada, 62% na produção e 36,9% na produtividade, se comparada com os dados da temporada anterior. As adversidades climáticas, ocorridas durante todo o período da safra, foram as principais causas por este resultado negativo. Considerando o percentual elevado da área já colhida, os dados negativos desta cultura, principalmente no que se refere à produtividade e produção, não se espera alteração significativa das estatísticas no próximo levantamento.

Na Bahia, a estimativa de produção é de 414,7 mil toneladas plantadas em 244,4 mil hectares. A expectativa é que a produção seja 9,4% menor que a safra anterior e essa redução ocorre a despeito dos produtores estarem utilizando elevado nível tecnológico. A produtividade esperada é de 1.697 Kg/ha, queda de 6,3%, comparada à safra anterior. A principal região produtora situa-se no nordeste do estado e tanto nessa região quanto em parte do litoral norte, existem áreas onde os produtores vêm empregando um padrão de produção semelhante ao da região oeste, a mais tecnificada do estado, com o cultivo em espaçamento adensado, correção e fertilização de solo, uso de sementes híbridas, manejo de pragas e doenças, além de colheita mecanizada. Nas demais áreas este grão é cultivado por agricultores familiares, muitas vezes em consórcio com o feijoeiro ou outra cultura. A redução nas áreas da agricultura familiar ocorreu pelo atraso nas chuvas e a menor quantidade de sementes distribuídas pelo estado.

Em Alagoas havia a expectativa de forte incremento de área em comparação à safra anterior, devido à expectativa de bons preços e a distribuição de sementes pelo governo do estado, nas regiões produtoras. Esta crença decorre do clima que não se confirmou, ocorrendo inclusive leve redução. Até o presente momento não foi constatado presença de pragas na lavoura, embora a Secretaria de Agricultura do Estado, junto com os produtores, venham monitorando a *Helicoverpa armigera*, que em 2013 prejudicou a lavoura de milho em diversas regiões do estado.

Em Sergipe houve uma revisão para baixo da área plantada de milho em relação ao último levantamento, motivada principalmente pelo atraso nas chuvas, que desestimulou os agricultores a iniciarem o plantio em maio, uma vez que havia uma preocupação por conta do encurtamento do período chuvoso, característico das últimas safras. Não fora isso, havia uma expectativa de aumento de área ainda maior, por conta dos excelentes preços do produto praticados no mercado regional.

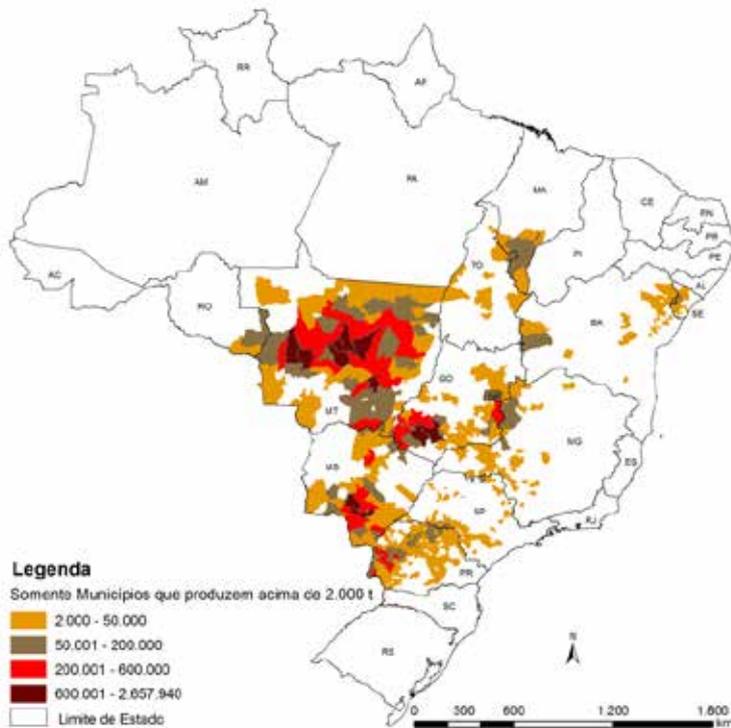
A demora na distribuição das sementes de milho por parte do governo estadual, além da pouca quantidade distribuída, também contribuiu para uma queda acentuada na área plantada. As lavouras de milho encontram-se em boas condições, nas fases de desenvolvimento vegetativo e floração, sem ataques significativos de pragas e/ou doenças. No entanto, a falta de chuvas dos últimos 15 dias está causando alerta entre os agricultores, que já temem impactos na produtividade em virtude da baixa umidade do solo. A má distribuição das chuvas tem se mostrado como o único empecilho para a boa resposta da lavoura em Sergipe, nos últimos anos.



A consolidação dos desempenhos das lavouras de milho tanto da primeira quanto da segunda safras, apontam para uma produção de milho nesta tempo-

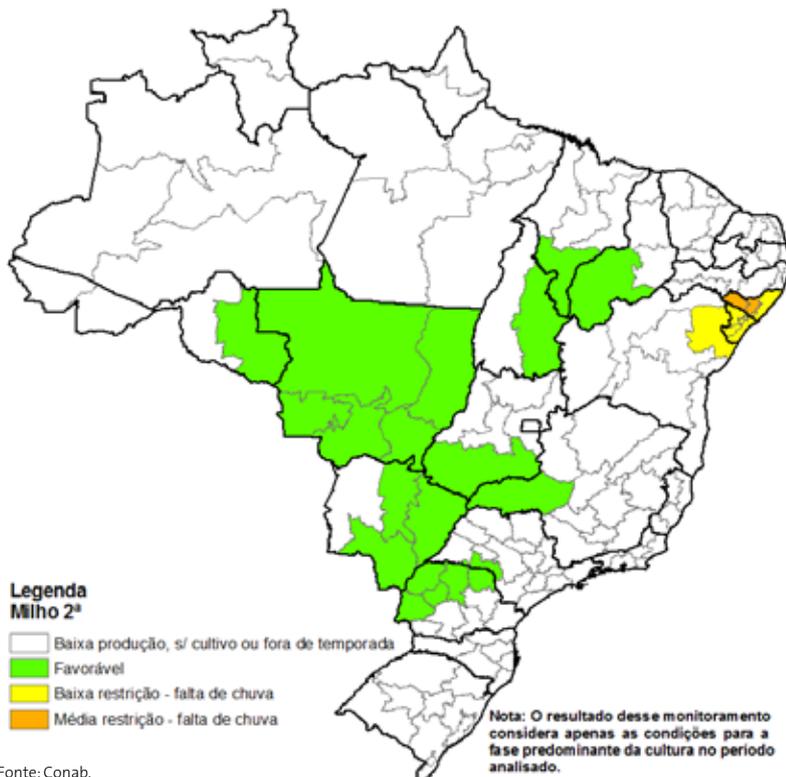
rada de 68.475,9 mil toneladas, representando um decréscimo de 19,1% em relação à safra passada.

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 26 – Condição hídrica geral em julho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - safra 2015/16



Fonte: Conab.



Quadro 4 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em julho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por geadas	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 2ª safra			<ul style="list-style-type: none"> - leste de RO (C) - leste de TO (C) - sul do MA (C) - sudoeste do PI (C) - Triângulo de MG (C) - sul de SP (C) - norte e oeste do PR (C) - sudoeste, centro-norte e leste do MS (C) - todo estado do MT (C) - sul de GO (C) 	<ul style="list-style-type: none"> - todo estado de AL (F/FR) - todo estado de SE (F/FR) - nordeste da BA (F/FR)

Fonte: Conab.

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

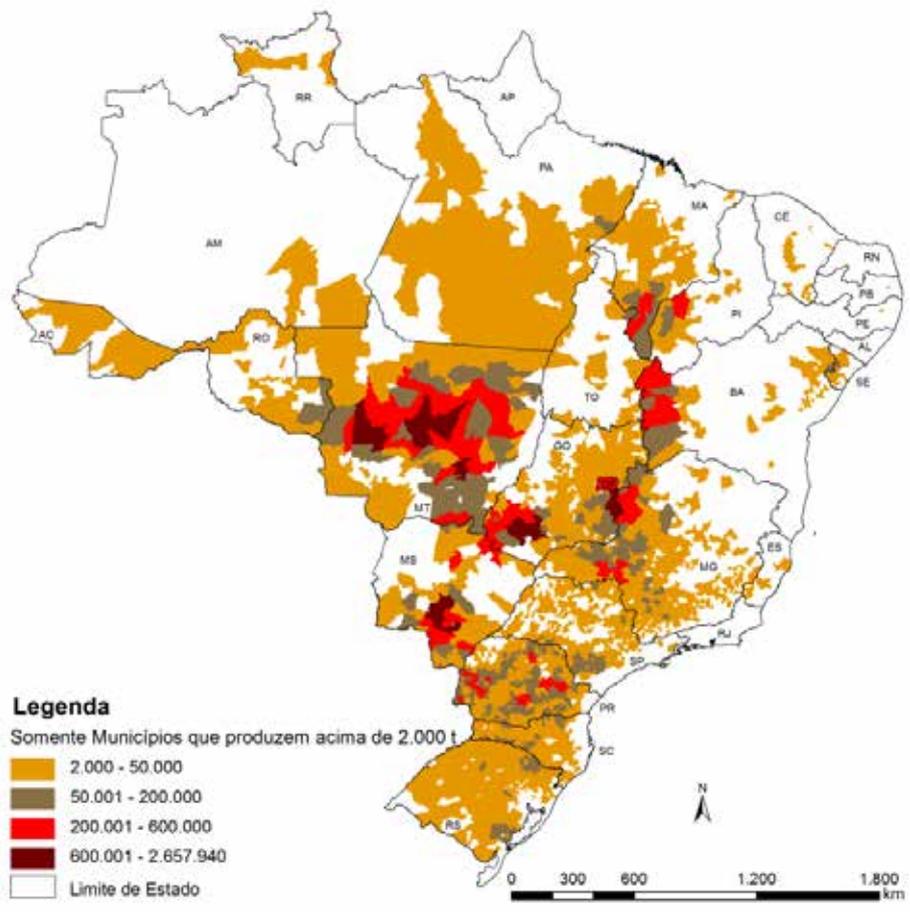
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	273,5	212,3	(22,4)	4.700	3.912	(16,8)	1.285,6	830,6	(35,4)
RO	119,5	119,5	-	4.613	4.613	-	551,3	551,3	-
TO	154,0	92,8	(39,8)	4.768	3.010	(36,9)	734,3	279,3	(62,0)
NORDESTE	618,9	560,5	(9,4)	2.893	2.225	(23,1)	1.790,2	1.246,9	(30,3)
MA	134,2	85,9	(36,0)	3.867	1.784	(53,9)	519,0	153,2	(70,5)
PI	25,9	23,2	(10,4)	4.437	1.767	(60,2)	114,9	41,0	(64,3)
AL	30,1	30,0	(0,3)	1.007	1.018	1,1	30,3	30,5	0,7
SE	176,2	177,0	0,5	3.794	3.432	(9,5)	668,5	607,5	(9,1)
BA	252,5	244,4	(3,2)	1.812	1.697	(6,3)	457,5	414,7	(9,4)
CENTRO-OESTE	6.118,6	6.747,1	10,3	6.060	4.018	(33,7)	37.076,1	27.112,0	(26,9)
MT	3.352,9	3.769,0	12,4	6.056	4.178	(31,0)	20.305,2	15.746,9	(22,4)
MS	1.615,0	1.665,0	3,1	5.640	4.020	(28,7)	9.108,6	6.693,3	(26,5)
GO	1.112,3	1.274,7	14,6	6.578	3.537	(46,2)	7.316,7	4.508,6	(38,4)
DF	38,4	38,4	-	9.000	4.250	(52,8)	345,6	163,2	(52,8)
SUDESTE	625,3	810,4	29,6	5.212	2.712	(48,0)	3.259,1	2.198,2	(32,6)
MG	255,2	367,9	44,2	5.505	2.440	(55,7)	1.404,9	897,7	(36,1)
SP	370,1	442,5	19,6	5.010	2.939	(41,3)	1.854,2	1.300,5	(29,9)
SUL	1.914,3	2.196,2	14,7	5.840	5.102	(12,6)	11.179,5	11.205,0	0,2
PR	1.914,3	2.196,2	14,7	5.840	5.102	(12,6)	11.179,5	11.205,0	0,2
NORTE/NORDESTE	892,4	772,8	(13,4)	3.447	2.688	(22,0)	3.075,8	2.077,5	(32,5)
CENTRO-SUL	8.658,2	9.753,7	12,7	5.950	4.154	(30,2)	51.514,7	40.515,2	(21,4)
BRASIL	9.550,6	10.526,5	10,2	5.716	4.046	(29,2)	54.590,5	42.592,7	(22,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2016.



Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 46 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	667,3	573,5	(14,1)	3.838	3.424	(10,8)	2.561,0	1.963,4	(23,3)
RR	6,2	4,6	(25,8)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	165,5	158,1	(4,5)	3.935	4.135	5,1	651,3	653,8	0,4
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.442	4,7	96,3	96,7	0,4
AM	15,5	5,4	(65,2)	2.540	2.515	(1,0)	39,4	13,6	(65,5)
AP	1,8	1,8	-	907	902	(0,6)	1,6	1,6	-
PA	218,7	196,5	(10,2)	3.232	3.286	1,7	706,8	645,7	(8,6)
TO	218,3	167,5	(23,3)	4.811	3.212	(33,2)	1.050,2	538,0	(48,8)
NORDESTE	2.675,4	2.430,1	(9,2)	2.333	1.700	(27,2)	6.243,1	4.130,4	(33,8)
MA	514,3	358,1	(30,4)	2.857	2.454	(14,1)	1.469,2	878,9	(40,2)
PI	406,4	494,2	21,6	2.619	1.503	(42,6)	1.064,3	742,8	(30,2)
CE	480,6	460,2	(4,2)	315	354	12,4	151,4	162,9	7,6
RN	25,9	25,0	(3,5)	288	309	7,3	7,5	7,7	2,7
PB	62,9	84,3	34,0	322	253	(21,4)	20,3	21,3	4,9
PE	214,7	184,6	(14,0)	271	186	(31,4)	58,2	34,3	(41,1)
AL	30,1	30,0	(0,3)	1.007	1.018	1,1	30,3	30,5	0,7
SE	176,2	177,0	0,5	3.794	3.432	(9,5)	668,5	607,5	(9,1)
BA	764,3	616,7	(19,3)	3.629	2.667	(26,5)	2.773,4	1.644,5	(40,7)
CENTRO-OESTE	6.480,2	7.067,4	9,1	6.108	4.182	(31,5)	39.582,1	29.558,1	(25,3)
MT	3.416,5	3.800,1	11,2	6.077	4.196	(31,0)	20.763,4	15.946,5	(23,2)
MS	1.635,5	1.681,0	2,8	5.676	4.067	(28,3)	9.282,9	6.837,3	(26,3)
GO	1.363,0	1.521,1	11,6	6.599	4.228	(35,9)	8.993,9	6.430,5	(28,5)
DF	65,2	65,2	-	8.312	5.273	(36,6)	541,9	343,8	(36,6)
SUDESTE	2.060,7	2.047,7	(0,6)	5.368	4.747	(11,6)	11.061,2	9.720,9	(12,1)
MG	1.277,6	1.205,3	(5,7)	5.373	4.983	(7,3)	6.864,5	6.005,8	(12,5)
ES	17,8	13,9	(21,9)	1.363	3.053	124,0	24,3	42,4	74,5
RJ	2,6	2,0	(23,1)	2.394	2.600	8,6	6,2	5,2	(16,1)
SP	762,7	826,5	8,4	5.462	4.437	(18,8)	4.166,2	3.667,5	(12,0)
SUL	3.809,3	3.803,3	(0,2)	6.622	6.074	(8,3)	25.225,0	23.103,1	(8,4)
PR	2.456,8	2.610,3	6,2	6.457	5.554	(14,0)	15.862,9	14.498,3	(8,6)
SC	411,5	370,0	(10,1)	7.750	7.330	(5,4)	3.189,1	2.712,1	(15,0)
RS	941,0	823,0	(12,5)	6.560	7.160	9,1	6.173,0	5.892,7	(4,5)
NORTE/NORDESTE	3.342,7	3.003,6	(10,1)	2.634	2.029	(23,0)	8.804,1	6.093,8	(30,8)
CENTRO-SUL	12.350,2	12.918,4	4,6	6.143	4.829	(21,4)	75.868,3	62.382,1	(17,8)
BRASIL	15.692,9	15.884,9	1,2	5.396	4.311	(20,1)	84.672,4	68.476,1	(19,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2016.

8.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Mercado interno

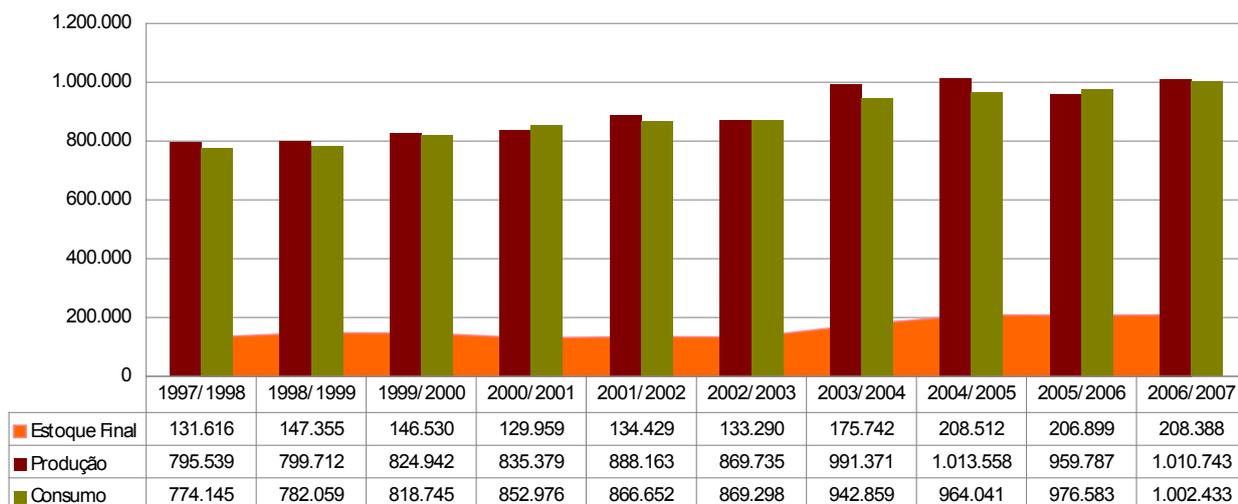
O último relatório de oferta e demanda publicado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda, sigla em inglês) não trouxe grandes novidades sobre a produção mundial para a safra 2016/17, a qual deve se manter acima de 1 bilhão de toneladas e, mesmo com um consumo muito próximo, os estoques finais mundiais estão bastante confortáveis, per-

manecendo acima de 200 milhões de toneladas.

Somado a isto, a presença de chuvas no final de junho e início de julho depreciou ainda mais os preços do grão, caindo para abaixo de US\$ 3,60/bushel (US\$ 141,72/t).



Gráfico 71 – Comparativo de produção, consumo e estoque final de milho no mundo nas últimas 10 safras (mil t)



Fonte: USDA

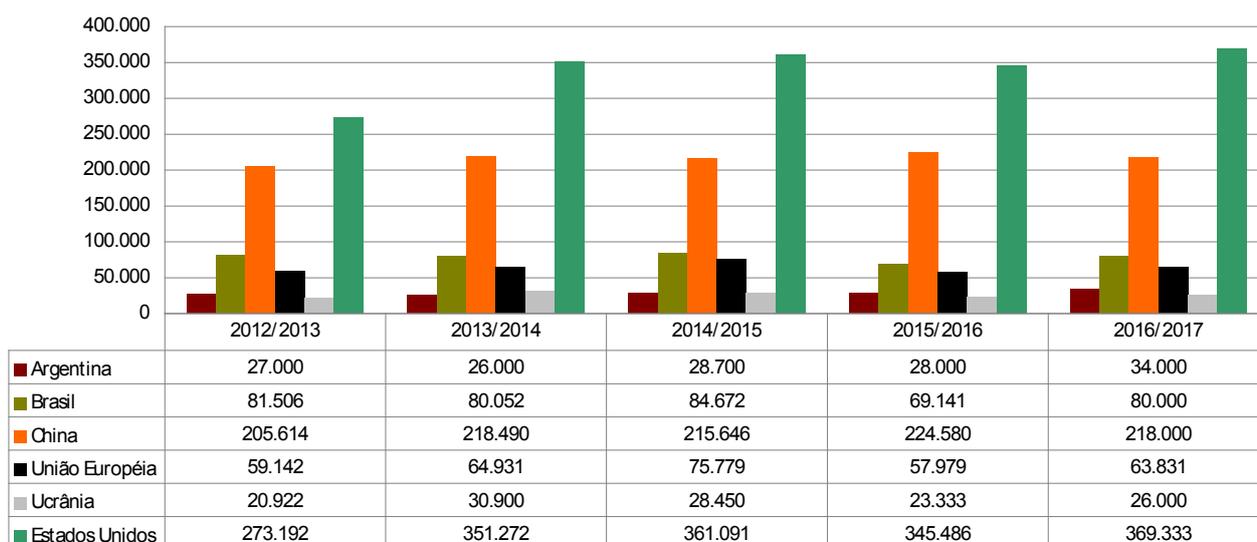
Os Estados Unidos tende a ter uma produção recorde, superando a safra 2014/15, totalizando 369,3 milhões de toneladas. Até o início de julho, o mercado especulava uma possível falta de chuvas no Meio Oeste, no momento em que as lavouras norte americanas estariam em fase de polinização, fato que não ocorreu, pelo contrário e, por isso, a estimativa de produção estadunidense de milho deve se manter ou, talvez, aumentar.

Outro país importante no cenário do milho, sobretudo por ser um forte exportador, é a Argentina e, de

acordo com a tabela abaixo, deverá ter um aumento de produção, visto que os produtores argentinos se veem incentivados ao plantio de milho, já que o governo retirou o imposto de exportação, conhecido como *retenciones*.

O país que apresenta uma redução na safra 2015/16 é o Brasil, em função da quebra da segunda safra, porém o Usda estima que haverá uma recuperação de produção na safra 2016/17, com uma estimativa inicial de 80 milhões de toneladas.

Gráfico 72 – Evolução da produção mundial de milho nas últimas 5 safras - principais países produtores (mil t)



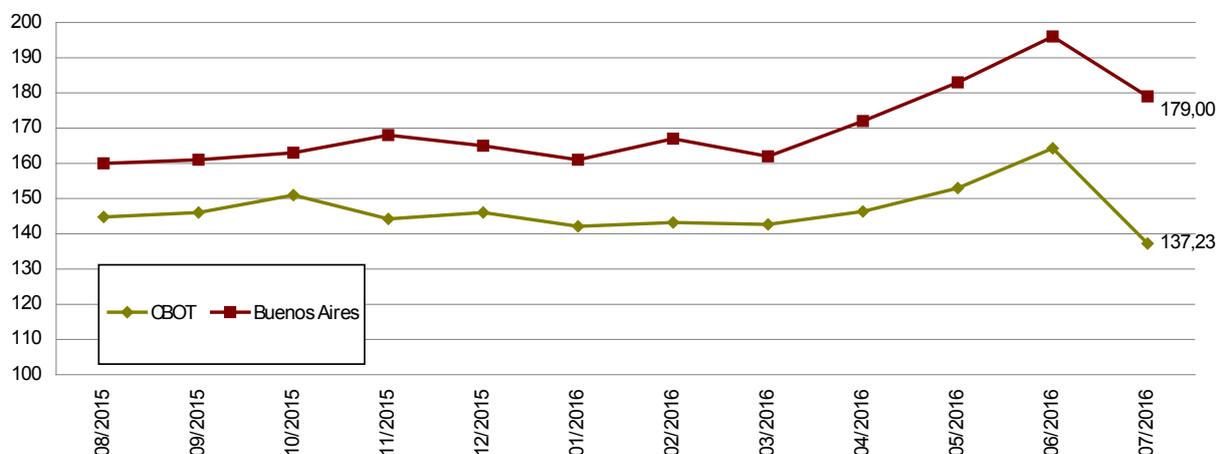
Fonte: USDA



Com uma oferta abundante de milho no cenário mundial e, até o momento, nenhum fator que possa provocar uma redução da estimativa inicial, bem como redução de estoques, os preços na bolsa de mercadorias

internacionais sofreram uma forte pressão baixista, com média em Chicago de US\$ 137,23/t e a cotação FOB média em Buenos Aires de US\$ 179,00/t.

Gráfico 73 – Milho - Preços internacionais médios mensais - 12 meses (US\$/t)



Fonte: Conab

Panorama nacional

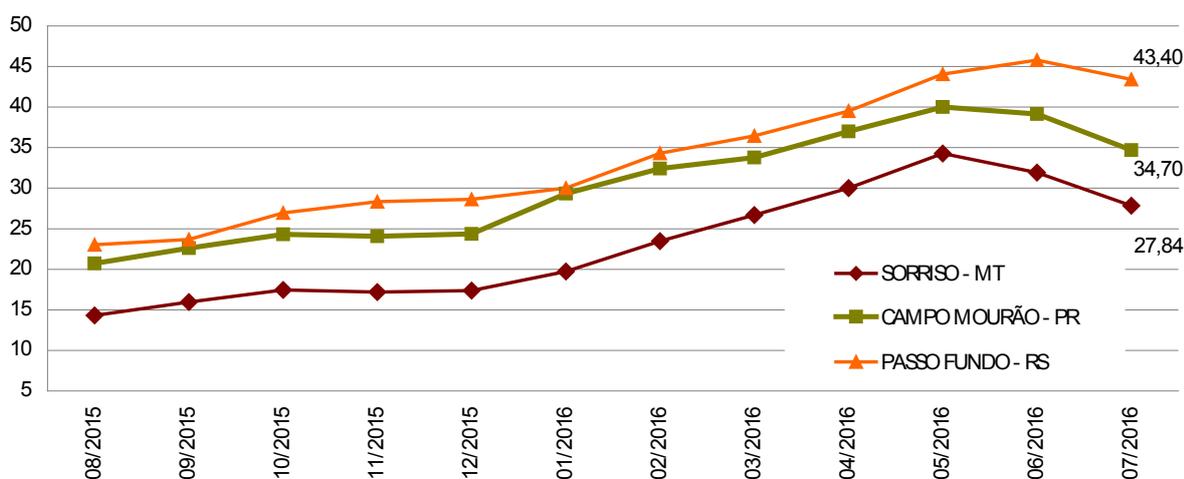
No mercado doméstico, apesar das cotações de Chicago e dólar mais baixas em julho, que leva uma paridade de exportação também baixa, os preços domésticos seguem incentivados pela demanda interna com a valores acima da paridade.

O avanço da colheita chegou a pressionar as cotações internas nas três primeiras semanas de julho. Contudo, nas duas últimas, as cotações domésticas voltaram a subir, visto que começou a haver pouca negociação

por parte da ponta vendedora, que mantém o produto disponível estocado, especulando preços mais altos, já que as informações de uma safra menor fazem com que a oferta interna seja menor que a demanda.

Apesar disso, a média mensal de julho apresentou preços mais baixos que nos dois últimos meses, porém bem acima das cotações registradas há um ano atrás.

Gráfico 74 – Milho - Preços médios mensais pago ao produtor- 12 meses (R\$/60kg)



Fonte: Conab



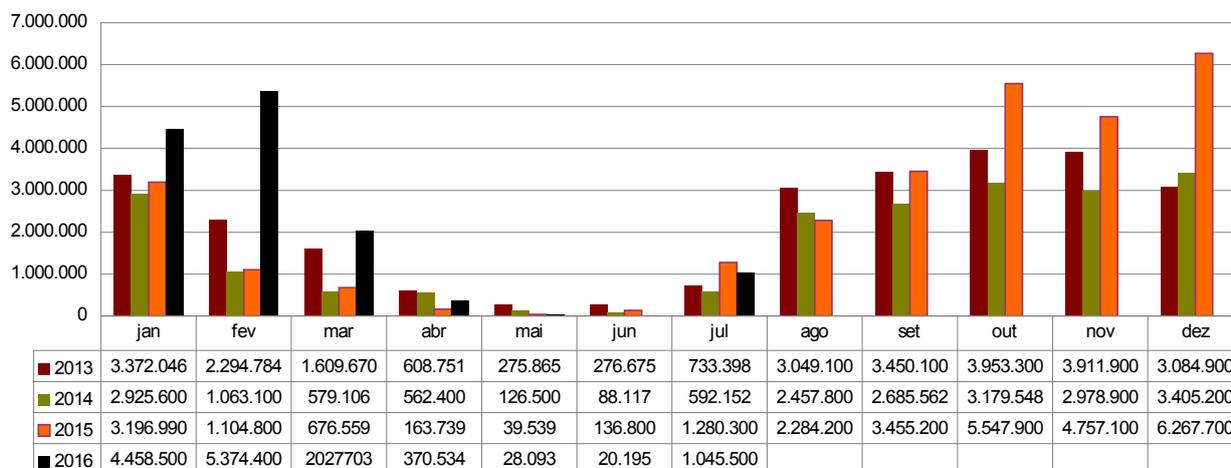
Estas cotações elevadas internamente começam a mexer com o mercado de exportação já que internamente os preços do milho estão bem mais atrativos, fazendo com que muitas *tradings* optem por buscar realizar o processo de *wash out*, ou seja, a recompra dos contratos a pagando valores mais elevados aos detentores dos contratos.

Ainda assim, o volume total de milho que deverá ser recomprado no mercado externo para atender a demanda interna ainda é incerto, pois depende dos arranjos logísticos de ambas as partes e do aceite para parte que detém o contrato.

Em julho foram embarcadas, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), pouco mais de 1 milhão de toneladas, muito pouco abaixo do que foi embarcado em julho de 2015 e, de fevereiro a julho de 2016, o total de milho exportado foi de 8,66 milhões de toneladas.

Assim, para se exportar, até janeiro de 2017, o volume de 20 milhões de toneladas, seria necessário embarcar 1,8 milhões de toneladas em média, o que é perfeitamente factível, já que este volume médio estaria abaixo da média mensal de embarque de agosto a janeiro das últimas cinco safras.

Gráfico 75 – Exportações brasileiras de milho de Jan/12 a jul/16 (toneladas)



Fonte: Secex

Assim, foi atualizado o volume de exportação em 20 milhões e com a produção estimada em 68,5 milhões,

o estoque final deverá ser 5,8 milhões de toneladas.



8.1.8. SOJA

O décimo primeiro levantamento da Conab aponta aumento nacional na área plantada de 3,6% em relação ao ocorrido no exercício anterior. Os níveis de produtividade, alcançados nesta temporada, devido às adversidades climáticas, apresentaram rendimento médio de 2.870 kg/ha, 4,3% abaixo em relação ao ocorrido na safra anterior. A produção nacional atingiu 95.418,9 mil toneladas, representando um decréscimo de 0,8% em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, maior produtor nacional, o rendimento médio está consolidado em 2.848 kg/ha, representando queda em relação à produtividade obtida na safra passada de 9,2%. Apesar do aumento da área semeada de 2,3%, contabilizando 9.140 mil hectares em 2015/16, a produção sofreu decréscimo na ordem de 7,1%, com 26.030,7 mil toneladas alcançadas na atual temporada, ante às 28.018,6 mil toneladas colhidas na safra anterior. A expectativa é que a área para a próxima safra seja ligeiramente maior, mesmo considerando a possibilidade do forte aumento da área de soja dos Estados Unidos, aliado às boas condições climáticas das lavouras americanas observadas até o momento.

Em Rondônia a soja localiza-se na sua maior parte na região sul e além de grandes extensões contínuas, são usuárias de alta tecnologia. O estado possui grandes áreas com pastagens e a expectativa é de que parte dessas áreas sejam transformadas num futuro próximo, em lavouras de soja.

No Paraná a colheita da safra 2015/16 já está encerrada e a produtividade alcançada apresentou-se inferior ao levantamento anterior em função do fraco desempenho da soja segunda safra. A área dessa safrinha foi totalmente colhida até 15 de junho em razão do início do vazio sanitário. A produtividade teve perda em algumas regiões devido à forte pressão de doenças fúngicas e ao veranico de abril. Diante do cenário favorável, a comercialização desta safra foi estimada em 64% da produção, contra 28% no mesmo período do ano passado. A safrinha de soja teve seu último plantio nesta temporada devido à Portaria da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento - Seab/ PR, que proibiu o plantio da segunda safra da cultura a partir de 31 de dezembro próximo.

Em São Paulo o levantamento confirmou o encerramento da safra 2015/16, com um ganho expressivo na produtividade, que passou de 2.970 kg/ha para 3.316 kg/ha, apresentando crescimento de 11,6%. Esse avanço foi obtido em razão das excelentes condições climáticas observadas durante todo o período de desenvolvimento desta leguminosa.

Em Santa Catarina as últimas lavouras foram colhidas em meados de maio e os produtores passam agora a administrar o grão depositado nas cooperativas e empresas cerealistas, buscando melhores cotações para negociar o produto. Depois de alcançar valores próximos de R\$ 84,00 a saca, no final de junho, as cotações recuaram em torno de 8,5% ao final dos últimos 30 dias, chegando a R\$ 76,00 a saca. As condições das lavouras dos Estados Unidos, dependentes das variações climáticas, são os principais motivos para a oscilação dos preços brasileiros, além da oferta e estimativas de produção total. Com os preços em alta, as vendas por parte do produtor registraram bom ritmo desde o início da colheita, boa parte desse volume foi direcionado para quitar contratos firmados junto às empresas agrícolas, as quais financiaram parte das lavouras com a disponibilização de sementes e insumos.

Em Tocantins, com a colheita finalizada, diagnosticou-se queda elevada na produção e produtividade, diretamente relacionada às condições climáticas durante todo o ciclo, caracterizada por irregularidades e escassez das chuvas, com três períodos de veranicos e temperaturas acima da média para o período. Este quadro contribuiu para que, em algumas lavouras, a colheita não fosse realizada. Mesmo com os bons preços no mercado interno, os produtores tiveram fortes prejuízos, já que haviam fechado contratos de entrega do produto, e com a queda na produção, não estão conseguindo cumpri-los.

Na Bahia, estima-se que foram cultivados 1.526 mil hectares de soja, com uma produção de 3.211 mil toneladas. Esta estimativa, fruto de um crescimento de 7,4% na área plantada, veio acompanhado da expressiva redução de 23,2% na produção em relação à safra passada, impactada pelas adversidades climáticas, mais especificamente pela distribuição desuniforme das chuvas durante todo o desenvolvimento vegetativo das lavouras. A cultura apresentou uma queda de produtividade estimada em 28,5% e problemas na qualidade dos grãos produzidos. O forte estresse hídrico durante a fase de enchimento dos grãos produziu grãos leves, ardidos, mal formados e danificados por percevejos.

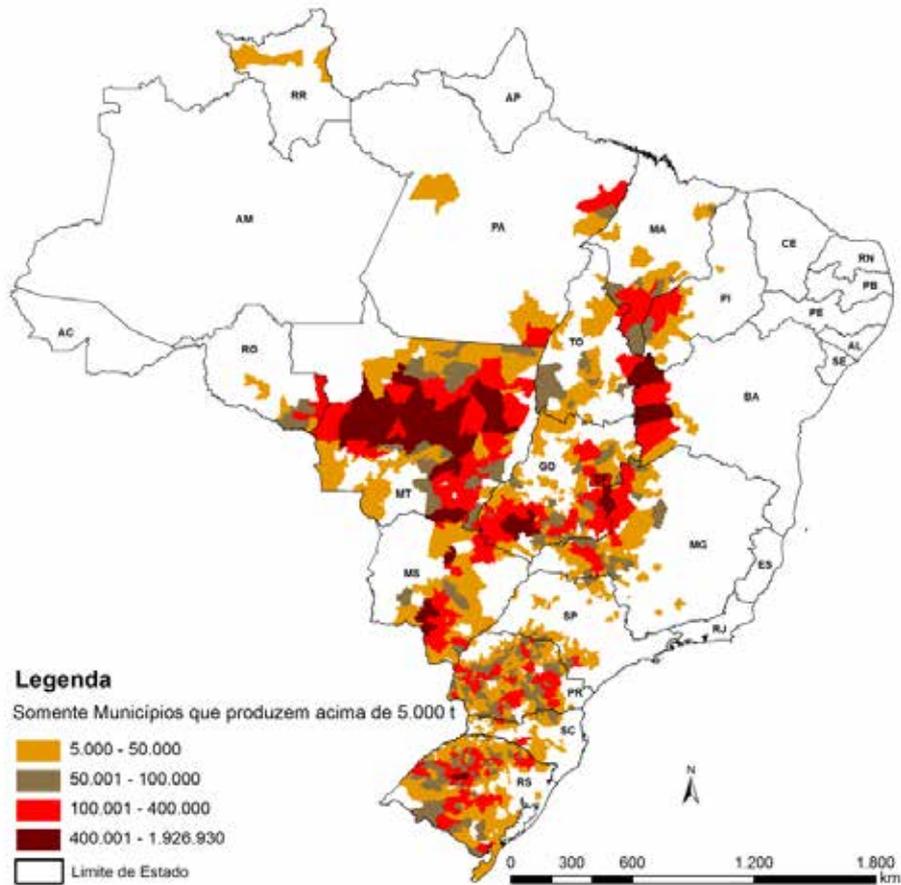
No Maranhão a região sul, principal produtora, foi fortemente atingida por fatores climáticos, que prejudicaram o desenvolvimento das lavouras. Baixa pluviosidade média, chuvas mal distribuídas de novembro a maio e ataques severos da mosca branca, foram os motivos do fraco desempenho. Em relação à safra anterior, a área plantada apresentou redução de 4,9% e as perdas derivadas do clima resultaram na redução de 38,8% na produção, sendo a microrregião de Balsas a mais atingida.



No Piauí, o pacote tecnológico utilizado na região para a soja visa uma produtividade média de 3.000 kg/ha. No entanto, devido às adversidades climáticas ocorridas no estado, a produtividade média obtida pelos produtores foi de 1.143 kg/ha, representando uma redução de 58% em relação à safra anterior. A ex-

pressiva redução na produtividade da soja foi causada pela falta de chuvas, que comprometeram principalmente, as fases críticas da cultura. Com a consolidação da colheita, verificou-se, além da produtividade baixa, grãos com baixo peso e qualidade variando de regular a ruim.

Figura 28 – Mapa da produção agrícola –Soja



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 29 – Condição hídrica geral em julho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16



Quadro 5 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em julho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por geadas	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	- norte de RR (F)			



Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.441,2	1.570,6	9,0	2.976	2.432	(18,3)	4.289,5	3.820,4	(10,9)
RR	23,8	24,0	0,8	2.685	3.300	22,9	63,9	79,2	23,9
RO	231,5	252,6	9,1	3.166	3.028	(4,4)	732,9	764,9	4,4
PA	336,3	423,2	25,8	3.024	3.004	(0,7)	1.017,0	1.271,3	25,0
TO	849,6	870,8	2,5	2.914	1.958	(32,8)	2.475,7	1.705,0	(31,1)
NORDESTE	2.845,3	2.878,2	1,2	2.841	1.780	(37,3)	8.084,1	5.124,4	(36,6)
MA	749,6	786,3	4,9	2.761	1.612	(41,6)	2.069,6	1.267,5	(38,8)
PI	673,7	565,0	(16,1)	2.722	1.143	(58,0)	1.833,8	645,8	(64,8)
BA	1.422,0	1.526,9	7,4	2.940	2.103	(28,5)	4.180,7	3.211,1	(23,2)
CENTRO-OESTE	14.616,1	14.925,1	2,1	3.008	2.931	(2,6)	43.968,6	43.738,6	(0,5)
MT	8.934,5	9.140,0	2,3	3.136	2.848	(9,2)	28.018,6	26.030,7	(7,1)
MS	2.300,5	2.430,0	5,6	3.120	2.980	(4,5)	7.177,6	7.241,4	0,9
GO	3.325,0	3.285,1	(1,2)	2.594	3.120	20,3	8.625,1	10.249,5	18,8
DF	56,1	70,0	24,8	2.626	3.100	18,1	147,3	217,0	47,3
SUDESTE	2.116,2	2.326,9	10,0	2.775	3.247	17,0	5.873,5	7.554,4	28,6
MG	1.319,4	1.469,3	11,4	2.658	3.206	20,6	3.507,0	4.710,6	34,3
SP	796,8	857,6	7,6	2.970	3.316	11,6	2.366,5	2.843,8	20,2
SUL	11.074,1	11.545,4	4,3	3.071	3.047	(0,8)	34.012,3	35.181,1	3,4
PR	5.224,8	5.451,3	4,3	3.294	3.090	(6,2)	17.210,5	16.844,5	(2,1)
SC	600,1	639,1	6,5	3.200	3.341	4,4	1.920,3	2.135,2	11,2
RS	5.249,2	5.455,0	3,9	2.835	2.970	4,8	14.881,5	16.201,4	8,9
NORTE/NORDESTE	4.286,5	4.448,8	3,8	2.887	2.011	(30,3)	12.373,6	8.944,8	(27,7)
CENTRO-SUL	27.806,4	28.797,4	3,6	3.016	3.003	(0,4)	83.854,4	86.474,1	3,1
BRASIL	32.092,9	33.246,2	3,6	2.998	2.870	(4,3)	96.228,0	95.418,9	(0,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.



8.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Mercado Internacional

O Departamento de Agricultura Americano - Usda divulgou no dia 12 de julho o quadro de oferta e de-

manda mundial.

Produção mundial

a) Safra mundial

Mais uma vez aquele Departamento baixou a produção mundial de soja, safra 2015/16, passando de 313,26 milhões de toneladas do relatório de junho de 2016 para 315,86 milhões de toneladas para o relatório de julho de 2016. Tal valor é 0,29% menor que o estimado no último relatório, motivado pela queda de produção brasileira de grãos que, segundo o usda, deve ser de 96,5 milhões de toneladas.

Para a safra 2016/17, ainda estima que a produção mundial poderá ser de 325,95 milhões de toneladas, ou seja, 4,35% maior que o estimado para a safra 2015/16 e com um aumento de 0,70% em relação ao relatório passado devido ao aumento de produção estimado para os Estados Unidos.

b) Safra dos Estados Unidos

Para os Estados Unidos, a estimativa é de que a safra 2016/17 gire em torno de 105,6 milhões de toneladas, ou 1,26% menor que a da safra 2015/16. Esta diferença percentual vem diminuindo mês a mês, conforme as estimativas climáticas para a região de produção americana, que vem demonstrando condições favoráveis para o desenvolvimento da lavoura.

Estados Unidos, pois ainda existe um mês até chegar a época de colheita e caso venha a ocorrer qualquer problema climático, a produtividade pode cair e afetar a produção, vez que, neste período, a maior parte da área plantada estarão em fase de enchimento de grãos. Portanto, a produção americana pode ser maior que a estimada inicialmente pelo citado departamento, caso a produtividade e a área sejam maiores que as esperadas, e menores, caso haja algum problema climático nos principais estados produtores.

Todavia, é interessante ressaltar que, ainda é muito cedo para estimar a verdadeira produção de soja dos

.c) Safra Brasil

A estimativa do Usda para a safra 2016/17 é de que o Brasil continue como o segundo maior produtor de soja do mundo com 103 milhões de toneladas de soja em grãos. Apesar de ser uma estimativa de colheita que inicia em janeiro de 2017, este valor é muito fiel à estimativa de safra futura.

Para a safra 2015/16, em relação ao relatório anterior, Usda reduziu a estimativa de soja brasileira em 0,29%, com produção estimada em 96,50 milhões de toneladas, este valor deve diminuir com o passar do tempo e chegar próximo ao valor estimado pela Conab.

d) Safra da Argentina

Não houve variação de safra entre os relatórios de junho e julho de 2016 e, para a Argentina, o Usda avalia que, para a safra 2016/17, a estimativa de produção

seja de 57 milhões de toneladas, valor 0,88% menor que o estimado na safra anterior.



Tabela 48 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 jun.(b)	2016/2017 jul.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Estados Unidos	106,93	103,42	105,60	-1,34	-1,25	2,18	2,11
Brasil	96,50	103,00	103,00	6,50	6,74	0,00	0,00
Argentina	56,50	57,00	57,00	0,50	0,88	0,00	0,00
China	11,60	12,20	12,20	0,60	5,17	0,00	0,00
Outros	40,83	48,08	48,15	7,33	17,94	0,07	0,16
Total	312,36	323,70	325,95	13,59	4,35	2,25	0,70

Fonte: USDA, julho/16

Importação mundial

a) Importação - China

A China é o maior importador de soja do mundo. Em 2015 foi responsável por 64% de todas as importações mundiais. Em segundo lugar vem a União Europeia, com 11% das importações mundiais.

Para a safra 2016/17 o Usda estima aumento nas importações chinesas de grãos de soja. O valor das importações chinesas, estimado para próxima safra é 4,82%, maior que o da safra anterior, passando de 83 milhões para 87 milhões na safra 2016/17.

Tabela 49 - Importação mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 jun.(b)	2016/2017 jul.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	83,00	87,00	87,00	4,00	4,82	0,00	0,00
União Europeia	13,20	12,60	12,60	-0,60	-4,55	0,00	0,00
México	3,95	4,00	4,00	0,05	1,27	0,00	0,00
Japão	3,10	3,10	3,10	0,00	0,00	0,00	0,00
outros	27,12	29,32	29,32	2,21	8,14	0,00	0,00
Total	130,37	136,02	136,02	5,66	4,34	0,00	0,00

Fonte: USDA, julho/16

Exportação mundial

Houve uma alteração de estimativa de exportação mundial entre as estimativas de junho e julho de 2016, onde o Usda estima uma redução de exportação

brasileira e um aumento nas exportações americanas, por isso as exportações mundiais estimadas estão 0,40% maiores que as do último relatório.

a) Exportação Brasil

Para o Brasil, o dito departamento estima que na safra 2016/17 a exportação girará em torno de aproximadamente 59,70 milhões de toneladas; valor 4,37% maior que o estimado na safra 2015/16, que foi de 57,20 milhões de toneladas.

Em relação ao relatório passado (junho/16) o Usda diminuiu as exportações para a safra 2015/16 para 57,20 milhões de toneladas, mas mesmo assim, continua acima do provável valor de fechamento estimado pela Conab e devem baixar com o passar dos meses.

b) Exportações - Estados Unidos

Na safra 2015/16 os Estados Unidos deverão exportar, aproximadamente, 48,85 milhões de toneladas. Em seu relatório de julho de 2016 o Usda detectou um pequeno aumento de 1,99%, se comparado ao estimado em junho de 2016. As exportações americanas vinham em baixa nos últimos meses, todavia, com o

aumento dos preços internacionais, retomaram suas exportações.

Para a safra 2016/17 a estimativa é a de que exportem, aproximadamente, 52,25 milhões de toneladas de soja, ou seja, aumento de 6,96% em relação à safra anterior.



c) Exportações - Argentina

Não obstante a Argentina ser o terceiro maior produtor de soja, a maior parte desta safra é esmagada internamente; por este motivo é que o Usda estima,

para a safra 2016/17, uma exportação de apenas 10,65 milhões de toneladas, ou seja, 18,68% da safra.

Tabela 50 - Exportação mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 jun.(b)	2016/2017 jul.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Brasil	57,20	59,70	59,70	2,50	4,37	0,00	0,00
Estados Unidos	48,85	51,71	52,25	2,86	6,96	0,54	1,05
Argentina	11,40	10,65	10,65	-0,75	-6,58	0,00	0,00
Paraguai	4,60	4,75	4,75	0,15	3,26	0,00	0,00
outros	9,59	10,90	10,90	1,32	13,74	0,00	0,00
Total	131,64	137,71	138,26	6,07	5,03	0,54	0,40

Fonte: USDA, jul/16

Esmagamento mundial

a) Esmagamento - China

Mesmo com pouco aquecimento do crescimento industrial chinês, os esmagamentos de soja estima-

dos pelo Usda tiveram um pequeno crescimento de 6,36%, ficando em 87 milhões de toneladas.

b) Esmagamento - Estados Unidos

Para a safra 2016/17, os esmagamentos são estimados em 52,39 milhões de toneladas, aumento de 1,85% em

relação à safra 2015/16 e 0,52% em relação ao estimado para esta safra no relatório de junho de 2016.

c) Esmagamento - Argentina

Para a safra 2016/17, os esmagamentos da Argentina foram estimados em 44,30 milhões de toneladas;

uma redução de 3,06% em relação à safra 2015/16, estimada em 45,70 milhões de toneladas.

d) Esmagamento - Brasil

O Brasil é o quarto maior exportador de soja do mundo e, segundo o Departamento de Agricultura Ame-

ricano, os esmagamentos brasileiros, para a safra 2016/17, deverão ser de 40,50 milhões de toneladas.

Tabela 51 - Esmagamento mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 jun.(b)	2016/2017 jul.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	81,80	87,00	87,00	5,20	6,36	0,00	0,00
Estados Unidos	51,44	52,12	52,39	0,95	1,85	0,27	0,52
Argentina	45,70	44,30	44,30	-1,40	-3,06	0,00	0,00
Brasil	40,70	40,00	40,50	-0,20	-0,49	0,50	1,25
outros	59,57	65,02	65,04	5,47	9,19	0,01	0,02
Total	279,20	288,44	289,23	10,03	3,59	0,79	0,27

Fonte: USDA, jul/16



Estoques mundiais

a) Estoque Estados Unidos

O fato mais importante deste relatório vem outra vez, dos estoques de passagem americanos. Para a safra 2015/16 o Usda estima redução desses estoques, passando de 10,07 milhões de toneladas (já foi de 12,11 milhões de toneladas) para 9,54 milhões de toneladas. Para a safra 2016/17, os estoques estão estimados

em 7,90 milhões de toneladas. Apesar da redução, os estoques estimados para a safra 2016/17 estão acima da média dos últimos anos (com exceção da safra 2015/16) e, se depender do clima e uma possível “super safra” americana, estes estoques serão os maiores, historicamente.

Tabela 52 - Estoque final mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 jun.(b)	2016/2017 jul.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Argentina	27,02	24,67	24,67	-2,35	-8,70	0,00	0,00
Brasil	15,45	15,55	15,45	0,00	0,00	-0,10	-0,64
China	16,23	14,48	14,48	-1,75	-10,78	0,00	0,00
Estados Unidos	9,54	7,06	7,90	-1,64	-17,15	0,84	11,85
outros	3,93	4,54	4,60	0,67	17,00	0,06	1,26
Total	72,17	66,31	67,10	-5,07	-7,02	0,79	1,20

Fonte: USDA, jul/16

Preços internacionais

Os preços internacionais tiveram grandes flutuações em julho. Iniciou o mês em Uscents 1.168,60/bu baixando a um valor de Uscents 983,75/bu no dia 25 de julho de 2016 e fechou o mês em Uscents 1.032,40/bu. Esta variação ocorre devido à sustentação de clima

dentro da normalidade para julho, confirmada pelas ótimas condições de safra plantada nos Estados Unidos até o momento, estimada pelo Usda no dia 1º de agosto de 2016 em 13% excelentes, 50% boas, 26% regulares, 8% ruins e 3% muito ruins..

Tabela 53 -Progresso das áreas de soja americana - safra 2015/16

Porcentagem de plantas (em 18 Estados Americano*)					
Safra	31/jul/15	24/jul/16	31/jul/16	Média dos últimos 5 anos	
2016/2017	78%	76%	85%	79%	
Porcentagem de plantas em floração (em 18 Estados Americano*)					
Safra	31/jul/15	24/jul/16	31/jul/16	Média dos últimos 5 anos	
2016/2017	48%	35%	54%	44%	
Porcentagem das condições de área plantada (em 18 Estados Americano*)					
Safra	Muito ruim	Ruim	Regular	Boa	Excelente
2016/2017	2%	5%	22%	56%	15%
2015/2016	3%	8%	26%	50%	13%

Fonte: USDA

Nota: * Estes 18 estados equivalem a 95% da área de 2015

Com isso, a média de julho, dos preços internacionais na CBOT, foi cotado a UScents 1.067,48/bu, mas, ainda

um valor 5% maior que no mesmo período de 2015.

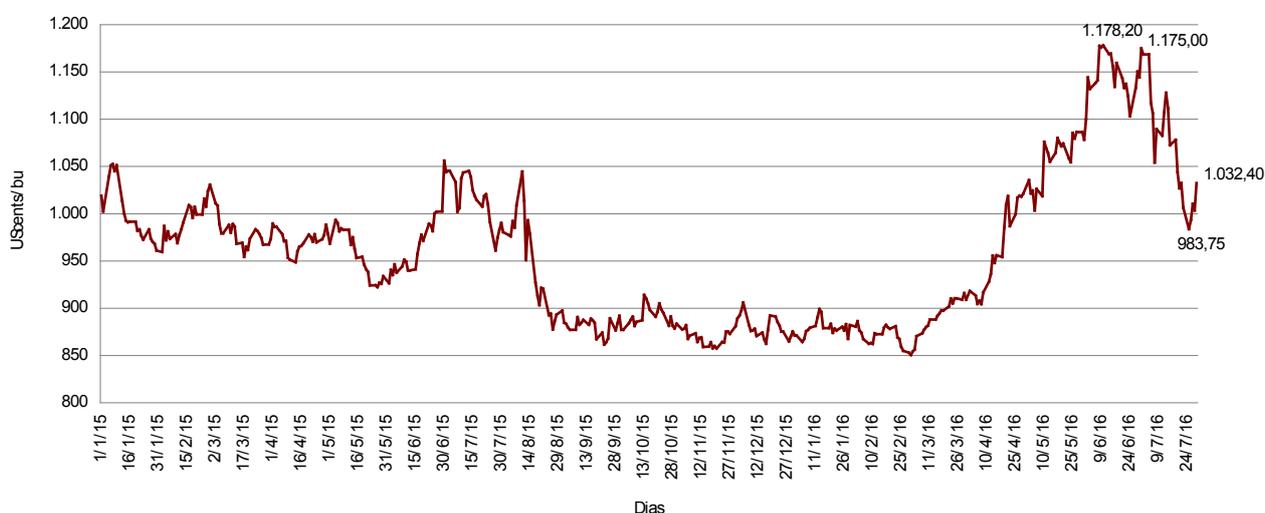


Tabela 54 – Preços médios internacionais da soja

meses	2015	2016	%
JAN	1000,55	879,13	-12,14
FEV	993,38	871,24	-12,30
MAR	978,58	889,7	-9,08
ABR	972,01	962,79	-0,95
MAI	956,21	1146,34	19,88
JUN	965,78	1146,34	18,70
JUL	1014,67	1067,48	5,20
AGO	945,12		
SET	880,33		
OUT	891		
NOV	868,65		
DEZ	879,63		

Fonte: CBOT

Gráfico 76 – Preços internacionais 2015/16 (FOB) - Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT)



Fonte: CME Group

Baseando-se no comportamento de preços, entre 2004 e 2015, pode-se conjecturar que o aumento desses preços no mercado internacional, até o julho, é de comportamento normal para o período, porém, caso

não haja nenhum problema climático em agosto de 2016 nos Estados Unidos, os preços deverão voltar a baixar, principalmente em setembro, quando a colheita terá início.

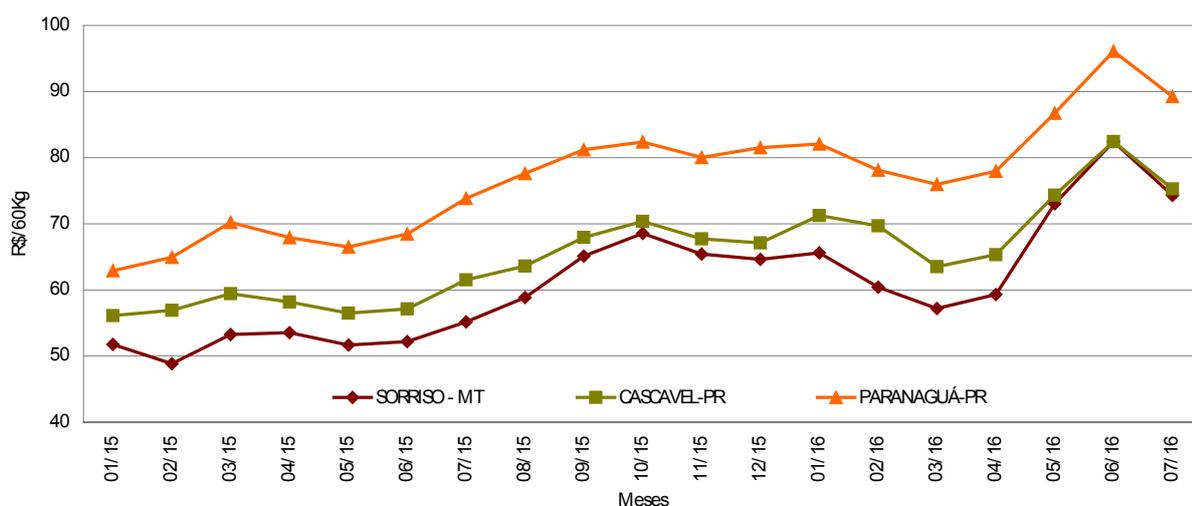
Mercado nacional

Apesar da quebra da safra nacional, estimada em apenas 95,41 milhões de toneladas, para safra 2015/2016, e com as exportações estimadas em mais de 54,10 milhões de toneladas e o consumo interno em 42,50 milhões de toneladas, os estoques finais brasileiros

devem ficar muito baixos, estimados em um pouco mais de 444,6 mil toneladas de soja, os preços nacionais acompanharam os internacionais e fecharam em baixa em julho.



Gráfico 77 - Soja - Preços médios mensais pagos ao produtor- R\$/60kg



Fonte: Conab

As exportações nacionais foram estimadas, pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex), para julho, em 5,79 milhões de toneladas, a pior exportação em 4 anos, para julho. Desta forma, as exportações de soja

somadas do ano de 2016 estão estimadas em 44,36 milhões de toneladas. No mesmo período de 2015 as exportações eram cotadas em 40,69 milhões de toneladas e em 2014 eram de 37,85 milhões de toneladas.

Tabela 55 – Exportações brasileiras

Mês/Ano	2014				2015				2016				MÉDIA DOS 5 ANOS			
	Qtde (mil/t)	Valor Milhões US\$ FOB	%	Preço médio	Qtde (mil/t)	Valor Milhões US\$ FOB	%	Preço médio	Qtde (mil/t)	Valor Milhões US\$ FOB	%	Preço médio	Qtde (mil/t)	Valor Milhões US\$ FOB	%	Preço médio
JAN	30,61	17,81	0,07	581,90	85,34	35,10	0,16	411,35	394,43	147,64	0,73	374,30	184	86	0,44	466,79
FEV	2.789,65	1.385,83	6,11	496,78	868,66	346,16	1,60	398,50	2.036,82	715,35	3,75	351,21	1.276	612	3,06	479,85
MAR	6.229,30	3.147,58	13,63	505,29	5.592,09	2.211,79	10,29	395,52	8.374,55	2.924,90	15,42	349,26	4.466	2.143	10,72	479,93
ABR	8.250,90	4.134,75	18,06	501,13	6.550,98	2.534,26	12,06	386,85	10.085,88	3.532,37	18,57	350,23	6.295	3.029	15,11	481,15
MAI	7.609,78	3.866,21	16,65	508,06	9.341,01	3.612,72	17,19	386,76	9.925,10	3.600,31	18,27	362,75	7.498	3.607	18,00	481,06
JUN	6.893,16	3.572,00	15,09	518,19	9.810,09	3.762,21	18,06	383,50	7.761,04	2.971,37	14,29	382,86	6.519	3.119	15,65	478,45
1ª sem.	31.803,41	16.124,17	69,60	507,00	32.248,16	12.502,24	59,36	387,69	38.577,82	13.891,93	71,01	360,10	26.238	12.596	62,99	480,08
JUL	6.043,52	3.151,18	13,23	521,42	8.440,39	3.224,05	15,54	381,98	5.787,00	2.424,60	10,65	418,97	5.602	2.705	13,45	482,90
AGO	4.119,26	2.135,35	9,02	518,38	5.161,86	2.004,89	9,50	388,40					4.156	2.073	9,98	498,79
SET	2.669,83	1.347,50	5,84	504,71	3.705,39	1.429,98	6,82	385,92					2.865	1.419	6,88	495,43
OUT	740,84	363,99	1,62	491,33	2.594,06	989,57	4,78	381,47					1.432	697	3,44	487,11
NOV	176,56	81,60	0,39	462,18	1.442,94	551,13	2,66	381,95					857	405	2,06	472,88
DEZ	138,58	73,57	0,30	530,90	731,44	281,72	1,35	385,16					503	233	1,21	462,97
2ª sem.	13.888,59	7.153,21	30,40	515,04	22.076,08	8.481,34	40,64	384,19	5.787.000,00	2.425,00	10,65		15.415	7.533	37,01	488,70
TOTAL	45.692,00	23.277,38	100	509,44	54.324,24	20.983,57	100	386,27	44.364,82	16.316,53	100	313,13	41.652	20.129	100	483,27

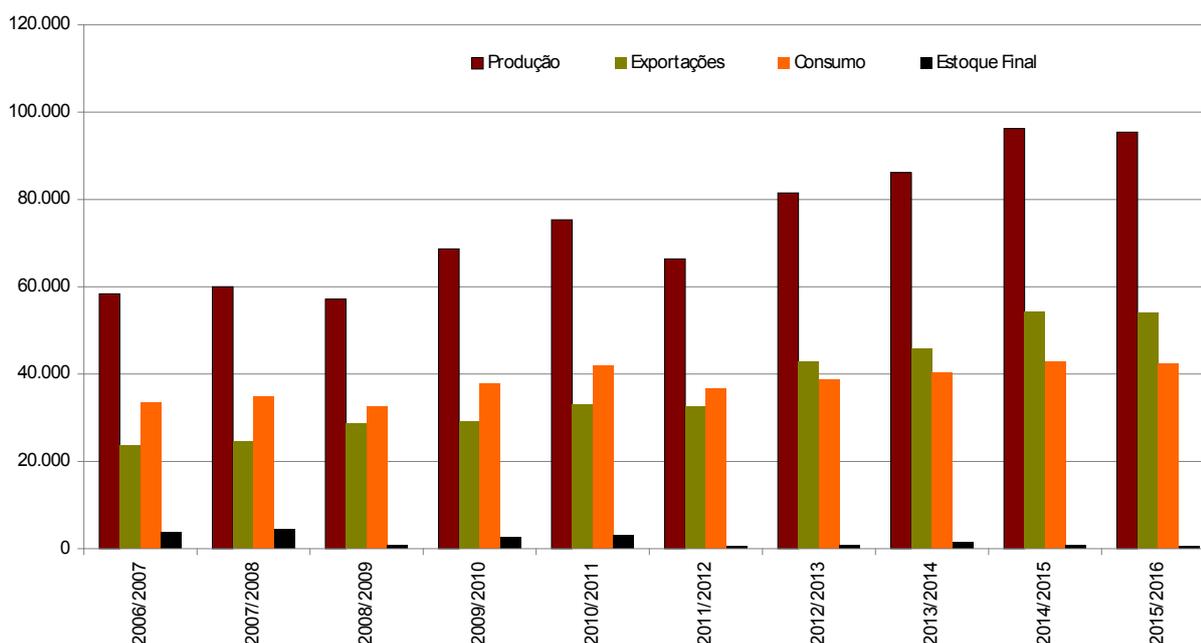
Fonte: Secex

Há pouco produto disponível no mercado interno e com os preços de paridade de exportações em alta, os preços nacionais alcançaram o maior patamar, historicamente em junho, baixando em julho. Estes valores

devem reduzir nos próximos meses, caso se confirme a safra 2016/17 americana e os preços internacionais comessem a baixar.



Gráfico 78 – Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de Soja no Brasil nas últimas 10 safras (mil t)



Fonte: Conab

8.1.9.SORGO

O sorgo em Goiás está em fase de maturação na maioria das áreas. A previsão é que a colheita seja iniciada em agosto em grande parte dos municípios goianos. A maioria dos produtores espera encerrar a colheita do milho safrinha para iniciar a colheita do sorgo. No momento, a colheita de milho está mais lenta, pois muitas lavouras seguradas aguardam vistoria. Apesar desta cultura ser resistente à falta de água, alguns municípios sofreram bastante com a falta das chuvas, este motivo prejudicou algumas regiões do estado. A falta das chuvas ocorreu principalmente na fase de formação de cachos (reprodutiva), motivo de preocupação para alguns produtores entrevistados.

Em Mato Grosso a colheita da cultura do sorgo está na reta final de colheita em todo o estado, com 70% da área colhida. A oferta do grão tem suprido parcialmente a ausência de milho, principalmente na produção de ração para gado em confinamento. A área dedicada à cultura na safra 2015/16 foi de 50,3 mil hectares, número 55% inferior ao registrado na última safra, devido à preferência do produtor pelo plantio de milho, cuja remuneração é mais atrativa. Com isso, houve alocação de espaço para o plantio das culturas mencionadas. Já em relação à produtividade, os números apontam queda de rendimento, registrando 2.093 kg/ha, redução de 19,8% em relação à safra 2014/15, mesmo o sorgo sendo uma cultura resistente ao período de poucas chuvas.

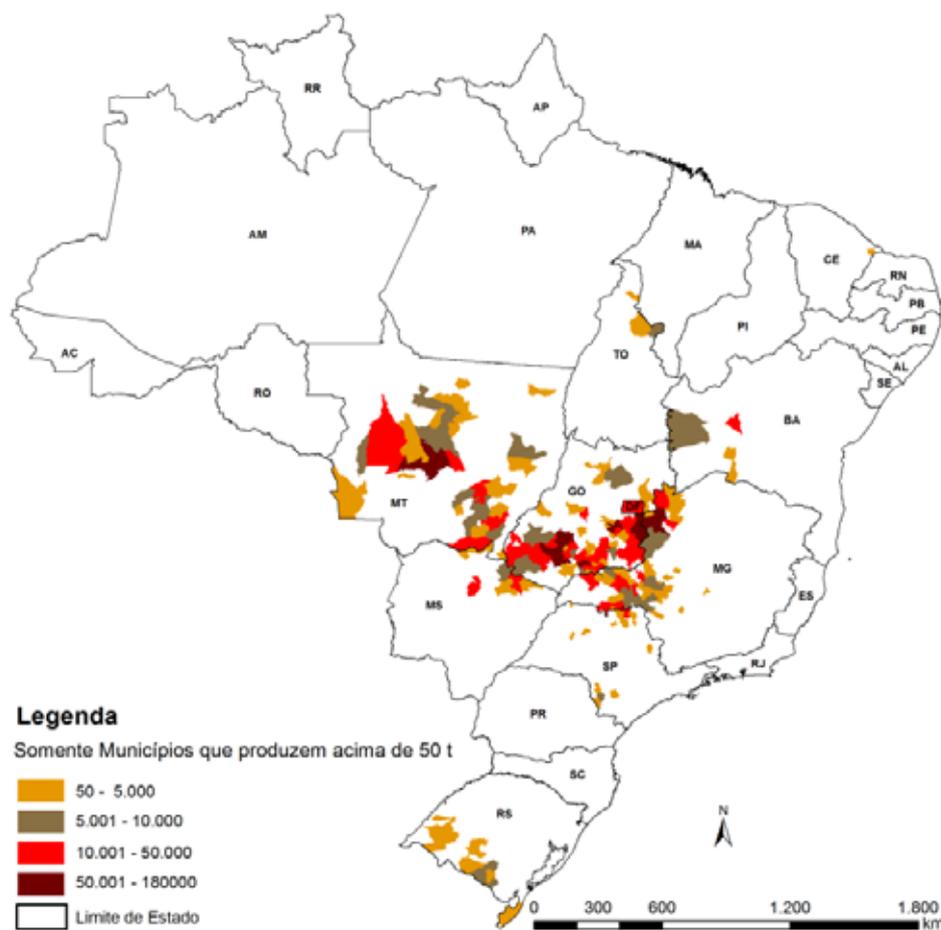
Em Minas Gerais o plantio de sorgo na safra de verão representa 3% da área total de cultivo de grãos no estado e tem uma participação ainda menor no tocante à produção (2%), visto que se concentra, basicamente, no Norte de Minas, e com baixas produtividades, em razão de um histórico de escassez de chuvas. A produção de sorgo no estado pauta-se principalmente nas decisões de plantio dos produtores no período de safrinha. O plantio teve início em fevereiro e se estendeu até o mês de abril. Em razão da expressiva ampliação da área de milho segunda safra, cujos preços se apresentam bastante remuneradores, o plantio de sorgo no estado apresenta redução em torno de 5,6% em relação à safra passada. No entanto, os últimos levantamentos vêm mostrando que a área plantada com sorgo é maior do que a inicialmente estimada, já que a alta dos preços de mercado induziu o crescimento da área de plantio, notadamente após o encerramento da janela de plantio do milho. Embora seja uma cultura mais resistente à seca, as lavouras sentiram bastante os efeitos da estiagem, principalmente as mais tardias. Parte das lavouras de sorgo já apresentava perdas irreversíveis, mas parte ainda conseguiu se recuperar com as chuvas de maio a junho. Com a produtividade média reavaliada para 2.320 kg/ha, 37,3% aquém do rendimento alcançado na safra anterior, que foi altamente favorecida pelas chuvas ocorridas ao longo do primeiro semestre de 2015, a produção poderá alcançar 351,7 mil toneladas, 40,8% abaixo do montante alcançado na safra anterior.



Na Bahia a estimativa de produção do estado é que sejam cultivados 88,4 mil hectares, com uma produção estimada em 88,9 mil toneladas. Essa cultura é plantada na mesma área logo após a realização da colheita da soja. As áreas de sequeiro sofreram com a estiagem, tendo redução na produtividade. Estima-se a produtividade de 1.006 kg/ha, incremento de 24% em relação à safra passada que foi de 811 kg/ha. A es-

timativa elevada da produtividade em relação à safra anterior se explica pela esperança que o produtor tinha em um bom regime de chuvas para esse ano. O sorgo possui exigência hídrica menor em relação ao milho e feijão, por isso, torna-se uma boa alternativa principalmente para a região de Irecê, que possui baixa pluviosidade.

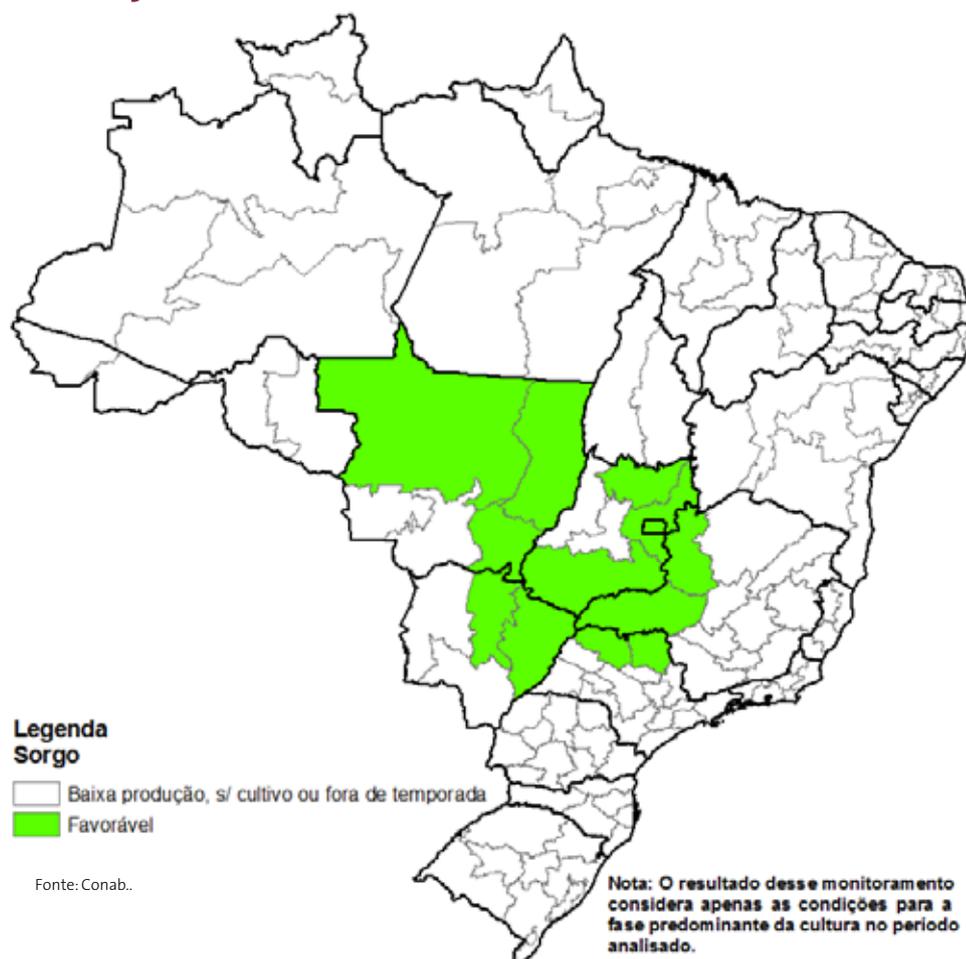
Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 31 - Condição hídrica geral em julho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16



Quadro 6 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em julho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Sorgo			<ul style="list-style-type: none"> - Triângulo e noroeste de MG (M/C) - norte de SP (M/C) - norte do centro-norte e leste do MS (M/C) - norte e sudeste de MT (C) - norte, leste e sul de GO (M/C) - DF (M/C) 	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrições pontuais



Tabela 56 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	21,4	24,9	16,4	1.849	1.665	(10,0)	39,6	41,5	4,8
TO	21,4	24,9	16,5	1.849	1.665	(10,0)	39,6	41,5	4,8
NORDESTE	155,7	97,1	(37,6)	871	961	10,3	135,6	93,3	(31,2)
PI	6,2	2,8	(54,6)	2.548	645	(74,7)	15,8	1,8	(88,6)
CE	0,7	0,7	-	1.489	1.346	(9,6)	1,0	0,9	(10,0)
RN	0,6	0,4	(33,0)	1.522	1.224	(19,6)	0,9	0,5	(44,4)
PB	-	0,3	-	-	1.200	-	-	0,4	-
PE	6,2	4,5	(27,5)	430	167	(61,2)	2,7	0,8	(70,4)
BA	142,0	88,4	(37,8)	811	1.006	24,0	115,2	88,9	(22,8)
CENTRO-OESTE	360,6	264,8	(26,6)	3.356	2.318	(30,9)	1.210,1	613,8	(49,3)
MT	111,7	50,3	(55,0)	2.610	2.093	(19,8)	291,5	105,3	(63,9)
MS	13,0	9,8	(24,6)	3.700	3.100	(16,2)	48,1	30,4	(36,8)
GO	232,6	201,4	(13,4)	3.661	2.300	(37,2)	851,5	463,2	(45,6)
DF	3,3	3,3	-	5.763	4.500	(21,9)	19,0	14,9	(21,6)
SUDESTE	174,4	164,4	(5,7)	3.696	2.391	(35,3)	644,5	393,1	(39,0)
MG	160,6	151,6	(5,6)	3.700	2.320	(37,3)	594,2	351,7	(40,8)
SP	13,8	12,8	(7,2)	3.645	3.238	(11,2)	50,3	41,4	(17,7)
SUL	10,5	9,0	(14,3)	2.426	2.929	20,7	25,5	26,4	3,5
RS	10,5	9,0	(14,7)	2.426	2.929	20,7	25,5	26,4	3,5
NORTE/NORDESTE	177,1	122,0	(31,1)	989	1.104	11,7	175,2	134,8	(23,1)
CENTRO-SUL	545,5	438,2	(19,7)	3.447	2.358	(31,6)	1.880,1	1.033,3	(45,0)
BRASIL	722,6	560,2	(22,5)	2.844	2.085	(26,7)	2.055,3	1.168,1	(43,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

8.2 CULTURAS DE INVERNO

8.2.1. AVEIA

O cultivo da aveia vem expandindo ano após ano. Na safra que se inicia, a expectativa é de que haja um incremento de 52,6% na área plantada, atingindo 289,1 mil hectares. Se houver a recuperação da produtividade, que foi fortemente afetada na safra passada, a produção será de 739,6 mil toneladas.

No Paraná a cultura está com bom desenvolvimento, não sendo afetada por geadas e estiagem. A área cultivada é de 57,8 mil hectares, visto que 64% se encontra em desenvolvimento vegetativo e 36% em floração.

A área semeada com aveia branca no Rio Grande do Sul terá o maior incremento dentre as culturas de inverno, podendo chegar a 218,3 mil hectares. Os motivos são: o desestímulo do trigo, que mesmo com duas frustrações de safra seguidas, apresenta preço de mercado 50% menor do que a aveia; a instalação de agroindústria que terá como matéria-prima principal a aveia e o custo de produção menor que o trigo. A semeadura está encerrada. O desenvolvimento da cultura está abaixo do esperado por conta do clima que não foi ideal, com períodos longos de estiagem.



Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Aveia

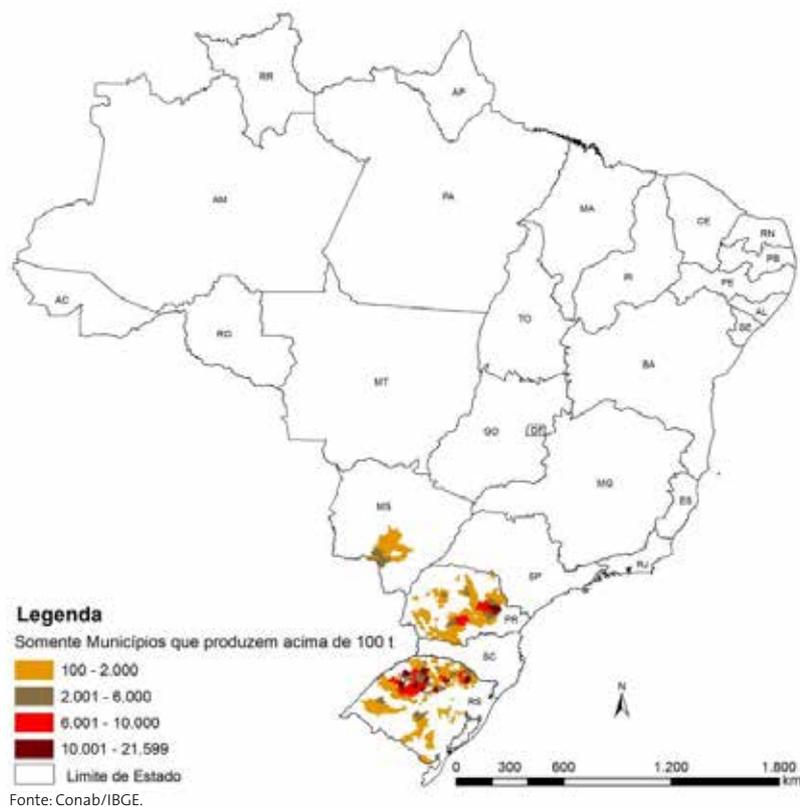


Figura 33 - Condição hídrica geral em julho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16



Quadro 7 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em julho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Aveia	- norte-central, oeste, leste e sudoeste do PR (DV/F) - centro-sul e sudeste do PR (DV) - noroeste, nordeste centro-oeste e sudoeste do RS (DV)			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 57 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	13,0	13,0	-	1.500	1.500	-	19,5	19,5	-
MS	13,0	13,0	-	1.500	1.500	-	19,5	19,5	-
SUL	176,5	276,1	56,4	1.879	2.608	38,8	331,7	720,1	117,1
PR	58,1	57,8	(0,5)	1.959	2.261	15,4	113,8	130,7	14,9
RS	118,4	218,3	84,4	1.840	2.700	46,7	217,9	589,4	170,5
CENTRO-SUL	189,5	289,1	52,6	1.853	2.558	38,0	351,2	739,6	110,6
BRASIL	189,5	289,1	52,6	1.853	2.558	38,0	351,2	739,6	110,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

8.2.2. CANOLA

Na atual safra são 45 mil hectares, acréscimo de 1,4% em relação à safra passada. Espera-se, da mesma forma, incremento de 23,5% na produtividade média, impactando positivamente a produção total, que deve ser de 68,7 mil toneladas.

No Paraná houve alteração na área de canola no estado, que caiu 23,7% neste levantamento, somando 6 mil Hectares. A produtividade é estimada em 1.700 kg/ha. As áreas semeadas no início do outono foram as mais afetadas por geadas, especialmente na região de Guarapuava e Ponta Grossa, onde praticamente em toda a área houve perda de uma florada. Com isso, a produtividade esperada está abaixo do normal, mas

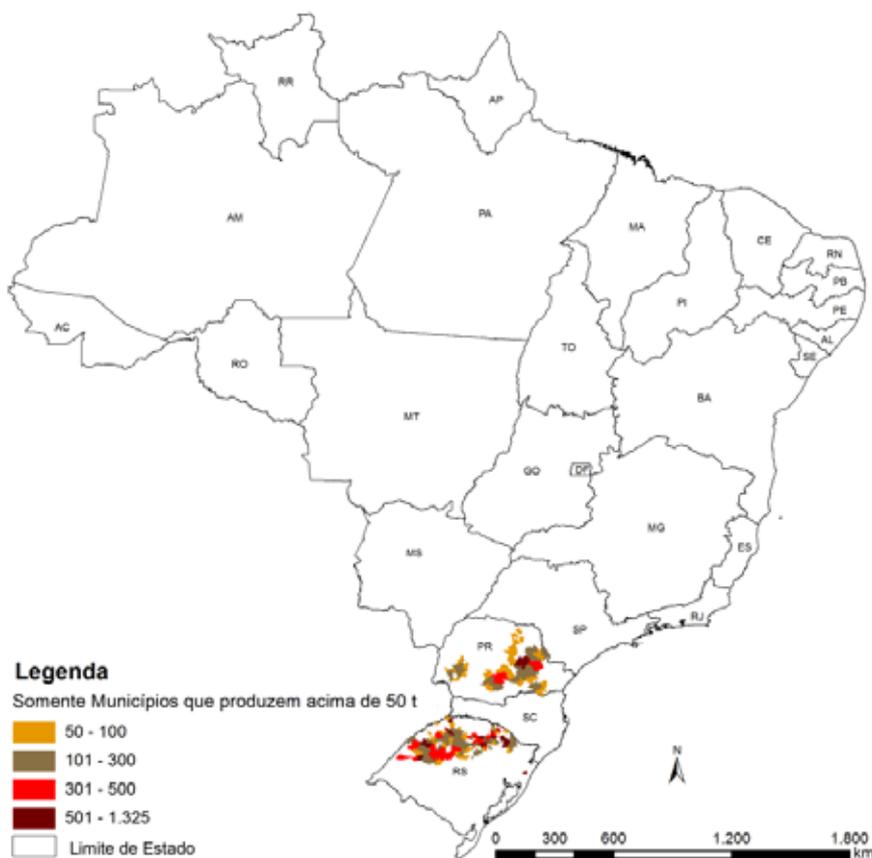
ainda está acima do colhido na safra anterior.

A área cultivada com canola no Rio Grande do Sul deverá aumentar 6,8% em relação à safra passada, devido aos bons resultados econômicos obtidos na safra anterior, que teve preços remuneradores. A semeadura está encerrada. O estande da lavoura é excelente e pela primeira vez a lavoura de canola tem padrão uniforme, indicando boa safra.

Portanto a área de canola no Brasil deverá ter um incremento de 1,4% na área plantada e 25,1% na produtividade, proporcionando uma produção total de 68,7 mil toneladas.



Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 58 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,4	45,0	1,4	1.236	1.527	23,5	54,9	68,7	25,1
PR	7,9	6,0	(23,7)	1.403	1.700	21,2	11,1	10,2	(8,1)
RS	36,5	39,0	6,8	1.200	1.500	25,0	43,8	58,5	33,6
CENTRO-SUL	44,4	45,0	1,4	1.236	1.527	23,5	54,9	68,7	25,1
BRASIL	44,4	45,0	1,4	1.236	1.527	23,5	54,9	68,7	25,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

8.2.3. CENTEIO

No Paraná o centeio possui área de 0,9 mil hectares no estado, uma vez que o plantio foi concluído e as lavouras estão nas primeiras fases do desenvolvimento vegetativo. A grande maioria das áreas estão em boas condições.

No Brasil a produção total do centeio deverá ser de 3,7 mil toneladas, com produtividade média de 2.643 kg/ha em uma área de 1,4 mil hectares, 17,6% menor do que a safra anterior.



Figura 35 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 59 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,7	1,4	(17,6)	1.706	2.643	54,9	2,9	3,7	27,6
PR	1,2	0,9	(21,0)	1.890	2.509	32,8	2,3	2,3	-
RS	0,5	0,5	-	1.200	2.700	125,0	0,6	1,4	133,3
CENTRO-SUL	1,7	1,4	(17,6)	1.706	2.643	54,9	2,9	3,7	27,6
BRASIL	1,7	1,4	(17,6)	1.706	2.643	54,9	2,9	3,7	27,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

8.2.4. CEVADA

A cevada terá nova investida da indústria cervejeira que pretende fomentar a produção no Rio Grande do Sul e alcançar uma área de 51,8 mil hectares, 4,6% maior do que a safra passada. A comercialização da produção tem preço preestabelecido tanto para a cevada destinada à produção de malte quanto para o produto que não atingir a qualidade exigida para fabricação da cerveja e, portanto, será destinada à fabricação de rações. O atrelamento ao preço do milho é que garante bom preço para a cevada de qualidade inferior. A cevada é utilizada também para a fabricação de leite infantil (Nestogeno).

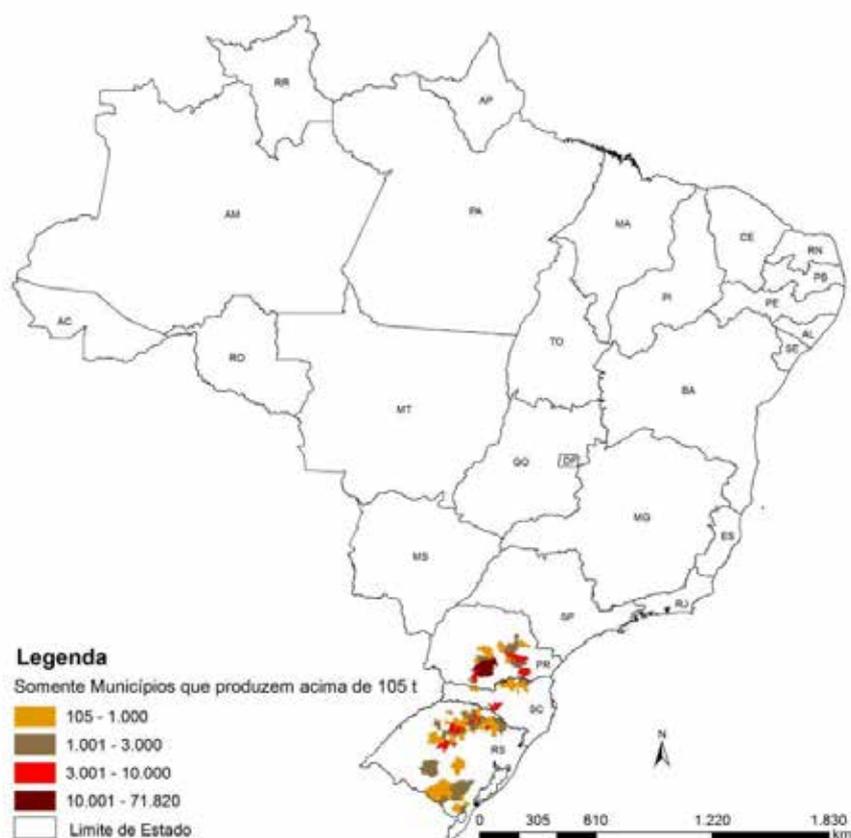
No Paraná a cultura da cevada se concentra nos núcleos de Guarapuava e Ponta Grossa, visto que houve um incremento na área neste levantamento, alcançando 42,5 hectares, mas isso ainda é 15,1% menor que a safra passada. Ressalta-se que mesmo assim, espera-se que a produtividade da safra atual seja maior, já que na safra passada houve problemas tanto no rendimento como na qualidade, enquanto nesta safra não há maiores problemas no momento. O plantio da cevada já foi finalizado e a cultura encontra-se 100% em desenvolvimento vegetativo.



Em Santa Catarina, tendo a comercialização dirigida às indústrias cervejeiras, seu plantio está condicionado à contratação prévia entre este segmento e os produtores, intermediado pelas cooperativas agrícolas. Nesta safra o plantio concentrou-se em Campos Novos e entorno. A semeadura foi concluída em meados de julho, com área total de 1,3 mil hectares nos municípios de Campos novos e Campo Belo do Sul. Por questões do clima desfavorável em junho, com frio intenso na primeira quinzena e excesso de chuvas

no final do mesmo mês, o plantio atrasou em dez dias, concentrando a semeadura no início de julho. Contudo, esta alteração no calendário não influenciou a expectativa de produtividade, que se manteve em 4.000 kg/ha. As lavouras estão 100% boas, e seus estádios são: 30% em germinação, 30% em desenvolvimento vegetativo e 40% em perfilhamento. Por outro lado, o ataque de pragas ainda não foi observado em níveis relevantes.

Figura 36 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 37 - Condição hídrica geral em julho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16



Quadro 8 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em julho

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Cevada	- noroeste do RS (DV) -leste, centro-sul e sudeste do PR (DV)			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 6o – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	102,4	95,6	(6,6)	2.568	3.270	27,3	263,0	312,6	18,9
PR	50,1	42,5	(15,1)	3.689	3.942	6,9	184,8	167,5	(9,4)
SC	2,8	1,3	(53,6)	1.380	4.000	189,9	3,9	5,2	33,3
RS	49,5	51,8	4,6	1.500	2.700	80,0	74,3	139,9	88,3
CENTRO-SUL	102,4	95,6	(6,6)	2.568	3.270	27,3	263,0	312,6	18,9
BRASIL	102,4	95,6	(6,6)	2.568	3.270	27,3	263,0	312,6	18,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.



8.2.5. TRIGO

A produção do trigo deverá ter acréscimo de 12,1% em relação à safra passada, atingindo 6,2 milhões de toneladas. O principal motivo é a recuperação da produtividade, que deve ser significativamente superior à safra anterior.

No Paraná o plantio do trigo já foi finalizado, com uma área estimada em 1.095,8 mil hectares, o que representa uma queda de 18,2% em relação à safra passada, decorrente da migração para a cultura do milho segunda safra, que possui um preço muito mais atrativo. Isso fez com que houvesse sobra de insumos e créditos destinados ao trigo.

A escassez de chuva entre o final de junho e durante julho não comprometeu a cultura, favorecendo o controle fitossanitário. Ademais, esse clima é o oposto da safra passada, quando houve intensa disseminação de doenças foliares com o excesso de chuva. Quanto às geadas que atingiram parte da área cultivada, não devem haver perdas devido à cultura se encontrar, majoritariamente, em desenvolvimento vegetativo, estágio em que é menos suscetível. Houve casos de perdas, mas decorrentes de granizo; ademais, em relação às doenças, as mais relatadas foram mancha amarela, oídio e ferrugem. Quanto ao estágio da cultura, 1% se encontra em germinação, 63% em desenvolvimento vegetativo, 31% em floração e 6% em frutificação.

No Rio Grande do Sul a definição da área semeada está se aproximando do consenso, devendo alcançar 776,9 mil hectares. A indisponibilidade de sementes no final da semeadura impediu o aumento da área cultivada. Mesmo assim, a área semeada deve ser 9,8% menor em relação à safra anterior. A semeadura teve início em maio, de forma lenta, devido à falta de umidade no solo que dificultava a germinação das sementes. Atualmente a lavoura está praticamente implantada, restando pequena parcela na região norte do estado.

As chuvas ocorridas nas últimas semanas normalizaram o desenvolvimento do trigo, que entra na fase de perfilhamento com aspecto agrônômico excelente. O clima frio, com geadas frequentes, tem proporcionado ambiente adequado para a cultura, com indicativo de boa safra. Nas cultivares semeadas predominaram as que produzirão trigo pão. Esses materiais genéticos definidos favorecerão a segregação do trigo na colheita, oferecendo condições para a obtenção de preços melhores pelos produtores.

Em Santa Catarina a área a ser plantada na safra atual deve apresentar uma redução em torno de 14% em relação ao observado na safra anterior, passando de 65 mil hectares para 55,9 mil hectares. Em relação ao

levantamento anterior houve um crescimento na intenção de plantio de 3,5%. A perspectiva de melhores condições climáticas na safra atual, preços futuros e aumento do preço mínimo podem ter sido os principais fatores responsáveis pela variação positiva em relação ao observado no último levantamento, em junho.

Um pouco atrasado em relação à safra passada, o plantio se concentrou mais em julho, no qual devem ser plantadas em torno de 65% do total das lavouras, resultado, entre outros, das condições climáticas desfavoráveis no início da fase de plantio, em junho, e expectativa de geadas durante setembro, as quais podem comprometer a produtividade, caso as lavouras estejam em estágio suscetível.

A expectativa é que o plantio se encerre no princípio de agosto, em locais onde o zoneamento permite o avanço do plantio, neste mês. Assim, ao final do período recomendado para a semeadura, será possível contabilizar melhor a área destinada ao cereal nesta safra.

As condições das lavouras estão boas, favorecidas pelas condições climáticas de um inverno típico: baixas temperaturas e chuvas dentro da média. Grande parte encontra-se entre germinação e desenvolvimento vegetativo, haja vista terem sido semeadas durante julho. As semeadas mais cedo, em junho e início de julho, encontram-se em perfilhamento, somando em torno de 40%. As geadas e baixas temperaturas estão beneficiando as lavouras que se encontram nesta fase, resultando em aumento do número de perfilhos por planta, um importante fator responsável pela produtividade da cultura.

Em Mato Grosso do Sul a cultura do trigo encaminha-se para uma boa colheita, pois o clima se apresenta favorável e gerando grandes expectativas. Considerada uma cultura de inverno, julho encontra-se com temperaturas favoráveis à cultura e com boa umidade disponível no solo. O cereal além de estar adaptado ao clima, não apresenta problemas de desenvolvimento causados por pragas e doenças. Predominantemente, 80% da área total da cultura encontra-se em fase de floração, com uma pequena porcentagem ainda em fase de emborrachamento.

Nesta safra houve um aumento de 13,3% de área na cultura em relação ao da safra passada 2014/15 – 15 mil para 17 mil hectares – e uma produtividade de 2.000 kg/ha para 2.208 kg/ha, cerca de 10,4% de aumento. Desta forma, caso sejam adotadas corretas medidas fitossanitárias preventivas e a não ocorrên-



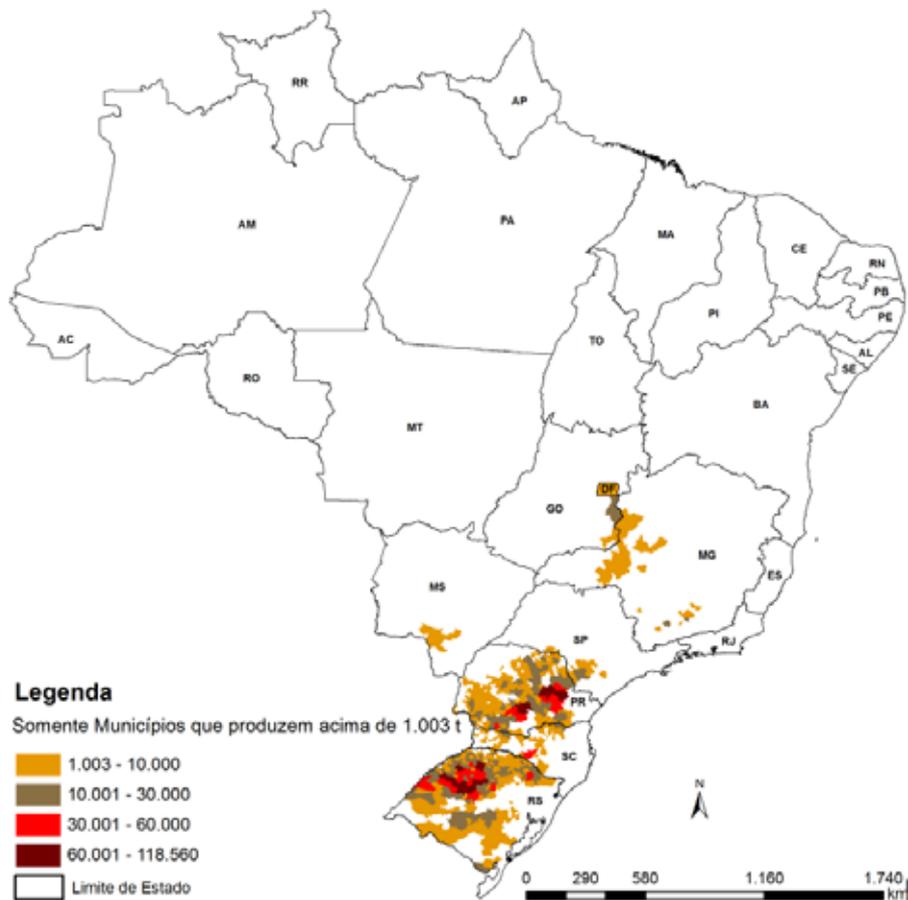
cia de fatores climáticos negativos como a geada, é possível que este quadro de boa safra se mantenha nos atuais patamares, permitindo a concretização de um bom resultado nesta safra.

Em Minas Gerais o plantio de trigo sofreu atraso este ano em razão da falta de chuvas e das altas temperaturas registradas em abril. As lavouras foram implantadas em sua maior parte a partir de maio e encontram-se predominantemente em fase de emborrachamento (19%), granação (43%) e maturação (27%). As informações a respeito do plantio de trigo irrigado nas regiões do Noroeste de Minas e Alto Paranaíba ainda carecem de consistência devido à restrição hídrica para suprir as necessidades da planta. Estima-se uma redução na área plantada na ordem de 12%, caindo dos 82,2 mil hectares alcançados na safra passada para 72,3 mil hectares na atual safra. Esta re-

dução é atribuída às condições climáticas desfavoráveis e ao crescimento significativo da área plantada com milho segunda safra na região, tendo em vista a sua melhor cotação. Considerando a reavaliação da produtividade, estimada em 2.750 kg/ha, a produção poderá alcançar 198,8 mil toneladas, o que representa uma redução de 18,9% em comparação com o ano anterior.

Em São Paulo o plantio já está finalizado. O clima frio e até mesmo a geada que caiu na primeira quinzena de junho não comprometeram as lavouras plantadas com este cereal de inverno, uma vez que o trigo já se encontrava em plena fase de desenvolvimento vegetativo, não afetando, desta forma, o desempenho das lavouras. Em termos de produtividade, estima-se que este chegue a 3.425 kg/ha.

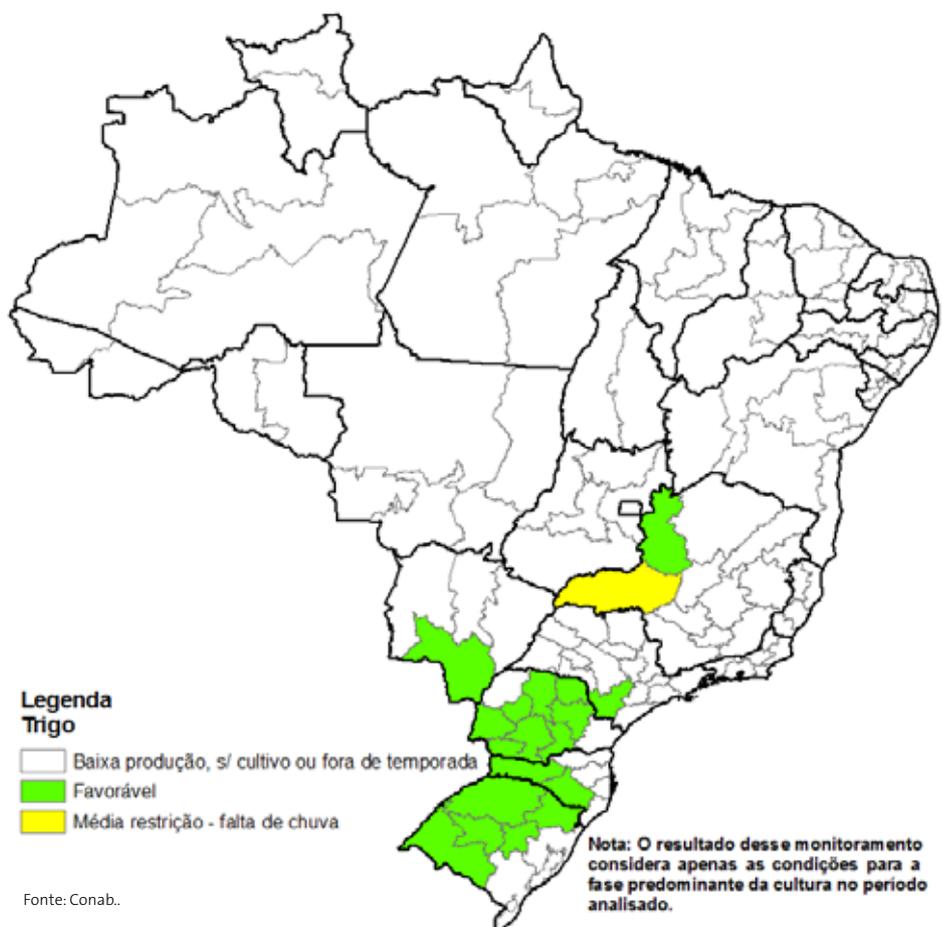
Figura 38 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 39 – Condição hídrica geral em julho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Quadro 9 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em julho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Trigo	<ul style="list-style-type: none"> - noroeste de MG (FR) (irrigado) - sudoeste do MS (F/FR) - sul de SP (DV/F/FR) - norte e oeste do PR (DV/F/FR) - sudoeste e leste do PR (DV/F) - centro-sul e sudeste do PR (DV) - oeste e sul de SC (DV) - norte, centro e sudoeste do RS (DV) 			- Triângulo de MG (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Tabela 61 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	26,2	32,4	23,7	3.363	3.648	8,5	88,1	118,2	34,2
MS	15,0	17,0	13,3	2.000	2.208	10,4	30,0	37,5	25,0
GO	9,6	14,3	49,0	5.054	5.182	2,5	48,5	74,1	52,8
DF	1,6	1,1	(31,3)	6.000	6.000	-	9,6	6,6	(31,3)
SUDESTE	156,4	146,6	(6,3)	3.247	3.092	(4,8)	507,8	453,3	(10,7)
MG	82,2	72,3	(12,0)	2.982	2.750	(7,8)	245,1	198,8	(18,9)
SP	74,2	74,3	0,2	3.541	3.425	(3,3)	262,7	254,5	(3,1)
SUL	2.266,2	1.928,6	(14,9)	2.179	2.920	34,0	4.939,0	5.631,6	14,0
PR	1.339,9	1.095,8	(18,2)	2.506	3.061	22,1	3.357,8	3.354,2	(0,1)
SC	65,0	55,9	(14,0)	1.800	3.216	78,7	117,0	179,8	53,7
RS	861,3	776,9	(9,8)	1.700	2.700	58,8	1.464,2	2.097,6	43,3
CENTRO-SUL	2.448,8	2.107,6	(13,9)	2.260	2.943	30,2	5.534,9	6.203,1	12,1
BRASIL	2.448,8	2.107,6	(13,9)	2.260	2.943	30,2	5.534,9	6.203,1	12,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Agosto/2016.

8.2.5. OFERTA E DEMANDA

A estimativa de produção de 6,2 milhões de toneladas é 1,29% menor que o volume de produção divulgado em de junho.

Apesar da pequena diferença a menor, constata-se redução dos volumes dos estoques, não afetando as estimativas de moagem industrial.

Ainda, com relação ao suprimento de 2015/16, qualquer alteração em maior grau no esboço do suprimento nacional vai depender de maiores alterações nas estatísticas de importação e exportação ainda não fechados, e a serem divulgados pelo MDIC/Secex na semana, em 8 de agosto.

Nessa situação, nenhuma alteração deverá acontecer com os volumes de exportação, vez que não existiu janela para embarque de trigo nos portos do Rio Grande do Sul e Paraná, em julho, ocupados com embarque de milho e soja.

Com referência às importações até em julho, estima-se que não haja alterações significativas, pois se trabalha com previsão de importação em julho de 2016 de 450 mil toneladas, para se alcançar o quantum estimado de 5.352 mil toneladas no ano-safra 2015/16.

Em 2016/17, a produção de 6,2 milhões de toneladas é maior em 668,2 mil toneladas, frente à produção anterior, acenando com a possibilidade de ocorrer o início da recuperação da moagem industrial no Brasil para 10,2 milhões de toneladas, em função de maior disponibilidade da matéria-prima.

A estimativa de exportação de 800 mil toneladas baseia-se no superavit que se espera na comercialização do trigo do Rio Grande do Sul, com capacidade industrial para moagem de 1,2 milhão de toneladas de trigo nacional, além de um adicional de trigo importado.

Não sendo exportada essa produção excedente deverá ser comercializada com outras Unidades da Federação, principalmente com a Região Nordeste via cabotagem. Outra alternativa será a aquisição pelo governo federal de parcela da produção excedente para recompor os estoques do governo praticamente inexistentes na atualidade.

A safra 2016/17 poderá equivaler a 59% da demanda brasileira de trigo e a 61% do trigo em grão a ser beneficiado pela indústria nacional, e, espera-se, com matéria-prima de qualidade superior, isenta de micotoxinas devido ao clima favorável, dessa vez, com a ocorrência do fenômeno La Niña, clima comprovadamente adequado à produção de trigo no Mercosul.

A oferta de trigo no Mercosul será ampla, estimando-se que a produção na Argentina evolua de 11,3 para 14,5 milhões de toneladas, suprimindo o mercado com trigo de boa qualidade. Com isso, esse país será superavitário em 8 milhões de toneladas, exigindo, assim, a continuidade de seu bom desempenho exportador, como já se observa recentemente.

Maior oferta de trigo no Mercosul, podendo elevar-se a 23 milhões de toneladas, frente a um consumo de 17,6 milhões de toneladas, sinaliza a possibilidade de



menores preços da matéria-prima, reduzindo os elevados custos da indústria de moagem e favorecendo o consumidor final.

Entre agosto de 2015 e junho de 2016 a importação brasileira, de acordo com a Secex, foi de 4,9 milhões de toneladas, ao custo total de US\$1.002,6 milhões. O trigo de origem argentino, até junho, participou com 64,4% do total; o paraguaio, com 17,8%; o uruguaio, com 9,1%; o estadunidense, com 8% e o canadense, com 0,6%.

Quanto às exportações em 2015/16 foram negociadas

com o exterior 1,05 milhão de toneladas. O Vietnã adquiriu 32% do total; Filipinas 28,3%; Colômbia 12,4%; Tailândia 10,5%; Equador 5,9%; e Indonésia e Israel 5,1%, por país. Essas operações foram favorecidas pelos baixos preços do petróleo que reduziu os valores dos fretes internacionais, assim como, pelos menores preços do trigo de uma safra com menor qualidade.

A demanda interna de trigo em grão no país deverá ser de 10,5 milhões de toneladas, incluindo trigo para sementes e a moagem estimada em 10,2 milhões de toneladas, 2% maior que a do ano 2015/16.

Tabela 62 – Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil

Safr	Estoque inicial (01 agosto)	Produção	Importação grãos	Suprimento	Exportação grãos	Consumo interno			Estoque final (31 julho)
						Moagem Industrial	Sementes (1)	Total	
2011/12	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	1.901,0	9.820,0	324,9	10.144,9	1.956,1
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.200,0	413,7	10.613,7	1.274,6
2015/16 (1)	1.274,6	5.534,9	5.352,0	12.161,5	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	743,7
2016/17 (2)	743,7	6.203,1	5.300,0	12.246,8	800,0	10.200,0	316,1	10.516,1	930,7

Fonte: Conab

Nota: (1) Estimativa

(2) Previsão

8.2.6. TRITICALE

Segundo o levantamento realizado, esta cultura terá aumento de 2,3% na área plantada, impulsionada pelo aumento em São Paulo. No Paraná a cultura conta com apenas 8,7 mil hectares cultivados, com produtividade estimada em 2.930 kg/ha. A queda nas temperaturas e o clima mais seco beneficiaram as lavouras

em desenvolvimento vegetativo e início de floração. Mesmo as regiões com maior estiagem, o orvalho da noite ameniza a situação. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina haverá manutenção de área em relação à safra passada. A produção total de triticale deverá ser de 60,9 mil toneladas, 7% superior à safra passada.



Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Triticale

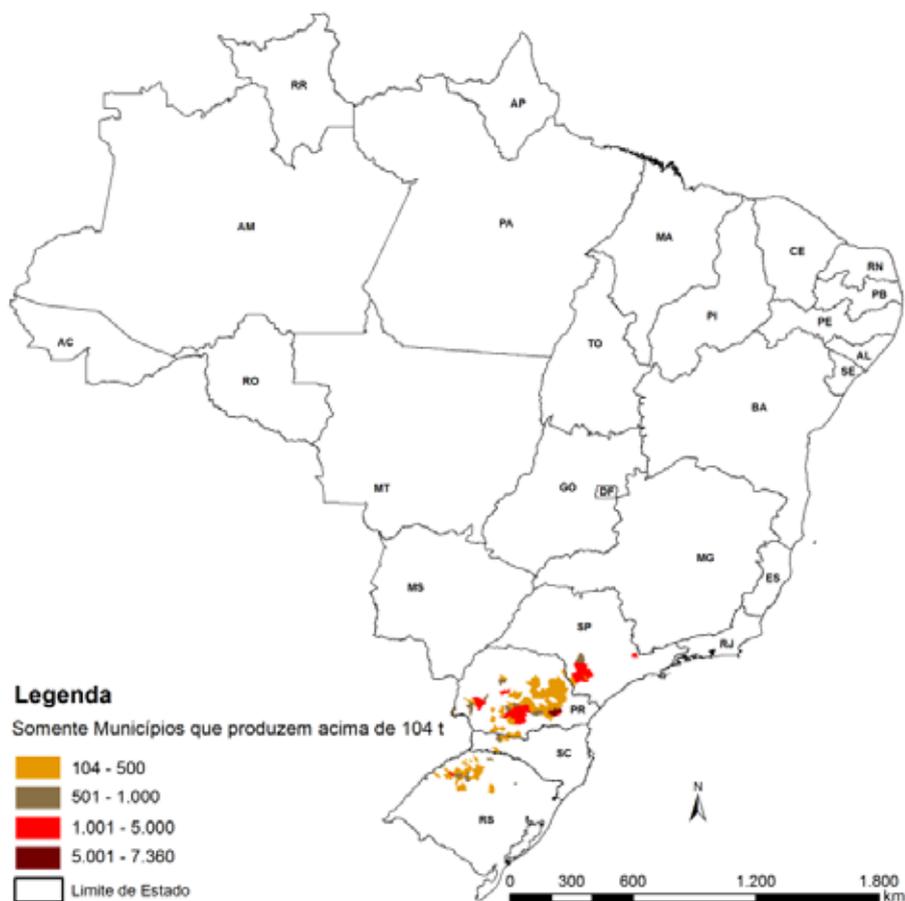


Tabela 63 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	4,3	7,0	62,8	3.140	2.671	(14,9)	13,5	18,7	38,5
SP	4,3	7,0	62,8	3.133	2.670	(14,8)	13,5	18,7	38,5
SUL	17,2	15,0	(12,8)	2.523	2.813	11,5	43,4	42,2	(2,8)
PR	10,9	8,7	(20,6)	2.829	2.930	3,6	30,8	25,5	(17,2)
SC	0,6	0,6	-	1.870	2.146	14,8	1,1	1,3	18,2
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.700	34,0	11,5	15,4	33,9
CENTRO-SUL	21,5	22,0	2,3	2.647	2.768	4,6	56,9	60,9	7,0
BRASIL	21,5	22,0	2,3	2.647	2.768	4,6	56,9	60,9	7,0

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Agosto/2016.





9. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

Tabela 64 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.348,3	20,0	1.717,4	720,0	740,0	257,4
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.544,0	1.300,0	12.806,9	11.450,0	1.100,0	256,9
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.595,9	250,0	3.044,0	2.870,0	65,0	109,0
Milho	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	49.029,3	9.311,9	5.419,2
	2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
	2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,0
	2013/14	6.563,0	80.051,7	790,7	87.405,4	54.645,1	20.924,8	11.835,5
	2014/15	11.835,5	84.672,4	316,1	96.824,0	56.145,0	30.172,3	10.506,7
	2015/16	10.506,7	68.476,1	1.500,0	80.482,8	54.679,0	20.000,0	5.803,8
Soja em grãos	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,2	42.791,9	740,1
	2013/14	740,1	86.120,8	578,7	87.439,6	40.200,0	45.692,0	1.547,6
	2014/15	1.547,6	96.228,0	324,1	98.099,7	42.850,0	54.324,0	925,7
	2015/16	925,7	95.418,9	700,0	97.044,6	42.500,0	54.100,0	444,6
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.415,0	1,0	31.251,3	15.500,0	15.200,0	551,3
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,2	8.327,7	6.359,2	1.669,9	298,6
	2015/16	298,6	7.702,5	40,0	8.041,1	6.380,0	1.400,0	261,1
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.613,7	1.680,5	1.274,6
	2015	1.274,6	5.534,9	5.352,0	12.161,5	10.367,3	1.050,5	743,7
	2016	743,7	6.203,1	5.300,0	12.246,8	10.516,1	800,0	930,7

Notas: Estimativa em agosto de 2016 / Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.

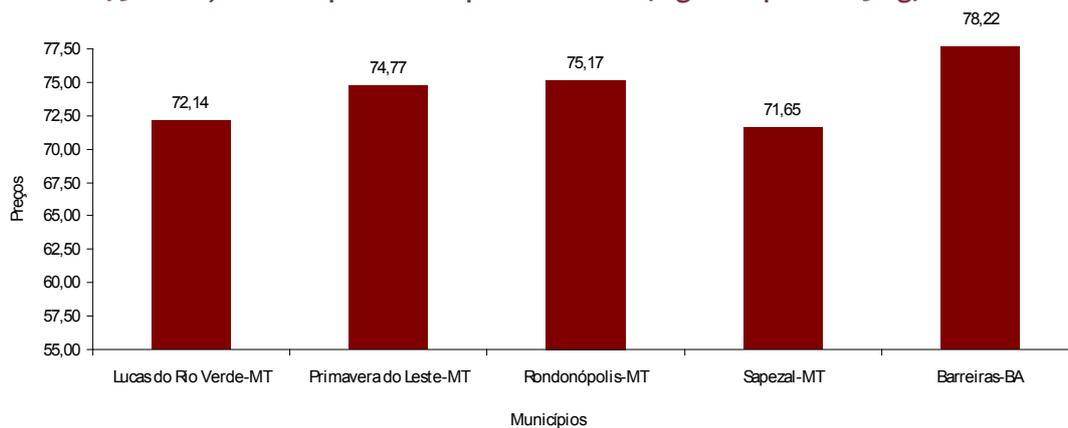
Fonte: Conab.





10. PREÇOS

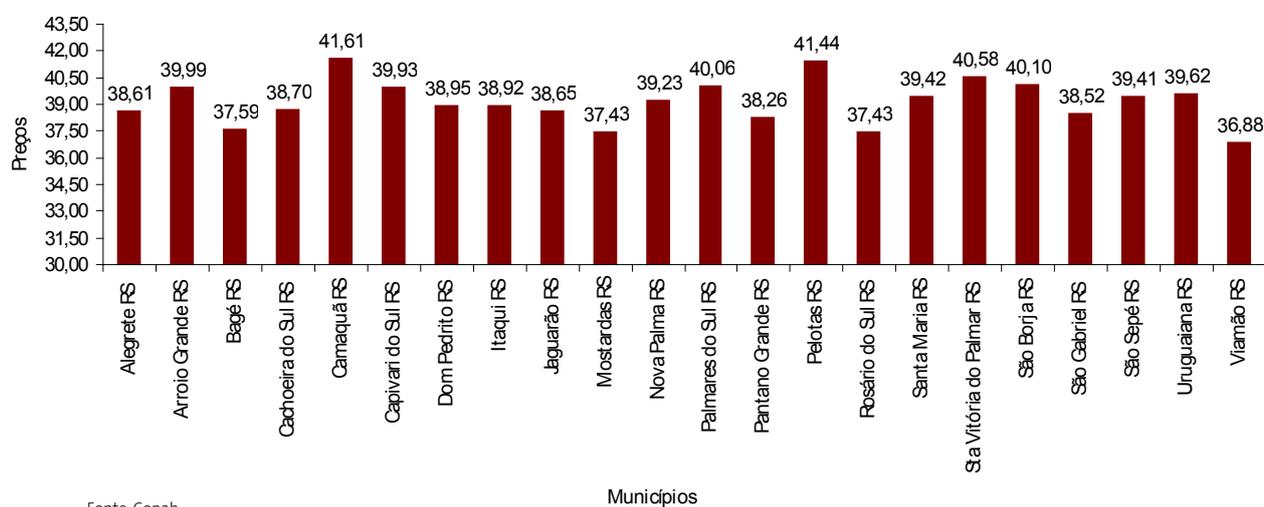
Gráfico 79 - Preço médio por município - MT e BA (algodão pluma 15 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016

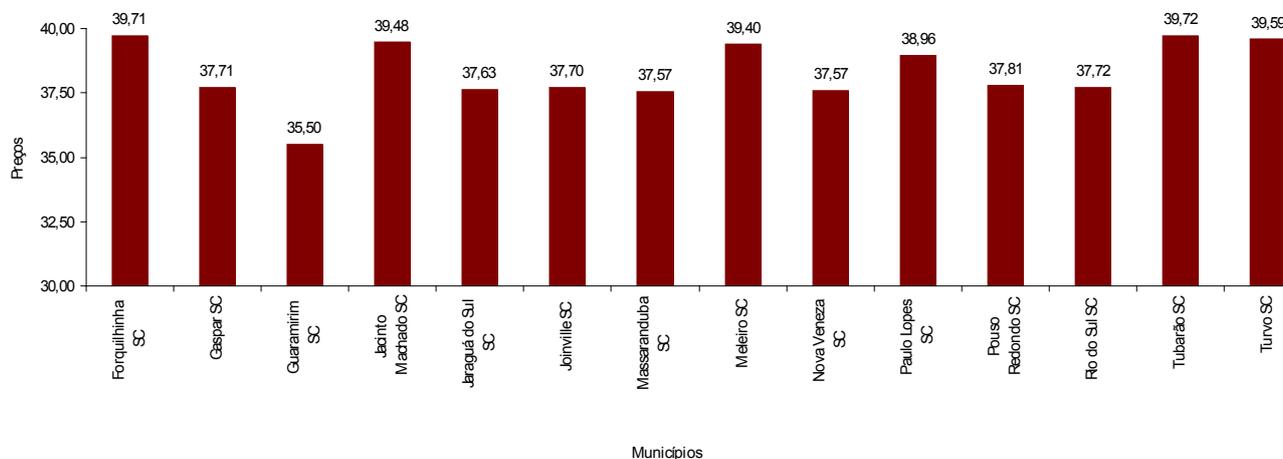
Gráfico 80 - Preço médio por município - RS (arroz longo fino em casca 50 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016

Gráfico 81 - Preço médio por município - SC (arroz - longo fino em casca 50 kg)

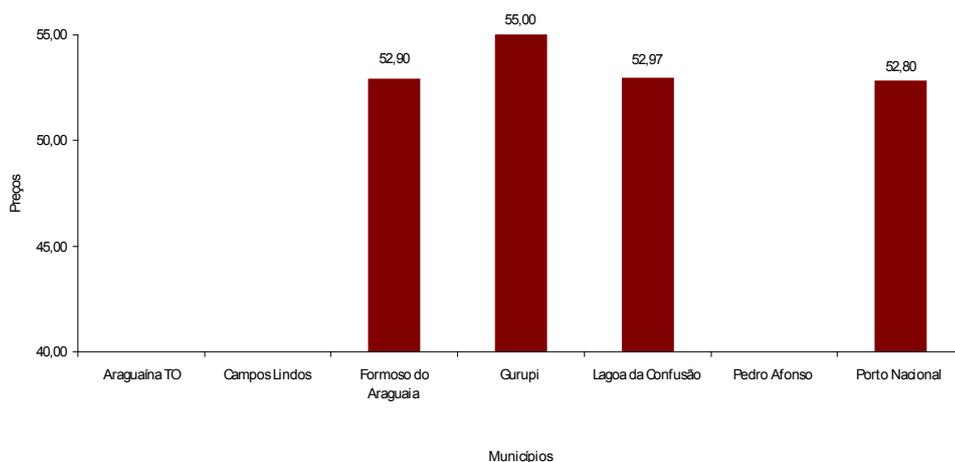


Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016



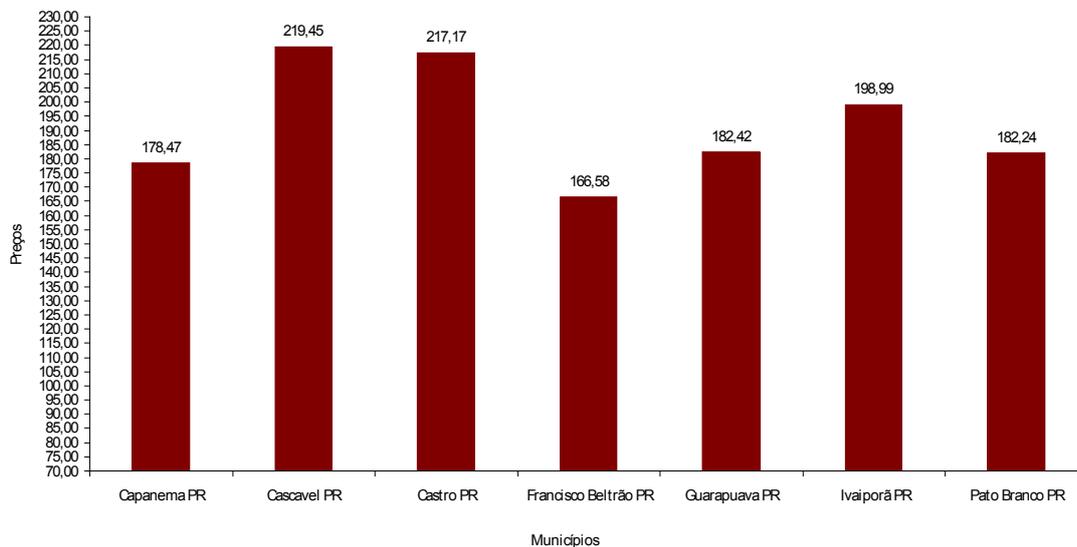
Gráfico 82 -Preço médio por município - TO (arroz - longo fino em casca 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016

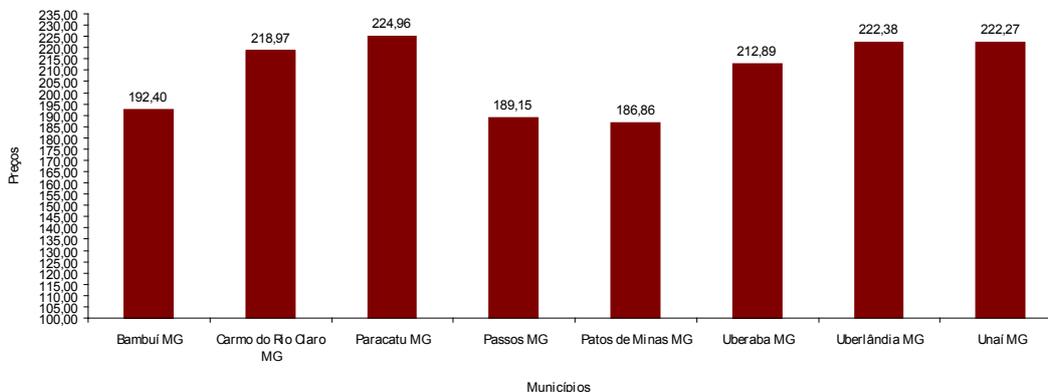
Gráfico 83 -Preço médio por município - PR (feijão cores 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016

Gráfico 84 -Preço médio por município - MG (feijão cores 60kg)

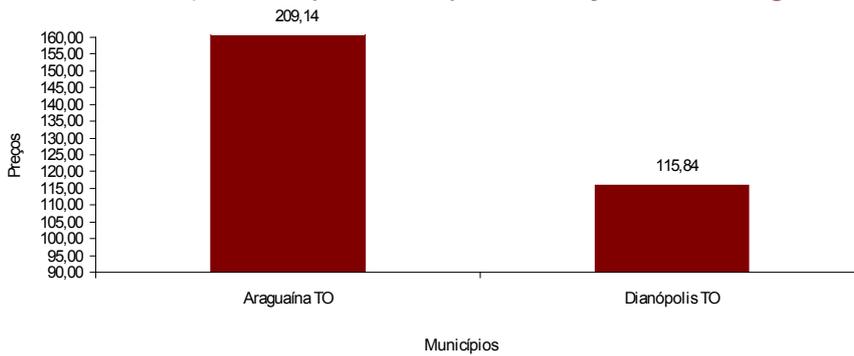


Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016



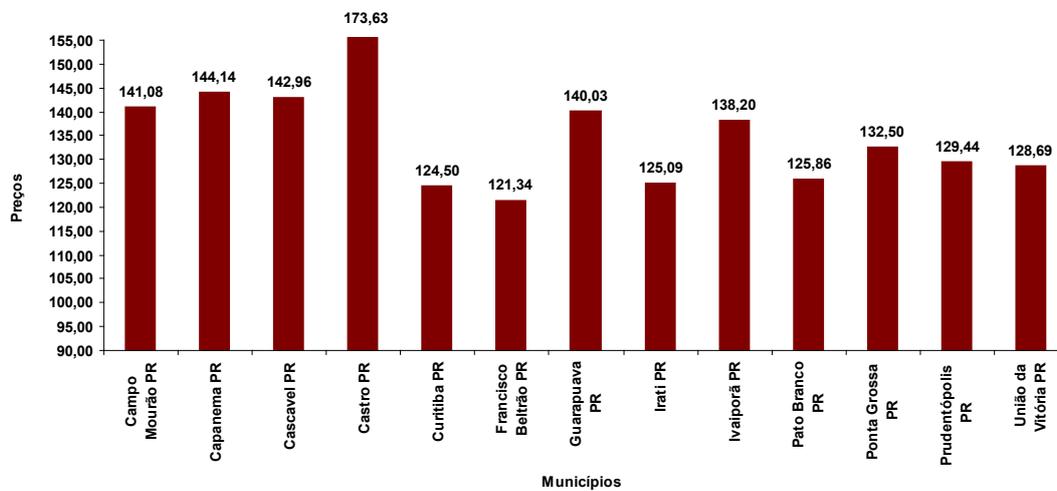
Gráfico 85 - Preço médio por município - TO (feijão cores 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016

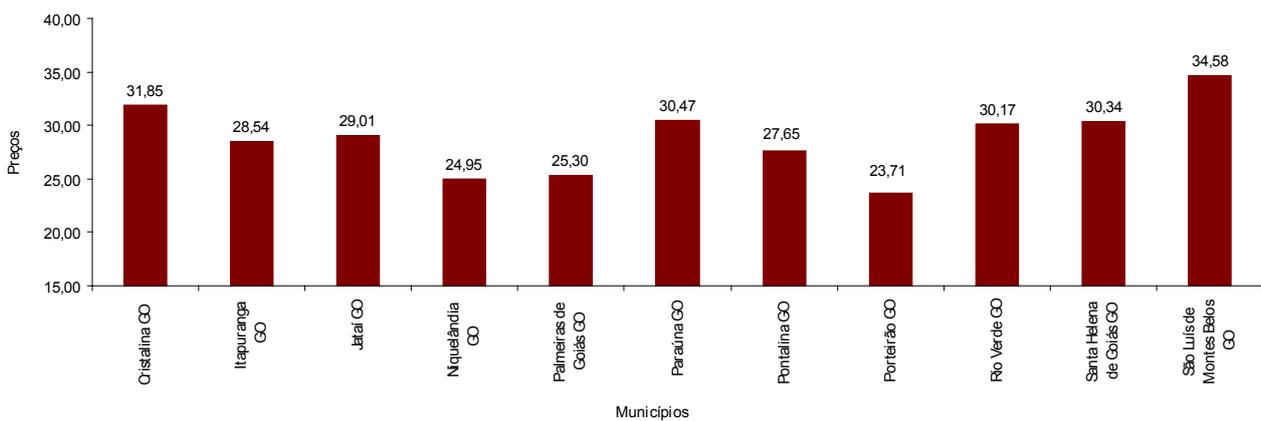
Gráfico 86 - Preço médio por município - PR (feijão preto 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016

Gráfico 87 - Preço médio por município - GO (milho 60 kg)

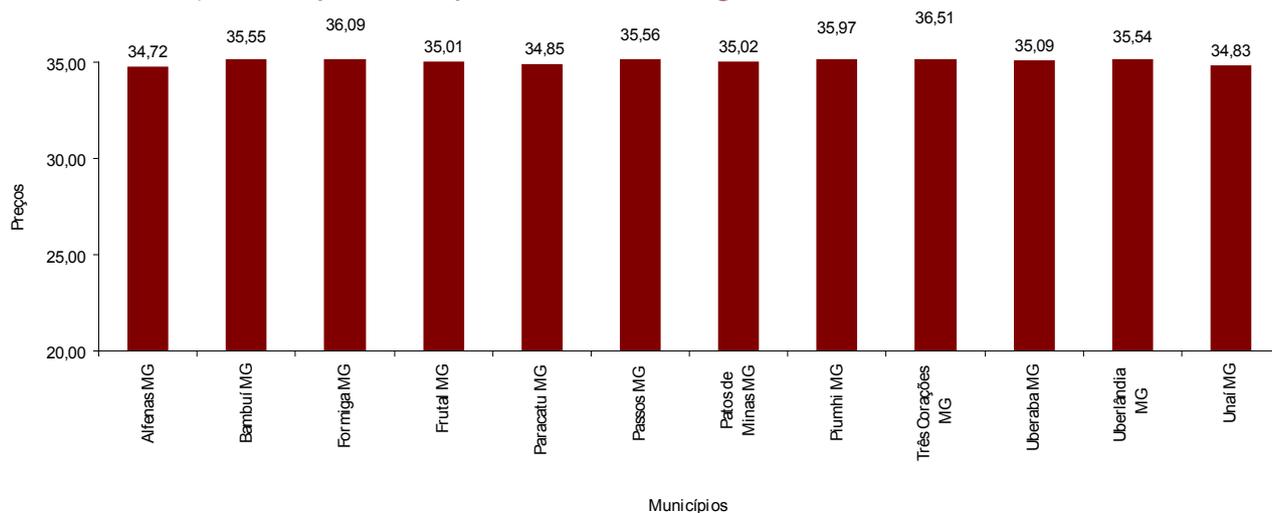


Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016



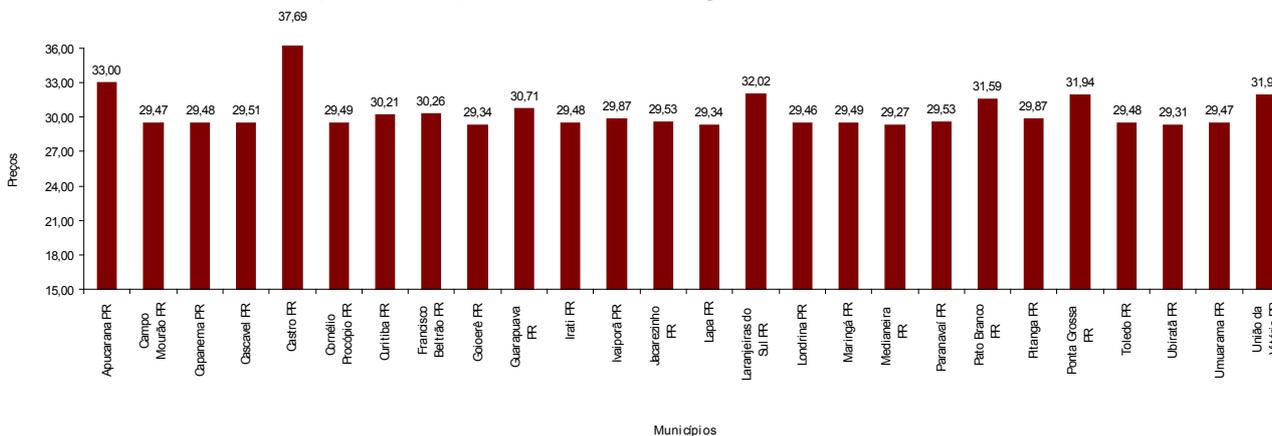
Gráfico 88 - Preço médio por município - MG (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016

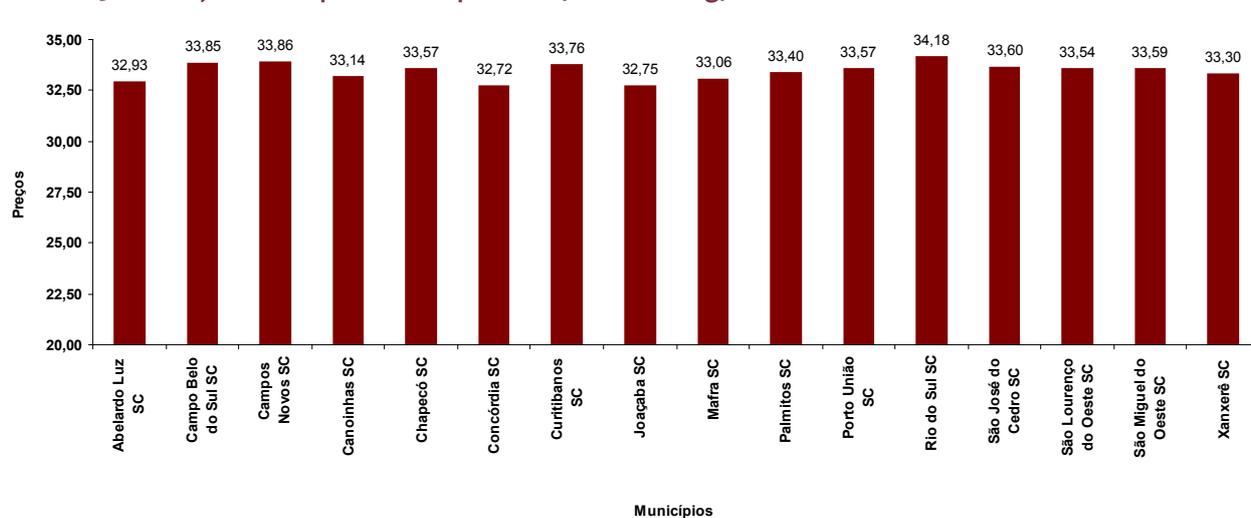
Gráfico 89 - Preço médio por município - PR (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016

Gráfico 90 - Preço médio por município - SC (milho 60 kg)

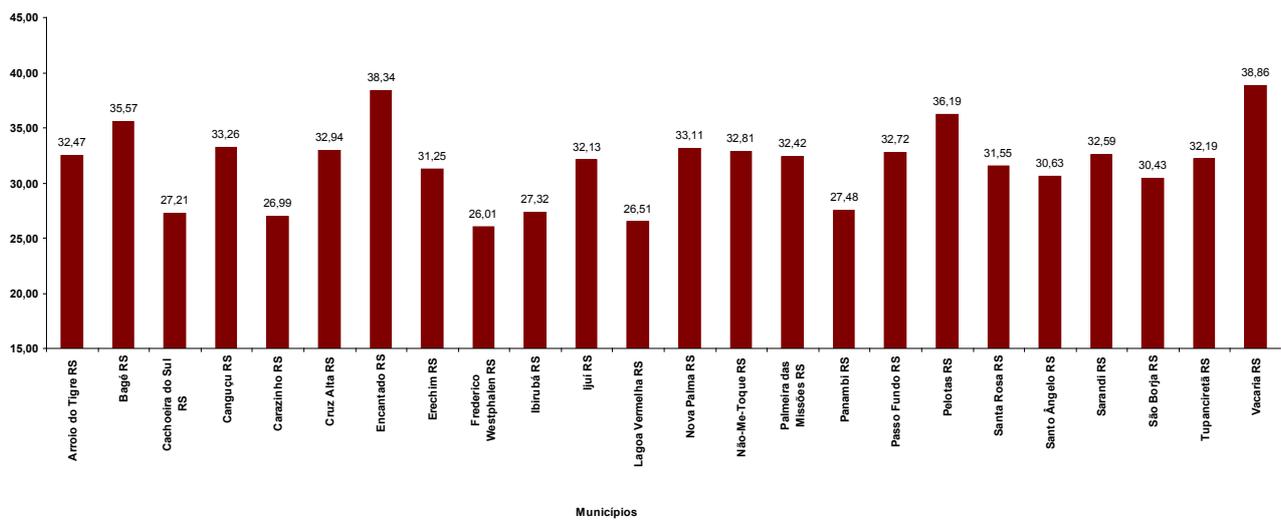


Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016



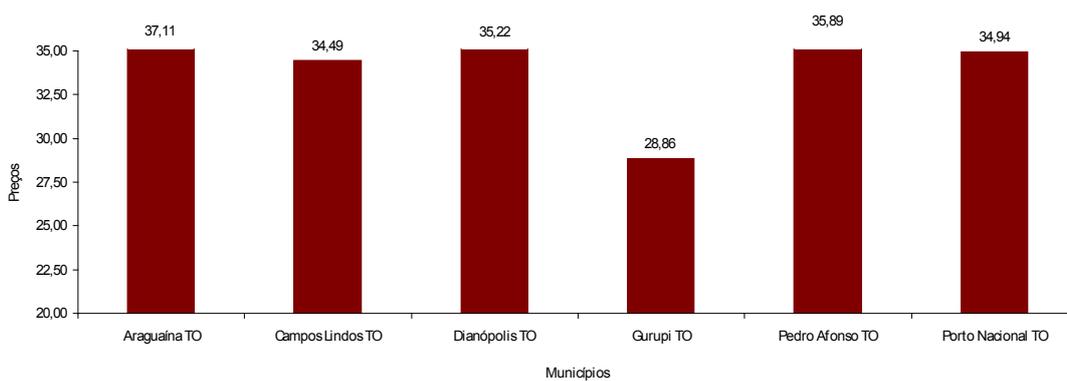
Gráfico 91 - Preço médio por município - RS (milho 60 kg)



Fonte: Conab

Nota: Julho 2015 a Julho 2016

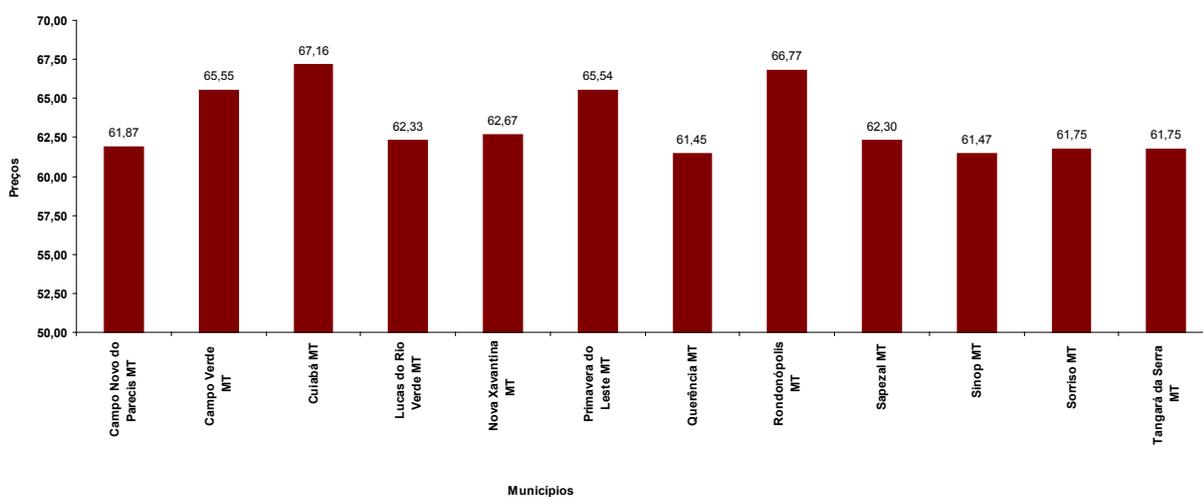
Gráfico 92 - Preço médio por município - TO (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016

Gráfico 93 - Preço médio por município - MT (soja 60 kg)

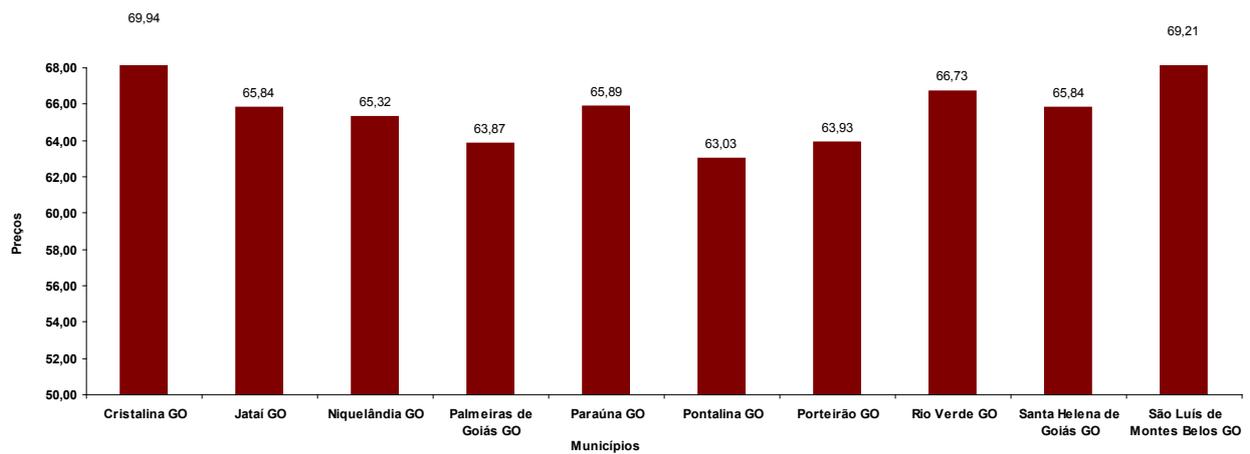


Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016



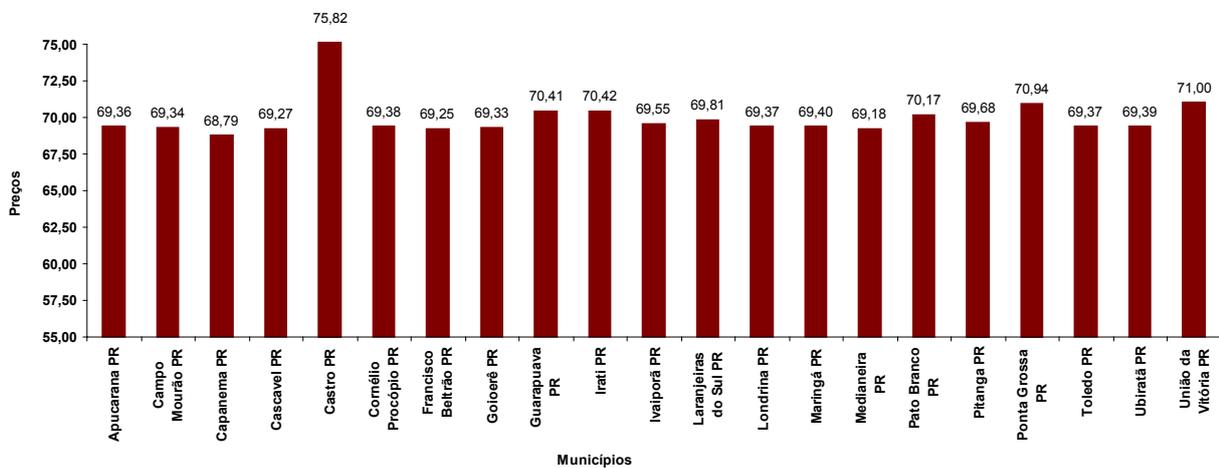
Gráfico 94 - Preço médio por município - GO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016

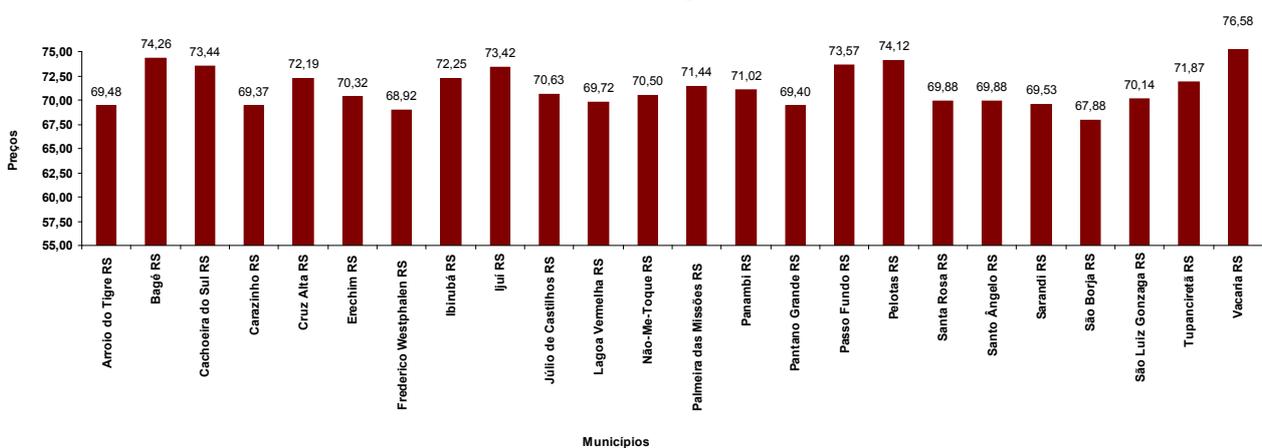
Gráfico 95 - Preço médio por município - PR (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016

Gráfico 96 - Preço médio por município - RS (soja 60 kg)

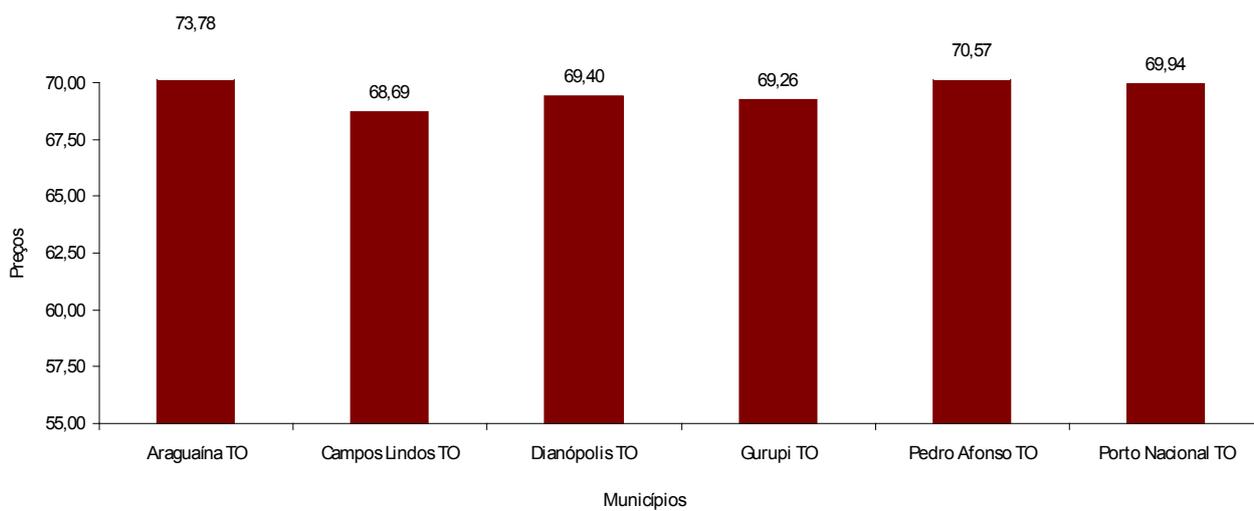


Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016



Gráfico 97- Preço médio por município - TO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Julho 2015 a Julho 2016

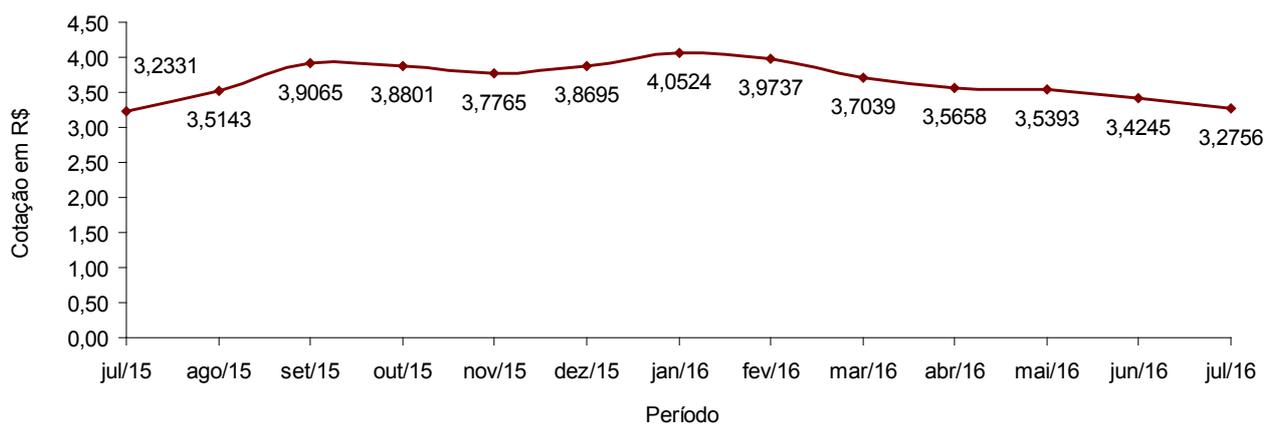




11. CÂMBIO

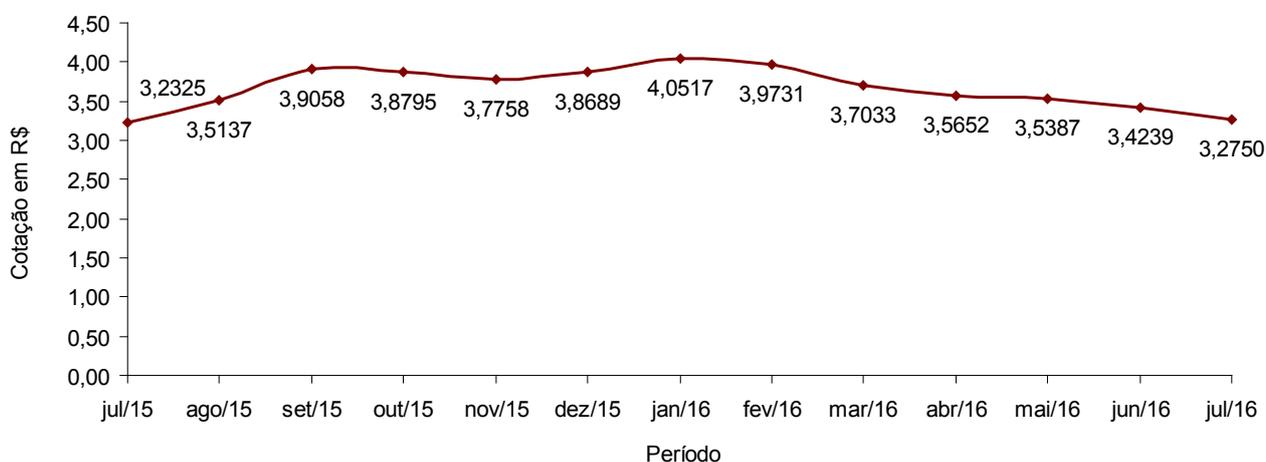
O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. A seguir, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de julho de 2015 a julho de 2016.

Gráfico 98 - Câmbio venda - julho de 2015 a julho de 2016



Fonte: Bacen.

Gráfico 99 - Câmbio compra - julho de 2015 a julho de 2016



Fonte: Bacen.

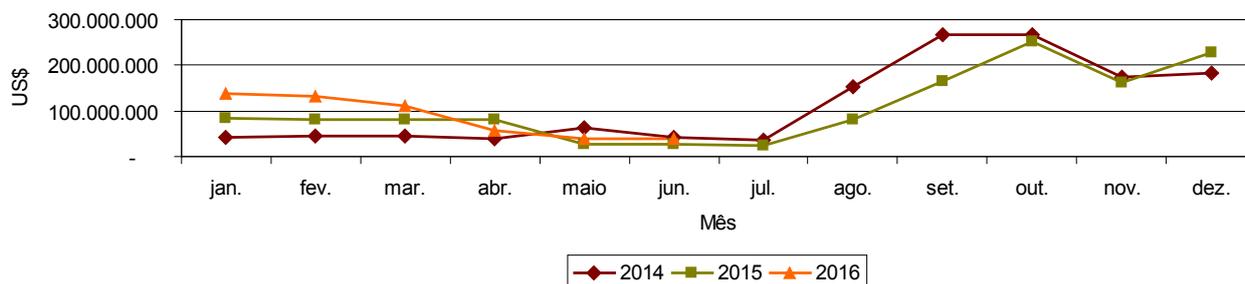




12. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

12.1. ALGODÃO

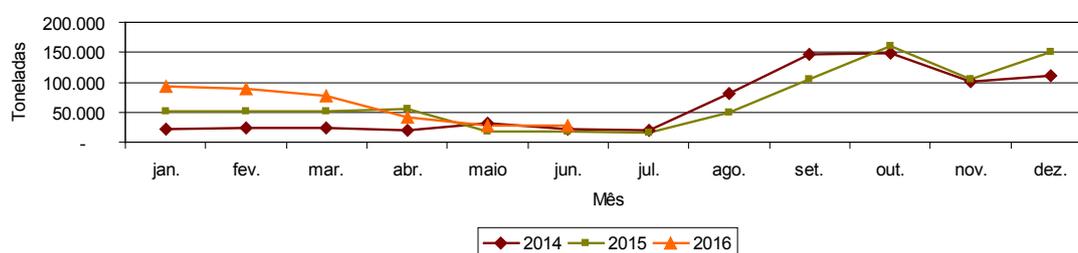
Gráfico 100 - Exportações - US\$ - Algodão, em pluma



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

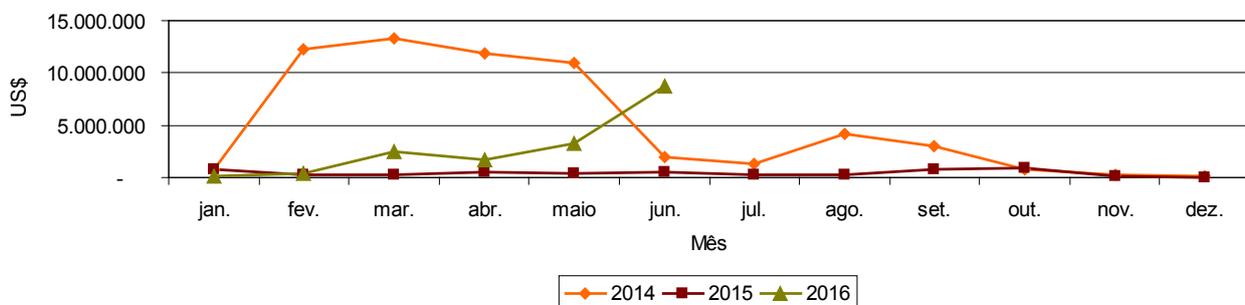
Gráfico 101 - Exportações - Toneladas - Algodão, em pluma



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

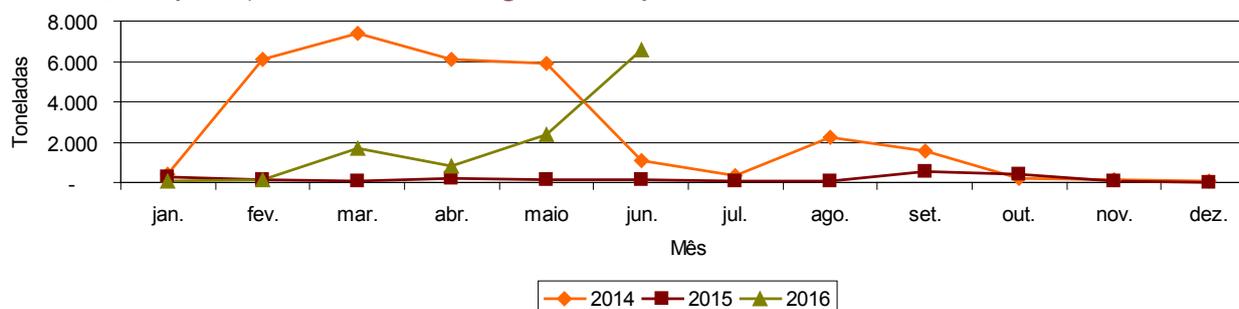
Gráfico 102 - Importações - US\$ - Algodão, em pluma



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

Gráfico 103 - Importações - Toneladas - Algodão, em pluma



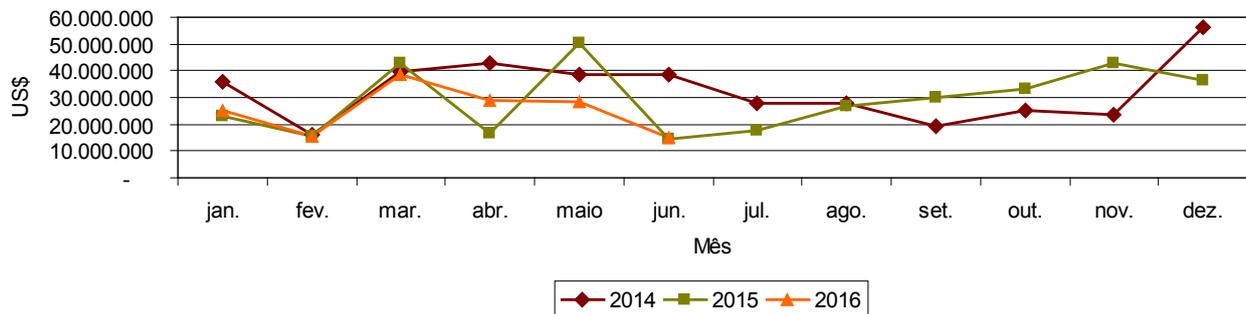
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016



12.2. ARROZ

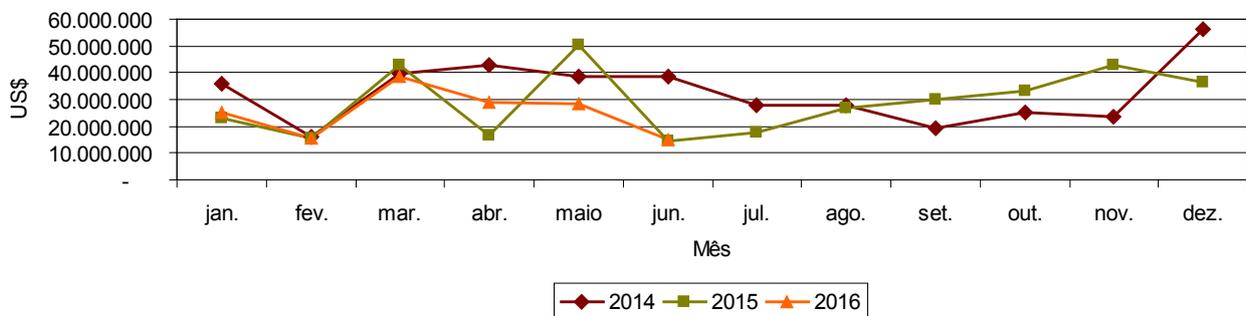
Gráfico 104 - Exportações - US\$ - Arroz



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

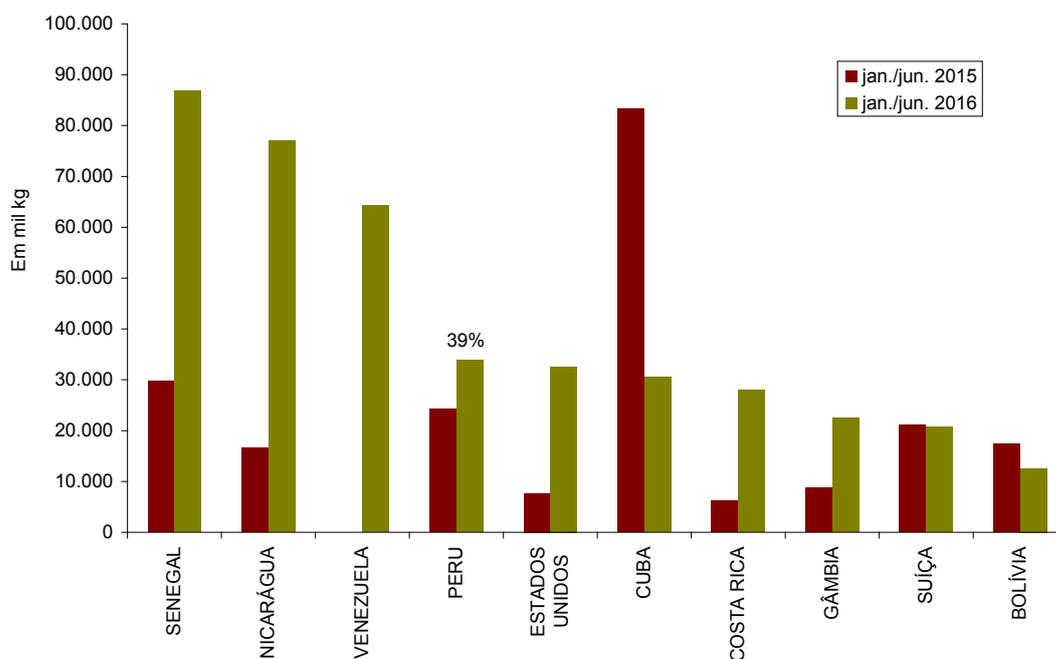
Gráfico 105 - Exportações - Toneladas - Arroz



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

Gráfico 106 - Gráfico de exportação do arroz

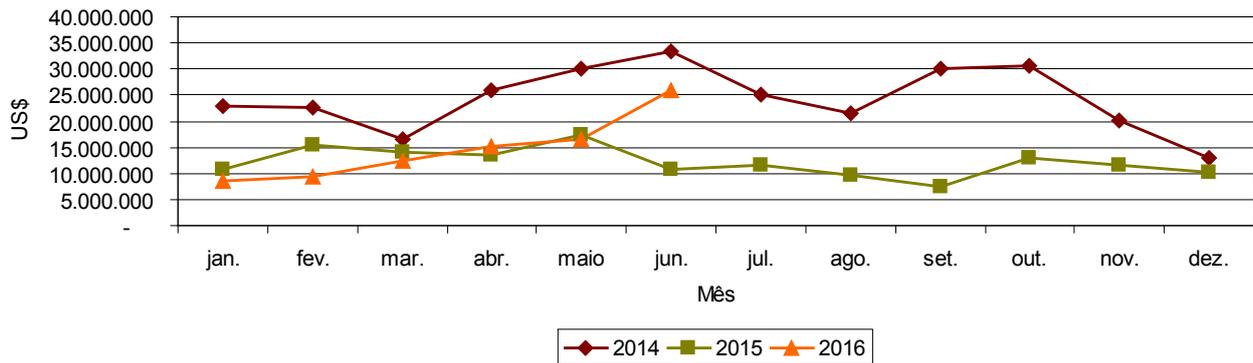


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016



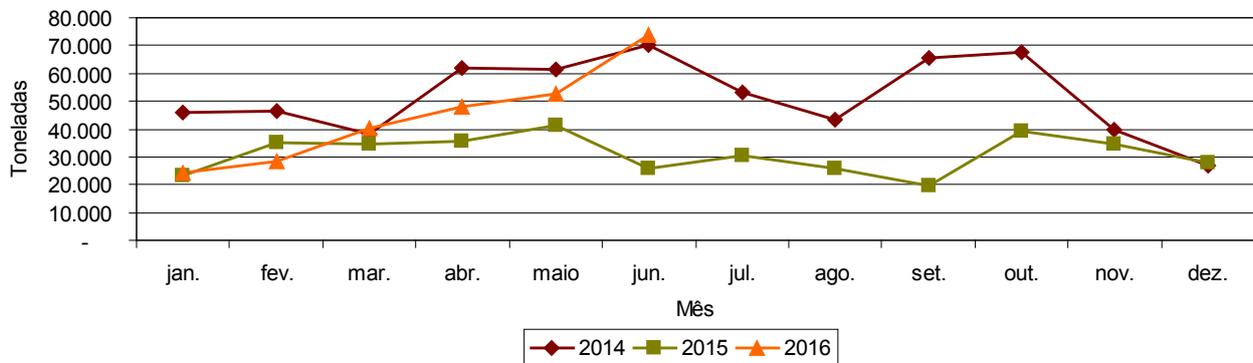
Gráfico 107 - Importações - US\$ - Arroz



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

Gráfico 108 - Importações - Toneladas - Arroz

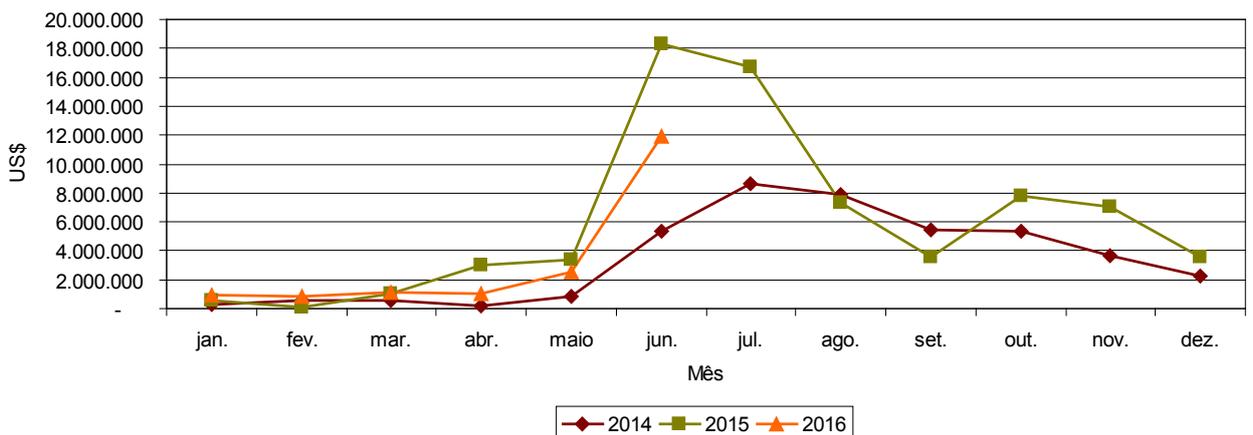


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

12.3. FEIJÃO

Gráfico 109 – Exportações - US\$ - Feijão

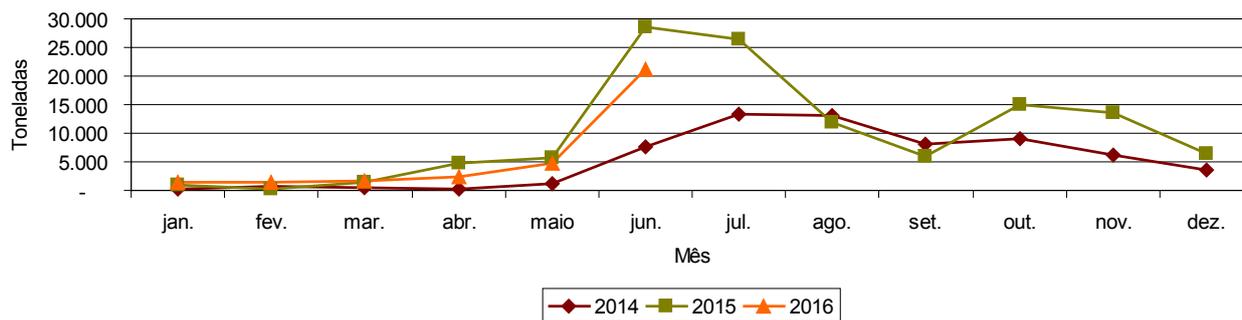


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016



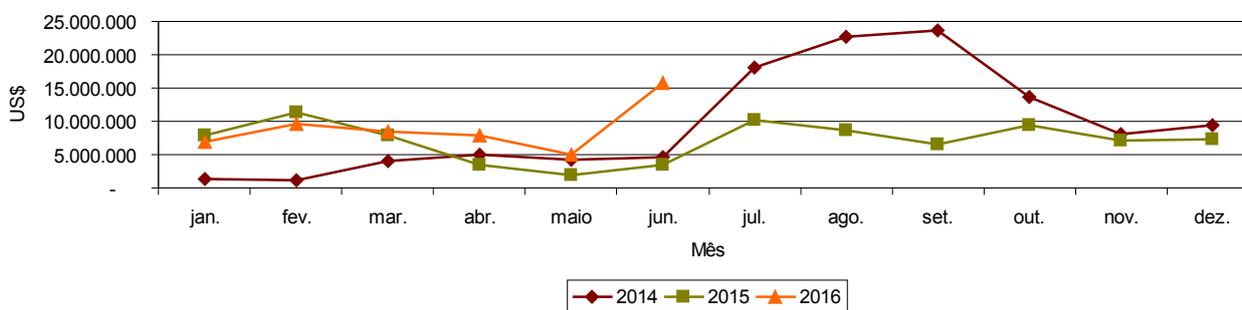
Gráfico 110 – Exportações - Toneladas - Feijão



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

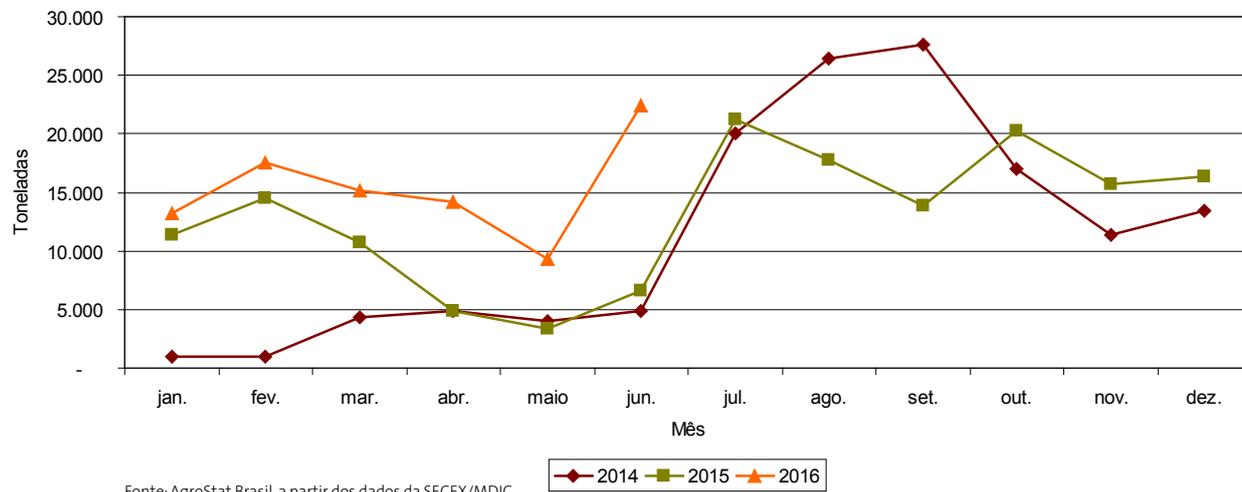
Gráfico 111 – Importações - US\$ - Feijão



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

Gráfico 112 – Importações - Toneladas - Feijão



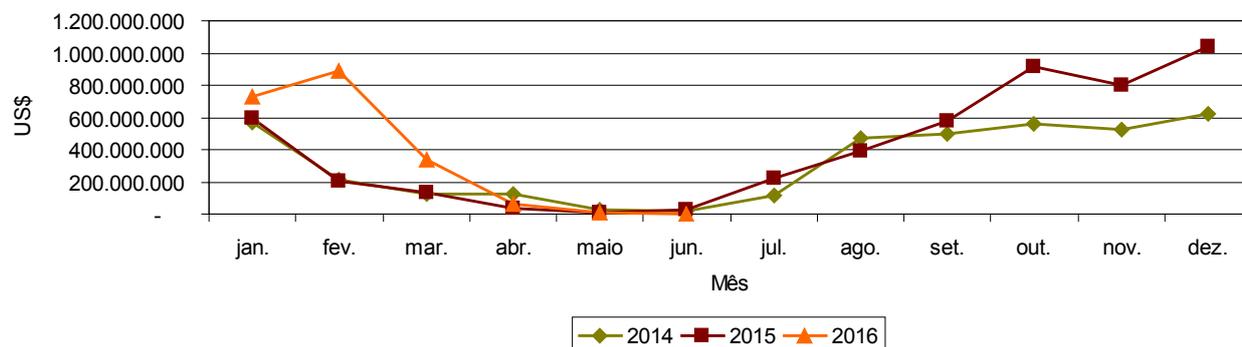
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016



12.4. MILHO

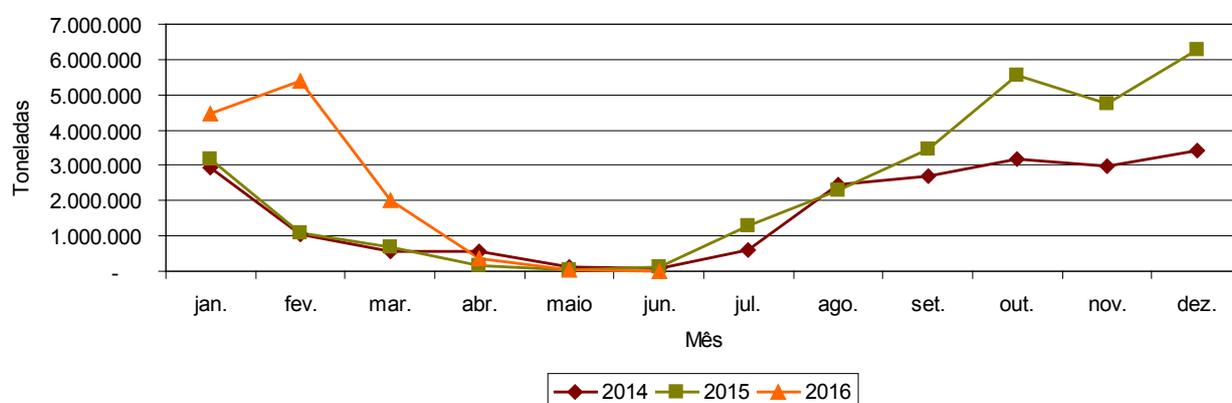
Gráfico 113 - Exportações - US\$ - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

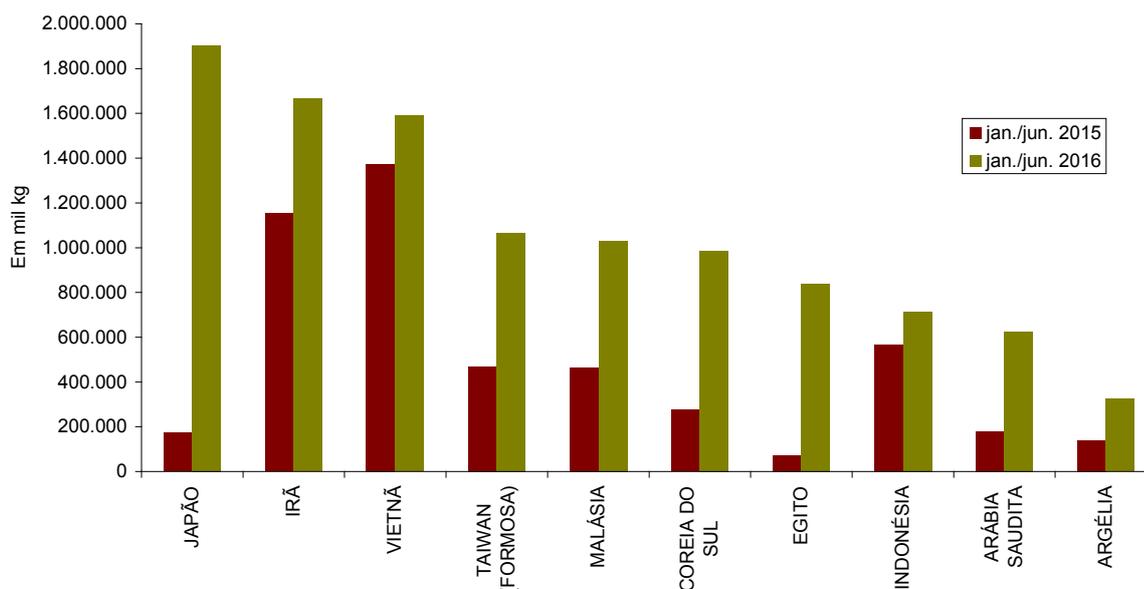
Gráfico 114 - Exportações - Toneladas - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

Gráfico 115 - Exportações brasileiras de milho - Principais países importadores

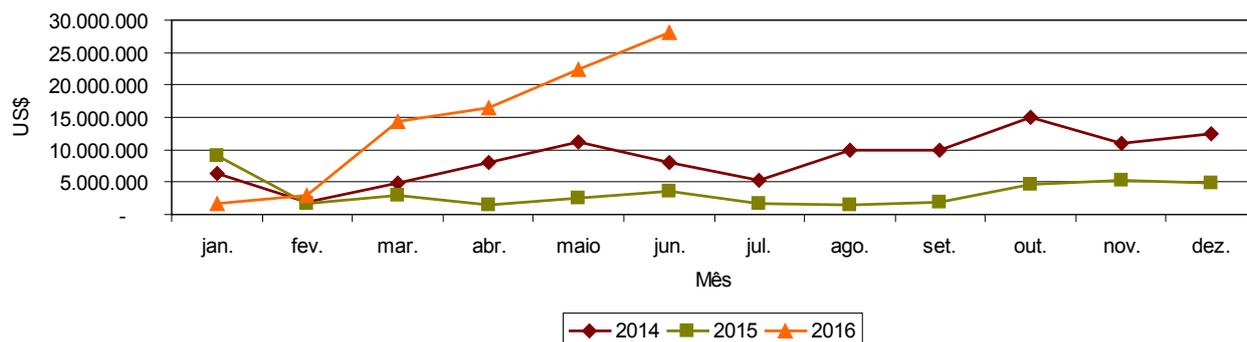


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016



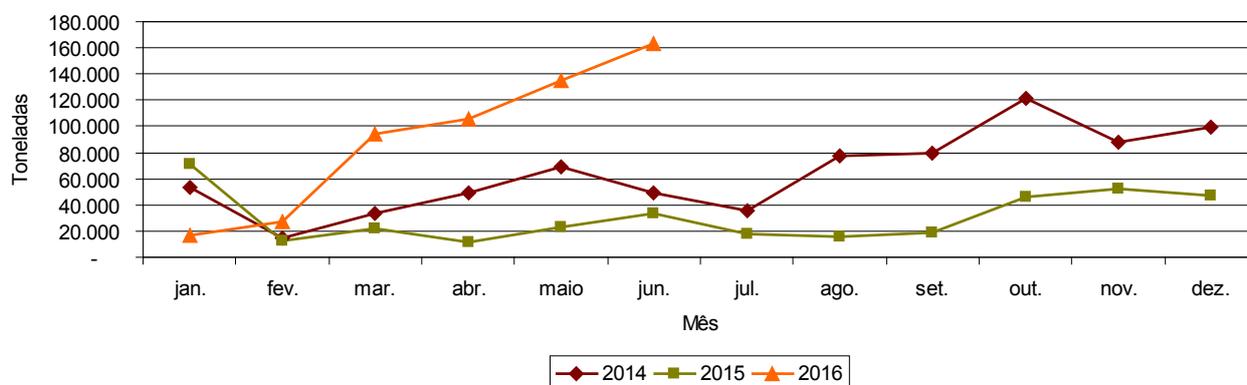
Gráfico 116 - Importações - US\$ - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

Gráfico 117 - Importações - Toneladas - Milho

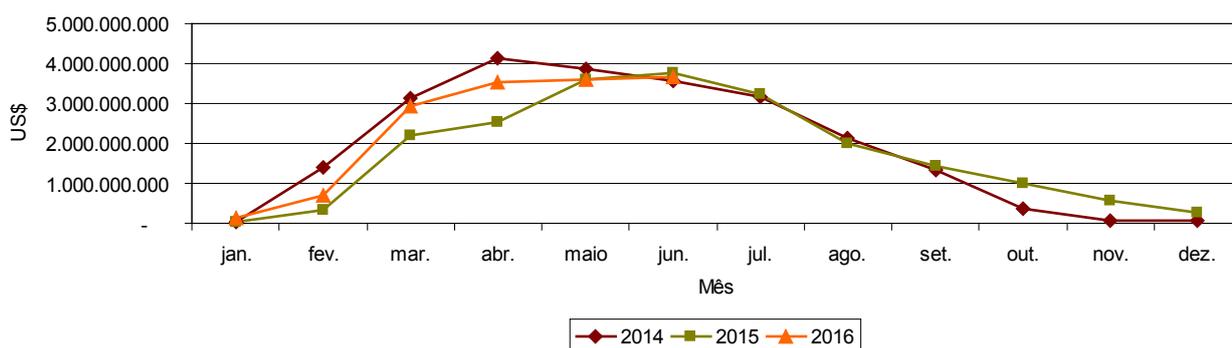


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

12.5. SOJA EM GRÃOS

Gráfico 118 - Exportações - US\$ - Soja, em grãos

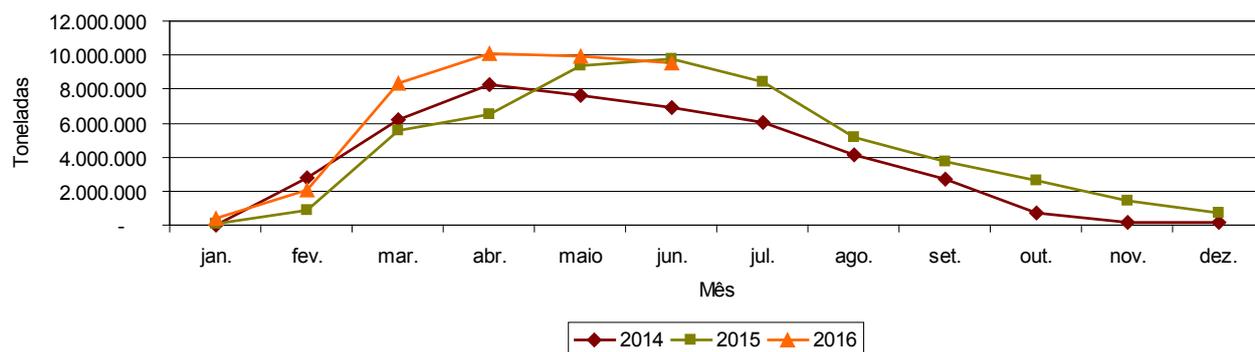


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016



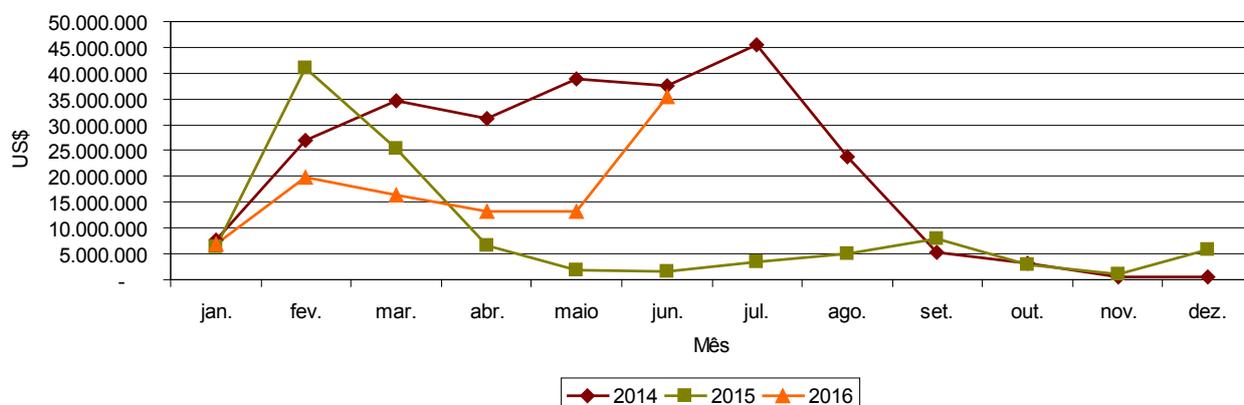
Gráfico 119 - Exportações - Toneladas - Soja, em grãos



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

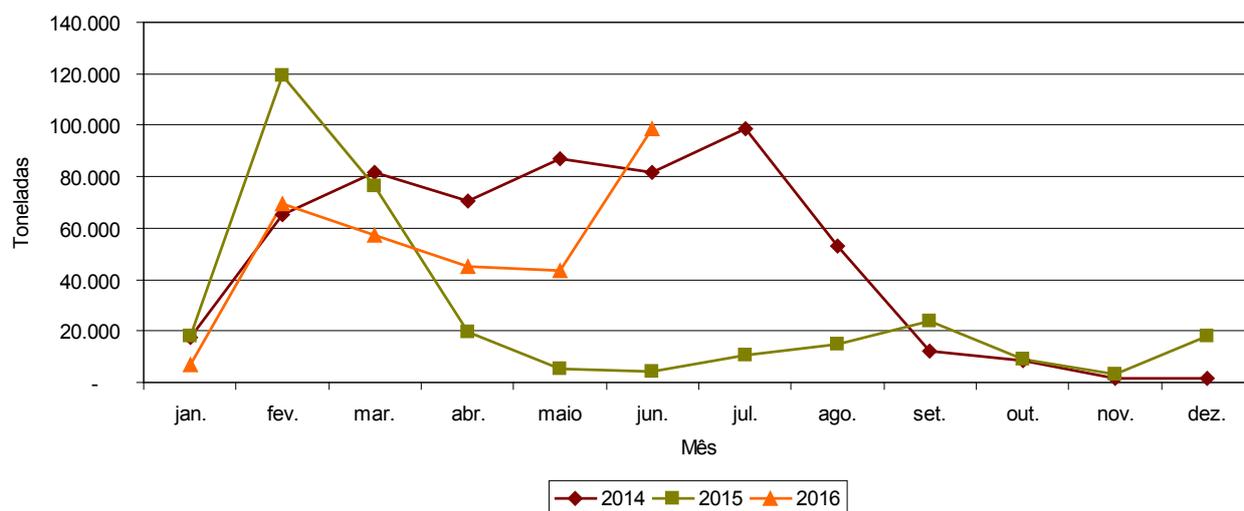
Gráfico 120 – Importações - US\$ - Soja, em grãos



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

Gráfico 121 – Importações - Toneladas - Soja, em grãos



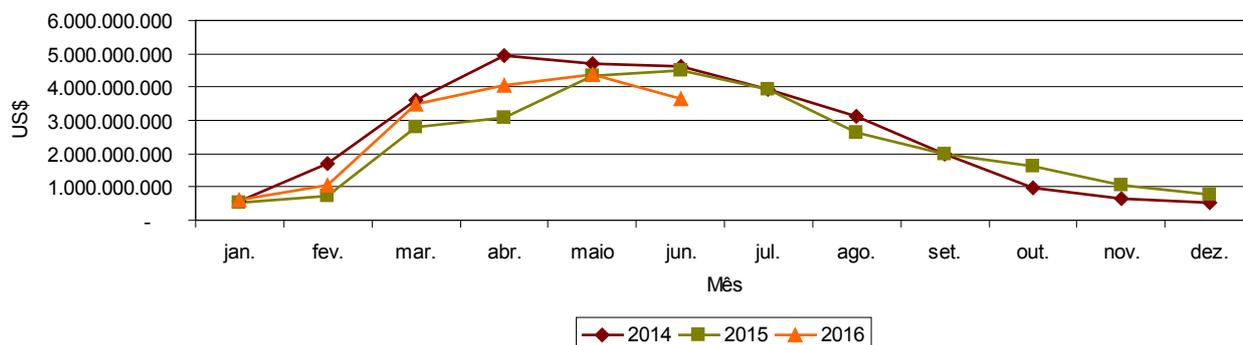
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016



12.6. COMPLEXO SOJA

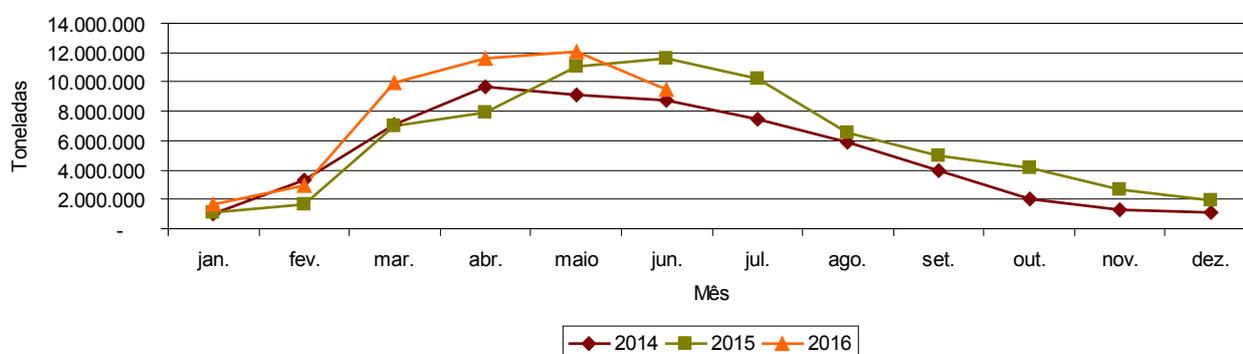
Gráfico 122 - Exportações - US\$ - Complexo soja



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

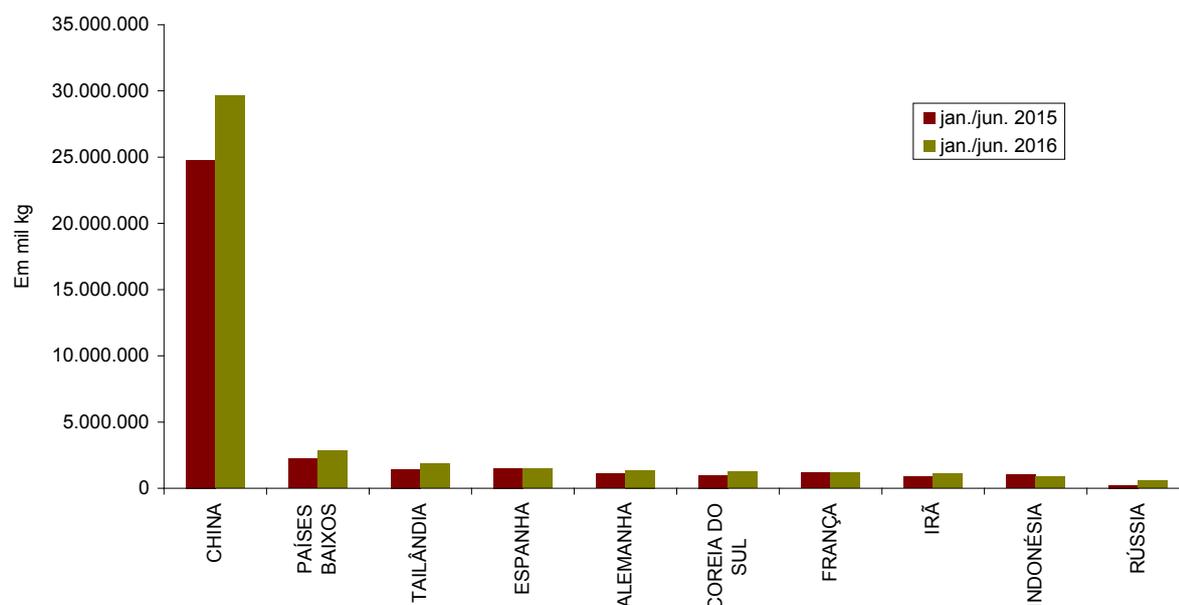
Gráfico 123 - Exportações - Toneladas - Complexo soja



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

Gráfico 124 - Exportações brasileiras complexo soja - Principais países importadores

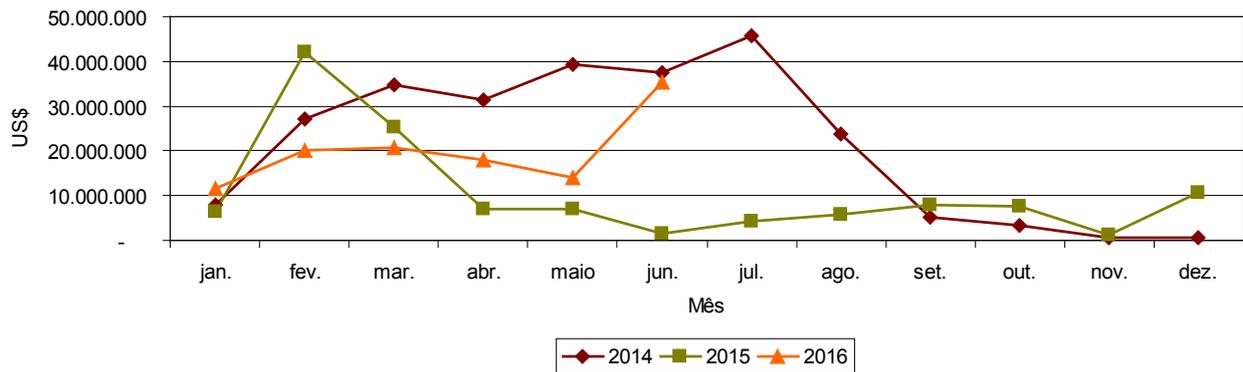


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016



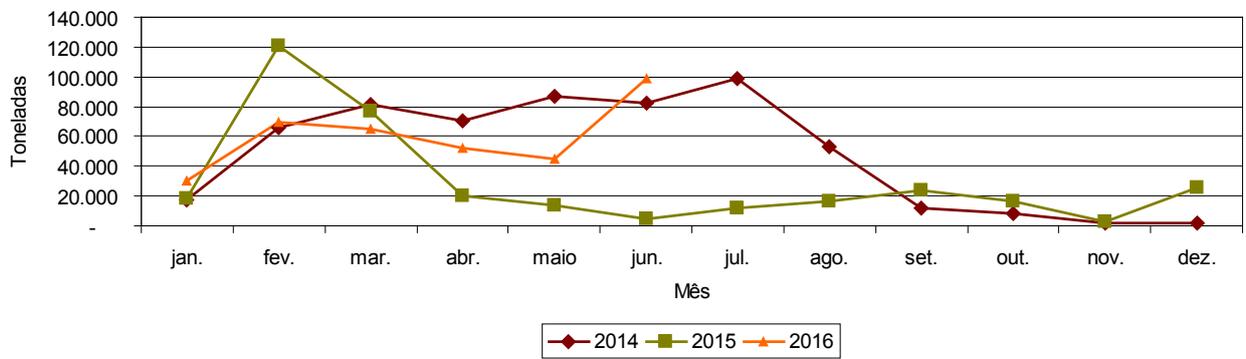
Gráfico 125 - Importações - US\$ - Complexo soja



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

Gráfico 126 - Importações - Toneladas - Complexo soja

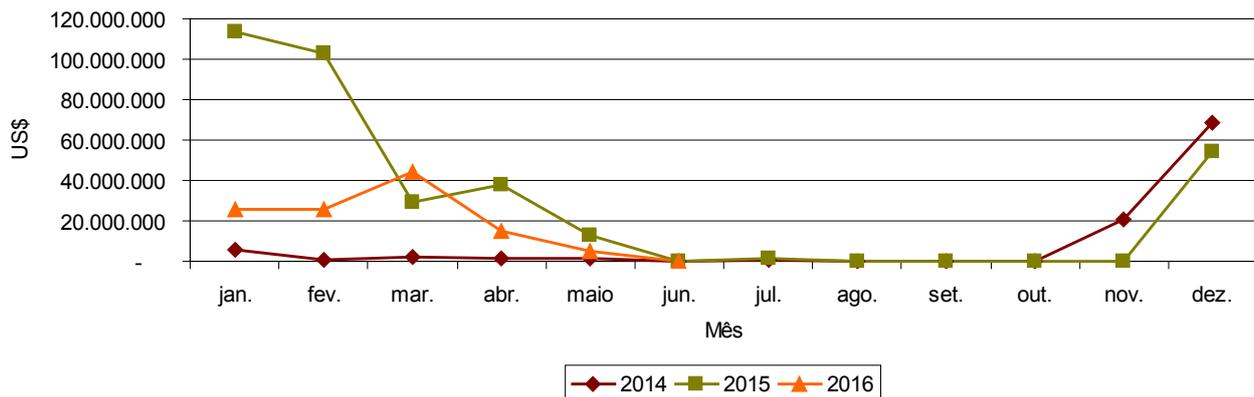


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

12.7. TRIGO

Gráfico 127 – Exportações - US\$ - Trigo

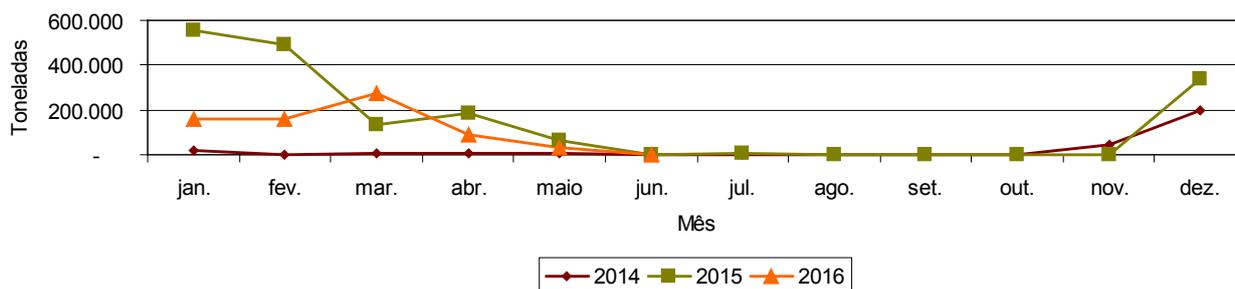


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

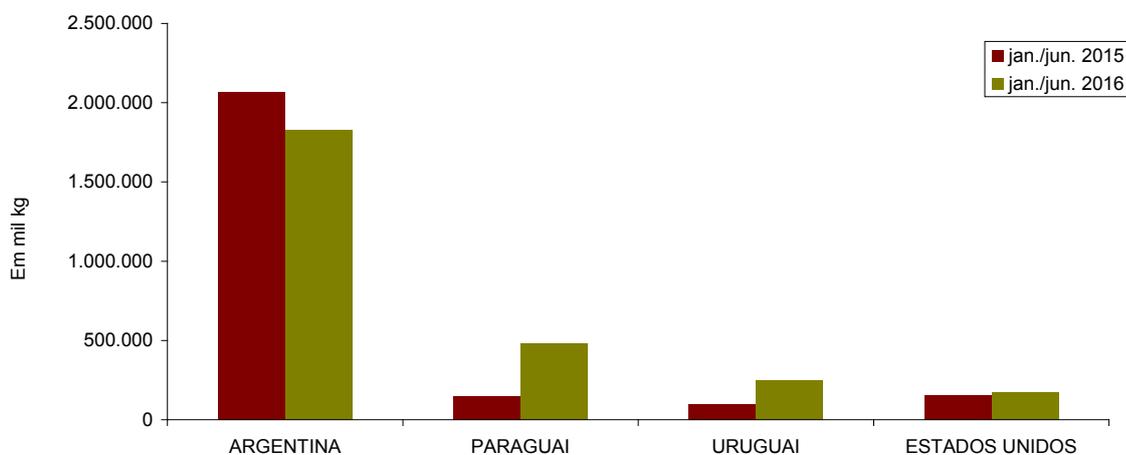


Gráfico 128 – Exportações - US\$ - Trigo



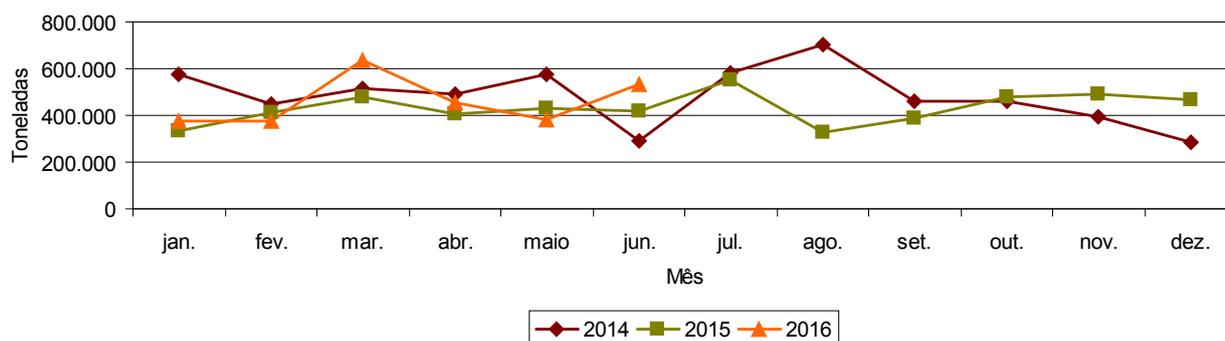
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.
Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

Gráfico 129 – Importações brasileiras trigo – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.
Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016

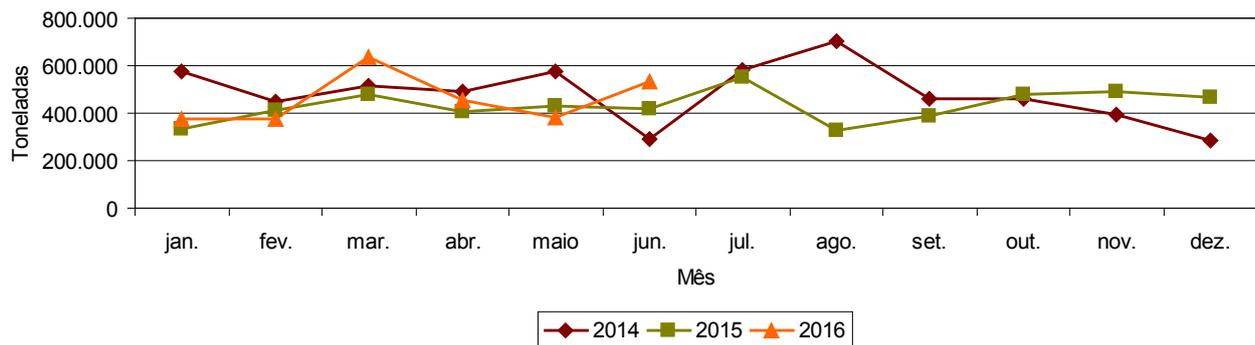
Gráfico 130 – Importações - toneladas - Trigo



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.
Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016



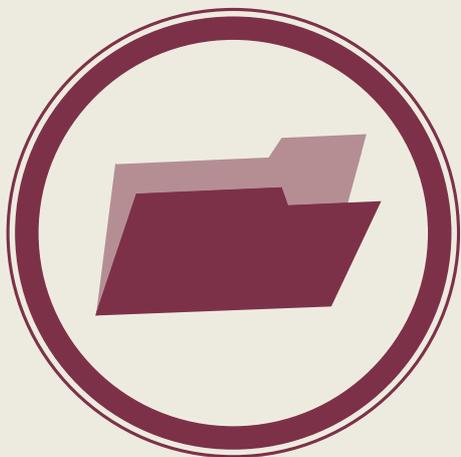
Gráfico 131 – Importações - US\$ - Trigo



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a junho de 2016





13. ANEXOS - CALENDÁRIOS DE PLANTIO E COLHEITA

Quadro 2 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09			
													
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Norte													
TO													
Nordeste													
MA													
PI													
CE													
RN													
PB													
PE													
AL													
BA													
Centro-Oeste													
MT													
MS													
GO													
Sudeste													
MG													
SP													
Sul													
PR													

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09			
													
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
TO													
Nordeste													
CE													
PB													
SE													
BA													
Centro-Oeste													
MT													
Sudeste													
SP													

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO	█	█	█	█	█	█	█	█				
Nordeste												
PI		█	█			█	█					
BA	█	█	█	█	█	█	█	█				
Centro-Oeste												
MT	█	█	█	█	█	█	█					
MS	█	█		█	█							
GO	█	█	█	█	█	█						
DF	█	█	█		█	█						
Sudeste												
MG	█	█	█	█	█	█						
ES		█	█	█	█	█						
RJ	█	█		█	█							
SP	█	█	█	█	█							█
Sul												
PR	█	█	█	█	█						█	█
SC	█	█	█	█	█	█	█					█
RS	█	█	█	█	█	█	█				█	█

Legenda: █ Plantio █ Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	■						■	■	■		■	■
TO	■						■	■	■		■	■
Nordeste												
CE	■							■	■		■	■
PE	■						■	■	■		■	■
AL	■						■	■	■		■	■
SE	■						■	■	■		■	■
BA	■						■	■	■		■	■
Centro-Oeste												
MT							■	■		■	■	
MS							■	■		■	■	
GO							■	■	■	■	■	■
DF							■	■	■	■	■	■
Sudeste												
MG	■					■	■	■	■		■	■
SP	■						■	■	■		■	■
Sul												
PR						■	■	■		■	■	

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							■	■			■	■
BA		■	■			■	■					
Centro-Oeste												
MT					■	■			■	■		
MS					■	■	■		■	■	■	
GO					■	■			■	■		
Sudeste												
MG						■	■			■	■	
Sul												
RS	■			■	■						■	■

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09			
													
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Nordeste													
PI													
CE													
RN													
PE													
BA													
Sudeste													
MG													
SP													
Sul													
PR													

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	Colheita						Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita
RO	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					
PA		Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita				
TO	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
Nordeste												
MA	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	
PI		Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita			
BA	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
Centro-Oeste												
MT	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
MS	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
GO	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					
DF		Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita					
Sudeste												
MG	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
SP	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				Plantio
Sul												
PR	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
SC	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita				
RS	Plantio	Plantio	Plantio			Colheita	Colheita	Colheita				

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab



Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			1/12 a 20/03			0/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		■	■	■			■	■				
Nordeste												
PI			■					■				
CE				■	■	■			■	■		
RN				■	■	■			■	■		■
PB				■	■	■			■	■		
PE					■	■	■	■		■	■	■
BA		■	■	■			■	■				
Centro-Oeste												
MT					■	■	■			■	■	■
MS					■	■	■			■	■	■
GO					■	■	■			■	■	■
DF						■	■			■	■	■
Sudeste												
MG					■	■	■			■	■	■
SP					■	■	■			■	■	■
Sul												
RS	■	■	■	■			■	■				

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						■	■	■			■	■
Sul												
PR	■	■	■				■	■	■	■	■	■
RS	■	■					■	■	■	■		

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab



Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09			
													
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Centro-Oeste													
MS													
GO													
DF													
Sudeste													
MG													
SP													
Sul													
PR													
SC													
RS													

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 26 - Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.







Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

